



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes

O Martim Moniz na *Migrantscape* de Lisboa

Maria Paula de Matos Gésero
Arquitecta

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitectura

Orientador Científico: Professora Doutora Isabel RAPOSO
co-Orientador Científico: Professora Manuela MENDES

Júri:

Presidente: Doutor João Cabral

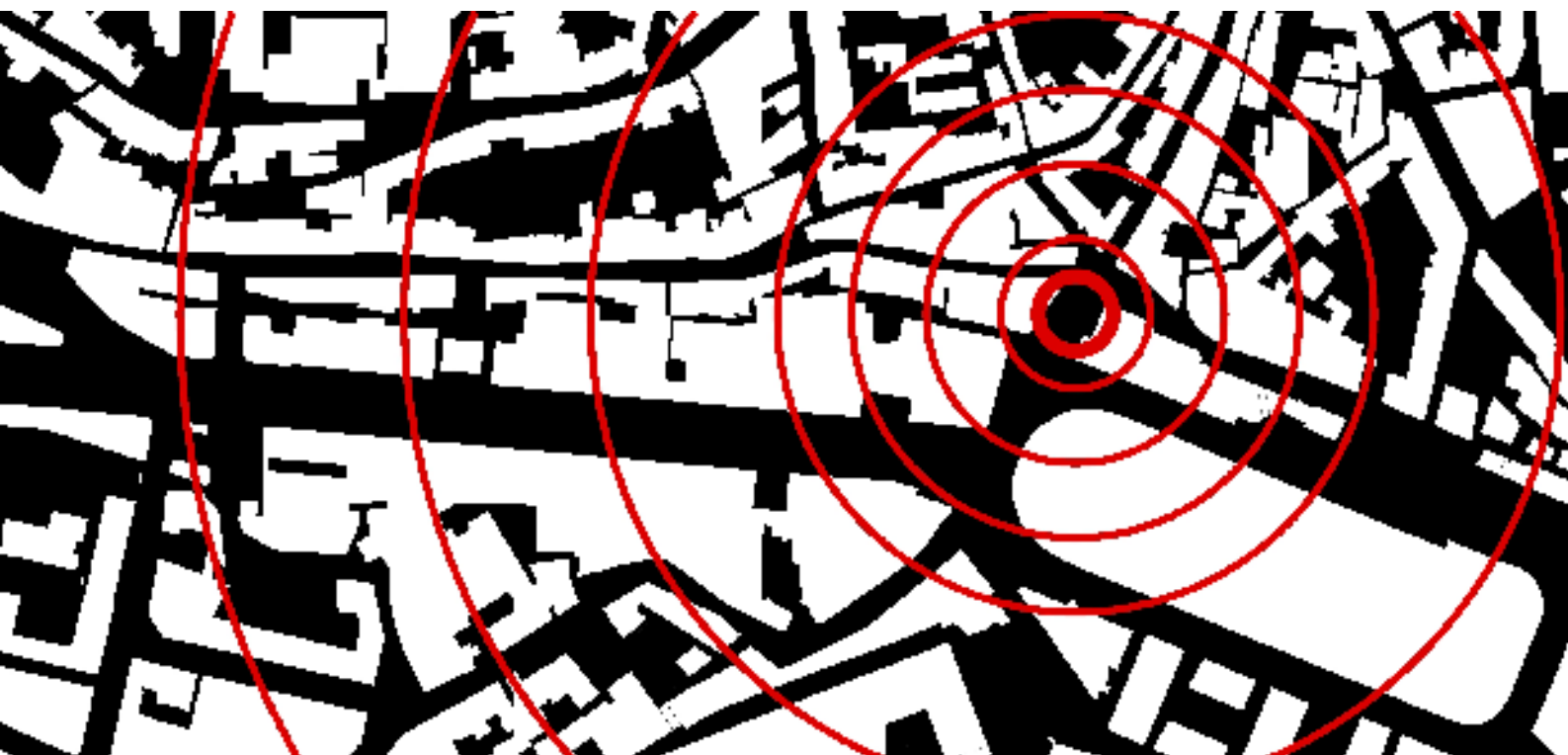
Vogais: Doutora Marluci Menezes

Lisboa, Dezembro, 2011

Faculdade de Arquitectura Universidade Técnica de Lisboa

Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes

O Martim Moniz na *Migrantscape* de Lisboa



Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Dezembro 2011

Paula GÉSERO	Arquitecta
Professora Doutora Isabel RAPOSO	Orientador Científico
Professora Manuela MENDES	Co-Orientador Científico
Professor João CABRAL	Presidente Júri
Dra. Marluci MENEZES	Vogal Júri

Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes

O Martim Moniz na *Migrantscape* de Lisboa

Ilustração da capa: Paula Gésero

Paula Gésero | architect

t: ++351 965824024

cvpgesero.blogspot.com

paulagesero@gmail.com

Impressão

CEFA | Centro Editorial da Faculdade de Arquitectura UTL

Dezembro 2011

GÉSERO, PAULA. (2011). *Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes - O Martim Moniz na Migrantscape de Lisboa*. no prelo Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Agradecimentos

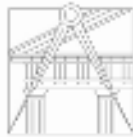
Iniciado há sensivelmente um ano, este trabalho teve a ajuda preciosa de várias pessoas.

Gostaria por isso de fazer alguns agradecimentos. Às minhas amigas e colegas de profissão Joana Braga e Daniela Basílio pela sua disponibilidade e contribuição do seu tempo livre na transcrição e análise das entrevistas; ao meu amigo Ricardo Neves, pela caracterização fotográfica; aos meus amigos Helder Pereira e Catarina Vitorino que, mesmo do outro lado do mundo, me incentivaram e ajudaram; à minha irmã Ana Gésero, pela correcção da minha gramática; aos meus amigos João Concha e Dra. Romero por ouvirem as minhas deambulações teóricas, serenarem as minhas dúvidas e receios, e me mostrarem, com as suas críticas e comentários, qual era o melhor caminho a tomar.

Também as minhas orientadoras, a Dra. Isapel Raposo e a Dra. Manuela Mendes tiveram um papel-chave na execução deste trabalho. Mesmo quando parecia que só queriam “desorientar-me” com as suas inúmeras sugestões e críticas, permitiram-me perceber qual era afinal o objecto do meu estudo. Agradeço igualmente à Dra. Marluci Menezes e Dr. Lima Costa, não só pela disponibilidade e interesse simpático que demonstraram, mas também pelas suas investigações sobre o bairro da Mouraria e sobre as populações imigrantes, respectivamente, que me permitiram ter acesso a muitas informações, nomeadamente as relativas ao bairro em si, mas principalmente ao conhecimento das opiniões dos seus habitantes, que teria sido impossível de saber neste espaço de tempo tão curto. Obrigada também ao vice-presidente da associação “Renovar a Mouraria”, Nuno Franco, pois através das entrevistas realizadas, pude perceber em discurso directo, certas visões dos problemas do bairro de forma mais clara e prática.

Igualmente, mas com um sorriso, agradeço aos meus colegas e ex-patrões do atelier Berger Lda., Ricardo Moura, Nuno Fialho e Miguel Berger. Não fossem as circunstâncias económicas adversas que os obrigaram ao meu despedimento e tivesse, por isso, continuado a trabalhar no atelier todos os dias, porventura este trabalho não tivesse sido simplesmente realizado.

Finalmente, agradeço aos meus pais por todo o seu apoio nesta minha, já longa, vida escolar.



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes

O Martim Moniz na *Migrantscape* de Lisboa

Maria Paula de Matos Gésero
Arquitecta

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitectura

Orientador Científico: Professora Doutora Isabel RAPOSO
co-Orientador Científico: Professora Manuela MENDES

Júri:

Presidente: Doutor João Cabral

Vogais: Doutora Marluci Menezes

Lisboa, Dezembro, 2011

Título da Dissertação: Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes
O Martim Moniz na *Migrantscape* de Lisboa

Aluno: Paula GÉSERO

Nº Mecnográfico 3900

Orientador Científico: Prof. Dra. Isabel RAPOSO

co-Orientador Científico: Prof. Manuela MENDES

Mestrado: M. Integrado | Especialização de Arquitectura

Data: Dezembro de 2011

Palavras-Chave: Imigração; Martim Moniz; Migrantscape; Multiculturalismo; Paisagem Urbana

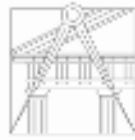
Resumo:

O bairro da Mouraria é actualmente uma das zonas da cidade de Lisboa marcada pela diversidade social, étnica, cultural e geracional, já que aqui se concentra um número expressivo de residentes e trabalhadores imigrantes de origem estrangeira.

Os movimentos migratórios constituem um traço muito importante no crescimento urbano e de transformação urbana de algumas zonas da cidade de Lisboa, configurando-se assim como um dos maiores agentes para a sua mudança social, económica e espacial. Esta análise pretende demonstrar que essas alterações se estendem igualmente à paisagem urbana (física e móvel) e à imagem da cidade.

Procurou-se identificar e conhecer os elementos morfológicos, sociais e simbólicos que configuram a paisagem urbana resultantes do impacto de grupos locais de imigrantes e a sua percepção por actores locais, nomeadamente, residentes, comerciantes e visitantes nacionais. A zona do Martim Moniz, emerge como um dos palcos, porventura o mais visível, da vibrante "migrantscape" na cidade de Lisboa.

Este entendimento da paisagem urbana foi aferido através de dimensões e elementos objectivos e subjectivos, tendo sido constatado, que embora a morfologia urbana não tenha sido alterada, os seus usos e paisagem urbana sofreram uma forte mudança. Do ponto de vista simbólico, foi identificada uma alteração na nomeação daquela área da cidade, passando a ser mais referida como Martim Moniz em vez de Mouraria, estando esse facto associado à alteração dos significados atribuídos à zona. A presente análise aborda a divisão do ponto de vista cultural e social, por distintas relações de convivência, por vezes conflituosas, entre os utilizadores nacionais e estrangeiros. De realçar, o importante papel dos imigrantes na transformação e evolução urbana ao nível dos usos, mas também nos planos económico-social do Martim Moniz e da cidade de Lisboa em geral.



Title: Migrants Townscape Setting | Martim Moniz at the Lisbon Migrantscape

Key-words: Migrants; Martim Moniz; Migrantscape; Multiculturalism; Townscape

Abstract::

The Mouraria neighbourhood is currently one of Lisbon's zones defined by its social, ethnic, cultural and population diversity, supporting an expressive number of residents and works of foreign origin.

The migration movements are an important element in the development and transformation of specific urban areas of the city of Lisbon, as a relevant agent of social, economical and spatial change. This analysis will attempt to showcase the affectation of such change in the urban landscape - permanent and transient - and in the image of the city.

Therefore, an effort was made to identify and study the morphology, aside with the social and symbolic elements which contribute to the makeshift of the current urban landscape and as a result of the impact by local migrant groups and against the perception of local agents (residents, shop owners, and local visitors). The Martim Moniz area, emerge as a visible stage of Lisbon's "migrantscape".

This acknowledgement of the urban landscape was created by the use of surveys with objective and subjective elements, resulting in the acknowledgement that despite the established urban morphology its use and landscape was subjected to a drastic change. In symbolic terms, the change of the name of this neighbourhood from Mouraria to a more commonly used name - Martim Moniz - was due to the signified attributes of this area. The current analysis explores a division seen from a social and cultural perspectives, by distinct interactions of cohabitation, sometimes of conflict, between populations of local and foreign origin. To note the important role taken by the migrant population in the redefinition of cultural behaviour connected to the urban renewal, and also to the socio-economic development of the Martim Moniz and the city of Lisbon.

Índice

Introdução.....	5
Dez mil cores, texturas, sons, odores e paladares.....	6
Construção do objecto de pesquisa	7
Restrições da pesquisa.....	12
Capítulo I.....	15
Configuração da Paisagem Urbana pelos Imigrantes: um contexto alargado.....	15
Multiculturalismo: um conceito “atractivo e persuasivo”.....	16
Tradição multicultural na fundação da nação de Portugal.....	18
Cidades multiculturais: o caso de Lisboa.....	21
Alguns dados sobre a demografia imigrante.....	23
Importância das actividades comerciais dos imigrantes.....	31
Mouraria Vs Martim Moniz: um lugar na Lisboa da Diversidade.....	39
Configuração da Paisagem Urbana pelos Imigrantes: uma Migrantscape?.....	44
Capítulo II.....	53
Contexto histórico do bairro da Mouraria.....	53
Mouraria: fundação, enclausuramento e expansão.....	54
1496: “Que Judeus e Mouros se saiam destes Reynos”.....	58
Século XIX: fado, miséria, património e migração.....	66
Século XX e XXI: Renovar a Mouraria?.....	70
Síntese final.....	86
Capítulo III.....	93
Discursos Directos dos Autóctones sobre os Alóctones.....	93
Entrevistas: razões, objectivos e temas	94
Breve Caracterização social dos entrevistados.....	95
Opinião sobre os Imigrantes no bairro.....	95
Elementos Sensoriais e Comportamentos.....	102
Mudança no Bairro.....	113
Síntese Final.....	119
Capítulo IV.....	125
Martim Moniz: o Espaço é o Lugar.....	125
O Espaço transforma-se em Lugar.....	126
O Lugar é vivido, representado e representante.....	129
O Lugar é conceptualizado.....	132
Do Lugar irradia a essência.....	138
A essência é difundida.....	146
A “migrantscape” caracterizada.....	156
Conclusão.....	159
Bibliografia.....	164

Índice das Figuras

Figura 01: Pictogramas relativos a etnias, nacionalidades e religiões.....	4
Figura 02: Montra de cabeleireiro africano na Rua do Arco do Marquês do Alegrete, Lisboa.....	6
Figura 03: A seta aponta o lugar. Saída 3 da Avenida Marechal Gomes da Costa (2ª Circular), Lisboa, 2011.....	14
Figura 04: Comerciante imigrante num Quiosque de Jornais na Praça do Martim Moniz, 2011.....	32
Figura 05: Localização, ocupação e nacionalidade dos comerciantes na zona do Martim Moniz, 2011.....	37
Figura 06: Centro Comercial da Mouraria.....	41
Figura 07: Edifício “Combóio”.....	41
Figura 08: Localização e área da “Banglapara” (a tracejado a “grande Mouraria”).....	42
Figura 09: Núcleo familiar Singh, Vila Almeida, 2010.....	43
Figura 10: Vista do bairro da Mouraria.....	52
Figura 11: Mapa-esquema com a área limitada pela Cerca Nova e área fora-de-muros da Mouraria.....	56
Figura 12: Árvore genealógica da freguesia de Santa Justa.....	58
Figura 13: Evolução demográfica em Lisboa.....	59
Figura 14: Mapa-esquema cronológico com localização dos edifícios construídos no século XVI.....	60
Figura 15: Ecologia urbana de Lisboa na segunda metade do século XVI.....	61
Figura 16: Mapa de Folque (1882) com localizações de edifícios e ruas na baixa da Mouraria.....	64
Figura 17: Casa de João das Regras à Mouraria.....	67
Figura 18: Arco do Marquês do Alegrete.....	67
Figura 19: O Fado.....	68
Figura 20: Os Bêbados ou Festejando o S. Martinho	68
Figura 21: Demolições na baixa da Mouraria.....	71
Figura 22: Demolições na baixa da Mouraria.....	71
Figura 23: Vendedores ambulantes no Largo do Martim Moniz.....	72
Figura 24: Alçado Poente Edifício Centro Comercial Mouraria.....	73
Figura 25: Vista norte da Praça Martim Moniz.....	77
Figura 26: Panorâmica da Praça Martim Moniz.....	77
Figura 27: Cartaz do Festival TODOS 2011.....	77
Figura 28: Orquestra Jaipur no Martim Moniz.....	77
Figura 29: Cartaz “Há Cinema na Mouraria”.....	79
Figura 30: Cartaz “Oficina Arte Postal”.....	79
Figura 31: Indivíduos imigrantes na Rua do Benfornoso.....	87
Figura 32: Indivíduos imigrantes na Praça do Martim Moniz.....	87
Figura 33: Transeunte na Rua do Benfornoso, 2011.....	92
Figura 34: Space is the Place. O Espaço é o Lugar.....	124
Figura 35: Esquina da Rua do Benfornoso com a Rua do Terreirinho, 2010.....	135
Figura 36: Rua do Benfornoso à Rua Fernandes da Fonseca, 2010.....	135
Figura 37: Rua do Benfornoso, 2010.....	135
Figura 38: Sobreposição de limites – negro: limites das freguesias, 2010; tracejado: limite do bairro da Mouraria; vermelho: área abrangida na candidatura ao QREN.....	139
Figura 39: Área correspondente ao bairro da Mouraria (a vermelho, a área correspondente ao “coração da Mouraria”).....	140
Figura 40: Localização do Ponto Nodal Recinto Exterior na junção das Rua da Mouraria, Rua dos Cavaleiros, Calçada da Mouraria, Rua do Benfornoso e Beco da Barbadela na Rua Fernandes da Fonseca.....	142
Figura 41: Sobreposição das áreas do bairro da Mouraria e “Banglapara” - localização dos dois pontos nodais.....	143
Figura 42: Ponto Nodal Recinto Exterior na junção das Rua da Mouraria, Rua dos Cavaleiros, Calçada da Mouraria, Rua do Benfornoso e Beco da Barbadela na Rua Fernandes da Fonseca.....	144
Figura 43: Ponto marcante: saída da estação do metro Martim Moniz.....	145
Figura 44: Actividades ao ar-livre necessárias: entrega e distribuição de mercadorias.....	145
Figura 45: Ponto marcante: paragem do eléctrico 12.....	145
Figura 46: Estado de conservação edifícios, 2009.....	146
Figura 47: Tipo de comércio na Rua da Mouraria, 2011	148
Figura 48: Rua da Mouraria, esquina com Rua do Capelão.....	148
Figura 49: Tipo de comércio na Rua do Arco do Marquês do Alegrete, 2011.....	149
Figura 50: Rua da Mouraria com vista da Ermida de Nossa Senhora da Saúde.....	149
Figura 51: Rua dos Cavaleiros.....	150
Figura 52: Rua dos Cavaleiros.....	150

Figura 53: Largo do Terreirinho.....	150
Figura 54: Tipo de comércio na Rua dos Cavaleiros, 2011.....	151
Figura 55: Calçada da Mouraria.....	151
Figura 56: Tipo de comércio na Calçada da Mouraria e parte da Rua do Benfornoso, 2011.....	152
Figura 57: Momento de descarga de carga na Rua do Benfornoso.....	153
Figura 58: Rua do Benfornoso.....	153
Figura 59: Último troço da Rua do Benfornoso (a partir da Travessa do Benfornoso).....	153
Figura 60: Tipo de comércio de parte da Rua do Benfornoso, 2011.....	153
Figura 61: Tipo de comércio na Praça do Martim Moniz e parte da Rua da Palma, 2011.....	155
Figura 62: Rua da Palma (à Praça Martim Moniz).....	155
Figura 63: Tipo de comércio de parte da Rua da Palma, 2011.....	156
Figura 64: Chave da Legenda para os mapas nas figuras 44, 45, 46, 47, 48, 49 e 50.....	156
Figura 65: Residente nacional no Beco Alegrete e residente imigrante na Rua do Benfornoso, Mouraria, 2010 e 2011.....	158

Índice dos Quadros

Quadro 01 : População estrangeira residente na AML, 2010.....	28
Quadro 02: Principais países de proveniência da população estrangeira residente no município de Lisboa, 2010.....	29
Quadro 03: Principais actividades profissionais da população imigrante em Portugal, 2001.....	30
Quadro 04: Dados comparativos da nacionalidade da população residente em Lisboa, Mouraria, Alfama e Bairro Alto, 1991, 2001.....	30
Quadro 05: Nacionalidade da população residente na Mouraria e Lisboa por grupos de idades, 2001.....	31
Quadro 06: Proveniências dos estrangeiros residentes na Mouraria, 2001.....	31
Quadro 07: Origem dos produtos e serviços consumidos no "Inquérito à diversidade".....	34
Quadro 08: Presença comercial no Martim Moniz e zonas envolventes, 2003.....	35
Quadro 09: Análise SWOT+T ao bairro da Mouraria.....	80
Quadro 10: Cronologia histórica dos momentos que tiveram impacto para a construção da Identidade local do bairro da Mouraria	89

Índice dos Gráficos

Gráfico 01: População estrangeira residente na AML, 2010.....	28
Gráfico 02: Principais países de proveniência da população estrangeira residente no município de Lisboa, 2010.....	29
Gráfico 03: Evolução populacional na freguesia de Santa Justa (a percentagem foi calculada em relação ao total dos 5 bairros).....	63
Gráfico 04: Percentagem dos comerciantes portugueses e estrangeiros no bairro da Mouraria.....	74



Figura 01: Pictogramas relativos a etnias,
nacionalidades e religiões

Fonte: Modley e Myers (1997) em Massironi [1982] (1996)

Introdução

*Then Jay said, "Listen, are you hungry?" "Starving."
"Let's go find some dinner. What do you feel like?
American, french, italian, chinese?
Japanese, caribbean, cajun Vietnamese, greek?" "Golly."
"Cal-ital, tex-mex, bengali-slav, chino-latino, kosher-italian?" "Stop!"
Suze was laughing. "And I don't believe bengali-slav."
"Believe it. This is New York."*

Sisman (1998) "Perfect Strangers"

Foi numa tarde de vento quente do início do Verão de 2010, que através da janela de um autocarro da Carris, reparei em particular numa montra de um cabeleireiro perto do Largo do Calvário. A montra, com uma película aderente cinzenta que impedia a vista para o seu interior, anunciava, em letras grandes, os serviços que proporcionava: alisamentos, tissagens, tranças, *curl*, desfrizagens. Por cima da porta de entrada, dois desenhos de feições femininas em traços largos negros, uma europeia, outra africana, completavam o conjunto. Ao mesmo tempo, uma mãe e filha pequena de feições asiáticas, entravam na porta do prédio de habitação adjacente. Naquele momento, pareceu que dava a volta ao mundo num segundo. Mas não foi um pensamento original. Todos os dias vestimos roupas que trazem etiquetas que nos informam quantos quilómetros percorreram até chegar ao nosso armário, comemos alimentos produzidos ou embalados em todas as partes do mundo, vemos milhares de pessoas e ouvimos dezenas de línguas enquanto desfilam os canais na nossa televisão. Consequências do capitalismo globalizado, habituámo-nos a pensar.

Também naquele momento, notei o quanto a paisagem urbana das nossas cidades está a mudar devido à crescente presença da população imigrante. Embora Portugal seja considerado como um país de longa tradição multicultural, não fosse a relativamente recente vaga de imigrantes oriundos dos países africanos de expressão portuguesa, e aquele cabeleireiro talvez não existisse.

Dez mil cores, texturas, sons, odores e paladares

Cabeleireiros africanos, brasileiros e chineses; lojas “dos chineses” e “dos indianos”; supermercados brasileiros, chineses, muçulmanos e russos; mesquitas sunitas e ismaelitas, sinagogas, templos hindus e sikhs, igrejas ortodoxas e anglicanas; carne halal, comida kosher, cachupa, moqueca, *sushi* e chamuças; restaurantes de culinária de origem europeia alemã, belga, inglesa, francesa ou russa, mediterrânica espanhola, italiana, grega ou israelita, cozinha árabe, turca, libanesa e marroquina, culinária africana, angolana e cabo-verdiana, centro e sul-americana cubana, argentina, brasileira, mexicana e uruguaia e cozinha asiática balinesa, tailandesa e malaia, japonesa, chinesa e chinesa-macaense, coreana, indiana, indiana-goesa ou indo-chinesa; festas do cinema francês, italiano, brasileiro e japonês (Público, 2011); discotecas de música angolana, cabo-verdiana e brasileira. Uma miríade de cores e texturas, sons, paladares e cheiros que ao contribuírem para a construção de uma imagem e paisagem urbana das cidades, nos transportam para quase todos os cantos do mundo.

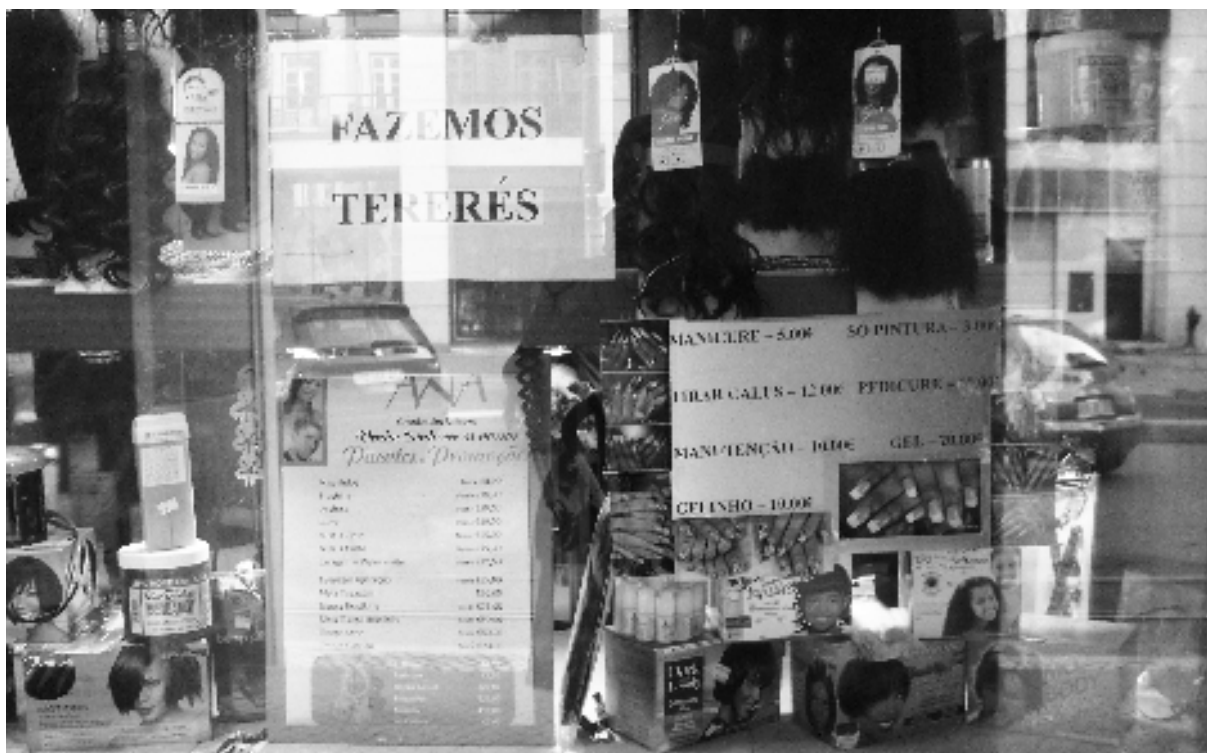


Figura 02: Montra de cabeleireiro africano na Rua do Arco do Marquês do Alegrete, Lisboa

Fonte: Fotografia P. Gésero (2012)

Embora o tema da importância dos movimentos migratórios, não só no rejuvenescimento populacional, mas também como um dos principais factores do crescimento urbano e económico das cidades tenha vindo a ser amplamente estudado pela

sociologia, antropologia, geografia e economia, o seu envolvimento na formação das paisagens urbanas é, no entanto, ainda pouco conhecido (Menezes, 2009b: 02). O tema tem sido abordado mais pelos pontos de vista dos conflitos e tensões face ao estrangeiro, e por isso é da maior importância a reflexão sobre o contributo dos imigrantes na formação do espaço e paisagem urbanas (Chambers, 1995).

Depois de ter passado estes primeiros anos da minha vida profissional a projectar arquitectura em ambiente de gabinete, senti necessidade de voltar a pensar na escala da cidade, pegar novamente nos livros que muito influenciaram a minha aprendizagem da arquitectura, nomeadamente “A Imagem da Cidade” de Lynch (1966) e a “Paisagem Urbana” de Cullen (1961), descobrir novos autores, ir para o terreno observar e recolher opiniões, no sentido de voltar a reflectir sobre o tema geral da cidade, aprofundando o meu conhecimento sobre estas evoluções urbanas.

Construção do objecto de pesquisa ¹

Tema

Deste modo, numa tentativa de melhor entender, conhecer e tornar mais visível a contribuição dos imigrantes e da sua diversidade étnica, social, cultural, religiosa, linguística no aumento e diversificação da riqueza da paisagem urbana, constitui esta dissertação uma primeira incursão à percepção do complexo processo da transformação e configuração da paisagem urbana pela acção e presença dos imigrantes, centrando-se num estudo de caso – a zona do Martim Moniz / Bairro da Mouraria em Lisboa.

Como objectivo geral pretende-se conhecer e aprofundar o entendimento sobre a percepção do processo da transformação e configuração da paisagem urbana pelos pela acção e presença dos grupos imigrantes na cidade. Optou-se por uma abordagem interdisciplinar envolvendo em particular o urbanismo, a sociologia e a antropologia urbana, para uma melhor compreensão deste processo complexo e multidimensional.

Deste modo, tendo o auxílio de análises e reflexões de outros autores sobre temas correlacionados, parte-se do reconhecimento dos efeitos resultantes da presença dos grupos imigrantes como factor acrescido na formação, constituição e desenvolvimento da

¹ A pessoa verbal escolhida na redacção de todo o texto é a terceira pessoa do singular, no entanto, no primeiro ponto desta introdução, devido ao carácter muito pessoal do texto apresentado, adoptou-se o uso da primeira pessoa do singular.

imagem e da paisagem urbana da cidade. Neste contexto, este estudo pretende-se constituir-se numa reflexão e equação de quais os indicadores físicos, sociais e simbólicos que contribuem para a percepção desta transformação e configuração da paisagem urbana por grupos imigrantes na cidade em geral e no lugar do Martim Moniz em particular, através de uma abordagem ao mesmo tempo teórica e empírica, utilizando uma metodologia qualitativa, com recurso a técnicas de recolha e de análise bibliográfica e iconográfica, bem como a observações do local escolhido e a entrevistas a alguns dos actores locais da zona em estudo.

Metodologia

De acordo com a metodologia proposta por Raymond Quivy (1998), recorreu-se a uma abordagem simultaneamente teórica e empírica. Procurou-se seguir as etapas do conhecimento propostas pelo autor mesmo que por vezes, não de forma linear.

Assim, numa primeira fase, aspirando-se à ruptura de conceitos pré-estabelecidos, procurou-se encontrar a resposta à questão da multiculturalidade, resultante da presença de grupos imigrantes na cidade, como um factor acrescido na constituição, formação e desenvolvimento das paisagens urbanas e da imagem da cidade.

Através da pesquisa e leitura de fontes bibliográficas que aludissem às noções de imigração, sociedades multiculturais, paisagens culturais e urbanas e imagem mental da cidade, assim como de uma primeira observação e registo fotográfico da zona em estudo, e da realização de algumas entrevistas exploratórias, nomeadamente a membros de duas das entidades que actuam no terreno (vice-presidente da Associação Renovar a Mouraria e a técnicos da Unidade de Projecto da Mouraria) e conversas informais com alguns dos habitantes e visitantes nacionais e estrangeiros do bairro, encontraram-se respostas provisórias que contribuíram para o desenvolvimento das fases posteriores.

Na segunda fase, foi problematizado o objecto de estudo com o auxílio de um neologismo, nomeando o que se entende como configuração da paisagem urbana por grupos imigrantes, e estruturando o trabalho em torno de dois objectivos centrais: identificar as alterações morfológicas, sociais e simbólicas na configuração da paisagem urbana e da imagem da cidade provocadas pela presença de grupos imigrantes no tecido urbano, usando como caso-estudo o bairro da Mouraria e zona do Martim Moniz em Lisboa; aprofundar o conhecimento sobre o entendimento e percepção da transformação da configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes na zona em estudo, analisando a opinião de alguns dos actores locais nacionais.

Na última fase, para a concretização dos objectivos propostos, procedeu-se à recolha e análise de numerosas fontes, bibliográficas e outras, assim como a realização de entrevistas e levantamentos fotográficos e dos usos urbanos.

Sobre a história do lugar, procedeu-se às recolhas de bibliografia, cartografia e fotografia sobre a cidade de Lisboa e o bairro da Mouraria. Através dos sítios na Internet da Biblioteca Nacional e no Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, encontraram-se fontes cartográficas que mostraram a evolução urbana na zona em estudo desde o século XV, e de fontes fotográficas e iconográficas que ilustraram essa evolução, assim como outros aspectos históricos, nomeadamente os sociais e relacionados com a paisagem urbana.

Sobre as populações imigrantes em Portugal, procedeu-se à recolha nos sítios da Internet do Instituto Nacional de Estatística e do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras das fontes estatísticas sobre os residentes estrangeiros no país, entre os anos de 1991 e 2010. Efectuou-se ainda uma recolha de bibliografia relacionada com o tema, nomeadamente em revistas científicas das disciplinas das ciências sociais, bem como em relatórios oficiais e outras publicações.

Para o tema da percepção humana do ambiente construído, espaço e lugar antropológicos e identidade do local, procuram-se as fontes bibliográficas em disciplinas como a psicologia, particularmente a psicologia ambiental, a geografia, a antropologia, a sociologia, para além das disciplinas de urbanismo e arquitectura.

Tendo em vista o aprofundamento do conhecimento sobre o bairro e a zona em estudo, procedeu-se através do recurso a técnicas visuais, ao reconhecimento fotográfico da área numa fase inicial, e depois, no sentido de uma maior percepção da paisagem urbana da zona, à observação atenta e registo através do desenho. No sentido de tomar nota dos usos urbanos, do estado de conservação do edificado e da presença de comerciantes de origem imigrante, procedeu-se a um levantamento detalhado do tipo de ocupação comercial e nacionalidades dos indivíduos que os exploram, assim como do estado de conservação de cada lote edificado nos principais eixos comerciais, nomeadamente, na Rua do Arco do Marquês do Alegrete, Rua da Mouraria, Rua e Pátio dos Cavaleiros, Calçada da Mouraria, Rua do Benfornoso e parte da Rua do Terreirinho, e na Avenida Almirante Reis e Praça do Martim Moniz. Igualmente se procedeu à recolha e subsequente análise do Programa de Acção elaborado pelo Gabinete Municipal da Unidade de Projecto da Mouraria, através do qual se constituiu a candidatura da zona a um Quadro Estratégico de Referência Nacional.

Finalmente para o conhecimento e avaliação das opiniões dos residentes, comerciantes e visitantes nacionais sobre o entendimento e percepção da evolução da configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes, realizaram-se entrevistas semi-directivas a

alguns dos utilizadores autóctones. Na análise efectuada às entrevistas utilizou-se uma técnica de análise de conteúdo temática, através de uma análise mais aprofundada dos seus conteúdos, cruzando as várias opiniões, procurando uma leitura exógena intercalada com alguns extractos dos discursos dos entrevistados.

Sobre o sistema empregue na referenciação das fontes bibliográficas, optou-se por listar quer as fontes realmente consultadas, quer as fontes que se obtiveram indirectamente por outros autores, com vista a precaver e preparar uma possível e mais aprofundada futura investigação.

Objectivos

- Identificar as alterações morfológicas, sociais e simbólicas na configuração da paisagem urbana e imagem da cidade provocadas pela presença de grupos imigrantes no tecido urbano, usando como caso-estudo o bairro da Mouraria e zona do Martim Moniz em Lisboa. De modo a recobrir este objectivo, estabeleceram-se algumas sub-questões às quais se procura dar resposta:
 1. Como era a zona de estudo antes dos grupos imigrantes ali habitarem? Qual era a sua organização espacial e de usos?
 2. Qual a sua organização espacial e de usos actual e futura?
 3. Quais dos elementos morfológicos ², sociais e simbólicos resultantes da presença de grupos imigrantes, configuram a imagem e paisagem urbana da zona em estudo?
- Aprofundar o conhecimento sobre o entendimento e percepção da evolução da configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes na zona em estudo, avaliando a opinião de alguns dos actores locais nacionais. Neste contexto de análise, equacionaram-se mais algumas sub-questões no sentido da orientação da recolha de dados:

2 Por “elementos morfológicos” toma-se a designação do urbanista José Lamas (2000) na sua obra “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade”, na qual a morfologia urbana é entendida como o estudo da forma do meio urbano nas suas partes físicas exteriores, justamente os seus elementos morfológicos, e na sua produção e transformação no tempo. Para este autor, a forma urbana é definida pelo aspecto de realidade ou modo como se organizam os elementos morfológicos que constituem e definem o espaço urbano, relativamente à materialidade dos aspectos de organização funcional quantitativa e dos aspectos qualitativos e figurativos (Lamas, 2000).

4. Qual é a percepção e opinião dos utilizadores nacionais, residentes, comerciantes e visitantes, da mutação na paisagem urbana resultante da presença de grupos imigrantes no seu bairro?
5. Qual a opinião dos utilizadores nacionais, residentes, comerciantes e visitantes, sobre a presença de grupos imigrantes no seu bairro? Como se desenrola o convívio entre os residentes e utilizadores nacionais e estrangeiros imigrantes?
6. Qual o impacto no bairro, e em consequência na cidade, fruto da evolução e das alterações na zona provocadas pela presença dos grupos imigrantes?

Estrutura da redacção

A dissertação foi organizada em dois volumes: o primeiro volume tem quatro capítulos entre a introdução e a conclusão final; o segundo volume apresentam os três anexos.

O primeiro capítulo é uma reflexão inicial sobre o estado da arte. Neste evidenciam-se alguns dos pontos de vista possíveis para o conhecimento do processo da transformação e configuração da paisagem urbana pelos imigrantes, terminando com a proposta de um neologismo, que ao fazer a nomeação e qualificação desta configuração da paisagem urbana, possa contribuir de alguma forma para o entendimento do processo de transformação da mesma.

Assim, em primeiro lugar, são recenceadas as perspectivas de vários autores sobre a contribuição dos grupos imigrantes para o aumento da diversidade cultural das cidades de acolhimento. Segue-se um esclarecimento particular sobre o termo "multicultural", sintetizando o seu uso em contexto urbano por parte das ciências sociais. Com o intuito de mostrar a tradição multicultural na fundação e desenvolvimento da sociedade portuguesa, apresenta-se uma síntese histórica de Portugal e da cidade de Lisboa, acompanhadas de uma breve nota sobre a evolução da demografia imigrante no país e capital. De seguida é feita uma exposição dos argumentos a favor da importância das actividades comerciais dos imigrantes no espaço urbano. O capítulo é fechado com a identificação na Lisboa multicultural do lugar antropológico do Martim Moniz, e com a apresentação do neologismo "*migrantscape*", fazendo a nomeação do que se considera ser a configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes.

No segundo capítulo procuram-se encontrar parte das repostas às duas primeiras sub-questões acima referidas. Deste modo, procede-se a uma pequena síntese histórica da zona, identificando as consequentes marcas e estigmas associados à identidade do bairro. É também feita uma análise sucinta ao recente programa urbano (proposto por um gabinete

de projectos do município), no sentido da análise de quais das suas marcas identitárias podem vir a ser alteradas decorrentes da sua execução.

No terceiro capítulo, faz-se uma análise de conteúdo do discurso dos dezanove entrevistados, procurando deste modo, as respostas às últimas questões de trabalho sobre como se desenrola a convivência cultural entre os comerciantes, residentes e visitantes nacionais e os imigrantes presentes no bairro. Finaliza-se com uma avaliação feita pelos nacionais sobre os benefícios e malefícios para o bairro resultantes da presença dos imigrantes.

No quarto e último capítulo, buscando as respostas sobre quais os elementos morfológicos, sociais e simbólicos configurativos da paisagem urbana são resultantes da presença de grupos imigrantes e sobre qual a sua percepção por actores locais, faz-se uma reflexão sobre as noções da percepção do espaço e lugar, situando o neologismo “*migrantscape*” no lugar antropológico do Martim Moniz, e identificando na zona em estudo as partes desse todo.

A conclusão, apresenta a síntese final sobre do estudo realizado e dos resultados obtidos avalia-se se os objectivos propostos foram alcançados, terminando com algumas propostas e pistas para futuras intervenções.

No segundo volume, estão organizados os anexos com alguns dos elementos recolhidos de auxílio à ilustração da parte escrita do primeiro volume. Assim no primeiro anexo, encontra-se uma recolha cartográfica da cidade de Lisboa, disponibilizada pelo sítio da Internet da Biblioteca Nacional de Portugal. No segundo anexo, a recolha fotográfica realizada no Núcleo Fotográfico do Arquivo Municipal de Lisboa. No terceiro e último anexo encontram-se os guiões das entrevistas exploratória e semi-estruturadas, assim como as transcrições das respostas dos entrevistados.

Restrições da pesquisa

Sendo bastante vasto, quer temporalmente, quer espacialmente, o universo de estudo teve alguns constrangimentos e restrições.

Deste modo não foi possível ter acesso aos dados estatísticos sobre a população imigrante das freguesias que compõem o bairro da Mouraria, visto que, e conforme foi explicado por correio electrónico por um técnico do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, as estatísticas sobre a população residente não estão desagregadas ao nível da freguesia por razões de ordem técnica, e a divulgação de dados a este nível poder prejudicar o segredo estatístico, apresentando como situação exemplificativa a susceptibilidade na permissão de

identificação de pessoas de forma indirecta, como por exemplo “um croata na freguesia de Marvila”. Os dados da zona referidos nesta investigação foram por isso obtidos através de fontes indirectas, quer bibliográficas, quer em entrevistas e conversas informais com alguns dos actores sociais do bairro.

Igualmente devido à extensão do seu território, no levantamento dos usos comerciais do Martim Moniz foram escolhidas somente como ruas mais características a levantar, seis eixos comerciais do bairro. Houve dificuldade análoga na clarificação da nacionalidade exacta de cada um dos comerciantes, devido não só ao desconhecimento da língua portuguesa por alguns, mas principalmente a uma certa desconfiança por parte destes indivíduos, ficando nos mapas correspondentes somente a distinção entre nacionais e estrangeiros.

Ainda em relação à referência das fontes bibliográficas consultadas e tal como já foi notado anteriormente, estão listadas igualmente quer as fontes realmente consultadas, quer as fontes que se obtiveram indirectamente por outros autores, ou seja, por vezes, e devido ao tempo limitado para a execução desta investigação, não houve a possibilidade de ler e analisar em profundidade alguns dos autores referidos, tendo-se recorrido a autores secundários para uma mais rápida e sucinta compreensão dos conteúdos em questão. Quanto tal acontece, ficam referidos em primeiro lugar os autores secundários e depois os primários, como por exemplo - “Sá, 2006: 181 sobre Augé, [1992] 1995” - sendo neste caso de exemplo, a referência consultada em Sá (2006) sobre Augé ([1992] 1995).



Figura 03: A seta aponta o lugar. Saída 3 da Avenida Marechal Gomes da Costa (2ª Circular), Lisboa, 2011
Fonte: Elaboração própria. Retirado de Google Maps

Capítulo I

Configuração da Paisagem Urbana pelos Imigrantes: um contexto alargado

Sendo a complexidade e transversalidade do tema da configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes bastante abrangente, pretende-se, neste primeiro capítulo, dar conta de alguns dos pontos de vista possíveis para o conhecimento deste processo, nomeadamente do aparecimento e sua evolução no contexto da cidade de Lisboa e no da zona do Martim Moniz em particular.

Deste modo, o capítulo irá desenrolar-se por sete pequenos componentes, que no seu conjunto contextualizarão o tema. Em primeiro lugar, um sucinto esclarecimento sobre o termo "multicultural" utilizado nas disciplinas das ciências sociais. Seguir-se-á uma síntese histórica sobre uma certa tradição multicultural na qual a nação portuguesa foi fundada, sucedendo-se a perspectiva da cidade de Lisboa como metrópole multicultural. Em quarto lugar, uma pequena nota sobre a demografia dos imigrantes residentes em Portugal, em Lisboa e na zona em estudo, seguida da exposição de argumentos a favor da importância das actividades comerciais dos imigrantes no espaço urbano. Posteriormente apresenta-se uma breve exposição sobre o lugar do Martim Moniz na Lisboa multicultural e por último, terminar-se-á com o entendimento sobre o que se considera ser a configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes. Partindo da noção de G. Cullen ([1961] 2008) de "paisagem urbana" ou "*townscape*", e das noções de "cultural landscape" e "vernacular landscape" (Sauer, [1925] 1938 e UNESCO, 1995), "soundscape" (Schafer, [1977] 1993 e Fortuna, 1999b), "smellscape" (Fortuna, 1999b), "*smellscapes*" (Porteous, 1985 e Fortuna, 1999a) e "ethnoscape" (Appadurai, 1996 e Anthony D. Smith, 1988), propõe-se a introdução do neologismo de "*migrantscape*", querendo com ele dar conta do processo de assimilação cultural que tem ocorrido nas paisagens urbanas das nossas cidades.

O Martim Moniz, foi escolhido não só por notoriamente ser um dos mais visíveis locais na cidade de Lisboa de comércio étnico, ou explorado por comerciantes imigrantes, mas também, e como se verá em seguida, a zona onde muitos indivíduos imigrantes escolheram para residir, provocando um movimento considerável entre populações alóctones imigrantes e outras autóctones nacionais, entre residentes nacionais e imigrantes, entre consumidores

e turistas de várias nacionalidades, sendo por isso, um local óptimo para o estudo do tema das configurações da paisagem urbana por grupos imigrantes.

Por conseguinte, em primeiro lugar interessa olhar para a perspectiva segundo a qual as populações imigrantes contribuem para o aumento da diversidade cultural das cidades onde se instalam, começa-se por uma breve clarificação sobre o termo "multiculturalismo". Este termo tem sido largamente apropriado pelos meios de comunicação social e por técnicos e agentes políticos, e, por isso, amiúde o seu significado tem sido deturpado e adaptado consoante o contexto em que é aplicado. Por conseguinte, irá dar-se uma visão sintética sobre o termo no contexto das ciências sociais e explicitar a sua aplicação à sociedade e espaço urbano.

Multiculturalismo: um conceito “atractivo e persuasivo”

Sempre houve uma tradição clara de estudos que procuram interpretar e ler a alteridade nas ciências sociais. Tais estudos procuram “ ir além de entendimentos supostamente limitados e fixos de grupos e culturas” emergindo, nesse sentido e paralelamente ao conceito de multiculturalismo, outras noções tais como as de “transnacionalismo”, “hibridismo”, “crioulização” e “cosmopolitismo” (Vertovec, 2007: 965) ³.

O conceito de "multiculturalismo" foi por sua vez, segundo o antropólogo social norte-americano Steven Vertovec (2007), fortemente instigado por Terence Turner (1993) quando, ao fazer uma crítica aos seus colegas antropólogos, os acusou de menosprezo pelo tema por permanecerem afastados do seu debate (Vertovec, 2007: 967 sobre Turner, 1993).

Na Europa, o crescente interesse na discussão do tema do multiculturalismo é relacionado contudo, com o aumento exponencial da diversidade cultural advindo dos movimentos migratórios dos últimos anos (Castaño, 2000).

O conceito de multiculturalismo pode ter, no entanto, avisa Vertovec (2007), múltiplas interpretações para além da antropológica, incorporando outras dimensões como a de condição demográfica, o conjunto de políticas institucionais, os objectivos de movimentos políticos ou o conjunto de princípios de um Estado. Os pontos de vista mais privilegiados pelos antropólogos americanos têm sido o dos movimentos políticos ou os de tipo ideológico, através dos quais, por exemplo, os negros e outras minorias étnicas nos Estados Unidos da América, conseguiram apelar a um maior reconhecimento, e até mesmo para

3 Tradução pela autora desta investigação.

representações separadas, não só em contextos públicos, mas também em contextos mais privados, como nos currículos universitários (Vertovec, 2007: 967).

Com o debate sobre o significado do termo multiculturalismo, vários autores têm procurado corrigir, ou pelo menos ter um olhar crítico, sobre as ideologias de movimentos sociais multiculturalistas, as filosofias, as medidas políticas e os debates públicos, ressaltando a necessidade de um entendimento “não-coisificado” da noção de “cultura” (*ibidem*).

Assim, por exemplo, o antropólogo Miguel Vale de Almeida (2002), identifica esta noção de “coisificação da cultura” como um “conjunto de atributos especializados (como se naturais, sem consideração do processo histórico, da interculturalidade e da diversidade interna de qualquer grupo) de uma população específica, com uma geografia delimitada”, servindo quer para “excluir e impedir a contaminação”, assim como “para os excluídos se auto-constituírem como grupos e reivindicarem direitos graças à aceitação desse conceito por parte de quem os exclui” (Almeida, 2002: 09).

Já para o antropólogo García Castaño (2000), a “cultura” é “atribuída por etnógrafos, antropólogos ou outros cientistas sociais quando a situam num grupo social”. A cultura “não está à espera de ser descoberta pelo perito sobre estas questões (...), mas somos nós mesmos que a criamos e recriamos como instrumento para a vida social e não necessitamos [por isso], de estar constantemente a defini-la” (Castaño, 2000: 216) ⁴.

Para além do debate correcional do termo “cultura”, o antropólogo norte-americano Vertovec dá maior importância a trabalhos de outros colegas que enfatizam “o papel da consciência individual dentro da experiência da multiplicidade cultural quotidiana”, em que para uma melhor observação do fenómeno antropológico, o próprio cientista tem de se “tornar num indivíduo multicultural” (Vertovec, 2007: 967) ⁵.

Trasladando a noção de “indivíduo multicultural” (Almeida, 2002: 05) para a de “sociedade multicultural”, que é a que se vai tratar neste trabalho, toma-se a definição do sociólogo Edward Tiryakian (2003), que considera o termo “multicultural” como uma descrição demográfica, em que dois ou mais grupos culturalmente diferenciados partilham o mesmo território delimitado, implicando necessariamente trocas, transacções e interacções entre indivíduos e grupos culturalmente diversos. Concorde-se igualmente com este autor, assim como com o sociólogo Jerome Krase (2004), ao defenderem o ponto de vista de que as sociedades multiculturais historicamente sempre existiram, pelo menos desde o

4 Tradução do texto original em castelhano pela autora desta investigação.

5 Tradução do texto original em inglês pela autora desta investigação.

aparecimento de áreas urbanas: “antigos reinos e impérios, certamente reuniram, quer pela força, quer por oportunidades económicas, populações heterogéneas” (Tiryakian, 2003: 25)⁶.

Sintetizando, o interesse pelo debate em torno do conceito de “multiculturalismo” tem aumentado significativamente na Europa desde que o número de residentes imigrantes tem vindo a crescer exponencialmente. Paralelamente à noção de “multicultural”, têm surgido outros termos no sentido de uma maior transversalidade na leitura do tema. O seu uso tem no entanto algumas limitações, derivadas das diferentes abordagens do termo, não só dentro do contexto das ciências sociais, como para além dele, provocando desentendimentos de comunicação amiúde entre, por exemplo, investigadores e agentes políticos.

Como principais concepções e posições neste debate aponta-se a compreensão não objectivada da noção de “cultura”, assim como a necessidade de acentuação dos posicionamentos críticos e “multiculturais” por parte dos investigadores.

Tradição multicultural na fundação da nação de Portugal

À imagem do que acontece nos restantes países europeus, a essência da identidade portuguesa é, segundo a historiadora Maria Helena Coelho, quer nas suas origens, quer na sua realidade actual, uma pluralidade de partes culturais, religiosas, sociais e políticas, compondo um todo “multicultural”, uma substância composta por “múltiplos nutrientes recolhidos ao longo da história” (Coelho, 2008: 71).

Recuando até tempos pré-históricos sabe-se, através de vestígios arqueológicos e documentos históricos, que numerosos povos passaram pela Península Ibérica. No extremo ocidental, os Lígures e os Celtas deixaram rasto na toponímia e em certas alfaías agrícolas. Nas zonas montanhosas, os Iberos dedicavam-se ao pastoreio. Já no sudoeste até ao sul peninsular, Fenícios, Gregos e Cartagineses, procuravam estabelecer relações comerciais ou desenvolver explorações mineiras (*idem*: 74).

Estas vagas ocupacionais resultaram numa demarcação entre uma região sul, mais aberta aos contactos civilizacionais mediterrânicos, e uma outra, mais setentrional e atlântica, mais permeável às correntes culturais do Norte e Centro da Europa. Por conseguinte, comprovado pela produção metalúrgica, as comunidades do norte e centro atlântico da península mantinham contactos com as populações da Bretanha e das Ilhas Britânicas. Igualmente demonstrada na toponímia e onomástica, assim como na importação

6 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

do hábito de cremação dos corpos, uma convivência entre as populações autóctones e os povos indo-europeus vindos de leste. Na parte meridional da península foram fortes os intercâmbios com os povos semitas mediterrânicos, havendo indícios de contactos assíduos entre o reino indígena dos Tartessos com os Fenícios e os Gregos (*ibidem*).

Segundo a historiadora, é visível o processo de incorporação dos “elementos exteriores e alógenos” na construção da própria individualidade destes povos, individualidade que por sua vez, foi igualmente forjada “numa rede de comunicações regionais e inter-regionais” (*ibidem*).

Nos finais do século III a. C., os Romanos vieram encontrar no sul e no litoral uma estrutura de centros urbanos, apoiados numa economia de intercâmbio mediterrânico, e na região continental, de colonização indo-europeia, uma organização tribal de vocação guerreira, com múltiplos grupos interagindo entre si, assente numa economia de pastorícia. No decurso dos dois séculos seguintes, tiveram de confrontar-se, entre outros, com os povos Calaico e a sua civilização castreja nortenha, o Lusitano, o Túrdulo e o Cónio (*idem*: 75). O processo de romanização da península, em que, à semelhança do que aconteceu noutras partes do império, se deu uma assimilação pelos povos indígenas às organizações materiais e culturais romanas, foi longo e heterogéneo. No sul da península, devido à sua influência mediterrânica, a romanização foi mais profunda e longa que no centro e norte, mais lenta e menos intensa (*idem*: 76). A inclusão do território na nação romana provocou uma assimilação dos usos e costumes, da língua, do direito, das ideias religiosas e das correntes literárias e artísticas veiculadas pelos Romanos assim como, a partir de 313 d. C., com o *Édito de Milão*, a implementação do cristianismo. Paralelamente à adopção da religião cristã, os povos hispano-romanos abraçaram também as correntes religiosas do Arianismo e Priscilianismo, causando rupturas e choques no convívio social e religioso entre os diferentes grupos (*idem*: 77).

No século IV, uma nova invasão, desta vez por povos germânicos os Suevos e os Visigodos, estes últimos ficaram a dominar a península no final do século VI.

No século VII povos do norte de África, Sírios, Árabes e Berberes, invadiram igualmente o território, ficando por sua vez a dominá-lo, exceptuando a zona dos Montes Astúrios (*ibidem*).

Nos séculos seguintes houve um novo movimento de reconquista, movimento este de carácter “multicultural” nas dimensões políticas e religiosas, que partindo de um espírito de recuperação territorial e de poder dos cristãos, deu lugar, na passagem do século XI para o século XII, à formação dos reinos peninsulares, assim como do condado portugalense, que

favorecido pela presença e permanência de fidalgos e chefes de origem borgonhesa, veio mais tarde a formar o reino de Portugal (*ibidem*).

O novo reino só alcançou a plena identificação territorial no século XIII mas, mais uma vez, o contacto com diversos povos concorreu na definição populacional: muçulmanos, com quem disputavam o território, assim como com os povos a quem foram pedir auxílio para a conquista, Galegos, Astures, Castelhanos, Francos, e com outros que ali habitavam (*idem*: 78).

Deste modo, foram forjadas as relações culturais com carácter multidimensional subjacentes à formação da sociedade portuguesa. Foi então neste “magma de interacção cultural” que o reino de Portugal se formou e se humanizou, tendo a maior contribuição ocorrido, de acordo com a autora, com os contactos frequentes entre povos de diversas culturas, assim como com o relacionamento da população cristã com as minorias étnico-religiosas judaica e muçulmana, concorrendo para a materialização dos conceitos de “interculturalidade” e “multiculturalismo” (*ibidem*). Em virtude do factor religioso aumentar as tensões entre o “coeso grupo maioritário” e as “pequenas minorias”, Judeus, Mouros e Cristãos tiveram assim um convívio recheado “de fortes pulsões, muitas vezes traduzidas em rejeições, pressões ou até violências” (*ibidem*).

Em conclusão, a autora argumenta que, numa dialéctica de diferença, o “egocentrismo cristão consumou-se no interior de um diálogo com o “outro”. Sendo que esse “outro”, pode ser identificado em marcas visíveis e em fronteiras culturais, de sinais exteriores visíveis e palpáveis, “que tocam os sentidos do gesto à visão, do olfacto ao tacto, do paladar à audição”, assim como também em “signos invisíveis e íntimos do mundo dos sentimentos e afectos”. Assim, a convivência em tempos medievais da população maioritária cristã com as franjas minoritárias judaica e moura, constitui “uma amostra bem significativa de toda a mundividência e realidade do comprometimento dinâmico dos conceitos de interculturalidade, multiculturalismo, aculturação, assimilação e segregação”, sendo uma “demonstração, em plena evidência, de como no real vivido, estas interfaces políticas, sociais, ideológicas e religiosas são intrinsecamente densas e complexas” (*idem*: 116).

Nos séculos seguintes, particularmente nos séculos XV e XVI, com o convívio do povo português com múltiplos indivíduos de outras culturas que visitaram e se estabeleceram no território nacional, assim como o relacionamento comercial e social com os povos das terras descobertas, continuaram assim no território português as premissas da diferença, do diálogo e da convivência multicultural, que através da incorporação no seu íntimo de grupos minoritários de identidade própria, contribuíram para a sua identificação multicultural.

Cidades multiculturais: o caso de Lisboa

Reflexo dos crescentes movimentos migratórios e considerado como um dos sinais de cosmopolitismo nas grandes cidades modernas (Costa, 2007: 02 e Santos, 2008: 137), no sentido em que “concentram num território restrito uma grande diversidade de indivíduos de culturas e meios sociais diferentes” (Guerra, 2008: 98), a multiplicação de diferentes culturas partilhando um mesmo espaço originaram noções tais como “o mundo inteiro numa cidade” ou “o mundo debaixo de um mesmo tecto” (Benedictus, 2005)⁷. Assim, a noção de cidade multicultural tem sido usada para designar cidades “onde habitam grupos culturalmente distintos devido à intensidade dos fenómenos migratórios e à enorme atracção das cidades-metrópoles” (Guerra, 2008: 102).

A multiculturalidade das cidades actuais, tem sido um tema amplamente discutido quer nas ciências sociais, quer nos meios de comunicação, assim como no debate político. Apesar de ser um conceito pouco preciso e de múltiplas interpretações, permitiu “trazer para o debate, a dimensão cultural da sociedade actual, ultrapassando a sobrevalorização da dimensão económica ou social” (*ibidem*).

Tal como é referido por alguns autores, é ponto assente que os movimentos migratórios constituem actualmente uma crescente e relevante característica do crescimento urbano e um dos maiores agentes que contribui para a alteração social, económica e espacial das cidades (Fonseca, 2008c: 05).

Segundo o Relatório das Nações Unidas sobre Migrações Internacionais, nunca como na actualidade houve tantas pessoas a residir fora dos seus países de origem. Do total dos migrantes internacionais em idade activa, 60% vivem nos países desenvolvidos (UN, 2009).

Grandes áreas urbanas como as de Londres, Toronto ou Nova Iorque (MPI: 2001) albergam literalmente cidadãos de quase todas as nações, grupos étnicos e religiões do resto do mundo.

Em Toronto, quase metade – 1.2 milhões – da sua população é estrangeira (CT, 2011) e em Nova Iorque, em 2000, entre a sua população de cerca de 8 milhões, quase 36 por cento eram de outros países (DCPNY, 2004), dando origem ao que a socióloga Nancy Foner (2005) identifica como o “*New York way of multiculturalism*” (Vertovec, 2007: 970). Em Londres, de acordo com as mais recentes estimativas, dos cerca de 7.5 milhões de londrinos 32 por cento dos seus residentes e quase 36 por cento da sua força de trabalho

7 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

são pessoas nascidas fora da Grã-Bretanha. Dentro destes cerca de 2.8 milhões, fala-se cerca de 300 línguas diferentes e existem nativos de 179 países (GLA, 2011).

Já antes François Ascher tinha introduzido o termo de “metapolis” para designar e acentuar a transversalidade, extensividade, diversidade e complexidade da cidade (Ascher, [1995] 1998). Mais recentemente, esta tamanha diversidade deu origem ao termo usado por Vertovec (2006), “*super-diversity*” querendo com esta noção “sublinhar o nível e tipo de complexidade que ultrapassa tudo o que a Grã-Bretanha até agora experienciou” (Vertovec, 2006: 23). Com este termo o autor tenta classificar uma condição que se distingue por uma “interacção dinâmica de variáveis entre um crescente número de comunidades de imigrantes novas, pequenas e dispersas, de múltiplas origens, transnacionalmente conectadas, socio-economicamente diferenciadas e legalmente estratificadas que têm chegado durante a última década” (*idem*: 01)⁸.

O caso de Lisboa, tendo uma “longa experiência de convívio e conflito entre conquistadores e conquistados”, tornou-se à época dos Descobrimentos uma “cidade cosmopolita, procurada por mercadores e navegantes do Mediterrâneo ao Mar Báltico” (Fonseca, 2008a: 69), tendo sido descrita pelo cronista Fernão Lopes ([1440-1450] 1895-1896), na Crónica de D. Fernando, como uma “grande cidade de muitas e desvairadas gentes”:

“Havia também em Lisboa residentes de muitas terras, não em uma só casa, mas em muitas casas cada uma de sua nação, assim como Genoveses e Prazentins e Lombardos e Catalães de Aragão e de Maiorca e Milanese e Corsins e Biscainhos e outros de outras nações a quem os reis davam privilégios e liberdades, sentindo-o de seu serviço e proveito” Fernão Lopes (1440-1450) em Fonseca (2008a: 69)

Entre os séculos XV e XVII foi particularmente relevante a vinda de um elevado número de escravos africanos para a então capital do reino, estimando-se que, entre o final do século XVI e o princípio do XVII, representariam cerca de 10 por cento da população da cidade. Já no século XX, com a independência das ex-colónias africanas, regressaram ao país e a Lisboa entre “quinhentos a seiscentos mil cidadãos portugueses residentes nessas colónias, muitos de origem europeia, mas um número elevado (desconhecem-se os quantitativos) de africanos (sobretudo de Angola, Moçambique, Cabo Verde) e também de indianos (vindos de Moçambique)” (Fonseca, 2008a: 70).

8 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

A partir de meados da década de 1980, a imigração para a cidade tornou-se mais notória tendo vindo a aumentar não só em quantidade como em diversidade de nacionalidades. Actualmente, e ainda que reconhecidamente não se possa comparar a cidade de Londres com Lisboa, não se pode deixar de observar que residem actualmente no município indivíduos provenientes de cerca 151 países (SEF, 2011), sendo por isso o adjectivo "pluricultural" aplicável à cidade.

Muito recentemente, em Setembro de 2011, na inauguração de uma exposição fotográfica integrada no Festival "TODOS Caminhada de Culturas"⁹, foi anunciada a participação da capital portuguesa na Rede das Cidades Interculturais da Europa, cujo objectivo principal é a estimulação de novas ideias e práticas em relação à integração dos imigrantes e das minorias nos contextos urbanos europeus.

A "introdução de elementos arquitectónicos característicos das regiões de origem dos imigrantes", nomeadamente nos "locais de culto religioso, organização interna das habitações, pátios, janelas, varandas, jardins e diversos elementos decorativos"; a "presença de múltiplos estabelecimentos de comércio étnico"; a "variedade das formas de vestuário"; os "cheiros e sabores das comidas tradicionais de diferentes regiões do mundo"; a "sonoridade das línguas que se ouvem nas ruas e noutros espaços públicos"; a "variedade da música, e de outras formas de expressão artística cultural transportadas de países e regiões dispersas por todo o Planeta", fazem parte da lista de "elementos fixos e móveis" através dos quais o carácter do "multiculturalismo" se manifesta na paisagem urbana de Lisboa (Fonseca, 2008a: 73).

Abreviando, a multiplicação de diferentes culturas partilhando um mesmo espaço urbano resultado dos crescentes movimentos migratórios para as grandes metrópoles mundiais, provocaram o aparecimento das denominadas "cidades multiculturais" ou "cidades interculturais". Lisboa inscreve-se igualmente neste contexto urbano intercultural, no qual a pluralidade das culturas presentes origina um aumento da diversidade cultural presente na cidade.

Alguns dados sobre a demografia imigrante

Ainda que Portugal continue a ser um país de carácter emigratório, viu no entanto essa condição ser alterada para um simultâneo carácter imigratório a partir da década de 1980,

9 O Festival TODOS Caminhada de Culturas, é uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa em conjunto com outras entidades, integrada por um programa de acção municipal para o bairro da Mouraria, e teve a sua terceira edição em Setembro de 2011.

embora não sendo nem de perto um destino tão procurado como outros destinos na Europa tem vindo a acolher, desde 1980, um número crescente de imigrantes, estando no final de 2010 registados 445.262 estrangeiros residentes, constituindo cerca de 4.2 por cento da população nacional.

Entre outros autores, Catarina Reis Oliveira (2005, 2008), salienta uma combinação de factores estruturais e de situação explicam o rápido desenvolvimento da imigração em Portugal, a par dos países do sul da Europa. Entre outros, o aumento de medidas de policiamento nos países tradicionais de destino da imigração, nomeadamente a França e a parte ocidental da Alemanha, resultaram num redireccionamento das entradas dos grupos imigrantes para os países do sul da Europa que, para além de facilitarem a entrada ilegal de indivíduos devido à sua localização geográfica, sendo uma das actividades económicas principais o turismo, acaba igualmente por cooperar na entrada de visitantes no território. Finalmente, também o fim do período colonial condicionou os fluxos de imigração para o país ex-colonizador (Oliveira e Costa, 2008: 253).

A partir de final dos anos de 1990 a imigração aumentou num ritmo bastante intenso, conhecendo uma elevada proporção de indivíduos provenientes da Europa de Leste e Brasil, para além de imigrantes oriundos de muitos outros países do mundo (Peixoto, 2008: 12).

Em estudos de impacto demográfico da imigração em Portugal, nomeadamente o de Maria João Valente Rosa e seus colaboradores publicado em 2003, no qual foi aplicada a metodologia concebida pelas Nações Unidas sobre as “migrações de substituição”, concluiu-se nessa altura que em Portugal a imigração necessária para repor os equilíbrios “teria de ser muito abundante” (Peixoto, 2008: 20). Verificou-se também, que o aumento da participação da população estrangeira no crescimento demográfico global em Portugal contribuirá para a diminuição do envelhecimento, embora esta variável, enquanto processo estrutural, seja irreversível, e por isso, tendo em conta a evolução demográfica futura, a imigração terá exclusivamente um papel modesto, contribuindo unicamente para minorar a intensidade do envelhecimento demográfico (*idem*: 22).

Rosa e Seabra (2003), também calcularam os índices sintéticos de fecundidade ¹⁰ para diferentes grupos de nacionalidades, verificando que “os índices eram, normalmente, mais

10 O índice de fecundidade é calculado a partir da relação numérica entre o número médio de crianças vivas nascidas por mulher em idade fértil (dos 15 aos 49 anos de idade), admitindo que as mulheres estariam submetidas às taxas de fecundidade observadas no momento. O número de 2,1 crianças por mulher é considerado o nível mínimo de substituição de gerações, nos países mais desenvolvidos (INE, DESSED, 2006)

elevados na população estrangeira: o índice era, em 2001, de 2,38 para a população estrangeira e de 1,42 para a população portuguesa” sendo que os maiores, próximos ou superiores a 3, eram os dos países africanos de expressão portuguesa, como o caso de Angola com 2,99, Cabo Verde com 3,34, e Guiné-Bissau com 3,44 (Rosa *et al.*, 2003 em Peixoto, 2008: 21). Nas previsões do Instituto Nacional de Estatística para 2060, Portugal irá ter uma população total de 10 364,2 milhares de indivíduos, número que seria consideravelmente diferente na ausência de fluxos migratórios externos (situação improvável, reveladora da percepção dos impactos da componente migratória), em que a população total poderia ficar reduzida a 8 105,1 milhares de indivíduos até 2060, o que representaria um decréscimo de cerca de 25% dos efectivos populacionais nos próximos 50 anos (INE, 2009).

No que toca à mortalidade, foi verificado um “aumento mas, ao mesmo tempo, sub-representação dos óbitos de estrangeiros em relação ao seu peso total” devida “sobretudo, ao problema do efeito da estrutura etária (populações em idades com pouco risco de mortalidade), apesar de uma aparente maior incidência dos riscos de morte nos estrangeiros”. Também devido à estrutura etária, foi verificado nos índices de nupcialidade, “alguma importância dos casamentos mistos e dos casamentos entre estrangeiros” (*ibidem*).

A estrutura etária da população estrangeira residente revela que os indivíduos em idade activa (idades entre os 15 e 64) ascendem a 85,47% do total, sendo que os jovens até aos 14 anos são 10,21%, o que, associado com o índice de potencialidade ¹¹ de 119,43%, é um aspecto importante a considerar na perspectiva do crescimento demográfico. Em relação ao género, embora historicamente nos últimos anos, a imigração masculina tenha assinalado índices superiores à feminina, está actualmente com uma configuração próxima da paridade por via do reagrupamento familiar (SEF, 2001: 21).

Em 2010, coincidindo com as áreas onde se concentram as actividades económicas mais significativas e de acordo com o Índice Territorial de Imigração ¹², as cidades do litoral (Lisboa, Setúbal e Faro) acolhem quase 70 por cento da população imigrante no nosso país. Só na grande Área Metropolitana de Lisboa residem cerca de 49 por cento do total de imigrantes em Portugal, sendo que, relativamente aos outros concelhos, os municípios de Lisboa e Sintra (9,86% e 8,18% respectivamente, do total de imigrantes no nosso país), sejam dos que mais acolhem a população imigrante (SEF, 2011).

11 O índice de potencialidade é a relação entre as duas metades da população feminina teoricamente mais fecundas (INE DESSED, 2006)

12 O índice territorial é a relação entre o peso de um território no volume nacional de imigrantes e o peso demográfico do mesmo espaço na população do país (INE DESSED, 2006).

O maior número de cidadãos estrangeiros a viver em Portugal é proveniente do Brasil (119.363 residentes), da Ucrânia (49.505 residentes), de Cabo-Verde (43.979 residentes), da Roménia (36.830 residentes), de Angola (23.494 residentes) e da Guiné-Bissau (19.817 residentes) (*idem*). No município de Lisboa, estão mais representados os nativos do Brasil (13325 residentes), de Cabo-Verde (3701 residentes), China (3024 residentes), Roménia (2966 residentes), Ucrânia (2430 residentes), Angola (2034 residentes), Guiné-Bissau (1778 residentes), Índia (1721 residentes), Espanha (1548 residentes), Itália (1098 residentes), São Tomé e Príncipe (996 residentes). Na cidade de Lisboa estão também registados mais de metade dos nacionais do Bangladesh (537 dos 1007 residentes no país), um terço dos Senegaleses (566 dos 1677 residentes) e um quarto dos Paquistaneses (671 dos 2604 residentes no país) do total a residir no país. No total, residem na cidade indivíduos provenientes de 151 países do mundo (SEF, 2011), perfazendo quase 2% da população residente da capital do país (INE, 2011).

Do ponto de vista da inserção profissional, fluxos de imigrantes da primeira geração originários da África subsariana, são maioritariamente constituídos por cidadãos das ex-colónias africanas, “exercem actividades com baixos níveis de qualificação escolar e profissional, salários reduzidos e socialmente desvalorizadas, como sejam a construção civil, no caso dos homens, e os serviços de limpeza industrial e doméstica, no caso das mulheres”, sendo que actualmente, os indivíduos das segundas e terceiras gerações, tenham actividades profissionais mais diversificadas; “os indianos e os paquistaneses étnicos, e sobretudo os chineses (...) são sobretudo comerciantes e vendedores”. Os chineses “estabeleceram-se, predominantemente, no sector da restauração e da distribuição alimentar” e estão fortemente implantados “no centro e nos bairros históricos da cidade, em áreas de grande densidade comercial (...) com grande visibilidade no eixo do Martim Moniz / Av. Almirante Reis e áreas adjacentes do centro cidade, com ramificações para outros locais de grande concentração de estabelecimentos de comércio e serviços, nomeadamente Alvalade e zona ribeirinha, desde a Baixa até Alcântara” (Fonseca, 2008a: 83). Os indivíduos provenientes do sub-continente indiano “estão mais dispersos, desenvolveram uma empresarialização de base étnica, mas existe também um grupo importante de trabalhadores na construção civil e de vendedores ambulantes” (*idem*: 67).

Na Mouraria, apesar da população residente continuar a ser na sua maioria nacional, houve, no entanto, um aumento significativo de residentes estrangeiros durante a década de

1990, perfazendo um total em 2001¹³ de 362 indivíduos, não incluindo o número indeterminado de residentes não regularizados no país de acolhimento. Este número de habitantes, em conjunto com o número de comerciantes estrangeiros (assinalados no ponto seguinte), e o movimento de clientes a partir daí gerado, assim como os turistas que o visitam, é o que confere, segundo os técnicos da Unidade de Projecto da Mouraria (UPM), o carácter de multiculturalidade do bairro.

Os grupos etários mais bem representados pela população estrangeira residente na Mouraria é o dos adultos (30-64) e adultos jovens (15-29), ultrapassando os 45 por cento e os 30 por cento, respectivamente. Em relação à sua proveniência, a maioria dos residentes estrangeiros no bairro são asiáticos e africanos. Como se verá no ponto seguinte, as nacionalidades mais representativas dos comerciantes estrangeiros com negócios no bairro, são a chinesa, bangladeshiana, indo-portuguesa, paquistanesa e cidadãos provenientes de países africanos.

13 Tal como referido no capítulo inicial da Introdução, não foi possível ter acesso a números mais recentes relativos à demografia imigrante das freguesias que compõem o bairro da Mouraria.

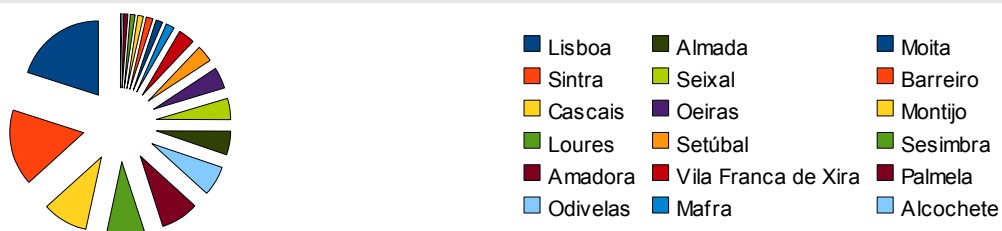
Quadro 01 : População estrangeira residente na AML, 2010

Fonte: Elaboração própria. Dados retirados de SEF (2011)

	Nº	% PT	% AML
Total PT	445262	100	199,46
Total AML	223236	50,14	100
Lisboa	44784	10,06	20,06
Sintra	37133	8,34	16,63
Cascais	22134	4,97	9,92
Loures	18683	4,2	8,37
Amadora	18523	4,16	8,3
Odivelas	14523	3,26	6,51
Almada	11578	2,6	5,19
Seixal	10433	2,34	4,67
Oeiras	10343	2,32	4,63
Setúbal	8191	1,84	3,67
Vila Franca de Xira	8086	1,82	3,62
Mafra	4226	0,95	1,89
Moita	3320	0,75	1,49
Barreiro	3278	0,74	1,47
Montijo	2789	0,63	1,25
Sesimbra	2287	0,51	1,02
Palmela	2117	0,48	0,95
Alcochete	808	0,18	0,36

Gráfico 01: População estrangeira residente na AML, 2010

Fonte: Elaboração própria. Dados retirados de SEF (2011)



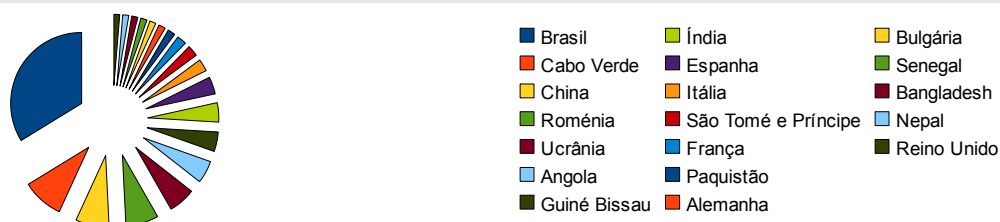
Quadro 02: Principais países de proveniência da população estrangeira residente no município de Lisboa, 2010

Fonte: Elaboração própria. Dados retirados de SEF (2011)

Países	HM Nº	H Nº	M Nº
Brasil	13325	5437	7888
Cabo Verde	3701	1585	2116
China	3024	1593	1431
Roménia	2966	1577	1389
Ucrânia	2430	1201	1229
Angola	2034	1095	939
Guiné Bissau	1778	1068	710
Índia	1721	1352	369
Espanha	1548	760	788
Itália	1098	612	486
São Tomé e Príncipe	996	401	595
França	843	440	403
Paquistão	671	535	136
Alemanha	631	333	298
Bulgária	567	297	270
Senegal	566	515	51
Bangladesh	537	437	100
Nepal	537	417	120
Reino Unido	522	321	201

Gráfico 02: Principais países de proveniência da população estrangeira residente no município de Lisboa, 2010

Fonte: Elaboração própria. Dados retirados de SEF (2011)



Quadro 03: Principais actividades profissionais da população imigrante em Portugal, 2001

Fonte: Retirado de Falcão (2002) Dados IGT

	HM		H		M	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Total	119216	100	91900	77,09	27316	22,91
Construção	48105	40,35	45061	37,8	3044	2,55
Bancos, Seguros, Mercados Financeiros e Serviços às Empresas	19064	15,99	12954	10,87	6110	5,13
Indústrias Transformadoras	17432	14,62	14138	11,86	3294	2,76
Indústria Hoteleira e Similares	13610	11,42	6010	5,04	7600	6,37
Comércio e Reparação	9911	8,31	6450	5,41	3461	2,9
Agricultura, Pecuária, Sicultura e Pesca	4411	3,7	3242	2,72	1169	0,98
Transporte, Armazenagem e Comunicações	1721	1,44	1600	1,34	121	0,1
Administração pública e serviços colectivos	1608	1,35	552	0,46	1056	0,89
Serviços Pessoais e Domesticos e Famílias com Empregados	1534	1,29	511	0,43	1023	0,86
Indústrias Extractivas	915	0,77	885	0,74	30	0,03
Associações, Organizações e Serviços Recreativos e Culturais	868	0,73	462	0,39	406	0,34
Electricidade, Gás e Água	37	0,03	35	0,03	2	0

Quadro 04: Dados comparativos da nacionalidade da população residente em Lisboa, Mouraria, Alfama e Bairro Alto, 1991, 2001

Fonte: Elaboração própria. Dados recolhidos em UPM (2009)

		Lisboa		Mouraria		Alfama		Bairro Alto	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	nº	%
1991	PT	648924	97,82	6556	97,11	8712	97,26	12544	97,23
	INT	14464	2,18	195	2,89	245	2,74	357	2,77
	T	663388	100	6751	100	8957	100	12901	100
2001	PT	537963	95,29	3925	91,56	5524	94,57	9958	92,37
	INT	26609	4,71	362	8,44	317	5,43	823	7,63
	T	564572	100	4287	100	5841	100	10781	100

Quadro 05: Nacionalidade da população residente na Mouraria e Lisboa por grupos de idades, 2001

Fonte: Elaboração própria. Dados recolhidos em UPM (2009)
(a percentagem calculada é em relação ao número de residentes do ano de 2001 do Quadro 04)

		Mouraria							
		0-14		15-29		30-64		>65	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
2001	PT	393	10,01	715	18,22	1697	43,24	1120	28,54
	INT	29	8,01	136	37,57	178	49,17	19	5,25
	T	422	9,84	851	19,85	1875	43,74	1139	26,57
		Lisboa							
		0-14		15-29		30-64		>65	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
2001	PT	62063	11,54	104422	19,41	240407	44,69	131071	24,36
	INT	3462	13,01	8433	31,69	12485	46,92	2229	8,38
	T	65525	11,61	112855	19,99	252892	44,79	133300	23,61

Quadro 06: Proveniências dos estrangeiros residentes na Mouraria, 2001

Fonte: Elaboração própria. Dados recolhidos em UPM (2009)

2001	Europa		África		América		Ásia		Total
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº
	68	18,78	96	26,52	32	8,84	112	30,94	362

Importância das actividades comerciais dos imigrantes

A importância dos bairros predominantemente étnicos, tais como a Mouraria, está ligada a uma série de características, nomeadamente a de serem portadores de recursos importantes para a população imigrante, quer do ponto de vista da satisfação de necessidades específicas sociais e culturais, quer do ponto de vista dos contactos sociais e profissionais, assim como o facto das estratégias económicas e sociais deste grupo tirarem forte partido das redes de solidariedade entre patrícios ou interétnicos, particularmente em situações de adversidades económicas, que resultam num reforço das ligações aos bairros que habitam (Malheiros, 2004: 92).



Figura 04: Comerciante imigrante num Quiosque de Jornais na Praça do Martim Moniz, 2011

Fonte: Fotografia P. Gésero (2011)

Também nas teorias de economia urbana, em que o cosmopolitismo é visto como um dos principais capitais culturais de atractividade, o encontro com o “outro” é tido como um símbolo de actualidade e novidade (Santos, 2008: 131). Richard Florida (2002, 2005), professor de economia urbana na Universidade de Toronto, destaca justamente o contributo dos imigrantes no contexto da emergente economia criativa, assim como faz referência ao seu papel catalisador enquanto geradores de ambientes de diversidade e de tolerância que muito contribuem para o desenvolvimento de “cidades criativas” ¹⁴ (Florida, 2002, 2005 em Costa e Santos, 2007 e Costa, 2011). Anne Raulin (2000), professora de antropologia na Universidade de Paris, identifica o importante papel desempenhado pelas actividades comerciais de proximidade de carácter etnocultural promovidas pelos grupos imigrantes, que

¹⁴ Richard Florida no seu livro *Cities and the Creative Class* (2005), sublinha a importância da diversidade como factor de diferenciação e atractividade para as classes criativas e conclui que as cidades mais procuradas são aquelas em que existe maior diversidade étnica e cultural (Costa, 2011). As classes criativas identificadas por este autor norte-americano, compreendem um segmento vasto e em pleno crescimento da força de trabalho do seu país, com altas qualificações e remunerações, dos quais as empresas dependem cada vez mais para o seu crescimento económico. Os membros desta classe têm actividades profissionais muito variadas, da tecnologia ao entretenimento, do jornalismo à finança, da manufactura às artes, não tendo, no entanto uma consciência comum de classe, ou seja, embora não entendam a pertença a um mesmo grupo, partilham uma série de características e valores, nomeadamente de criatividade, individualidade, diferença e mérito. (Florida, 2002) (tradução do original em inglês pela autora desta investigação).

resultam na criação de espaço e do aumento das relações interétnicas na cidade (Raulin, 2000 em Costa e Santos, 2007: 03).

Como aspectos negativos destes bairros étnicos, aponta-se a segregação sócio espacial que muitas vezes ocorre paralelamente à concentração de populações imigrantes em determinadas zonas das cidades (Malheiros, 2004), que no caso específico da Mouraria, se reflecte numa ideia de marginalidade ou imagem de gueto, resultante do mau estado de conservação, assim como da grande concentração de indivíduos estrangeiros. Paralelamente, é de notar a presença de muitos estabelecimentos comerciais explorados por imigrantes, mas também a sobrelotação nos alojamentos, gerando a presença de um grande número de indivíduos estrangeiros nas ruas daquela zona, provocando a o aparecimento de opiniões e sentimentos xenófobos por parte da população nacional.

A tendência de certos grupos imigrantes, nomeadamente dos asiáticos, para as actividades de empreendedorismo ou emprego próprio, tem sido alvo de alguns estudos (Costa 2008, 2011; Mapril 2010; Oliveira, 2005, 2008; Oliveira e Costa, 2008). Vários argumentos explicativos têm sido apontados, nomeadamente os recursos étnicos ou de classe, a preferência pela construção de uma economia interna em forma de "enclave étnico", que lhes proporciona maiores lucros do que se estivessem em "economia aberta", ou o ponto de vista contrário, em que os constrangimentos, as poucas oportunidades, as burocracias reguladoras e institucionais da economia do país de acolhimento dificultam o estabelecimento das empresas (Oliveira e Costa, 2008: 243).

Outro dos domínios da importância das actividades comerciais exploradas por grupos imigrantes a considerar será a "oferta de novos produtos e a emergência de novas estratégias de mercado". É tomado como exemplo representativo, o caso dos restaurantes chineses, que com a sua gastronomia adaptada ao gosto dos ocidentais, ao irem de encontro aos desejos do elemento diferente e "exótico", fomentaram o aparecimento de outros tipos de culinárias estrangeiras, auxiliando, ainda que de forma indirecta, ao estabelecimento de outros grupos no ramo da restauração (Malheiros, 2008: 154). Para além disso, quer o caso da restauração, quer o das discotecas ou serviços de tratamentos de saúde ou estética, o interesse suscitado não é apenas pelo "produto em si" mas também pela experiência proporcionada. Estas actividades "recriam ambiências e permitem construir contactos e relações, tratando-se de um consumo claramente pluridimensional" (*idem*: 156).

Também o estabelecimento de laços comerciais com novas áreas é referido pelo mesmo autor. Apesar de ser considerado como a "faceta "menos forte" e visível do reforço das interacções [comerciais] contemporâneas", é interpretado "como um processo secundário, embora complementar" da globalização (*idem*: 157).

Quadro 07: Origem dos produtos e serviços consumidos no “Inquérito à diversidade”¹⁵

Fonte: Elaboração própria. Retirado de Costa (2011). Dados recolhidos em “Inquérito à diversidade”. Socinova/Migrações (2006)

	Chinesa	Indiana	Angolana	Brasileira	Caboverdeana	Africana	Japonesa
Literatura	22	38	42	160	32	3	9
Gastronomia	421	211	88	252	140	7	63
Vestuário	68	29	12	65	15	10	1
Música (discos)	10	45	89	312	148	19	2
Cinema	44	38	2	128	3	0	20
Discotecas	2	1	54	62	63	32	0

Finalmente, os novos elementos urbanísticos e novos símbolos, constituem “uma série de marcas espaciais que permitem identificar formas de apropriação espacial dos diferentes grupos presentes nos bairros da cidade”. Dá como exemplo os restaurantes chineses e indianos, que “tanto ao nível dos elementos visuais presentes no “*landscape*”, tais como “dragões e pórticos em tons dourados e vermelhos”, como do próprio “*smellscape*”, com os aromas do caril e do cardamomo, caracterizam hoje “certas ruas ou mesmo áreas da cidade, contribuindo para a diversidade da paisagem [urbana]” (*idem*: 161).

O bairro da Mouraria é particularmente referido por Oliveira e Costa (2008), pois tem vindo a ser onde os empresários de origem asiática, nomeadamente chineses, paquistaneses e nacionais do Bangladesh, investem mais em estabelecimentos comerciais, nomeadamente em supermercados e lojas de artigos de vestuário e acessórios, brinquedos e brindes, constituindo um mercado local de revenda que fornece outras lojas, assim como a venda ambulante em mercados e feiras, não só no resto do país, mas também na fronteira e em Espanha. Assim, através de oportunidades no país de acolhimento, combinando conexões locais, regionais, europeias e transnacionais dentro dos seus recursos étnicos, os empresários imigrantes têm vindo a desenvolver, nestes últimos vinte anos, uma revitalização de áreas comerciais com novos produtos bem como novas estratégias de

15 “A amostra de consumidores, que se fixou em 1002 indivíduos, foi conseguida através de aplicação de um inquérito, de amostra aleatória, realizado em locais onde foi identificada a existência de comércio etnocultural [eixo da Almirante Reis e dos bairros históricos da Mouraria, Castelo, Alfama e o eixo que liga o Martim Moniz ao Bairro Alto, passando pelo Rossio, Baixa e Chiado e que vai até Santos e Alcântara foram explorados, juntamente com a Cova da Moura e a Costa da Caparica, tendo sido os principais pontos de recolha de opiniões nos locais de tomada e largada de passageiros (Metro e autocarros)]. A amostra é maioritariamente composta por jovens (85% com menos de 42 anos), a sua escolaridade é elevada (só 12,1% têm uma escolaridade inferior à mínima obrigatória), sendo o perfil profissional diversificado. No que concerne à nacionalidade dos consumidores, mais de dois terços dos inquiridos (73,7%) são de nacionalidade portuguesa, podendo embora ser originários de outros países, os restantes são, sobretudo, nacionais de países de expressão lusófona (21,8%).” (Costa, 2011: 09)

marketing, abrindo ligações de trocas com outros empresários conterrâneos a residir noutros países, principalmente da Europa (Oliveira e Costa, 2008: 261).

Assim, para Malheiros (1996, 2004 e 2008), são vários os domínios em que as actividades comerciais dos empresários de origem indiana introduziram elementos inovadores na cidade. Tomando como exemplo justamente a área do Martim Moniz, argumenta que é clara a contribuição dos empresários de origem indiana para o processo de “revitalização de áreas degradadas e comercialmente decadentes”. A substituição de lojas pertencentes a um contexto comercial tornado obsoleto, nomeadamente estabelecimentos de reparação de máquinas de costura, casas de penhores tradicionais, comércio de mobiliário antiquado e de baixa qualidade, contribuíram em grande escala para a recuperação da dinâmica e a atractividade comercial do bairro (Malheiros, 2008: 153). E mesmo o caso de Centro Comercial do Martim Moniz, cuja apropriação por parte de minorias étnicas foi fomentada na altura no princípio da década de 1990, através de um acordo com um representante de uma associação comercial chinesa, é visto como um exemplo fundamental para a manutenção da oferta comercial, pois não tivesse ocorrido, a sua sobrevivência poderia ter ficado ameaçada (*idem*: 154),

Quadro 08: Presença comercial no Martim Moniz e zonas envolventes, 2003

Fonte: Retirado de Mapril (2010). Levantamento efectuado em Janeiro de 2002 no âmbito do projecto “Imigrantes no Martim Moniz” ICS, coordenação de Cristina Bastos

Origem nacional dos ocupantes	Nº de lojas	Tipo de negócios	Produtos e Serviços
China	129	Grossista / Retalho	Pronto-a-vestir (adulto), restauração, supermercados, bricabraque, quinquilharias
Bangladesh	60	Grossista / Retalho	Pronto-a-vestir (criança, gangas), restauração, supermercados, bricabraque
Indo-portuguesas	22	Grossista / Retalho	Pronto-a-vestir unisexo, bricabraque, audiovisual, papelarias
Paquistão	10	Grossista / Retalho	Restauração, bricabraque, audiovisual
Angola, Guiné, Senegal e Zaire	15	Retalho	Cabeleireiros, supermercados, música, café

Também referida pelo autor, a história comum partilhada pelos empresários de origem indiana: no período conturbado que se seguiu à revolução de 1974 deixaram Moçambique e vieram reinstalar-se em Lisboa. Procuraram identificar nichos de mercado onde pudessem reiniciar as suas actividades comerciais, sendo o seu público alvo, toda a população (o que já acontecia na ex-colónia), em vez de ficarem restringidos ao seu grupo étnico. Os negócios principais eram a venda de mobiliário e a revenda de artigos importados da China

e Hong Kong, nomeadamente brinquedos, artigos electrónicos e bijutarias. O ramo do mobiliário, explorado por xiitas ismaelitas, tirou partido do próprio processo de retorno das ex-colónias pois à medida que as pessoas iam estabilizando a sua situação, necessitavam de mobilar as suas novas habitações. A importação de brinquedos e produtos electrónicos do Extremo Oriente, explorada por comerciantes hindus e muçulmanos, foi um negócio que, para além de beneficiar da experiência e contactos anteriores da ex-colónia, tinha uma concorrência na altura quase inexistente, pois esse tipo de comércio só se veio a proliferar com a chegada das grandes superfícies em meados dos anos 90 assim como com o aparecimento e aumento da venda desses artigos por parte dos próprios comerciantes chineses. Segundo Malheiros, a segunda metade da década de 80 e o início da seguinte “terão sido anos óptimos para o comércio de origem indiana no Martim Moniz e envolvente”, e embora tenham começado a aparecer mais dificuldades após este período, o número de lojas não diminuiu (*idem*: 150).

O caso dos imigrantes oriundos da China é, também, bastante significativo. Ao montarem os seus negócios de restauração e lojas de artigos vários, ignoraram as oportunidades estruturais do país de acolhimento e logo que a estrutura de empresa ficou estabelecida grupos ou indivíduos imigrantes simplesmente seguiram os padrões comerciais estabelecidos por outros confiando nos laços pessoais (Oliveira e Costa, 2008: 244). Em Portugal, assim como na Mouraria, a maioria dos imigrantes chineses provém quase exclusivamente da província de Zhejiang, na costa leste da China, mais precisamente da cidade Qingtian, e segundo um inquérito realizado em 2001 pela SociNova, as actividades comerciais dos indivíduos chineses em Lisboa estavam distribuídas principalmente pela restauração (68,3%) e retalho (30,1%), sendo dentro desta, cerca de 42% lojas de pronto-vestir, 14% supermercados e quase 11% empresas de importação/ exportação (*idem*: 248).

Também naquela investigação, quase 80% dos empresários inquiridos disseram preferir ter trabalhadores da mesma etnia, o que, como explicaram, está relacionado com a confiança, reciprocidade e relações de solidariedade estabelecidas na comunidade chinesa. Por outro lado, como é apontado pelos investigadores, o recrutamento de força de trabalho co-étnica, nomeadamente indivíduos que falam o mesmo dialecto, ajudam a criar relações de "paternalismo" que forcem os empregados à obediência e inibe o aparecimento de consciência de classe. No caso de serem também imigrantes ilegais a probabilidade de assim trabalharem por mais horas que o legalmente estabelecido no país aumenta consideravelmente (*idem*: 249). Ultimamente tem também sido observada a presença de imigrantes brasileiros ou indivíduos nacionais, aparentemente com baixas qualificações literárias, a trabalhar em lojas de proprietários ou de gerência chinesas.

Por sua vez, no negócio da restauração, os comerciantes chineses procuraram direccionar a sua “oferta para a clientela autóctone, procedendo à reconstrução dos paladares das refeições servidas, mas continuando a apostar em características apreciadas pelos “ocidentais” como os alimentos cortados em pequenos pedaços, os legumes cozidos a vapor e a diversidade dos pratos”, buscando assim atingir a totalidade do mercado de destino (Malheiros, 2008: 154) ¹⁶.



Figura 05: Localização, ocupação e nacionalidade dos comerciantes na zona do Martim Moniz, 2011

Fonte: Elaboração própria. Levantamento efectuado pela autora entre Julho e Setembro de 2011

Finalmente, o exemplo dos imigrantes e comerciantes oriundos do Bangladesh que se têm estabelecido principalmente na zona do Martim Moniz, é também bastante expressivo.

Assim, depois de um período inicial, entre os finais da década de 1980 e 1996, em que trabalharam nos sectores mais desprivilegiados da economia do país, nomeadamente na construção civil, na restauração ou na venda ambulante, procuraram estabelecer-se como proprietários dos seus próprios negócios. Embora este percurso profissional esteja directamente ligado com a obtenção gradual do estatuto legal de residência, não são alheios

¹⁶ Tem-se notado, que para além da “reconstrução dos paladares” adaptadas ao gosto dos “ocidentais”, os empresários dos restaurantes chineses procuram adaptar também a sua culinária à do país de acolhimento. Isto é, enquanto em Portugal os alimentos são quase sempre confeccionados numa espécie de “estufado”, em Espanha, por exemplo, as carnes e peixes são sempre fritos em forma “panada” mais ao gosto castelhano, e em Itália há um predomínio de massas no menu.

os motivos económicos de necessidade de aumento de acumulação de capitais, bastante difícil de atingir no trabalho desqualificado por conta de outrem, assim como a mobilidade descendente de muitos dos indivíduos deste grupos, que tendo um perfil educacional relativamente elevado (finalistas do ensino secundário, licenciados e mesmo pós-graduados), e devido à extrema dificuldade em encontrar a posições no mercado de trabalho que correspondessem à sua formação académica, desenvolveram um forte desejo de serem donos do seu próprio negócio, facto que é aliás, visto no país de origem, como indicador de êxito e de estatuto social elevado. Segundo Mapril (2010), é exactamente nas imediações da Praça do Martim Moniz, que muitos bangladechianos têm procurado investir na constituição de negócios de pequena dimensão, nomeadamente pelo arrendamento ou compra de várias lojas e residências. A concentração de indivíduos desta nacionalidade na zona, segundo relatos recolhidos pelo autor, ascende quase a um milhar, constituindo deste modo, uma “banglapara”, que significa justamente “zona do bengali” ou a “zona para os bengaleses”, termo cunhado pelos próprios, que o usam igualmente noutras cidades europeias ¹⁷ (Mapril, 2010: 247).

As actividades comerciais desenvolvidas por este grupo, como é apontado pelo autor, têm um carácter semi-informal, e dependem fortemente das redes de relações sociais de várias escalas, nomeadamente a escala da unidade doméstica, regional e transnacional e do apoio financeiro de conterrâneos, sem os quais seria praticamente impossível alcançar a prosperidade desejada (*idem*: 258).

Nos vários levantamentos do trabalho de campo efectuados por Mapril (2005, 2009, 2010), foi registado um aumento sempre exponencial de estabelecimentos comerciais explorados por bangladeshianos na zona do Martim Moniz, tendo-se registado no início daquela investigação, em 2003, 60 lojas, em 2006, 80, e em 2008, abrangendo também parte da zona da baixa lisboeta, 150 lojas. Actualmente, o Martim Moniz apesar de ser considerado como a zona ideal para fazer negócio, começam a aparecer igualmente várias tentativas de diversificação e dispersão destas actividades, principalmente devido à grande concorrência comercial ali presente (Mapril, 2010: 251).

17 O nome “banglapara” ou simplesmente “bangla”, é usado pelos nacionais do Bangladesh para designar as zonas das cidades onde há uma maior concentração de negócios e residentes oriundos daquele país. A título exemplificativo, é assim denominado o bairro de Lavapiés em Madrid ou a zona de Shoreditch, particularmente a Brick Lane, em Londres.

Mouraria Vs Martim Moniz: um lugar na *Lisboa da Diversidade*

Para Marc Augé (1995), o lugar antropológico define-se por uma forte relação entre o espaço e o social, sendo portador de três dimensões: identidade, história e relação. É por isso triplamente simbólico porque simboliza a relação de cada um dos seus ocupantes consigo próprio (identidade), com os outros ocupantes (relacional) e com a sua história comum (Sá, 2006: 182 sobre Augé, [1992] 1995).

Já Setha Low e Irwin Altman (1992), entendem que "lugar" "é um espaço ou contexto físico ao qual as pessoas ou grupos estão emocional ou culturalmente ligados e ao qual atribuíram significados através de processos pessoais, grupais ou culturais (Low e Altman, 1992 em Duarte, 2005: 02).

Por conseguinte, apesar do conceito de "lugar" continuar a ser objecto de discussão nas ciências sociais, prefere-se tomar a perspectiva de Margaret Rodman (1992) que tenta compatibilizar as duas principais correntes opostas de entendimento do conceito (Hirsch, 1995: 01 sobre Rodman, 1992) tendo em consideração que ambas se manifestam como construções sociais: como *setting* ou espaço de localização de conceitos ou como construção social ou de espacialização da experiência (Menezes: 2004: 72 sobre Rodman, 1993).

Em 1961, a autora Jane Jacobs afirmava que "a diversidade é natural às grandes cidades" (Jacobs: [1961] 2001, 157). Assim, sendo a ideia de uma Lisboa diversificada, podendo ser caracterizada mesmo desde a sua própria fundação, tal como já foi aludido, assiste-se hoje, segundo o investigador Francisco Avelino Carvalho (2006) a "uma luta pelas representações (...) de Lisboa que redunde na construção de imagens distintas da cidade: alfacinha, africana e da diversidade (Carvalho, 2006: 87). Recorrendo à terminologia do sociólogo Jean Pierre Hiernaux (1997), argumenta que a "imagem da *Lisboa da diversidade* corresponde a uma «transacção» entre as duas imagens «radicais», no sentido de que articulam, sob diversas formas «um pouco de um e um pouco de outro»" (Carvalho, 2006: 92 sobre Hiernaux, 1997). "Ou seja, abandonando o procedimento parcial subjacente as duas imagens – alfacinha e africana – a *Lisboa da diversidade* procura combinar os elementos que as sustentam" (Carvalho, 2006: 92).

Num outro trabalho, os investigadores Francisco Lima Costa e Sofia Santos (2007), nas entrevistas realizadas no âmbito de um projecto desenvolvido pelo departamento SociNova Migrações, em que se analisa os contributos da imigração para as dinâmicas urbanas

particularmente para a cidade de Lisboa, é identificado o bairro ¹⁸ da Mouraria, mais precisamente a zona do Martim Moniz, identificaram-na como a zona mais multicultural da cidade, fazendo ainda referência à identificação da área em 1999, no guia turístico internacional “Time Out” como espaço de prática de turismo étnico. Neste guia em particular, assim como noutros materiais consultados, o lugar, para além de ser visto como um ponto de visita, é descrito como um “centro de actividade cosmopolita sem paralelo (...) constituindo um mercado animado e um *melting-pot* multiétnico”. A diversidade é identificada não só nos estabelecimentos comerciais do edifício mas também no público que o frequenta, que se constitui como “uma multidão multirracial [que] conversa nos bares, saboreando cervejas geladas e aperitivos que vão desde o *dal* indiano até à *moamba* angolana” (Time Out, 2001 em Carvalho, 2006: 93).

Chama-se neste momento a atenção para a ambivalência da nomeação deste “lugar da diversidade”. Constantemente, quer nos textos consultados, quer nas conversas e discursos mais informais, nota-se a confusão ou necessidade de maior esclarecimento quando se empregam os termos de “Mouraria” ou “Martim Moniz”. Curiosamente o termo “Mouraria” é mais empregue por autores portugueses e pelos residentes nacionais autóctones do bairro e o termo “Martim Moniz”, por oposição, por visitantes e pelos residentes imigrantes. Este último é também comumente usado pelos autores nacionais quando o contexto se refere às novas populações imigrantes que ali habitam e têm o seu comércio.

Embora não sendo possível, no âmbito desta investigação, efectuar um estudo mais aprofundado sobre os significados atribuídos ao uso de um ou outro termo, pensa-se que tal está relacionado com a percepção dos limites e centralidades daquela zona. Assim, como se referenciará mais à frente, no bairro da Mouraria, tal como em outros bairros históricos, os seus limites, fronteiras e centralidades, não são estáticos. São, pelo contrário, flexíveis, elásticos e plásticos e, como a antropóloga Marluce Menezes (2004) compreendeu através de entrevistas que realizou no bairro, a definição dos limites do bairro varia conforme a identidade e nacionalidade dos moradores entrevistados (Menezes, 2004: 97).

18 A noção de bairro é tomada da de Kevin Lynch (1996) e Graça Índias Cordeiro (1997): “os bairros são regiões urbanas de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo um extensão bidimensional, regiões essas em que o observador penetra («para dentro de») mentalmente e que reconhece como tendo algo de comum e de identificável” (Lynch: [1966] 1996: 58); “As características físicas que determinam bairros são continuidades temáticas, que podem consistir em variantes de componentes inumeráveis: textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de edifícios, costumes, actividades, habitantes, estado de conservação, topografia. (idem: 79); “noção de bairro no seu sentido genérico de entidade social e espacial mais limitada que a cidade, como território de vida social, real e imaginária, entre a realidade e a sua representação” (Cordeiro: 1997: 39).

Deste modo, para as pessoas “de dentro” nacionais (tomando a terminologia desta autora), existe uma zona denominada de “coração da Mouraria”, que engloba uma área relativamente pequena, onde a malha urbana é mais apertada, e uma zona maior envolvendo a menor, a chamada “grande Mouraria”. Para estas pessoas, por exemplo, as ruas da Mouraria e dos Cavaleiros são justamente dois dos limites da zona menor estando a Rua do Benfornoso toda ela na área da zona maior. A Praça do Martim Moniz apesar de ser considerada como a face mais visível e mais bonita do bairro (Menezes, 2009a: 310) e quase como uma “porta de entrada”, é percebida como sendo o território dos “outros” [estrangeiros], estando o Centro Comercial da Mouraria por sua vez, a “tapar o bairro”, ficando os dois por arrasto, como zonas limítrofes da sua Mouraria (Menezes, 2004: 205).



Figura 06: Centro Comercial da Mouraria

Fonte: Fotografia P.Gésero (2012)



Figura 07: Edifício “Combóio”

Fonte: Fotografia P.Gésero (2012)

Pelo contrário, para as “pessoas de fora” visitantes nacionais e estrangeiros, assim como para os residentes imigrantes, é a Praça do Martim Moniz assim como a estação subterrânea do metropolitano ali localizada (com o mesmo nome), que associam àquele lugar. Quer em conversas tidas com indivíduos imigrantes, quer até nas conversas ouvidas na rua entre os transeuntes estrangeiros, o termo “Martim Moniz” é largamente utilizado quando se referem àquela área. Foi notado até nas entrevistas e conversas de rua com os indivíduos imigrantes, principalmente com aqueles que não dominam a língua portuguesa que, ao explicar o que se estava ali a fazer como sendo “um trabalho para a escola sobre os imigrantes na Mouraria”, muitos não entendiam, e só quando se trocava para “um trabalho para a escola sobre os imigrantes no Martim Moniz”, é que acenavam em sinal de compreensão.

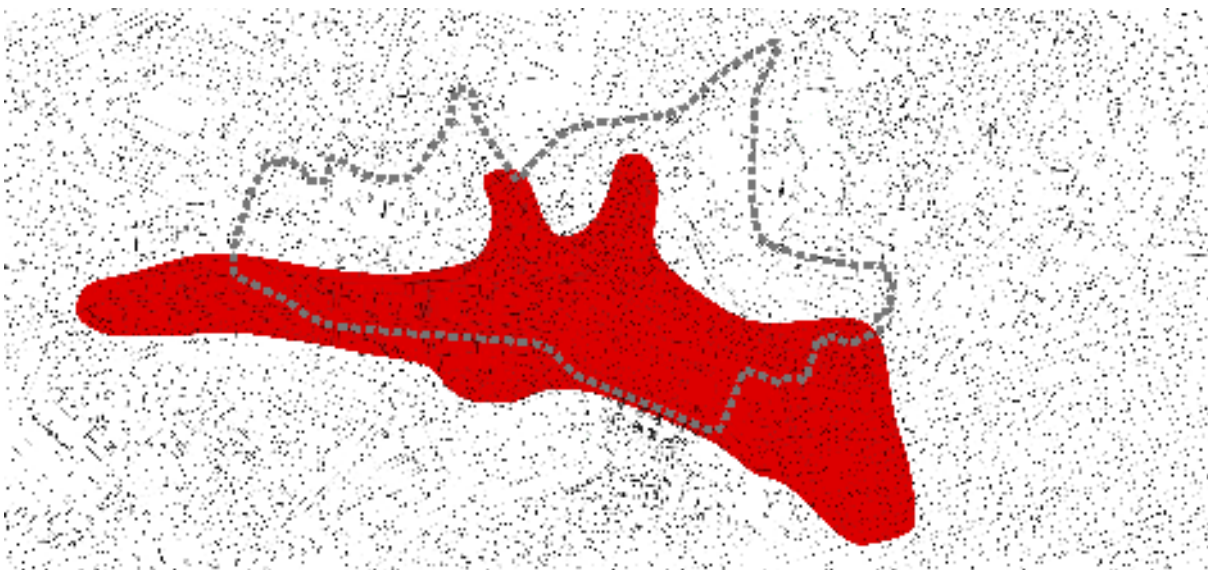


Figura 08: Localização e área da "Banglapara" (a tracejado a "grande Mouraria")

Fonte: Elaboração própria. Dados retirados de Mapril (2010)

Como área exemplificativa do lugar do Martim Moniz poderá ter-se em conta a área identificada por Mapril (2005, 2009, 2010) como representando a "banglapara". Segundo este autor é uma área que apesar de contornos pouco distintos, forma uma mancha irregular compreendendo a área encravada entre os topos norte (na junção da Rua dos Anjos com a Avenida Almirante Reis) e sul (limitado pela Rua dos Condes de Monsanto e Rua da Betesga, abarcando) e os limites a poente, a partir do norte, a Avenida Almirante Reis, a Rua da Palma, a Rua de São Lázaro, a Praça do Martim Moniz, a Praça da Figueira, e os limites a nascente, a partir do sul, a Rua do Poço do Borratém, a Rua do Arco do Marquês do Alegrete, a Rua da Mouraria, até ao topo da Rua dos Cavaleiros, no Largo do Terreirinho, a rua do Terreirinho (onde se encontra a relocizada mesquita "pequena"), a Rua Agostinho de Carvalho (onde se localiza a mesquita "grande"), Rua do Benfornoso, Largo do Intendente e Rua dos Anjos.

Assim, poder-se-á concluir que, apesar de se referirem sensivelmente à mesma área territorial, o termo "Mouraria" é empregue por quem entende que o centro do bairro se localiza no "coração da Mouraria", e o termo "Martim Moniz", por sua vez, por quem entende que a centralidade da zona se encontra na praça com o mesmo nome.



Figura 09: Núcleo familiar Singh, Vila Almeida, 2010

Fonte: Fotografia P.Gésero (2010)

Retomando o tópico anterior, o bairro, tal como Malheiros (2004) identificou, é caracterizado por “uma mistura entre população autóctone e alóctone, mas também pela coexistência de diversos grupos minoritários de origem imigrante”, sendo que, devido à “razoável heterogeneidade das populações”, as leituras de interpretação do “vector étnico”, não serão as únicas no bairro (Malheiros, 2004: 92).

De acordo com o vice-presidente da “Associação Renovar a Mouraria” a população imigrante, para além de habitar nas zonas mais antigas do bairro e na Rua do Benfornoso, tem também vindo a ocupar as ruas adjacentes ao Largo do Intendente, e no eixo “que vai desde a Marquês Ponte de Lima, a Rua das Farinhas, a Rua de São Cristóvão, por aí fora” (N. Franco, 52, em entrevista a 19 de Julho de 2011).

Segundo um estudo efectuado pelo Centro de Estudos Geográficos entre Junho de 2009 e 2010, em que foi analisada a coexistência inter-regional e social ao nível do bairro, o território da Mouraria é o mais diverso do ponto de vista étnico (em comparação com os outros dois bairros analisados: Monte Abraão e Costa da Caparica). No total dos 100 indivíduos imigrantes entrevistados foram identificadas 28 nacionalidades, sendo que metade da população entrevistada foi constituída por indivíduos originários da Ásia nomeadamente do Bangladesh, Índia, Paquistão e China (Fonseca, 2010). Estes dois últimos são considerados por Malheiros (2004) como os “grupos com maior grau de segregação residencial” e que, por se estruturarem em “elementos culturais e religiosos originais e bastante salientes, com uma dinâmica empresarial de cariz étnica forte”, se

“traduzem em lógicas de fortalecimento da comunidade através da proximidade espacial” (Malheiros, 2004: 102).

Segundo o estudo citado, no bairro da Mouraria, a população imigrante inquirida é caracterizada por altos níveis de rotatividade (há uma coexistência de vários grupos vindos em diferentes alturas e de diferentes origens geográficas) simultaneamente com altos e baixos níveis de escolaridade (existem indivíduos com educação superior, indivíduos que não frequentaram de todo a escola e indivíduos apenas com a educação primária) e médios níveis de empregabilidade (só 52% dos entrevistados eram empregados).

Em relação às crenças religiosas, embora a religião católica continue a ser a predominante, existe no bairro uma importante proporção de muçulmanos e crentes de outras religiões e sistemas de crenças orientais, tais como o hinduísmo, confucionismo e budismo (Fonseca, 2010).

Concluindo, tendo em conta a discussão do princípio do século XX dos teóricos da Escola de Chicago (Costa, 2007: 01) e Simmel, pode dizer-se que na zona do Martim Moniz o papel do "estrangeiro" e o encontro com o "outro" concorrem para a formação da ideia de diversidade na definição da cidade de Lisboa.

Configuração da Paisagem Urbana pelos Imigrantes: uma *Migrantscape*?

Para o antropólogo Setha Low (2003), o conceito de "paisagem" é frequentemente usado pelos seus colegas para, de um “modo casual”, descreverem as configurações pertinentes à etnografia, sendo raramente definido ou problematizado (Low e Lawrence-Zúñiga, 2003: 16) ¹⁹.

Também para o sociólogo Eric Hirsch (1995), professor na Universidade de Chicago, o termo "Paisagem" na Antropologia tem desde há muito uma “presença submersa” na qual os antropólogos tanto o usam como um “dispositivo de enquadramento” através do qual informam qual a abordagem que estão a privilegiar em determinado estudo, isto é, de um ponto de vista objectivo, como a paisagem de um determinado povo; assim como é usado como sendo o “significado que é imputado pelos habitantes locais ao seu entorno cultural e físico, ou seja, como uma paisagem particular é vista pelos seus habitantes” (Hirsch, 1995: 01) ²⁰.

19 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

20 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

Assim, e depois de analisar o significado e origens do termo "paisagem", inferiu que é um processo na vida social que implica uma relação entre um "primeiro plano" (*foreground*) e um "plano de fundo" (*background*), sendo o *foreground* entendido como sendo a actualidade concreta da vida social quotidiana, ou o "como nós somos agora", e o *background*, por sua vez, como sendo a potencial percepção da nossa existência em primeiro plano, isto é, "a maneira como poderíamos ser" (Hirsch, 1995: 03). Deduziu igualmente que não existe uma "paisagem absoluta". Esta depende sempre do seu contexto cultural e histórico, ou seja, é a relação entre uma série de pontos de vista que, por vezes, podem ser até contraditórios mas que convergem no que pode ser reconhecido singularmente como um processo cultural. Um processo que se desenrola entre o "lugar e o espaço, o dentro e o fora, a imagem e a representação" (Hirsch, 1995: 23) ²¹.

Deste modo, o conceito de "paisagem" tem sido ampliado dando origem a inúmeras outras noções de "paisagem".

A noção de "Paisagem Cultural", porventura a mais divulgada, e apesar de ter sido um termo cunhado na Geografia, pelo geógrafo Carl O. Sauer ([1925] 1938) ²², actualmente é definida pelo organismo do património da UNESCO, com o objectivo de classificação patrimonial de determinadas áreas geográficas, como uma "ilustração da evolução da sociedade humana e do seu estabelecimento ao longo do tempo, sob a influência de restrições físicas e/ou oportunidades apresentadas pelo seu ambiente natural, assim como das sucessivas forças sociais, económicas e culturais, tanto externas como internas" (Fowler, 2003: 28) ²³.

Por sua vez, a noção de "paisagem vernacular", é entendida como uma categoria na paisagem cultural, na qual houve uma evolução através do uso por grupos cujas actividades ou ocupações formaram a paisagem. Através das atitudes sociais ou culturais de um indivíduo, família ou comunidade, a paisagem reflecte o carácter físico, biológico e cultural desse quotidiano (UNESCO: 1995-2011).

Questionando a forma como os antropólogos escrevem sobre o seu objecto de pesquisa como localizado num só "lugar" e a falar com uma só "voz", e numa crítica à falta "multivocality" e "multilocality" na etnografia, Arjun Appadurai (1996) introduz o neologismo

21 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

22 "The cultural landscape is fashioned from a natural landscape by a culture group. Culture is the agent, the natural area is the medium, the cultural landscape is the result. Under the influence of a given culture, itself changing through time, the landscape undergoes development, passing through phases, and probably reaching ultimately the end of its cycle of development. With the introduction of a different – that is, alien – culture, a rejuvenation of the cultural landscape sets in, or a new landscape is superimposed on the remnants of an older one" (Sauer: [1925] 1938).

23 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

"*Ethnoscapes*". Segundo Low (2003), um "isomorfismo frequentemente assumido nos conceitos de "espaço", "lugar" e "cultura" resulta numa série de problemas: uma incapacidade de lidar com os povos que habitam a fronteira e uma desconsideração pela diferença cultural na localidade; além de uma suposição de que os países personificam a sua própria e distintas cultura e sociedade; assim como uma falta de compreensão do hibridismo e disjunção no pós-colonialismo" (Low, 2003: 28). Assim o termo "*ethnoscape*" intenta descrever um fenómeno transnacional e intercultural, derivado de mudanças globais na sociedade realizadas pela espécie humana ou processos de globalização, tratando da difusão espacial globalizada, da desmaterialização e desterritorialização das comunidades, particularmente das étnicas (Shetter, 2005: 02 sobre Appadurai, 1996) ²⁴.

O termo "*ethnoscape*" é igualmente abordado pelo sociólogo Anthony D. Smith (1988) mas de uma perspectiva diferente. Define o termo como sendo uma "territorialização da memória étnica" ou "a crença compartilhada por grupos étnicos num quadro comum de origem espacial" (Shetter: 2005 sobre Smith, 1988). Segundo Conrad Schetter (2005), investigador no ZEF – Center for Development Research da Universidade de Bona, neste ponto de vista a total compreensão e domínio pelos grupos étnicos sobre a sua "*ethnoscape*" não é necessária: "a ficção colectiva de que a afiliação a um grupo étnico está relacionada com um determinado espaço, é suficiente" (Shetter: 2005). Para legitimar a sua existência no espaço e no tempo, os grupos étnicos "fazem geografia", tomando o termo do geógrafo Wolfgang Hartke (1962), e "produzem espaço" (Lefebvre, 1974). No entanto, as "*Ethnoscapes*" são construções sociais que podem ser e são modificadas de acordo com determinados esforços e interesses (Shetter, 2005) ²⁵.

Na disciplina do urbanismo, Gordon Cullen em 1961, introduz a noção de "*townscape*". O termo está relacionado com o modo como entende a cidade que, para além de ser uma "organização funcional, viável e saudável" é, em primeiro lugar, uma "ocorrência emocionante no meio-ambiente" (Cullen, [1961]: 2008: 10).

Este "ambiente", segundo o autor, pode ser percepcionado através de dois pontos de vista que, parecendo a princípio concorrentes, são na verdade complementares: um primeiro, de carácter objectivo, em que "através do senso comum e da lógica baseadas nos princípios benevolentes da saúde, amenidade, conveniência e privacidade" a cidade pode ser construída, e um segundo, de carácter completamente "subjectivo", é "a execução da

24 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

25 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

criação empregando os valores subjectivos daqueles que habitarão [esse] mundo criado” (*idem*: 195).

Assim, o autor identifica a existência de uma “arte do relacionamento” cujo objectivo é justamente o da “reunião dos elementos que concorrem para a criação [do] ambiente” de modo a “despertarem emoção ou interesse”. Esta “arte do relacionamento” é conseguida através do entretecimento dos elementos que o compõem: “desde os edifícios aos anúncios e ao tráfego, passando pelas árvores, pela água, por toda a natureza” (*idem*: 10).

Assim, é a partir de três aspectos que a “paisagem urbana” pode ser percepcionada: o primeiro, a “visão serial”, a paisagem urbana “surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas” (*idem*: 11); o segundo ponto de vista, relacionado com a nossa posição no espaço, a cidade passa a ser “uma experiência eminentemente plástica”, um “percurso através de zonas de compressão e de vazio, constaste entre espaços amplos e espaços delimitados, alternância de situações de tensão e momentos de tranquilidade” (*idem*: 12); finalmente, o terceiro aspecto é o relacionado com a “própria constituição da cidade”, ou seja “a sua cor, a sua textura, escala, o seu estilo, a sua natureza, a sua personalidade e tudo o que a individualiza” (*idem*: 13).

Através de características e categorias determinadas, e auxiliado por numerosos exemplos práticos em cidades de quase todo o mundo, o autor lista os elementos que compõem a sua “*Concise Townscape*”, reivindicando para ela justamente uma contribuição “para o levantamento da estrutura do mundo subjectivo” (*idem*: 196).

Também para o sociólogo Robert E. Park ([1925] 1967), um dos fundadores da “Escola de Chicago”, a cidade é “algo mais do que um conjunto de indivíduos e de vantagens sociais: mais do que uma série de ruas, edifícios, luzes, eléctricos, telefones, etc., algo mais, também, do que uma mera constelação de instituições e campos administrativos: tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de toda a espécie. A cidade é principalmente um estado de espírito (*a state of mind*), um conjunto de costumes e tradições, com os sentimentos e atitudes inerentes aos costumes, e que se transmitem pela tradição. A cidade, por outras palavras, não é apenas um mecanismo físico ou uma construção artificial. Está implicada no processo vital da população que a compõe; é um produto da natureza, e em especial da natureza humana” (Goitia, [1982] 2010: 32 sobre Park, [1925] 1967).

Igualmente para o geógrafo português Orlando Ribeiro (1968), as identidades e as imagens das cidades são algo mais que os seus traços morfológicos, espaciais ou funcionais, delas fazendo parte igualmente, o seu colorido, os seus odores e as suas sonoridades próprias (Fortuna: 1999b: 106 sobre Ribeiro, 1968). Assim, e para além de muitas outras “paisagens” que agora não importam para o debate, existem ainda as

"*soundscapes*" (Schafer, [1977] 1993 e Fortuna, 1999b) e "*smellscapes*" (Porteous, 1985 e Fortuna, 1999a).

Segundo o investigador Carlos Fortuna (1999b), a "*soundscape*", termo introduzido pelo compositor canadiano Raymond Murray Schafer ([1977] 1993), resulta "da presença simultânea de vários campos sonoros particulares (...) dentro de determinados limites físicos e geográficos, como seja o espaço da cidade (...) que se sobrepõem e articulam entre si", originando "um ambiente sonoro multifacetado que envolve os diferentes sujeitos-receptores" (Fortuna, 1999b: 107). A "*smellscape*", é de mais difícil definição, pois os cheiros, ao contrário do que se pode fazer com as cores ou os gostos, são de classificação racional impossível (Fortuna, 1999a: 96). Ainda assim, e sobretudo embora o sentido do olfacto esteja excessivamente desvalorizado na sociedade ocidental actual, "conserva uma grande pertinência cultural, dada a sua influência sobre a memória, as emoções e os sentimentos" (*idem*: 95).

No sentido da continuação deste debate, ir-se-á contribuir com um neologismo, que, se pretende que faça uma espécie de cristalização do objecto de estudo, isto é, a objectivação do tema, a configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes.

Partindo da noção de "paisagem urbana" de Cullen (1961), é intenção situar a "*migrantscape*" como uma categoria da "*townscape*", ou seja, como se de um "elemento estranho" se tratasse, ou uma "nova qualidade" que, trazida por estas novas populações imigrantes, se sobrepõe, imbrica e convive, interligando-se, e de certa forma, sendo igualmente assimilada e assimilando a paisagem urbana autóctone das nossas cidades.

Assim, e à semelhança da "*townscape*", são considerados dois pontos de vista nesta concepção. Um, mais objectivo, em que se inserirão os "elementos fixos", os "elementos arquitectónicos característicos das regiões de origem dos imigrantes, locais de culto religioso, organização interna das habitações, pátios, janelas, varandas, jardins e diversos elementos decorativos", tais como dragões, balões de papel, pórticos em tons dourados e vermelhos, publicidade nas fachadas pintada à mão ou nas línguas originais, etc., que podem ser mais facilmente observados nos "múltiplos estabelecimentos de comércio étnico", tomando a lista de Lucinda Fonseca (2008a), já atrás notada. Outro, mais subjectivo, onde se incluirão os "elementos móveis", tais como a "variedade das formas de vestuário", os "cheiros e sabores das comidas tradicionais de diferentes regiões do mundo", as "sonoridade das línguas que se ouvem nas ruas e noutros espaços públicos", a música e as "formas de expressão artística e cultural transportadas de países e regiões dispersas por todo o planeta" (*idem*), ou as "*smellscapes*" e "*soundscapes*" imigrantes, assim como a convivência e a interacção social entre os grupos imigrantes e as populações nacionais.

Esta "*migrantscape*" é também uma "paisagem vernacular" já que também ela ao processar-se na vida social, pode ser uma ilustração da evolução e estabelecimento, reflectindo o carácter físico, biológico e cultural do quotidiano, dos grupos imigrantes na sociedade de acolhimento. Reflecte igualmente os fenómenos transnacionais e interculturais derivados da difusão espacial globalizada das comunidades étnicas da "*ethnoscape*" de Appadurai (1996), assim como podem ser encarados os elementos móveis e fixos, como uma territorialização das memórias das minorias étnicas imigrantes da "*ethnoscape*" de A. D. Smith (1988).

Finalmente, é também uma "paisagem multicultural", no sentido em que na mesma paisagem urbana coexistem marcas distintas de dois ou mais grupos culturalmente diferenciados.

Fazendo agora outro parêntese, levanta-se para este debate duas questões relacionadas com duas possíveis interpretações do termo "*migrantscape*".

A primeira, tomando o ponto de vista de Tiryakian (2003), no qual as sociedades multiculturais historicamente sempre existiram, questiona os limites temporais do conceito proposto, estando por sua vez encadeada com a segunda questão, porventura mais controversa, ligada às noções de identidade cultural.

Ou seja, se as sociedades multiculturais existem desde o aparecimento das áreas urbanas, a "*migrantscape*" também sempre existiu? E, interpretando o conceito como sendo o conjunto de elementos estranhos que se sobrepõem, misturando-se na paisagem urbana autóctone, englobará tudo o que é alóctone? Isto é, se incluirmos outros fortes elementos decorativos arquitectónicos alóctones à paisagem urbana portuguesa, no nosso caso, tais como os das cadeias de comida *fast-food*, poderá a "*migrantscape*" incluir na sua definição tudo o que é alóctone à paisagem urbana em que se insere? Ou pelo contrário, sendo a "*migrantscape*" uma categoria da "*townscape*" e por isso apresentando-se diferente em cada paisagem urbana na qual se mistura, poderá conter um "paradoxo de identidade cultural" (Firmino da Costa, 2002) ²⁶?

Fechando este parêntese, e sendo esta uma primeira incursão ao tema, as respostas a estas questões irão ser sinteticamente abordadas nos terceiro e quarto capítulos.

²⁶ Tal como o sugerido pelo sociólogo português Firmino da Costa, à "medida que os processos contemporâneos de globalização se intensificam e se alargam, envolvendo poderosíssimas dinâmicas de interligação e intercâmbio, de comunicação e difusão em termos mundiais", as "identidades culturais diferenciadas, específicas, fragmentadas, ou mesmo marcadamente particularistas, em vez de se esbaterem ou desintegrarem, parecem tender a proliferar, a multiplicar-se e a acentuar-se" (Firmino da Costa: 2002: 15).

Concluindo, a perspectiva abordada neste estudo, tomando como contexto de análise o bairro da Mouraria, encarando-o como bairro multiétnico no qual se misturam populações autóctones e alóctones e sendo notória a coexistência de diversos grupos minoritários de origem imigrante (Malheiros, 2004: 92), toma-se a perspectiva em que o bairro, e mais particularmente a zona do Martim Moniz, é um dos palcos, porventura o mais visível, da "migrantscape" na cidade de Lisboa. Finalizando, fica a afirmação da socióloga P. Hondagneu-Sotelo (2001), representante da Escola de Los Angeles nas questões da imigração, que diz que a persistência cada vez mais forte das comunidades não autóctones nas cidades, resulta numa transposição dos "imigrantes na cidade" para uma "cidade de imigrantes" (Hondagneu-Sotelo e Jerome, 2001 em Guerra: 2008: 99).



Figura 10: Vista do bairro da Mouraria
Fonte: Retirado de Clarke (1844)

Capítulo II

Contexto histórico do bairro da Mouraria

Lisboa, tal como outras cidades europeias, é considerada uma cidade em que os seus bairros se cosem numa espécie de manta de retalhos. Os bairros históricos como o da Mouraria com a sua “situação ribeirinha, a sua topografia acidentada, o seu *hinterland* hortícola, as festas de Santo António em Junho, o fado, os tipos populares”, marcam a urbanidade de Lisboa (Cordeiro, 2003: 186). Segundo Índias Cordeiro, estes bairros, nomeadamente o da Mouraria, contêm elementos como imagens e significados comuns, “que em conjunto, contribuíram para a criação de uma visão do mundo peculiar, parte integrante de um certo imaginário urbano, revelador de uma cidade popular e histórica”(ibidem). Embora hoje em dia estes elementos estejam abundantemente reproduzidos em artigos e roteiros turísticos, não deixam de pertencer a uma história e cultura urbana particulares da identidade da cidade de Lisboa (ibidem).

Tipicidade e cultura popular, marginalidade e perigo, multiculturalidade e diversidade étnica, são alguns dos atributos e imagens que surgem hoje quando se fala do bairro da Mouraria e da zona do Martim Moniz. Em conjunto com a sua topografia acidentada e urbanismo sinuoso, fazem parte das características mais identitárias do bairro.

Como é apontado por Silva (2006), “dotar o lugar de identidade passa por revolver o seu passado enquanto lugar da memória” (Silva, 2006: 12). Neste capítulo irá ser apresentada uma breve incursão na história urbana e social de modo a aflorar, ainda que de forma sucinta, alguns aspectos que marcam a identidade deste bairro.

Por facilidade de narrativa, poder-se-á dividir o percurso histórico urbano do bairro em quatro grandes momentos: o primeiro englobando a sua fundação, enclausuramento e expansão; o segundo a partir do século XV com o édito de expulsão dos muçulmanos pelo Rei D. Manuel I (1495-1521); o terceiro, no século XIX, com o aumento significativo da sua população à conta do êxodo rural; e finalmente o quarto, a partir do século XX, com os sucessivos planos urbanísticos modernizadores, na década de 1980 com as operações de renovação urbanística, e em 2009 com o Programa de Acção para a Mouraria.

No desfecho deste capítulo, uma síntese final e um quadro cronológico onde se alinham os acontecimentos históricos relevantes na construção da identidade deste bairro.

Mouraria: fundação, enclausuramento e expansão

Em 1147, com a conquista de Lisboa por D. Afonso Henriques (1139-1185), os muçulmanos e os judeus que não se converteram ao cristianismo foram obrigados a sair da cidade. O sopé da colina da Alcáçova (hoje o Castelo de S. Jorge), para onde a cidade não se tinha expandido, foi o local onde os muçulmanos ficaram a viver semi-enclausurados numa área extra-muros (arrabalde) à Cerca Moura ²⁷. A sua localização parece ter sido intencional: não só a insalubridade da zona, mas também a maior distância à zona comercial da cidade na Rua Nova, e longe do rio Tejo, dificultaria a vida aos moradores, assim como evitaria possíveis ataques militares se estes se conseguissem unir aos seus compatriotas do outro lado do rio (Azevedo, 1899-1900: 269 em Menezes, 2004: 25).

Em 1170, foi concedido o foral para a Comuna Moura, marcando assim o começo formal do bairro da Mouraria, mas também o início da constituição da representação desta zona como território estigmatizado, pois o nome, para além de significar o espaço físico destinado à habitação dos mouros, também significa, etimologicamente, o *vale dos vencidos*, isto é, o local onde ficaram a viver, segregados, os dominadores agora dominados.

Ainda que não se consiga saber exactamente quais eram os limites do arrabalde mouro, existem indicações de que era murado com duas portas nos dois extremos da Rua Grande Direita, a actual Rua dos Cavaleiros (Barros, 1994: 591). As medidas segregacionistas que o rei impôs, não só se reflectiam no ordenamento do espaço urbano, separando-o da envolvente, mas também tinham como objectivo evitar o contacto entre pessoas de diferentes religiões, restringindo o quotidiano dos habitantes ao seu próprio espaço sociocultural (Barros, 1998: 22).

Embora a maioria dos edifícios da Mouraria não se distinguisse muito dos seus congéneres cristãos medievais, exceptuando alguns casos de casas térreas com quintal

²⁷ “A Cerca Moura de Lisboa, também chamada Cerca Velha, (...) consiste nos vestígios da estrutura defensiva que ainda hoje se pode observar de modo parcial em várias freguesias do bairro de Alfama. A muralha original foi provavelmente erigida no período tardo-romano (sécs. III-V) e depois muito possivelmente refeita e reforçada no período islâmico (séculos VIII-XII), sendo que grande parte da estrutura que se mantém será deste último período da história de Lisboa, cerca do séc. X, após o saque de Ordonho III à cidade. A muralha que defendia *Al-Ušbuna* teria, segundo Augusto Vieira da Silva, aproximadamente 1250 metros de comprimento na sua extensão total, 2 metros a 2,5 metros de espessura e abrangia no seu interior uma área com cerca de 15,6 hectares. Deste modo, a área total de *Al-Ušbuna*, aquando do seu apogeu em finais do séc. XI, seria de aproximadamente 30 hectares, juntando à já referida área intramuros dois arrabaldes que teriam uma área conjunta de 15 hectares. Neste espaço, admite-se que *Al-Ušbuna* teria uma população na ordem dos 20 ou 30.000 habitantes, comparável aos grandes portos de Málaga e Almeria.” (CML, 2007b)

fronteiriço, possivelmente murado, mais próximos do modelo árabe da casa com pátio interior (*idem*: 26), organizavam-se em ruas estreitas e sinuosas, terminando algumas em becos sem saída, reflectindo na toponímia a sua origem muçulmana. É o caso da Rua do Poço do Borratém, cujo o nome, segundo o arabista Dr. David Lopes, “é uma palavra árabe, formada por «*ber*» e «*atten*», o que significa respectivamente poço e figueira” e cuja corroboração é, segundo este autor, comprovada pelo nome da praça (Praça da Figueira) adjacente (Cameira, 2005a).

O espaço público era estruturado pela envolvente dos edifícios mais importantes para a identidade religiosa dos muçulmanos e para a organização da comuna. Os principais equipamentos eram as mesquitas, a escola, os banhos públicos, o curral, a cadeia, o cemitério, sendo o abastecimento de água efectuado por um poço designado *poço dos mouros*.

A Mesquita Grande, com cerca de 300 m², que existia sob o edifício do Colégio de Stº Antão-o-Velho (ou Coleginho, como ficou conhecido depois), na actual Rua Marquês Ponte de Lima, era o principal edifício do arrabalde. A *medersa*, escola corânica, situava-se junto à Mesquita Grande. Já fora dos limites internos da Mouraria, estavam a Mesquita Pequena, junto a uma das entradas do bairro, na Rua de Dentro da Mouraria, e os banhos públicos, na esquina da rua de Benfica com a Rua Grande Direita (cruzamento entre a actual Rua do Benfamoso com a Rua dos Cavaleiros). Quanto à carniçaria, propriedade do rei, e cadeia, pequena, de sensivelmente 13 m², não se sabe a sua localização. O cemitério, o almocáver, situava-se entre as encostas de S. Gens e Stª Maria da Graça (como referência geográfica, entre o miradouro da Nossa Senhora do Monte e o da Graça) (Barros, 1998).

Apesar de naquela altura o braço do rio Tejo, que se prolongava até ao Areeiro, providenciar abundância de água para as *almoinhas*, as hortas de cultura intensiva das quais provinham a maior parte dos legumes que abasteciam a cidade de Lisboa, o principal sector de actividade da Mouraria era o secundário, abarcando cerca de 80% do total das actividades. As actividades artesanais, como a tecelagem de tapetes, a olaria, os trabalhos em metal, e as profissões de sapateiro, carpinteiro, albardeiro e vidreiro, seriam as mais representativas na comuna (*ibidem*).

A população na comuna era relativamente pequena, comparada com o número de habitantes na cidade intramuros, pelo que D. Dinis (1279-1325), com o objectivo de aumentar o crescimento demográfico naquela zona, promulgou um decreto em que isentava os muçulmanos que para ali fossem viver de alguns dos tributos obrigatórios nessa época. Talvez tenha sido esse o motivo para o aparecimento do arrabalde novo da Mouraria, que se estendeu para norte, subindo pela colina, apesar do declive acentuado. A par dos

muçulmanos, começaram a ir viver para ali também alguns cristãos, iniciando ali um convívio profissional e de vizinhança que somente teria lugar nessa parte da cidade (*idem*: 28). As migrações, a importância das actividades artesanais, a localização da comuna – próxima do centro urbano e do poder – e o facto de providenciar uma das saídas a norte da cidade, são alguns dos outros factores apontados para o crescimento do novo arrabalde (*idem*: 27).

A partir de 1375, Lisboa ficou mais protegida com uma nova cintura de muralhas mandada construir pelo rei D. Fernando (1367-1383), a chamada Cerca Nova ou Fernandina. Limitava uma área de 101,63Ha aproximadamente, ou 6,5 vezes a da cidade velha (Vieira da Silva, 1968: 63). O perímetro desta nova cerca excedia os 5 km e tinha 76 torres, entre as quais se abriam 38 portas e postigos (Vieira da Silva, 1948: 25, 27).

Tendo a Mouraria ficado mais uma vez de fora dos muros, abriam para esta comuna, três portas²⁸: a de S. Vicente (mais tarde, em 1672, passou a Porta da Mouraria e em 1694, a Arco do Marquês do Alegrete), a de Stº Antão, abrangendo “a área compreendida entre as actuais Rua da Mouraria e das Atafonas, no sentido leste-oeste, e entre as Ruas Rodrigues da Fonseca e o Largo Martim Moniz, no sentido norte-sul” (*idem*: 42) e a de Stº André (ou da Avé-Maria) “situada no alto da Calçada de Stº André, no estrangulamento onde esta se liga com a Calçada da Graça, e fronteira à Costa do Castelo” (Vieira da Silva, 1949: 40).

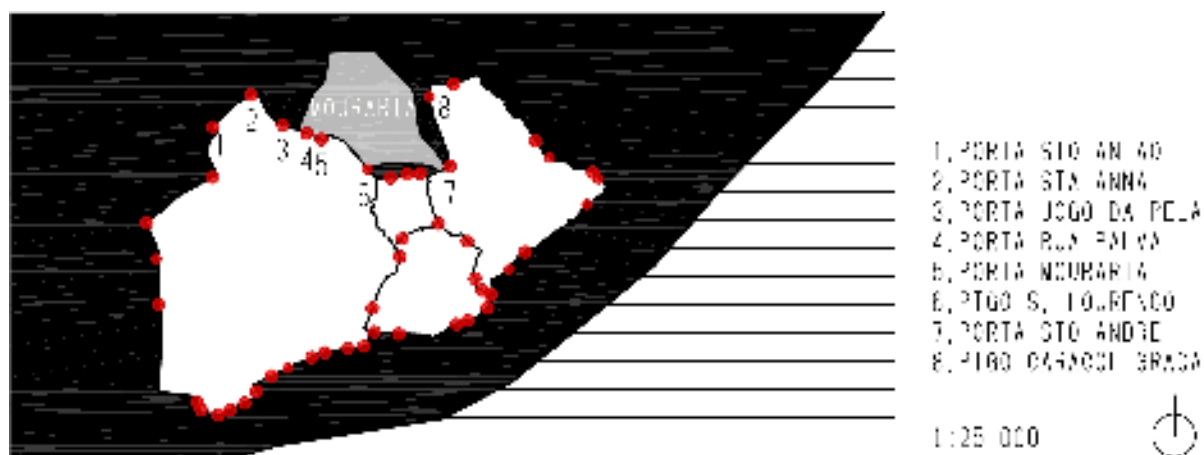


Figura 11: Mapa-esquema com a área limitada pela Cerca Nova e área fora-de-muros da Mouraria
Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados de V. Silva (1949)

28 “Empregavam indiferentemente os antigos estas duas expressões para designar as aberturas ou vãos de serventia abertos na muralha da cerca; mas as *Portas* eram especialmente as serventias mais importantes e fortificadas, constituídas, algumas delas, por uma quadra ou recinto rectangular murado, com um dois vãos de portas nos seus muros dianteiros e posterior, e guarnecido o da frente com duas torres defensivas laterais; assim eram as Portas da Mouraria (...)” (V. Silva, 1948: 25).

No final do século XIV, a Rua de Benfica (actual Rua do Benfornoso) é referida como “estando «acima» ou «a par» do arrabalde”, mas no século seguinte passou a ser tomada como “um arruamento a mais da Mouraria” (Barros, 1998: 141).

Na zona entre a Mouraria e o cemitério dos judeus começou a ser extraída argila para a crescente actividade oleira encetada quer por muçulmanos, quer por cristãos. As olarias funcionavam numa lógica caseira, com a oficina e a loja a partilhar o mesmo edifício, e o forno no quintal anexo. Com o dono viviam os empregados e criados solteiros, e nas casas à volta, os casados ou com família. Nas olarias maiores, havia ainda um ou dois almocreves que faziam as entregas de material e de encomendas (Correia, s/data em Rodrigues, 1970: 105).

Os lagares de azeite eram outra das actividades importantes na zona, dando origem à Rua e Travessa dos Lagares. Um mercado de artefactos de cerâmica, barro e azeite existia na Rua das Tendas (actual Rua do Marquês de Ponte de Lima) (Menezes, 2004: 29).

No arrabalde novo, para além das casas dos trabalhadores das olarias e dos lagares, começaram a surgir igualmente, em ruas mais largas, edifícios maiores onde se instalaram famílias de origem nobre e com outro nível socioeconómico.

Sintetizando, as origens do bairro da Mouraria remontam a meados do século XII, com a expulsão para fora da cidade de Lisboa dos muçulmanos vencidos pelos cristãos vencedores. A Mouraria foi então propositadamente segregada numa zona insalubre e remota, distante da rua comercial, sendo também murada e de acesso restrito em horário obrigatório. As suas construções eram semelhantes às da cidade cristã, organizando-se espacialmente em volta dos principais equipamentos urbanos e religiosos. Durante o reinado de D. Dinis (1279-1325), a população residente aumentou, resultando num convívio único à época, entre cristãos e muçulmanos. As principais actividades profissionais da sua população eram na sua maioria as artesanais, tendo ali ficado estabelecida nos finais do século XIV, a principal indústria oleira e do azeite de Lisboa.

Apesar deste longínquo começo, parece ter perdurado até à actualidade uma opinião generalizada de uma certa marginalidade e segregação socioespacial. Esta opinião, partilhada entre a população do bairro e a do resto da cidade, é muitas vezes referida como estando ligada, entre outros motivos, não só à própria etimologia do nome do bairro, mas também à sua localização insalubre e de certo modo “escondida” (é praticamente invisível no *skyline* lisboeta visto da margem oposta). É também referida igualmente a opinião de um certo “retorno” do bairro às suas origens muçulmanas, decorrente da presença das novas populações imigrantes que professam religiões islâmicas.

1496: “Que Judeus e Mouros se saiam destes Reynos”

Em Dezembro de 1496, D. Manuel I (1495-1521) assinava o decreto de expulsão dos judeus e muçulmanos de Portugal. A estrutura comunal da Mouraria foi desfeita, os símbolos muçulmanos foram desmantelados e os edifícios públicos ocupados pelos cristãos. Os bens dos mouros passaram a pertencer ao Hospital de Todos os Santos, e foram identificados com lápides em pedra com as letras S ou O, as iniciais do monograma do hospital, *Sanctorium Omnium* (Jorge, 1994: 661).

A partir desta altura, e com o advento dos Descobrimentos, o centro económico e do poder transferiu-se para mais perto do rio, entre o Rossio e o Terreiro do Paço, ficando as antigas comunas muçulmana e judia, respectivamente a Mouraria e Alfama, como bairros de cariz mais popular, persistindo na Mouraria a vocação artesanal intimamente ligada às actividades dos oleiros (Moita, 1994: 146).

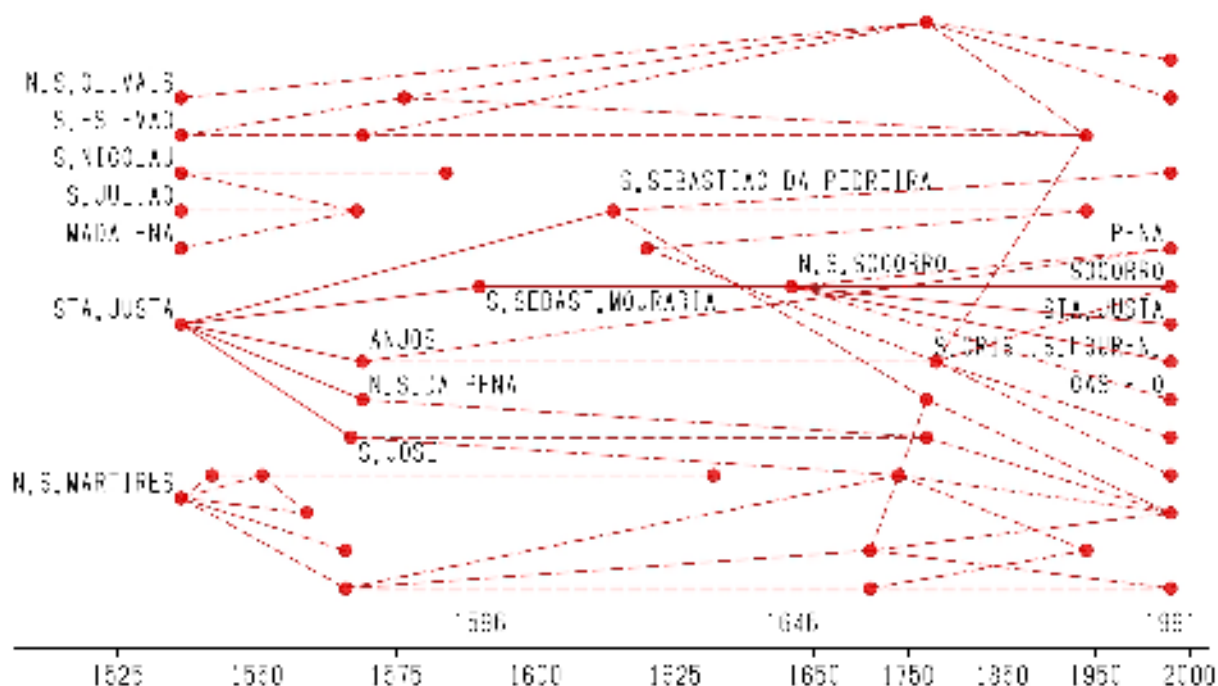


Figura 12: Árvore genealógica da freguesia de Santa Justa

Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados de V. Silva (1943) e Silveira e Ribeiro (2011)

Na segunda metade do século XVI, existiam cinco grandes freguesias em Lisboa: Morro do Castelo, Ribeira, Santa Justa, Bairros Ocidentais e Bairros Orientais. A população mais rica vivia perto do centro económico e do poder, na Ribeira, estando a população mais pobre, arredada para as zonas mais longínquas do porto, onde as rendas se tornavam mais baratas (Rodrigues, 1970).

A partir do ano do édito de expulsão dos mouros, o arrabalde da Mouraria passou a fazer parte oficial da freguesia de Santa Justa, “onde estava encravado” (Vieira da Silva, 1943: 13). Até meados do século XVI, o território desta freguesia era extensíssimo, abrangendo desde o local da primitiva igreja (que existiu desde 1191, pelo menos, até 1755, e cuja localização aproximada correspondia às actuais escadinhas entre a Rua dos Fanqueiros e a Rua da Madalena), “até ao alto de Campolide e Portela de Arroios, Penha de França, Monte Agudo, Graça, Santo André e Mouraria” (*idem*: 31), abarcando vários bairros que continuavam fora de portas e em fase de desenvolvimento (Rodrigues, 1970: 104).

Na segunda metade do século XVI, a freguesia de Santa Justa foi desmembrada em quatro menores freguesias, e numa quinta no princípio do século XVII, ficando o bairro da Mouraria incluído pela freguesia de S. Sebastião da Mouraria (mais tarde em 1646, renomeada para Nossa Senhora do Socorro).

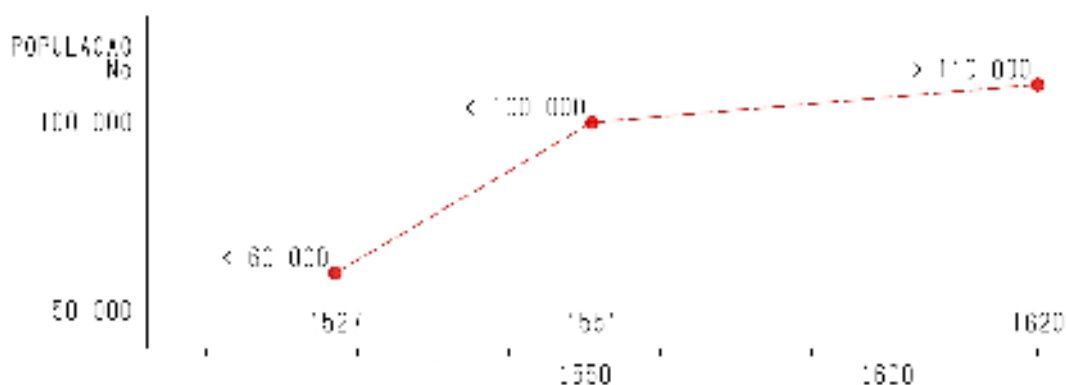


Figura 13: Evolução demográfica em Lisboa

Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados de Rodrigues (1994)

A par da expansão ribeirinha para ocidente, houve necessidade de ligação dos eixos viários ao centro urbano da cidade, tendo sido abertos nessa altura os acessos lineares da Graça até ao Caminho da Penha de França, e o eixo que ligava a Mouraria aos Anjos e Arroios (Santana, 1994: 517). Em 1562, foi aberto o postigo da Rua Nova da Palma entre as portas de S. Vicente e Stº Antão, participando assim no desenvolvimento urbano da Mouraria. A sua população cresceu paralelamente ao aumento populacional da cidade de Lisboa, que era na altura “não apenas uma das mais importantes da Europa, como também uma verdadeira metrópole no sentido moderno do termo” (Rodrigues, 1970: 96), tendo ultrapassado no decurso do século XVI os 100 mil habitantes, e vindo a atingir, em 1620, os 165 mil habitantes (Rodrigues, 1994: 722).²⁹

²⁹ “Para bem compreender a importância destas cifras, é preciso ter em conta que, antes de 1500, na Europa, somente Paris, Nápoles, Veneza e Milão possuíam mais de 100 mil habitantes; durante o século XVI este

Relatos desta altura dão conta da densidade urbana e da grandeza da cidade para lá dos seus muros:

“E as mais das casas sam die dous, três, quatro, ei cinco sobrados” (Rodrigues de Oliveira, 1551 em Rodrigues, 1970: 99)

“Nas notas de Venturino por ocasião da «Viagem do Cardeal Alexandrino.1571» encontra-se o seguinte: «quanto as casas, têm muitas janelas e muito junta, e ciada morada trez ou quatro andares, quie se alugam facilmente pela frequência d'eistrangeiros»” (Rodrigues, 1970: 99).

“O mercador italiano Sassetti escreveu numa carta datada de 10-X-1578: «Questa é citta grandissima, e la parte principale e maggiori é fuori delia mura» [Monnier:1855]. Na mesma época Conestagio [1610] observara que «fue antigamente toda cercada de muros, y aora se ve una buena parte de las murallas y de las puertas, mas como desde entonces aca, aya creccido mucho, vienne a ser casi mayor aquella parte, que esta fuera de las murallas, que la dentro»”. (Rodrigues, 1970: 98)

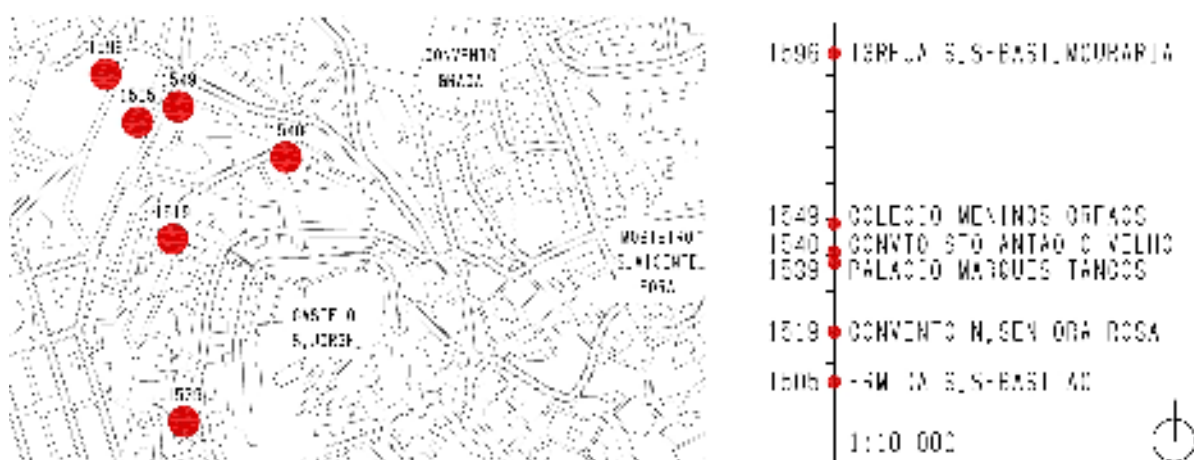


Figura 14: Mapa-esquema cronológico com localização dos edifícios construídos no século XVI

Fonte: Elaboração própria

Como era costume na época, a expansão urbana desenvolvia-se organicamente sem grande plano em torno dos edifícios importantes. Também na Mouraria, clero e nobreza

marco foi atingido por Londres, Roma, Lisboa, Amesterdão, Anvers, Palermo, Messina e Sevilha. Mas além destes dados quantitativos é preciso acrescentar alguns dados qualitativos, para bem compreender a modernização de Lisboa – uma cidade que ultrapassa os antigos limites de uma cidade-fortificada medieval e cujos habitantes se apresentam muito diversificados, seja do ponto de vista étnico (aos 10% de escravos, acrescentem-se grande número de judeus e numerosos indivíduos originários dos outros países europeus), seja do ponto de vista das actividades económicas e da condição social; sem faltar um número significativo de mendigos (...) e desempregados.” (Rodrigues: 1970: 97).

mandaram construir uma série de edifícios de maior porte, entre eles, em 1505, a Ermida de S. Sebastião, mais tarde designada por Capela de Nossa Senhora da Saúde (no Largo do Martim Moniz, entre a Rua da Mouraria e a Rua Nossa Senhora da Saúde), em 1519, o Convento de Nossa Senhora da Rosa (ladeava a Igreja de S.Lourenço, construída ainda em cerca de 1271, e que tendo ficado muito danificada pelo terramoto de 1755, foi mais tarde construído outro edifício no actual número 7 do Largo da Rosa), em 1539, o Palácio do Marquês de Tancos (actualmente no número 2 da Calçada com o mesmo nome, propriedade da Câmara Municipal de Lisboa e ocupado pela empresa municipal EGEAC), em 1540, o Convento de Santo-Antão-o-Velho (na R. Marquês de Ponte de Lima, em frente ao Beco dos Três Engenheiros, onde está instalado actualmente o serviço histórico militar do Exército), e em 1549, o Colégio dos Meninos Órfãos (actualmente o edifício Amparo, número 64 da Rua da Mouraria, ocupado pela Santa Casa Misericórdia de Lisboa).



Figura 15: Ecologia urbana de Lisboa na segunda metade do século XVI

Fonte: Retirado de Rodrigues (1970)

No final do século XVI, em 1596, foi iniciada a construção da igreja da paróquia de São Sebastião da Mouraria e que viria a ser mais tarde, em 1646, renomeada para Nossa Senhora do Socorro, acabando por se tornar mais tarde na Igreja do Socorro (demolida em 1949, sensivelmente onde está agora o Centro Comercial do Martim Moniz). Ainda que fosse difícil a distinção entre a Ribeira e Santa Justa, existia na altura “um verdadeiro

fenómeno de sucessão ecológica³⁰: os burgueses e os aristocratas estabelecidos na Ribeira expulsam as classes populares para além dos antigos limites fortificados da cidade, indo ocupar os vales mais distantes e onde desempenhavam actividades ligadas ao abastecimento da cidade, cujo mercado estava em vias de crescimento” (Rodrigues, 1970: 106).

Depois de 1496, a população muçulmana foi substituída por outra cristã, que “invadiu o arrabalde, enchendo-o de templos, de ermidas, de procissões e nichos, com seus cultos e devoções” (Ribeiro, 1907: 255, 256). De salientar a procissão de devoção à Nossa Senhora da Saúde, iniciada no ano de construção da Ermida do mesmo nome, em 1505, que é ainda actualmente celebrada todos os anos, no mês de Maio.

As actividades das olarias e lagares da zona continuaram, sendo que à data de 1551, se tenha registado a existência de 206 oleiros em Lisboa, que provavelmente estariam em grande parte nesta zona da cidade (Jorge, 1994: 661).

Em Santa Justa viviam assim as camadas mais populares da população, constituindo-se no segundo bairro mais populoso (o primeiro era a Ribeira) com 3541 famílias inventariadas em 1565, no *Livro do Lançamento e Serviço*. As profissões mais representativas eram a dos braceiros, com 44% do total, a dos lavradores (35%) que incluíam hortelãos, granjeiros, vinhateiros e pastores e que “desde longo tempo ocupavam os vales dos arrabaldes da cidade e garantiam seu abastecimento” e a dos oficiais mecânicos (19%) (*idem*: 105).

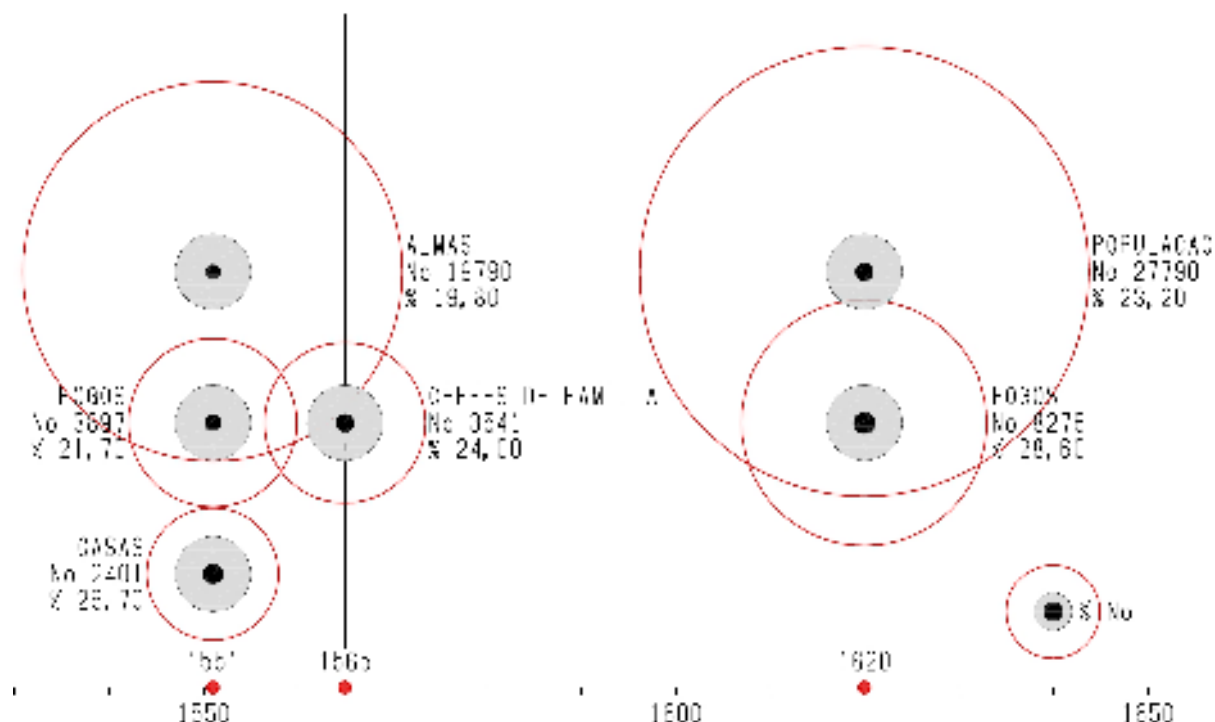
As oficinas mecânicas mais representativas em Santa Justa eram as de vestuário, tecelagem e equipamento, constituindo 37% do total inventariado em 1565, seguidas das de metais, móveis e madeira (24,6% e 23,9% respectivamente), e com menos de 15%, as de construção civil, trabalhos artísticos e alimentação, enquanto as diversas restantes eram cerca de 27% (*idem*: 114).

A densidade urbanística acompanhou a do resto da cidade, havendo um aumento da altura dos edifícios e da densidade populacional, mas como rapidamente se chegou ao estado de saturação, o total dos habitantes acabou por estabilizar (Rodrigues, 1997: 36, 39). Até 1650, o crescimento demográfico chegou a diminuir um pouco, voltando a aumentar no final do século XVII (Menezes, 2004: 34 sobre Baptista e Rodrigues, 1995).

30 O termo “ecologia urbana” querendo significar a descrição das formas de ocupação e apropriação do espaço em meio urbano foi introduzido nas ciências sociais pela chamada “Escola de Chicago”. Aplicando os mesmos princípios teóricos da ecologia vegetal e animal às comunidades humanas, os seus autores, os sociólogos norte-americanos Park e Burgess, procuravam explicar o uso selectivo que os grupos humanos fazem do espaço urbano (InfoPedia, 2003-2011).

Gráfico 03: Evolução populacional na freguesia de Santa Justa (a percentagem foi calculada em relação ao total dos 5 bairros)

Fonte: Elaboração própria, retirado de Rodrigues (1970, 112)



Durante o século XVII, a zona da Mouraria cresceu e continuava a ser formada por uma “teia medonha de pequenas ruelas que se cruzavam, estreitas e tortuosas, irregulares na sua largura, cheia de becos e betesgas” (Branco, 1990: 25), dificultando a circulação, e com sérios problemas de higiene. De notar que a Rua do Capelão foi conhecida durante muito tempo como *Rua Suja*.

Em 1672, a Câmara intercedeu junto do Rei D. Pedro II para que se abrissem mais portas e postigos, e fez obras na Porta de S. Vicente de modo a que esta passasse a ser um arco com a largura suficiente para que os coches conseguissem passar, desviando deste modo o trânsito do postigo da Rua Nova da Palma para a nova porta (Vieira da Silva, 1948: 43). Depois, em 1694, foi construído o Palácio do Marquês do Alegrete, ficando o arco de S. Vicente integrado na sua fachada e tomando o seu nome (*idem*: 51).

Também nessa altura a Câmara tentou resolver alguns dos problemas de salubridade na zona, com a construção de uma rede de canalização e a ampliação da Rua dos Canos (mais tarde, em 1885, rebaptizada para Rua Silva e Albuquerque ³¹), onde propôs que se

31 “Tudo isto - que é um Dédaló - eram os canos da Mouraria, que transmitiram o nome às nossas contemporâneas Travessa, Beco e Rua dos Canos, de dístico substituído em 1885, por êste actual de Silva e Albuquerque, operário muito culto, um apóstolo da instrução primária gratuita, falecido em 1879. Como já

colocasse “*hua grade de ferro groça no cano real da banda de dentro do muro, defronte da rua dos Canos*” (*idem*: 53).

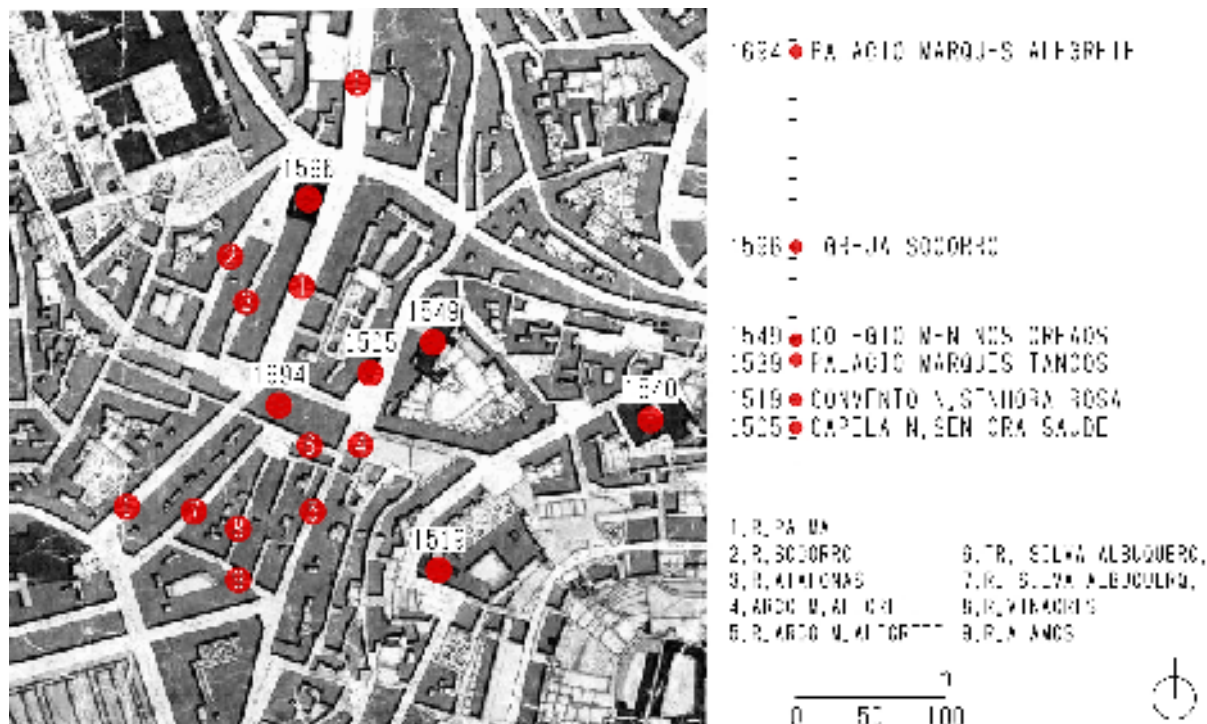


Figura 16: Mapa de Folque (1882) com localizações de edifícios e ruas na baixa da Mouraria

Fonte: Elaboração própria

Com o terramoto de 1755, e subsequente plano urbano de Manuel da Maia e Eugénio dos Santos, as zonas mais antigas da cidade foram remetidas para o esquecimento, “indirectamente acelerando as dinâmicas de degradação e segregação espacial”, tendo ficado a zona da Mouraria particularmente prejudicada (Menezes, 2004: 35).

Ainda que alguns edifícios tenham sido destruídos com o terramoto (algumas igrejas e os Palácios do Marquês do Alegrete e da Rosa, mais tarde reconstruídos), a malha urbana da Mouraria ficou pouco alterada, tendo-se localizado a maior parte dos danos na zona das olarias e na parte superior da Rua dos Cavaleiros (*ibidem*). Continuaram assim, nas zonas que não foram afectadas pelo terramoto, os “edifícios altos e esguios”, “onde o sol dificilmente entrava”, construídos com materiais de má qualidade que não “isolavam os

disse tãda esta área foi alagadiça, depois de ter sido um verdadeiro rio, e assim por aí acima, pelo Bemformoso e Anjos, até Arroios. No século XVI isto por aqui eram os «Canos de Vicente» (da porta de S. Vicente), e no século seguinte «Canos da Mouraria». Estas horríveis serventias, Beco da Póvoa, Rua dos Vinagres (onde havia a Póvoa dos vinagreiros), Rua dos Álamos, já de 1550, e mais vielas, eram tudo - os «Canos». E êsses canos eram umas valas abertas no leito da rua, escoantes das águas que, no vale, corriam das encostas de Sant'Ana e do Castelo, e vinha já de Arroios. Em 1840 ainda aqui havia sumidouros, cobertos de grades, como os do Rossio, nos passeios laterais.” (Araújo, [1939] 1992: 79)

seus ocupantes do Inverno ou do calor estival” e com “grades exteriores de madeira” a fazer “as vezes de vidraças, de longe mais dispendiosas” (Rodrigues, 1997: 55).

A partir de meados do século XVIII, com um novo fluxo migratório para a cidade de Lisboa, a densidade populacional e construtiva voltou a aumentar na zona da Mouraria, fazendo com que houvesse novamente mais um aumento na cêrcea dos edifícios e subdivisão dos espaços privados, mas também um desaparecimento dos ainda espaços livres verdes, resultando na degradação das condições de vida das pessoas, cada vez mais insalubres e precárias (Menezes, 2004: 37).

Foi também nesta altura que se deu a consolidação no edificado do lado sul da Rua dos Cavaleiros e a ligação com a Calçada de Stº André, com a abertura do actual Largo do Terreirinho, e a vinda de algumas famílias nobres para o bairro, tendo ido instalar-se na parte mais alta junto à Costa do Castelo, onde os conventos se intercalavam com as casas nobres (*ibidem*).

Resumindo, a partir de 1496, com a expulsão dos muçulmanos pelo Rei D. Manuel I (1495-1521), a Mouraria foi finalmente ocupada pelas populações cristãs da cidade de Lisboa. Todos os símbolos islâmicos foram retirados e substituídos por outros católicos, iniciando-se por esta altura, o culto de devoção à Nossa Senhora da Saúde. A procissão dedicada àquela figura cristã, começou a ser organizada a partir do último quartel do século seguinte, tendo acontecido todos os anos sem interrupção até ao início do século XX ³², ficando deste modo associada à imagem do bairro uma forte tradição católica.

Durante o século XV, com o advento dos Descobrimentos, houve um grande crescimento populacional na cidade, e o centro económico e do poder do reino foi transferido para a margem do rio Tejo. Este abrupto crescimento na população residente resultou numa expansão urbanística, tendo a cidade crescido tanto para oeste como para norte. Na Mouraria essa expansão foi bem visível com a construção de alguns edifícios importantes e a abertura de novas vias urbanas.

No século XVI, a cidade foi organizada em cinco grandes freguesias, tendo a Mouraria ficado “encravada” na de Santa Justa. Nesta época viviam na Mouraria as populações mais empobrecidas, assim como uma grande parte dos artesãos da capital. As principais

32 A procissão anual em honra desta virgem foi instituída em 1570, a propósito de um voto feito pelos artilheiros de São Sebastião (que ocupavam a ermida do mesmo nome) à santa para que esta ajudasse na eliminação de um surto de peste que ocorrera naquele ano, o que veio a acontecer pouco tempo depois. Em agradecimento, instituíram a devoção e a procissão em honra da Senhora da Saúde que se realizou pela primeira vez a 20 de Abril de 1570, saindo a imagem do Colégio dos Meninos Órfãos Esta procissão ocorreu sem interrupções até 1910, altura em que foi interrompida, só se retomando a devoção em 1940, para em 1974 interromper-se uma segunda vez até 1981 (Cameira, 2005b)

actividades no bairro eram as da olaria e dos lagares. No resto da freguesia de Santa Justa, predominavam as actividades relacionadas com a agricultura, seguidas das actividades de carácter artesanal.

No século XVII, apesar do ligeiro decréscimo no número da população da cidade, na Mouraria a população residente estabilizou. Havia nesta altura uma grande densidade urbanística, os edifícios tinham aumentado em altura, e as ruas estreitas ficaram, por conseguinte, mais escuras e insalubres, agravando os problemas de higiene, ventilação e circulação da zona. No último quartel do século, foram feitas obras pontuais de beneficiação, persistindo, no entanto, os graves problemas urbanos de que a zona padecia.

Na segunda metade do século XVIII, depois do terramoto de 1755, deu-se novo aumento populacional na cidade, provocando um ainda maior aumento na densidade urbana da Mouraria. A zona ficou de fora do plano de reconstrução urbano encomendado pelo Marquês de Pombal (1699-1782), permanecendo quase na totalidade a rede viária urbana original, pouco afectada pelo terramoto. Foi também nesta época que ocorreu a consolidação da parte superior do bairro e a vinda para a Costa do Castelo de algumas famílias nobres.

A alta densidade populacional composta em grande parte pela classe social do povo, a urbanização cerrada da zona e o facto de ter ficado fora da área intervencionada pelo plano pós-terramoto, parecem ter perpetuado não só as ideias de marginalidade mas também as de segregação social. Ficou associada à Mouraria a partir desta altura, a imagem de “sujidade” ainda hoje mencionada pelos habitantes da Mouraria. Esta opinião é muitas vezes referida, e embora esteja relacionada também com outras razões, amiúde se relembra a apelidação da Rua do Capelão de “rua suja”. Também neste período, a Mouraria passou a ser considerada como um “bairro popular”.

Século XIX: fado, miséria, património e migração

No século XIX, a industrialização e as consequentes migrações para a capital do reino, provocaram um crescimento intensificado na cidade, chegando a 140 mil habitantes no final do século, só na zona central, correspondendo a 22 freguesias (Menezes, 2004: 39 sobre Baptista e Rodrigues, 1995).

Em 1852, foi aberta a estrada da circunvalação, delimitando a cidade a poente pela Rua Maria Pia, a norte pela Avenida Duque e a nascente pela Rua Morais Soares (Alves, 2010: 2). Mas só em 1879, com a substituição do Passeio Público pela Avenida da Liberdade, se

abandonaram os modelos tradicionais de urbanização pelos novos modelos ortogonais de desenvolvimento (Menezes, 2004: 37 sobre Baptista e Rodrigues, 1995).



Figura 17: Casa de João das Regras à Mouraria
Fonte: Fernandes (1910)

O bairro da Mouraria até aí considerado como popular, passou a ser referido como um dos “bairros pobres da cidade” (Cordeiro, 1997: 64) e um dos abrigos para os novos e jovens habitantes, provocando um aumento vertiginoso nas densidades demográfica e construtiva. Em finais do século a densidade demográfica do bairro ultrapassaria os 600 hab/Ha, sendo que a maior parte seriam homens solteiros jovens e ficando também com a mais alta taxa de mortalidade (Rodrigues, 1995).

Aumentou também a construção nas áreas por ocupar: terrenos à volta da Calçada de Stº André, Rua João do Outeiro e na Rua da Mouraria. Foi nesta altura também que se deu o aparecimento de pátios e vilas operárias nos logradouros e pátios dos edifícios existentes, que “logo se tornaram contextos isolados, de certo modo, ainda mais segregados que o próprio bairro” (Menezes, 2004: 40), contribuindo para a degradação geral das condições de vida no bairro. As casas eram velhas e cheias de humidade, estavam sobre-lotadas, não tinham qualquer sistema de aquecimento, água canalizada, ou esgotos, sendo por isso atirados para a rua todos os despejos, aumentando ainda mais a sujidade no bairro. Assar sardinhas, catar piolhos, conversar ou discutir, seriam algumas das actividades usuais dos moradores no espaço público (*idem*: 42).



Figura 18: Arco do Marquês do Alegrete
Fonte: Gameiro (S/ Data)

Embora algumas famílias aristocráticas e burguesas no final do século XIX tenham ido instalar-se no final das Ruas do Terreirinho e do Benfornoso em edifícios de maior dimensão, ao longo do século seguinte foram sendo abandonados e posteriormente reocupados ou subalugados a populações mais pobres, que os subdividia, ficando o seu interior com compartimentos mínimos. O Palácio do Marquês do Alegrete era um desses exemplos, transformado em prédio de rendimento e ocupado até à data da sua demolição, em 1946, por famílias proletárias, estabelecimentos de pequena indústria e comércio (Vieira da Silva, 1948: 51). Também o Palácio da Rosa foi

abandonado depois de 1837, com a morte do terceiro Marquês de Ponte de Lima, e no que restava em ruínas e escombros, refugiavam-se os “perseguidos pela polícia” ladrões e

mendigos “que o consideravam abrigo inviolável”, pois os agentes da autoridade por lá “nunca se aventuravam” (Vieira da Silva, 1948: 51 sobre Andrade, 1937).

No final do século XIX, a Mouraria apesar de continuar a ser um bairro semi-rural – existia atrás da Igreja do Socorro uma grande horta, as *Atafonas*, e na Baixa da Mouraria, quintais com pomares de laranjeiras e olivais –, estava altamente densificada em termos populacionais e construtivos, com barracas em alguns dos quintais transformados em pátios (Menezes, 2004: 51 sobre Carvalho, [1903] 2009). Habitação, comércio e pequena indústria eram as ocupações urbanas do bairro, sendo que a sua paisagem começava a contrastar com os ideais urbanos de higiene, salubridade e circulação que se iniciaram com a Baixa Pombalina. Chegou a pensar-se demolir alguns dos bairros mais antigos da cidade, mas a falta de meios financeiros, assim como uma “inérita valorização patrimonial desses lugares castiços carregados de história” impediu que a intenção se concretizasse (Silva, 1994: 420).

Em 1859, ainda antes da abertura da Avenida da Liberdade, foi rasgada a Rua Nova da Palma (que em 1889, passou a ser nomeada simplesmente de Rua da Palma), relocando as dinâmicas urbanas do bairro mais para norte. Houve expropriações até ao Largo do Intendente e foram destruídos a Ermida de Nossa Senhora da Guia e um troço da muralha Fernandina. As novas construções estavam planeadas inicialmente para não ultrapassar os três andares, mas rapidamente prédios mais altos foram edificados e equipamentos lúdico-culturais ali se instalaram (Paraíso de Lisboa; Circo Popular Lisbonense; Teatro Apolo em 1865, e demolido em 1957; Real Coliseu de Lisboa em 1887, onde funcionou a primeira Feira Popular, depois destruída e onde funciona, a partir de 1933, a Garagem Liz), assim como o terminal dos carros americanos, motivos suficientes para atracção da população lisboeta (Menezes, 2004: 52).



Figura 19: O Fado
Fonte: Malhoa (1910)



Figura 20: Os Bêbados ou Festejando o S. Martinho
Fonte: Malhoa (1907)

Foi assim nesta época que as “condicionantes históricas e geográficas, a pobreza e os fenómenos de concentração, distribuição e interacção” levaram, segundo a antropóloga Marluci Menezes (2004) à “invenção de determinados sistemas culturais adstritos ao território do bairro”, contribuindo deste modo para a “proliferação de um conjunto de elementos temáticos” que acabariam por se espelhar “na invenção das tradições populares”, assim como num “elaborado processo de estigmatização territorial (...) que se reflectiu e se reflecte na própria imagem do bairro” (Menezes, 2004: 42).

Esta relação dicotómica entre os processos de emblematização e ao mesmo tempo de estigmatização resultaram na construção de uma identidade territorial muito concreta a nível social, cultural e espacial, que tendo em conta o contexto oitocentista, se revelou num misto de peculiaridade sociocultural, miséria e vício (*idem*: 43).

Fado, arraiais, marchas, conversas, memórias, comportamentos e solidariedades, faziam parte de um conjunto temático mais amplo do que se veio a caracterizar como as tradições populares formando dinâmicas sociais específicas que promoviam a peculiaridade sociocultural do bairro (Cordeiro, 1997).

As parcas condições de vida dos seus moradores contribuíam para a ideia da miséria, estando o vício identificado com uma certa vida boémia que “intersectava o mundo do fado com a prostituição”, participando nos seus espaços de convívio, nas “tabernas e nas esperas de touros”, “fadistas, marialvas, aristocratas, marinheiros, toureiros, boleiros, vagabundos, e prostitutas” (Menezes, 2004: 43).

Abreviando, a alta densidade populacional e construtiva na Mouraria originada pela industrialização e subsequente êxodo rural do século XIX, parece ter eternizado as ideias de marginalidade, segregação socioespacial e insalubridade, que em conjunto com a pobreza e alguns comportamentos ilícitos, resultaram num complexo processo de estigmatização territorial que ainda hoje se reflecte no bairro.

Paralelamente, o aparecimento e proliferação do género musical do fado, as festas populares, certos comportamentos e solidariedades, ocasionaram uma identidade sociocultural particular no bairro que continua a ser mencionada não só nos discursos dos seus habitantes, mas também ampliada amiúde, por exemplo, aquando dos desfiles das marchas populares, nos temas escolhidos para representar o bairro, assim como em muitos artigos e folhetos turísticos sobre a cidade de Lisboa.

Também com a referida instituição da procissão à Nossa Senhora da Saúde no último quartel do século XVI, foi iniciada uma forte tradição católica que se estendeu, devido ao prolongamento do acontecimento religioso por quase trezentos e cinquenta anos, e ficou permanentemente associada à identidade local da Mouraria.

Século XX e XXI: Renovar a Mouraria?

Ainda durante o século XVIII, devido às invenções e melhoramentos técnicos iniciados pela Revolução Industrial no sector primário e secundário, e particularmente nas ciências médicas, deu-se um aumento abrupto da população em praticamente todos os países da Europa, assim como nas cidades dos Estados Unidos da América, resultando num crescimento igualmente repentino quer da densidade construtiva, quer da demográfica. As densidades construtivas e demográficas provocaram um aumento da degradação das condições de vida das populações dessas cidades, originando a proliferação de numerosas doenças, nomeadamente da tuberculose e cólera. Estas epidemias ocasionaram as primeiras medidas de saúde pública, assim como, com o objectivo de controlar e manter as recentes densidades urbanas, as primeiras reformas legislativas urbanas, postas em prática em muitas cidades europeias (Frampton, 1992).

O Barão Haussman (1809-1891) em Paris, o paisagista Humphrey Repton (1752-1818) em conjunto com o arquitecto John Nash (1752-1835) em Londres ou o urbanista Ildefonso Cerdá (1815-1876) em Barcelona, com os seus planos de carácter regulador higienista e de circulação viária, influenciaram arquitectos e projectistas por toda a Europa e América do Norte (*idem*).

Assim, em 1903, foi aberta a Avenida dos Anjos e a Avenida D. Amélia, que viria a ser mais tarde designada por Avenida Almirante Reis. Foram destruídos vários quarteirões nesta área permitindo por outro lado, a construção de novos e mais modernos edifícios o longo da recente e ampla avenida (UPM, 2009: 11).

Ainda no final do século XIX, em 1894, foi aprovado o projecto que daria origem à Rua Marquês de Ponte de Lima, incorporando a Rua da Tendas e ligando o Largo do Terreirinho com a cidade intramuros, aproveitando um troço destruído da cerca Fernandina. Foi também rasgado o acesso em escadas até à Rua da Mouraria, as Escadinhas da Saúde, assim como a ampliação e urbanização da Costa do Castelo, que até então funcionava como estrada de circunvalação e defesa militar (Vieira da Silva, 1948: 39).

É de notar no entanto, que apesar da Cerca Fernandina ter deixado de existir nesta época, permanece hoje em dia na população local um sentimento de limite, resultando na exclusão pelos residentes da Mouraria da parte urbana que se localizava no interior da muralha (Menezes, 2004: 53).

Em Lisboa, a influência de Haussman e do seu *urbanismo civilizador* fez-se sentir mais fortemente a partir do início do século XX, altura em que começou a ter numerosos adeptos. Fialho de Almeida, Victor Ribeiro e Luís da Câmara Reis, eram alguns dos partidários da destruição total dos bairros típicos de Lisboa para que estes se tornassem mais higiénicos e

arejados, “amplamente fornecidos de água e luz”, com o objectivo de “melhorar as condições económicas, físicas e morais dos pobres que para lá fossem viver” (Reis, 1908: 342).



Figura 21: Demolições na baixa da Mouraria
Fonte: Goulart (1961)



Figura 22: Demolições na baixa da Mouraria
Fonte: Madureira (1960)

Todavia, só mais tarde na década de 1940, e provavelmente não só pelo motivo apresentado pela Câmara Municipal de que o bairro já não tinha razão de existir no centro da cidade pelas suas construções antigas, desajeitadas e inestéticas, mas também, entre outros aspectos, com o objectivo de apropriação dos espaços públicos pelo regime do Estado Novo, foi demolido por completo o que então se chamava a Baixa da Mouraria: Igreja do Socorro, Rua da Mouraria (do lado poente), Travessa da Palma, Travessa do Alegrete, Rua Marquês do Alegrete, Largo e Rua Silva Albuquerque, Rua de S. Vicente à Guia, Travessa dos Álamos, Rua dos Vinagres, Calçada do jogo da Péla e Beco da Póvoa. O espaço deixado vazio foi denominado de Largo do Martim Moniz, evocando o nome do soldado que no Cerco de Lisboa morreu entalado numa das portas facilitando a conquista da cidade aos mouros, nome esse bastante elucidativo para a ideologia vigente (Menezes, 2004: 56).

A população desalojada foi realoizada em bairros de habitação social na periferia da cidade, sabendo-se pouco sobre o que lhes aconteceu. Os processos de marginalização funcional, física e social desencadeados pela desarticulação que as demolições provocaram no núcleo das actividades comerciais características da zona, vieram reforçar a ideia da continuação daquele território como o *vale dos vencidos* (*ibidem*).

No novo, grande e desolado largo, em finais da década de 1940, foram instalados a título provisório, pavilhões pré-fabricados para o alojamento dos comerciantes da zona arrasada, assim como os desalojados do mercado que funcionava na Praça da Figueira, demolido em 1947.



Figura 23: Vendedores ambulantes no Largo do Martim Moniz

Fonte: Gonçalves (1976)

Em 1967, com o objectivo de enquadramento da “nova realidade urbana” que incluía “o aumento do tráfego automóvel, o arranque da rede de metropolitano, a construção da Ponte sobre o Tejo e o início do processo de terciarização do centro e do crescimento dos arredores da cidade” (CML, 2011), a Câmara Municipal de Lisboa encomendou uma revisão do Plano Director Urbano de Lisboa ao arquitecto-urbanista Meyer-Heine, que tinha como principais linhas orientadoras o melhoramento da circulação viária, estando a modernização do largo do Martim Moniz incluída, sendo a acessibilidade automóvel a privilegiada em detrimento da praça na área (*ibidem*).

Em 1972, no entanto, nada se tendo ainda concretizado, foram elaboradas novas propostas de intervenção urbana pela recém-formada Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (EPUL), que devido ao conturbado período político que se seguiu ao 25 de Abril de 1974, só viriam a ser implementadas em 1982.

Nesse ano, foi elaborado o Plano de Renovação Urbana do Martim Moniz (publicado no Diário da República Nº 239/97 - II Série, como “Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria”), projecto dos arquitectos José Lamas e Carlos Duarte, e incluía equipamentos, comércio em geral, comércio alimentar, escritórios, instalações culturais, salas de espectáculos, habitação e estacionamento. Foram em primeiro lugar construídos dois centros comerciais e só em 1997, inaugurada a Praça do Martim Moniz. Em 1989, o primeiro dos centros comerciais, o Centro Comercial da Mouraria, do lado da colina da

Mouraria e em 1991, o segundo, o Centro Comercial do Martim Moniz, do lado da colina de Santa Ana (Colvin, 2008: 20).

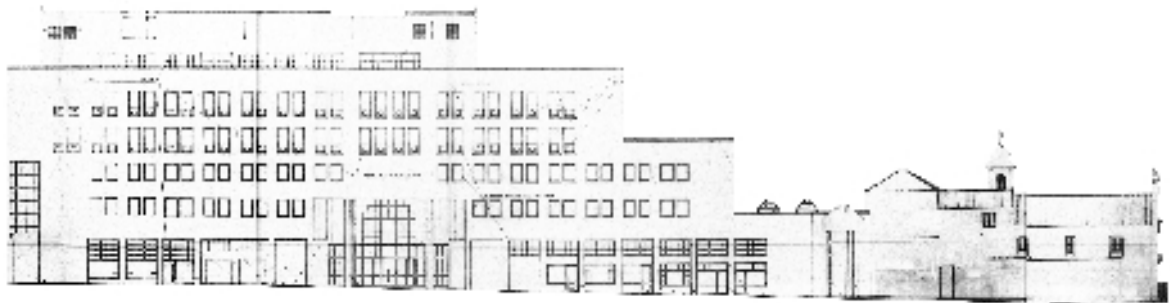


Figura 24: Alçado Poente Edifício Centro Comercial Mouraria
Fonte: Retirado de Lamas e Duarte (1982)

Em 1985, com a criação do Gabinete Local da Mouraria (redenominado de Unidade de Projecto da Mouraria em 2002, na sequência de uma reestruturação na Câmara Municipal de Lisboa) (CML, 2005), pretendia-se intervir tendo subjacente a nova ideologia urbana da autarquia, assente nos paradigmas de reabilitação, requalificação, revitalização sociocultural, económica e urbana, e recuperação do património arquitectónico (Menezes, 2004: 61). A zona constituiu-se assim como um “objecto de reabilitação urbana” (Firmino da Costa e Ribeiro, 1989), contribuindo “para a reconstrução social da realidade simbólica e da imagem urbana do bairro que, assim, passou também a estar associado à ideia de património” (Menezes, 2009: 308).

Os novos edifícios dos dois centros comerciais, em conjunto com um outro, no número 6 da Rua Arco Marquês do Alegrete (denominado de *comboio* pela população local), apesar da sua traça moderna, foram duramente criticados pelos lisboetas não só pelas suas fachadas de “estética híbrida”, mas também pela sua exagerada volumetria, comprometendo a imagem urbana daquele contexto, ficando conhecidos localmente por *mamarrachos* (Menezes, 2004: 59).

Na memória descritiva do projecto para o Largo do Martim Moniz eram intenções dos projectistas:

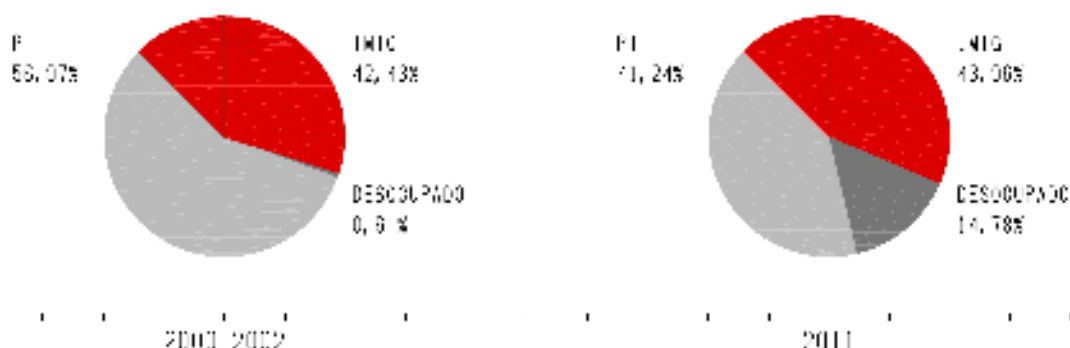
“A praça proposta para o Martim Moniz foi segregada ao trânsito automóvel e os próprios movimentos do peões foram controlados de modo a que os atravessamentos se façam marginalmente ao espaço central. Recuperou-se no Martim Moniz a função de zona de estar que se perdeu no Rossio, quando o tráfego mecânico, os atravessamentos constantes e a destruição do seu pavimento original transformaram a placa central numa ilha inóspita. A praça do Martim Moniz pensámo-la como um local de convívio e encontro da população, animada por esplanadas e cafés e palco de iniciativas culturais e

populares. Ela será o complemento indispensável de instalações destinadas a fins culturais e recreativos que junto a ela serão criadas.” (Lamas, 1982)

Ainda, no final da década de 1970, foi instalado na área um comércio grossista, atraindo comerciantes portugueses e indianos (vindos de Moçambique), assim como uma clientela bastante diversificada, nomeadamente indivíduos da etnia cigana que vinham abastecer-se de artigos que depois vendiam pela cidade e pelo resto do país em feiras ou venda ambulante. O baixo custo dos terrenos na zona aliados à proximidade com a Baixa de Lisboa, foram factores decisivos para o desenvolvimento das actividades comerciais (*idem*: 308).

No decurso da década de 1990, paralelamente ao crescente interesse na zona por comerciantes chineses e africanos, foram finalmente transferidos para outros pavilhões provisórios na Praça de Espanha, os comerciantes portugueses, ficando o largo como parque de estacionamento repleto de escombros e lixo, sendo só em 1997, alvo da operação urbanística do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria. A par da definição dos princípios urbanísticos a ter em conta para a reabilitação, recuperação ou construção de novos edifícios com o objectivo de valorizar o património histórico-cultural, foi iniciado um processo de responsabilização dos actores sociais no que refere à manutenção e conservação do património (Menezes, 2004: 61). A reabilitação urbana acabou por induzir por sua vez, “a criação de novas lógicas de uso, apropriação e percepção do espaço do bairro bem como de novas relações com a cidade”, contribuindo para a recuperação e invenção do que é tradicional e histórico (*ibidem*).

Gráfico 04: Percentagem dos comerciantes portugueses e estrangeiros no bairro da Mouraria
Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados de UPM(2009)



Os comerciantes chineses e africanos atraídos pela crescente popularidade comercial da zona, foram instalar-se justamente nos novos dois centros comerciais, primeiro no Centro Comercial da Mouraria (CCM) e mais tarde, nas caves do Centro Comercial do Martim Moniz (CCMM), assim como nas lojas que iam ficando vagas nos principais eixos comerciais do bairro (Menezes, 2004: 60), principalmente na Rua do Benfornoso e na Rua da Mouraria.

Segundo um levantamento ao comércio de rua efectuado entre os anos de 2000 e 2002³³ por técnicos da Unidade de Projecto da Mouraria (UPM, 2009), mais de metade do comércio era animado por portugueses, cerca de um terço por indianos, e um pouco mais de um décimo por paquistaneses, chineses e comerciantes de origem africana. Comparando com o levantamento efectuado para esta investigação³⁴, nota-se que a percentagem de estabelecimentos comerciais explorados por cidadãos estrangeiros se manteve relativamente estável, tendo diminuído a percentagem dos explorados por cidadãos nacionais, atribuindo-se esta diminuição ao aumento de estabelecimentos vagos ou desocupados.

Este tipo de comércio de revenda, animado actualmente por portugueses, indianos e chineses, assim como por paquistaneses, bangladeshis e africanos, passou a identificar o bairro como multicultural, característica que o distingue, segundo os técnicos da Câmara Municipal, dos outros Bairros Históricos lisboetas (UMP, 2009). Esta característica multicultural é devida não só à presença do comércio de revenda explorado pelos comerciantes estrangeiros, mas também de outros factores daí decorrentes. A fixação de algumas das populações imigrantes na área, a localização dos seus lugares de culto (existem actualmente duas mesquitas, uma maior na Rua Agostinho de Carvalho, e uma menor, mais recente, na Rua do Terreirinho), e o aparecimento de outros tipos de comércio, nomeadamente o alimentar, têm atraído mais populações, trazendo diariamente consumidores e utilizadores nacionais e estrangeiros, visitantes e turistas com diferentes culturas, religiões, línguas, práticas sociais, gastronomia ou modos de vestir. Este movimento, segundo os técnicos da CML, provocou um impacto considerável no “velho bairro popular”, particularmente no rejuvenescimento da sua população (UPM, 2009).

33 O levantamento de 2000-2002 abrangeu as ruas dos Cavaleiros, Mouraria, Marquês do Alegrete, Poço do Borratém, Benfornoso, F. Fonseca e Largo do Terreirinho (UPM, 2009).

34 O levantamento de 2011 abrangeu as ruas dos Cavaleiros, Mouraria, Marquês do Alegrete, Poço do Borratém, Benfornoso, F. Fonseca, Praça do Martim Moniz e Calçada da Mouraria (Elaboração Própria, 2011).

Paralelamente à actividade comercial grossista, começou a desenvolver-se no bairro uma outra actividade comercial de carácter ilegal com a venda de substâncias estupefacientes. Segundo opiniões de moradores, aumentou consideravelmente a partir da data da demolição da encosta do Casal Ventoso, no final da década de 1990, e localiza-se nos espaços públicos mais “resguardados” do bairro mas que estão ao mesmo tempo “estrategicamente situados nos eixos de ligação entre níveis secundários e primários de acessibilidade ao resto da cidade” (UPM, 2009). Também a prostituição e os “sem-abrigo” são bastante visíveis, estando localizados no Largo do Intendente e zonas adjacentes e à volta das arcadas do CCM e Rua da Mouraria, respectivamente.

Também no final da década, em 1998, foram instalados pela Câmara Municipal na Praça do Martim Moniz, uma série de quiosques metálicos com o objectivo de revitalizar economicamente o local a partir do desenvolvimento de um comércio de retalho especializado em artigos regionais, antiguidades e artesanato. Esta operação não teve contudo, o resultado pretendido, tendo os quiosques ficado vazios contribuindo para o fomento e aparecimento de comportamentos ilícitos, tais como o crescente tráfico de droga, a utilização dos sanitários públicos por toxicodependentes para se injectarem, ou um negócio de chamadas telefónicas fraudulentas explorado por indivíduos indianos e africanos, que ficou conhecido na altura como o *gangue dos telemóveis* (Menezes, 2009a: 312).

Esta situação prolongou-se por algum tempo, e depois de terem sido feitas queixas à Câmara por habitantes do bairro, foram finalmente retirados os quiosques em Dezembro de 2000.

Durante a primeira década do século XXI, a praça foi sendo apropriada pela população da Mouraria, assim como por turistas e outros visitantes, que a usam principalmente como ponto de passagem entre os dois centros comerciais e ponto de descanso nos seus bancos sob as árvores ou nos quiosques de bebidas ali localizados. Os três quiosques de bebidas existentes na praça são exemplos, de acordo com a antropóloga Marluci Menezes, do conceito antropológico de *pedaço* cunhado por Magnani (1993)³⁵, sendo, respectivamente, o quiosque *Crioula do Martim Moniz* o pedaço de imigrantes africanos, o quiosque *dos chineses* o pedaço de indivíduos indianos, chineses e ciganos, e o quiosque *Fava Rica* o pedaço dos turistas (Menezes, 2009a).

35 As noções de “pedaço, trajecto, circuito e mancha” de Magnani, servem como instrumentos de leitura, compreensão e orientação no espaço urbano, circunscrevendo pontos socialmente reconhecidos como relevantes na dinâmica urbana e servindo de referência para as actividades que compõem o quotidiano, nomeadamente, as actividades de lazer, devoção, militância ou práticas culturais (Menezes, 2009a: 325).



Figura 25: Vista norte da Praça Martim Moniz
Fonte: Pavão (2006)



Figura 26: Panorâmica da Praça Martim Moniz
Fonte: Pavão (2000)

Muito recentemente em 2009, foi elaborada pelos técnicos da Unidade de Projecto da Mouraria, uma candidatura ao Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN). Este é uma intenção política para os anos do período entre 2007 e 2013, e procura enquadrar a aplicação da política comunitária de coesão económica e social ao país. Neste projecto político são pretendidos como objectivos gerais a qualificação da população através da valorização na inovação dos conhecimentos científicos e tecnológicos, assim como uma maior promoção e sustentabilidade nos níveis de desenvolvimento económico, sociocultural e qualificação territorial, querendo igualmente fomentar a eficiência e qualidade das instituições públicas. Para a sua concretização, financiada através de fundos comunitários, prevê-se a execução de programas operacionais enquadrados por três grandes agendas operacionais temáticas – potencial humano, factores de competitividade e valorização do território. Os programas operacionais são cinco, estando o Programa de Acção para a Mouraria incluído no Programa Operacional Regional de Lisboa (QREN, 2008).



Figura 27: Cartaz do Festival TODOS 2011
Fonte: CML, GLEM (2011)



Figura 28: Orquestra Jaipur no Martim Moniz
Fonte: Fotografia de L. Graça (2011)

Deste modo, na Mouraria, no “Programa de Acção: as cidades dentro da cidade”, são tidos como objectivos políticos a promoção da qualificação urbana, nomeadamente das áreas urbanas degradadas ou socialmente deprimidas, o reforço da responsabilidade de Lisboa como motor do desenvolvimento do País; a capacitação de Lisboa como meio acolhedor e lugar de encontro multicultural; a (re)qualificação do tecido urbano; a valorização dos recursos paisagísticos e patrimoniais singulares; o vencimento de obstáculos à mobilidade, a maior eficiência na gestão do espaço público; e ainda, o fortalecimento da cooperação institucional e territorial (UPM, 2009).

Apesar do início das obras decorrentes do plano só estar previsto para o final de 2011, algumas das iniciativas propostas foram já postas em prática, nomeadamente, a deslocação do gabinete do Presidente da Câmara da cidade para o Largo do Intendente e o Festival “Todos”. Esta são talvez as acções mais visíveis, que em conjunto com as visitas guiadas periódicas ao património histórico e cultural do bairro, encontros de fado e o jornal bimestral Rosa Maria promovidos pela associação local “Renovar a Mouraria”, têm como objectivo principal o início de um processo de mudança social no bairro no decurso da renovação da imagem sociourbana do mesmo.

O “Festival Todos – Caminhada de Culturas”, tendo tido este ano de 2011 a sua terceira edição, sustentou como objectivos a promoção de uma “grande festa nas zonas do Martim Moniz, Mouraria e Intendente” em que foram valorizados os trabalhos relacionados com “a sociedade, com comunidades, com a arquitectura, com a vivacidade e o mistério da diversidade cultural”, e através do qual se pretendeu atrair novos públicos, contrariando as ideias de insegurança no bairro, e “que sem receio e com curiosidade se sintam atraídos para esta zona da cidade tão fascinante e tão rica social e culturalmente”. A organização do festival pretendeu ainda como objectivos, “dignificar e iluminar aspectos particulares e únicos deste território urbano em mutação permanente” (CML, GLEM, 2009).

Nas duas primeiras edições teve um sucesso considerável, contribuindo para a imagem de uma multiculturalidade e diversidade cultural étnica que se pretende única no contexto da cidade de Lisboa. Na última edição, em Setembro de 2011, foi paralelamente anunciada a participação de Lisboa na Rede das Cidades Interculturais da Europa ³⁶ (Costa, 2011).

³⁶ A Rede das Cidades Interculturais da Europa foi criada em 2008 no contexto do Ano Europeu do Diálogo Intercultural. Numa parceria entre o Conselho da Europa e a Comissão Europeia, tem como objectivo a estimulação de novas ideias e práticas em relação à integração dos imigrantes e das minorias. O convite feito à cidade de Lisboa ocorreu na sequência de uma visita a Lisboa do director da Rede das Cidades Interculturais durante a segunda edição do Festival TODOS (Costa, 2011).



Figura 30: Cartaz “Oficina Arte Postal”

Fonte: Casa da Achada (2011).

Os aspectos da multiculturalidade e diversidade étnica no bairro têm sido bastante reforçados e ampliados pelas iniciativas da associação “Renovar a Mouraria” que através de passeios temáticos, como o “Venha Conhecer a Mouraria Chinesa”, ou “Mouraria: da sua origem à actualidade multicultural e bairrista, 900 anos de história. Percurso pela freguesia do Socorro”, e em múltiplos artigos no Jornal “Rosa Maria” (Freire, Junho 2010, Henriques *et al.*, Junho Agosto 2011, Rita, Novembro 2010, Rita, Junho Agosto 2011, Rodrigues, Junho 2010, Rodrigues *et al.*, Novembro 2010, Saraiva, Junho Agosto 2011), pretendem dar a conhecer aos habitantes e pessoas “de fora” (Menezes, 2004: 241) esta “excitação da Mouraria de hoje” (Henriques, 2011: 2).

Com este Programa de Acção, procurando que a intervenção proposta mantenha o “espírito do lugar e da cultura” e a coerência formal do bairro, é previsto como objectivo principal o melhoramento dos seus aspectos dos pontos de vista urbano e social.

Na análise SWOT+T³⁷ feita para o plano referido, destacam-se como pontos fortes da abordagem do ponto de vista urbano e físico, a sua localização central na área histórica de Lisboa, o seu tecido urbano de origem medieval e volumetria pouco exagerada da maioria dos edifícios, a existência de alguns edifícios de qualidade arquitectónica reconhecida e a grande concentração de comércio nos seus principais eixos, assim como a pouca

37 A análise SWOT+T é uma ferramenta utilizada para fazer o exame de um cenário, consistindo em identificar de forma sintética quais os pontos fortes, pontos fracos, ameaças, oportunidades e tendências da área analisada

vulnerabilidade sísmica e boa qualidade sonora do bairro decorrente do pouco trânsito automóvel ali existente.

Como pontos fracos, a numerosa quantidade de edifícios devolutos ou em mau estado de conservação, a quase inexistência de espaços públicos abertos e verdes na malha mais densificada do bairro, o declive acentuado de muitas das suas ruas e o risco daí decorrente de inundações no seu sopé.

Do ponto de vista social, a diversidade étnica é vista como um dos pontos fortes da Mouraria, assim como as tradições religiosas e ligadas ao fado. Como pontos fracos aponta-se a baixa qualificação escolar da maioria da população residente, a insegurança derivada da existência de alguma criminalidade, e a estigmatização social que perdura agarrada à imagem do bairro quer pelos seus habitantes, quer pela restante população da cidade.

Embora não se consigam prever todas as consequências do plano municipal para a área, realça-se a importância da vontade política da edilidade e presidência do município revelada na promoção urbana da reabilitação e revitalização de uma zona da cidade actualmente bastante degradada.

Quadro 09: Análise SWOT+T ao bairro da Mouraria

Fonte: Elaboração própria dados retirados de UPM (2009)

Fonte: Elaboração própria dados retirados de CEM (2006)

Strengths (pontos fortes)		Weaknesses (pontos fracos)	
I N T	<ul style="list-style-type: none">• Localização central na zona histórica da cidade• Património Cultural e Edificado classificado• Malha e escala dos edifícios• Muito comércio nos principais eixos• Vulnerabilidade sísmica média• Qualidade sonora• Diversidade étnica• Tradições religiosas e ligadas ao Fado		<ul style="list-style-type: none">• Grande quantidade de edifícios devolutos e de edifícios em mau estado de conservação• Carência de espaços verdes e espaços públicos• Maior parte da área com declives > 25%• Risco forte de inundações na área central• Baixas qualificações escolares da sua população• Insegurança• Estigma social
Opportunities (oportunidades)		Threats (ameaças)	
E X T	<ul style="list-style-type: none">• QREN• Ligação à Frente Ribeirinha		<ul style="list-style-type: none">• Más experiências de planeamento anteriores• Elevado Índice de Envelhecimento• Crise do sector Imobiliário
Trends (tendências)			
<ul style="list-style-type: none">• Aumento da população imigrante residente• Maior atenção das pessoas à Qualidade de Vida• Maior vontade de escolher bairros históricos para viver• Perda de emprego e de número de estabelecimentos comerciais			

As operações de reabilitação de algum do edificado de propriedade municipal em conjunto com a revitalização do espaço público e a execução de um projecto de valorização

sociocultural, pretendem alcançar uma requalificação do espaço urbano desta zona da cidade que promete provocar alterações não só no aspecto da sua imagem e paisagem urbana, mas também mudanças significativas no seu tecido social.

Do ponto de vista urbano, espera-se conseguir um forte impulso no aumento da reabilitação e renovação do edificado de propriedade privada, melhorando em consequência o aspecto da zona. Em consequência deste melhoramento na imagem do bairro, é também esperada uma maior atracção de comércio e serviços, nomeadamente do tipo relacionado com as actividades turísticas.

Do ponto de vista social, e através de uma colaboração de parcerias locais entre o município e alguns organismos oficiais e actores locais existentes no bairro, pretende-se a implementação de medidas sociais de prevenção e combate à exclusão social, envelhecimento populacional e criminalidade, nomeadamente do tráfico e consumo de estupefacientes, prostituição e lenocínio presentes no bairro, assim como a promoção de actividades culturais, aspirando tornar a área mais atractiva para os turistas e outros visitantes, assim como uma renovação da sua população residente.

A renovação da população está prevista que aconteça no decurso das operações de requalificação urbana, assim como do aumento das condições de segurança e conforto urbanos do bairro, prevendo-se melhoramentos na acessibilidade e mobilidade das suas ruas e outros espaços públicos (através da criação de um corredor turístico que percorre algumas das ruas interiores do bairro e de reformas nas suas vias e em alguns dos largos e praças), com o intuito de atrair populações jovens e novas famílias.

Prevê-se ainda a existência de um plano de monitorização que supervisione a boa execução do programa proposto através da colaboração de todas as entidades envolvidas no programa de acção. Para além da orientação principal, está prevista a criação de uma plataforma tecnológica que auxilie a produção de modelos de análise e decisão, no sentido da formação de cenários alternativos que favoreçam a melhor informação possível para a tomada acertada de possíveis decisões a ser tomadas no decorrer da execução do programa proposto.

É ainda de salientar, que as oportunidades listadas na análise efectuada, sejam unicamente o próprio Quadro de Referência em que se insere, e uma (não tão aparente) ligação à frente ribeirinha, sem fazer referência, por exemplo, a outras medidas urbanas e políticas, nomeadamente a revisão do PDM, o Programa de Investimentos Prioritários em Acções de Reabilitação Urbana ou a Estratégia de Reabilitação Urbana de Lisboa, cujo planeamento municipal decorria já em 2009, tendo sido referidos no Relatório do Estado do Ordenamento do Território (CML e DMPU, 2009); ao acréscimo da instalação de unidades

hoteleiras nas áreas históricas ou a procura imponente de novos usos, culturais e de indústrias criativas, por parte da população lisboeta.

Entendem-se como ameaças, as anteriores más experiências no planeamento urbano para a zona, as consequências negativas no sector imobiliário decorrentes da crise económica mundial, assim como o elevado índice de envelhecimento existente no país, sem fazer referência novamente, por exemplo, a outras adversidades económicas, tais como a perda de subsídios comunitários, a retracção das despesas destinadas ao investimento municipal desde 2002 (*idem*), a frequência com que o custo de manutenção dos espaços verdes é visto como não prioritário; ou a constrangimentos urbanos, tais como, por exemplo, os rácios elevados de estacionamento sobre áreas bem servidas de transportes públicos impostos pelo PDM, ou a dificuldade em compatibilizar os condicionantes impostos pelos sistemas naturais na estrutura edificada (*idem*). Também poderia ter sido feita a referência a algumas das dificuldades sociais, nomeadamente, como exemplo, a persistente estigmatização do bairro por alguma da população lisboeta, com a continuação das imagens de insegurança ou insalubridade associadas ao bairro.

Como tendências para o bairro, prevêem um aumento na população residente, tanto imigrante, como nacional, quer devido à continuação da atracção por proximidade às comunidades imigrantes locais, quer devido ao interesse crescente em habitar nos bairros históricos, respectivamente. Faz-se também referência a um maior empenho na procura de uma boa qualidade de vida, assim como, de um ponto de vista negativo, ao possível acréscimo previsto na taxa de desemprego e à forte possibilidade na retracção de investimento que poderá resultar num decréscimo no número de estabelecimentos comerciais da zona.

Não são referidos, todavia, como riscos associados à implementação e execução do programa, os possíveis processos de “*gentrification*”, que mesmo gradualmente, poderão vir a ocorrer, à semelhança do que aconteceu e acontece actualmente noutros bairros históricos da cidade (Sampaio, 2007 e Benis, 2011). É, também, uma forte possibilidade, a acentuação dos actuais ressentimentos e opiniões de carácter xenófobo em relação às populações imigrantes pela população residente nacional, actualmente derivadas de um convívio difícil entre as populações originais autóctones e as recentes alóctones.

De uma forma breve, os acontecimentos históricos do último século provocaram paralelamente a acentuação de algumas das imagens identitárias do bairro e o aparecimento de outras novas.

No início do século XX, a necessidade de desenvolvimento urbano de Lisboa provocada pelo aumento da população, resulta na expansão para norte com a abertura, entre outros,

do eixo que viria a ser mais tarde a Avenida Almirante Reis, provocando um deslocamento nas dinâmicas sociais e urbanas do bairro. Paralelamente, deu-se a consolidação da parte superior do bairro e uma melhoria no seu acesso, com a construção das Escadinhas da Saúde aproveitando um troço destruído da muralha fernandina. Também nesta altura começou a sentir-se em Lisboa a influência dos ideais urbanos de higiene, salubridade e circulação que se iniciaram com a construção da Baixa Pombalina, assim como do urbanismo promovido por Haussman em Paris, aparecendo a opinião da destruição total dos bairros históricos, incluindo o da Mouraria. Essas ideias contudo, não foram levadas a avante, devido às noções inéditas do final do século anterior de valorização patrimonial urbana dos bairros mais antigos da cidade.

Com o Estado Novo, foi iniciado um processo de demolição da parte baixa da Mouraria. Foram demolidos ruas, becos e travessas, e a Igreja do Socorro, dando lugar a um novo grande espaço, denominado de Largo do Martim Moniz. No largo foram instalados alguns pavilhões a título provisório, onde foram acomodados os comerciantes das zonas demolidas da Mouraria e do também demolido mercado localizado na Praça da Figueira, tendo sido iniciada assim a atractividade comercial da zona.

As altas densidades populacionais e construtivas, juntamente com as baixas qualificações e pouca condição económica dos habitantes da Mouraria, perpetuaram a imagem de insalubridade do bairro e miséria da sua população. A degradação do seu edificado, culminando na demolição da sua parte baixa, salientaram os processos de segregação sócio espaciais iniciados no século anterior, assim como um sentimento de perda territorial por parte dos habitantes do bairro, que é ainda actualmente mencionado pelos residentes mais velhos.

Ainda no final do século XIX começaram a ser instalados na zona alguns equipamentos de carácter recreativo, que em paralelo com a continuação da organização de festas e arraiais populares, onde era cantado o fado, prolongaram até meados do século XX, a atractividade lúdico-cultural da zona à restante população lisboeta.

Esta atractividade lúdico-cultural continuou depois da década de 1970, tendo ficado mais associada aos arraiais, fado e marchas populares.

No final da década de 1960, foi iniciado pela Câmara Municipal de Lisboa um processo de revisão do Plano Director da cidade, tendo sido encomendados planos ao arquitecto-urbanista Meyer-Heine, que não chegaram a ser postos em prática. Em 1972, foi encomendado novo plano aos urbanistas José Lamas e Carlos Duarte pela recém-formada empresa municipal da EPUL, tendo vindo a ser implementado só em 1982. Paralelamente, durante a década de 1980, começou a surgir uma nova ideologia urbana assente nos

paradigmas de reabilitação, requalificação, revitalização sociocultural, económica e urbana, e recuperação do património arquitectónico, que resultou na classificação do bairro como objecto de reabilitação urbana recuperando a ideia de património, associada à imagem da zona.

No entanto, só no final da década, em 1989, foi inaugurado o Centro Comercial da Mouraria e em 1991, o Centro Comercial do Martim Moniz. Os dois edifícios, em conjunto com um outro, não tiveram a aprovação estética dos habitantes do bairro, que passaram a denominá-los de *mamarrachos*. O edifício do CCM em particular, devido à sua exagerada volumetria e estética híbrida, passou a ser visto como estando a tapar o bairro, escondendo-o, assim como o acrescento da noção de um certo aspecto desagradável associada à presença de indivíduos “sem-abrigo” que por ali se estabeleceram, dormindo nas arcadas e ficando o resto do dia nas suas redondezas, passando estas opiniões a ser referidas amiúde pelos residentes da Mouraria.

O longo abandono a que foi votado o Largo do Martim Moniz (durante quase uma década serviu de parque de estacionamento), visto a sua inauguração como praça ter acontecido só em 1997, provocou um retorno aos residentes da zona dos sentimentos de esquecimento do bairro por parte da edilidade.

Depois da revolução de Abril de 1974, e a partir do final dessa década, começaram a ser atraídos pela popularidade da sua zona comercial grossista, outros comerciantes de origem estrangeira, nomeadamente, africanos e indianos (vindos de Moçambique). A partir dessa altura, quer na Mouraria, quer no Martim Moniz, devido à considerável expansão comercial e presença dos comerciantes imigrantes de várias nacionalidades e alguns dos seus clientes de etnia cigana, provocaram a continuação da popularidade da zona pelo comércio barato grossista, tendo começado igualmente a ficar associada ao bairro a noção de diversidade étnica.

A forte identidade religiosa católica presente no bairro, foi reforçada durante um período na ditadura, e recuperada novamente em 1982, aquando da reinstituição da procissão de devoção à Nossa Senhora da Saúde. A importância desta marca identitária, tem sido particularmente fortalecida pela presença e participação nos seus actos religiosos, de muitos dos últimos Presidentes da Câmara da cidade.

No final da década de 1990, deu-se um aumento abrupto na taxa de criminalidade no bairro. Tendo sido apontada como uma das causas pela população residente, a demolição em 1998 do bairro do Casal Ventoso, a outra foi a instalação por parte da Câmara, de uma quantidade considerável de quiosques metálicos na Praça do Martim Moniz. O objectivo de revitalização económica desejado nunca chegou a acontecer, tendo aparecido, por sua vez,

um negócio de chamadas internacionais fraudulentas, e a ocupação da praça por indivíduos toxicodependentes, recuperando deste modo, as ideias de marginalidade, perigo, miséria e vício que estigmatizavam a zona no século anterior. Em 2000, os quiosques foram retirados, mas persistiram e proliferaram no Largo do Intendente e suas redondezas, as actividades de tráfico de droga e prostituição, contribuindo para as noções de insegurança e agravamento do mau aspecto urbano daquela zona.

Durante a última década do século XX e a primeira do XXI, continuaram a instalar-se na zona cada vez mais comerciantes imigrantes, começando também a aumentar os residentes estrangeiros, atraídos quer pela proximidade à sua comunidade, quer por algum comércio e serviços a eles dedicados, salientando as ideias da diversidade étnica, assim como da multiculturalidade presentes no bairro.

Em 2009, foi elaborada uma candidatura a um quadro de referência nacional, através do qual se pretende a aplicação da política comunitária de coesão económica e social ao país. Com o plano são pretendidos como objectivos gerais principais, a maior qualificação da sua população, condições de vida, espaço e tecido urbanos, mobilidade e a valorização dos recursos paisagísticos e patrimoniais, reforçando o papel de Lisboa como motor de desenvolvimento e meio acolhedor para o encontro multicultural.

A par de algumas iniciativas e actividades culturais enquadradas pela referida candidatura postas entretanto em prática, foram organizadas outras actividades sociais e culturais pelas associações e instituições presentes no bairro. Com o intuito, entre outros, de uma renovação das más imagens associadas ao bairro, estas actividades culturais têm atraído alguns visitantes e contribuído para salientar as ideias de multiculturalidade e diversidade étnicas do bairro.

Com a execução do plano, é prevista uma alteração positiva na imagem do bairro, ficando finalmente abandonadas as ideias de marginalidade, perigo, insegurança, insalubridade, desconforto e mau aspecto da zona, esperando-se um aumento nos visitantes e na população residente, quer imigrante, quer nacional, de modo a combater a desertificação e envelhecimento populacional do centro da cidade de Lisboa. Não são todavia referidos, os processos graduais de “*gentrification*” ou os sentimentos xenófobos possíveis, resultantes prováveis da renovação social prevista.

Síntese final

Em jeito de conclusão deste capítulo, poder-se-á afirmar que a identidade e imagem do lugar estão fortemente ancoradas na longa história do bairro, havendo uma interligação entre causas económicas, sociais e urbanas na sua construção identitária.

As ideias de estigmatização, exclusão e marginalização, começaram por estar associadas à expulsão do povo vencido e consequente má localização da sua comuna, ficando associada a ideia de vale dos vencidos na própria etimologia do nome do bairro. Estas noções perduraram quase até ao final do século XX, primeiro com a exclusão do bairro dos limites murados pela cerca construída no final do século XIV; depois durante o século XV e XVI com empobrecimento da população residente devido à deslocação do centro económico e de poder da cidade para a margem do rio Tejo; e no século XVIII, ao sentimento de exclusão junta-se o de esquecimento com a não contemplação da zona no plano de renovação pós-terramoto agravando assim indirectamente a exclusão e segregação social. Finalmente no século XX, com as demolições praticadas durante o Estado Novo de parte do seu território assim como o abandono do Largo do Martim Moniz durante partes das décadas de 1980 e 1990 fizeram perdurar o estigma da exclusão, marginalização e esquecimento, respectivamente.

Igualmente desde longínqua data, resultaram do urbanismo sinuoso em conjunto com a alta densidade populacional e construtiva, as noções de insalubridade, degradação e mau aspecto do edificado e as más condições de vida da sua população. A par destas noções mais negativas, existe também a ideia de um património urbano considerável pela sua antiguidade, que tem sido mantida pelos habitantes do bairro e poder municipal.

Do ponto de vista social e das actividades económicas, a Mouraria começou por ter uma identidade popular ao mesmo tempo rural e urbana, relacionada com as actividades agrícolas e artesanais que ali se desenrolavam. No século XIX, apesar de continuar a ter algum carácter rural, o carácter operário fica igualmente associado, tendo passado também a ficar conhecida como um dos bairros pobres da cidade. Durante o século XX, passa a ter um carácter mais comercial, com a colocação de comerciantes na zona demolida do bairro, culminando no início deste século com ocupação da maioria das lojas por comerciantes imigrantes nos dois centros comerciais ali localizados, assim como de uma parte significativa dos estabelecimentos dos eixos comerciais do bairro. Existe ainda um certo carácter lúdico-cultural, iniciado ainda durante o século XIX, com a proliferação de casas e tabernas onde se cantava o fado, a organização dos primeiros arraiais e o aparecimento de alguns equipamentos recreativos. Depois das demolições na baixa do bairro em meados do século XX, houve uma retracção desse carácter lúdico, observando-se o seu ressurgimento,

neste início do século, através das iniciativas culturais quer das associações do bairro, quer das actividades decorrentes da implementação a partir de 2009, de um programa de reabilitação e revitalização para o bairro.



Figura 31: Indivíduos imigrantes na Rua do Benfornoso
Fonte: Dussaud (2002)



Figura 32: Indivíduos imigrantes na Praça do Martim Moniz
Fonte: Pavão (2006)

A diversidade cultural e étnica, assim como o carácter multicultural, começaram igualmente a estar associados ao bairro, desde o aumento no final do século XX, do comércio explorado por indivíduos imigrantes, e a significativa diversidade de nacionalidades presentes na população residente do bairro.

Ainda do ponto de vista social, mas de carácter negativo, existem na zona desde o século XIX, as noções de criminalidade, vício, perigo e insegurança. Tendo o seu início resultado porventura do grande número de população jovem masculina que ali habitava naquele século, deu-se o alastramento dos problemas de alcoolismo e o aparecimento e proliferação da prostituição feminina, que continuaram até à actualidade. No final do século XX, houve um aparecimento do tráfico e consumo de estupefacientes, em conjunto com a pequena criminalidade muitas vezes associada, ficando como imagens fortes do bairro, o perigo e insegurança. Actualmente, e apesar de na opinião dos moradores ser muito baixa ou quase inexistente a criminalidade presente no bairro, perduraram essas imagens negativas para a restante população da cidade.

Existe também fortemente associada ao bairro, a ideia de uma tradição religiosa católica importante. A instituição de uma procissão anual desde 1570, tendo unicamente dois curtos períodos de interrupção no século XX no decurso de agitações políticas, é uma das marcas identitárias mais fortes no bairro.

O plano de reabilitação e revitalização para o bairro, com o início da sua implementação em 2009, pretende de um modo geral, a manutenção das características positivas e o desaparecimento das negativas.

É certo que algumas das características negativas existentes no bairro irão diminuir ou mesmo acabar, dando azo ao aparecimento de outras positivas. Fica no entanto a dúvida se poderão ocorrer algumas consequências negativas decorrentes da sua execução.

Poder-se-á então afirmar que a identidade do bairro da Mouraria é um conjunto de imagens positivas e negativas, por vezes contraditórias, que têm vindo a estar associadas ao bairro de um modo paralelo.

Do ponto de vista negativo, podem incluir-se as ideias de estigmatização, exclusão, marginalização, esquecimento, insalubridade, mau aspecto da sua paisagem urbana, criminalidade, perigo e insegurança. Do ponto de vista positivo, as noções de património histórico, as tradições religiosas, populares e relacionadas com o fado, a multiculturalidade e diversidade étnica, e o carácter comercial da sua principal actividade económica.

Para o futuro, deseja-se um desaparecimento das noções negativas na identidade do bairro, esperando-se que o recente plano proposto venha a melhorar ou a fazer desaparecer essas circunstâncias. Contudo, existe uma probabilidade de poderem vir a aparecer novos aspectos negativos, decorrentes da execução do mesmo plano.

Quadro 10: Cronologia histórica dos momentos que tiveram impacto para a construção da Identidade local do bairro da Mouraria

Fonte: Elaboração própria

Marcas identitárias	Data	Acontecimentos históricos
	XII	
	1147	Conquista de Lisboa aos Mouros por D. Afonso Henriques Muçulmanos e judeus não convertidos expulsos para fora da cidade Comunas judias e muçulmanas
• Exclusão		
• Segregação socioespacial		Comuna muçulmana: localização intencional, insalubre e longínqua do comércio e da margem sul do Tejo
• Insalubridade		
• Vale dos Vencidos	1170	Mouraria: Foral da Comuna Moura; início formal do bairro
• Urbanismo medieval sinuoso		Mouraria: urbanismo sinuoso organizado em volta dos edifícios importantes para a identidade religiosa e organização da comuna Mouraria: principais actividades económicas: sector secundário
	XIII e XIV	Mouraria: número pequeno de população residente
	1279-1325	D. Dinis: promulgação de decreto de isenção para os muçulmanos de alguns tributos obrigatórios Mouraria: aumento da população residente Mouraria: aparecimento do Arrabalde Novo Mouraria: convívio de Cristão e Muçulmanos
• Multiculturalidade		
	1375	Construção da Cerca Fernandina Mouraria: excluída para fora do novo limite murado Mouraria: início da indústria oleira e do azeite
• Exclusão		
	XV	Início dos Descobrimentos
	1496	D. Manuel I: decreto de expulsão dos judeus e muçulmanos de Portugal Mouraria: estrutura comunal desfeita Mouraria: população muçulmana substituída pela cristã Centro económico e do poder perto do rio
• Popular		Mouraria: actividades artesanais e continuação da indústria oleira e do azeite
	XVI	Cinco freguesias em Lisboa Mouraria: Freguesia de Santa Justa
• Património arquitectónico	1505	Mouraria: Ermida de S. Sebastião (mais tarde renomeada para Capela de Nossa Senhora da Saúde)
• Forte tradição católica		Mouraria: início do culto de devoção à Nossa Senhora da Saúde
	1519	Mouraria: Convento de Nossa Senhora da Rosa
• Património arquitectónico	1539	Mouraria: Palácio do Marquês de Tancos
	1540	Mouraria: Convento de Santo-Antão-o-Velho (actualmente conhecido como Coleginho)
	1549	Mouraria: Colégio dos Meninos Órfãos
	1550	Santa Justa desmembrada em cinco menores freguesias Mouraria: freguesia de S. Sebastião da Mouraria Expansão viária na cidade Abertura dos acessos lineares da Graça até ao Caminho da Penha de França Mouraria: abertura do eixo Mouraria-Anjos-Arroios
	1562	Mouraria: abertura na muralha do postigo da Rua Nova da Palma Grande aumento no número da população residente em Lisboa: mais de 100 mil habitantes
• Forte tradição católica	1570	Mouraria: início da procissão anual de devoção à Nossa Senhora da Saúde
	1596	Mouraria: início da construção da igreja da paróquia de São Sebastião da Mouraria
	XVII	Aumento densidade demográfica na cidade
	1620	165 mil habitantes em Lisboa Mouraria: aumento da densidade demográfica
• Alta densidade populacional		
	1646	Mouraria: re-nomeação da freguesia e da igreja da paróquia de S. Sebastião para Nossa Senhora do Socorro
	1650	Ligeiro decréscimo no número de população residente em Lisboa Mouraria: Densidade urbanística aumenta mas o número de residentes estabiliza
• Alta densidade construtiva		
• Insalubridade		Mouraria: "teia medonha de pequenas ruelas que se cruzavam, estreitas e tortuosas, irregulares na sua largura, cheia de becos e betesgas"
• Urbanismo medieval sinuoso		
• Sujidade		Mouraria: Rua do Capelão: Rua Suja
	1672	Mouraria: obras de melhoramentos na circulação e salubridade pela CML
	1690-1699	Novo aumento no número de população residente em Lisboa
	1694	Mouraria: Palácio do Marquês do Alegrete, Arco de S. Vicente renomeado para Arco do Marquês

		do Alegrete
	XVIII	Início da Revolução Industrial em Inglaterra
	1755	Terramoto em Lisboa
<ul style="list-style-type: none"> Degradação do edificado Alta densidade populacional Alta densidade construtiva Insalubridade Exclusão Esquecimento 		Mouraria: pouco afectada pelo terramoto
		Mouraria: persistência da alta densidade construtiva e dos problemas de salubridade
		Mouraria: exclusão pelo Plano para a Baixa de Manuel da Maia e Eugénio dos Santos
		Novo fluxo migratório na cidade
<ul style="list-style-type: none"> Bairro Popular Pobreza, miséria Degradação do edificado 		Mouraria: população residente volta a aumentar, aumentando a densidade populacional e construtiva, e a ocupação de espaços verdes
		Mouraria: consolidação da parte urbana superior do bairro
		Mouraria: vinda de algumas famílias nobres para a parte superior
	XIX	Revolução Industrial em Portugal
		Aumento demográfico
		Éxodo Rural
		Primeiras reformas legislativas urbanas na Europa
		Planos urbanos de Haussman, Nash e Cerdá
<ul style="list-style-type: none"> Alta densidade populacional e construtiva Pobreza 		Mouraria: aumento vertiginoso nas densidades demográfica e construtiva
		Aparecimento do estilo musical do Fado
<ul style="list-style-type: none"> Fado Criminalidade 	1820-1846	Mouraria: Maria Severa, mítica fadista da Mouraria
	1837	Mouraria: início da ocupação por "perseguidos pela polícia", ladrões e mendigos nas ruínas e escombros do Palácio da Rosa
	1852	Aberta a Estrada da Circunvalação em Lisboa
<ul style="list-style-type: none"> Aumento da atractividade Boémia Festas Populares Comportamentos ilícitos Prostituição, alcoolismo Atractividade lúdico-cultural 	1859	Mouraria: aberta a Rua Nova da Palma
		Mouraria: aparecimento de equipamentos lúdicos e do terminal de carros americanos na Mouraria
		Mouraria: vida boémia, entre o fado, prostituição e tabernas, arraiais e marchas populares
	1865	Mouraria: Teatro Apolo na Rua da Palma
	1879	Substituição do Passeio Publico pela Avenida da Liberdade
		Abandono dos modelos tradicionais urbanos pelos de desenvolvimento ortogonal
<ul style="list-style-type: none"> Atractividade lúdico-cultural Bairro operário 	1887	Mouraria: Real Coliseu de Lisboa (actualmente a Garagem Liz)
		Mouraria: Aparecimento das Vilas e Pátios operários
		Mouraria: transformação do Palácio do Marquês do Alegrete em prédio de rendimento ocupado por famílias operárias
	1890	140 mil habitantes na zona central de Lisboa
<ul style="list-style-type: none"> Alta densidade populacional Semi-rural 		Mouraria: densidade demográfica 600 hab/ Ha
		Mouraria: horta das Atafonas, apesar da alta densidade construtiva continua a ser semi-rural
	XX	Continuação da expansão da cidade para norte
		Aparecimento de numerosos adeptos de Haussman
	1908	Futura Avenida Almirante Reis é rasgada
	1910	Mouraria: interrupção da procissão anual de devoção à Nossa Senhora da Saúde
	1932	Início das comemorações em Junho das Festas de Lisboa
	1933	Início do Estado Novo
<ul style="list-style-type: none"> Forte tradição católica Degradação Segregação socioespacial Aspecto desagradável Comércio popular 	1940	Mouraria: retoma da procissão anual de devoção à Nossa Senhora da Saúde
		Mouraria: início das demolições na parte baixa
		Mouraria: espaço demolido é transformado em Largo do Martim Moniz
		Mouraria: instalação de pavilhões pré-fabricados para comércio no novo largo
	1946	Mouraria: demolição do Palácio e Arco do Marquês do Alegrete
	1949	Mouraria: demolição da Igreja de Nossa Senhora do Socorro
<ul style="list-style-type: none"> Planos urbanos não concretizados 	1967	CML encomenda plano urbano viário a Meyer-Heine
	1972	Mouraria: EPUL encomenda plano de renovação urbana a Lamas e Duarte
	1974	Fim do Estado Novo Revolução de Abril
		Mouraria: interrupção da procissão anual de devoção à Nossa Senhora da Saúde
<ul style="list-style-type: none"> Vocação comercial de revenda 	1977-1979	Mouraria: implementação de comércio grossista

• Comerciantes imigrantes		Mouraria: aumento de interesse na área comercial por parte de comerciantes africanos e indianos
• Forte tradição católica	1981	Mouraria: retoma da procissão anual de devoção à Nossa Senhora da Saúde
• Segregação socioespacial	1982	Mouraria: início da implementação do plano urbano de Lamas e Duarte
• Mamarrachos	1989	Mouraria: inauguração do CC Mouraria
• Aspecto desagradável	1991	Mouraria: inauguração do CC Martim Moniz
• Degradação		Mouraria: realocização dos comerciantes do Largo Martim Moniz para a Praça de Espanha ficando a área repleta de escombros e lixo, servindo como parque de estacionamento
• Aspecto desagradável		
• Esquecimento		
• Bairro Histórico	1997	Publicação no DR N° 239/97 - II Série do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria
		Mouraria: inauguração da Praça do Martim Moniz
	1998	Demolição do Casal Ventoso
		Mouraria: aumento das actividades ilegais de comércio de estupefacientes
• Criminalidade		
• Perigo		
• Imigração		Mouraria: início da ocupação das lojas dos CCM e CCMM por comerciantes imigrantes
• Vocação comercial de revenda	XXI	Aumento significativo do número de estrangeiros residentes em Portugal devido à regularização extraordinária (1996) e alteração da lei de estrangeiros (2001)
		Mouraria: aumento significativo de estrangeiros residentes
• Diversidade étnica		
• Imigração		
• Retorno às origens muçulmanas		
• Reabilitação e revitalização urbanas	2009	Mouraria: candidatura pelo UPM ao programa QREN
• Renovação sociocultural		Mouraria: implementação de algumas medidas do plano de candidatura ao QREN
• Imigração		Mouraria: Festival TODOS, visitas guiadas, jornal do bairro, iniciativas culturais
• Multiculturalidade		
• Diversidade étnica		
• Atractividade lúdico-cultural		
• Reabilitação e revitalização urbanas	2011	Deslocação do gabinete de trabalho do presidente da CML para o Largo do Intendente
• Multiculturalidade		Participação da cidade de Lisboa na Rede das Cidades Interculturais da Europa
• Diversidade étnica		
• Reabilitação e revitalização urbanas		Mouraria: início das obras de reabilitação e revitalização do plano proposto na candidatura ao programa QREN
• Renovação sociocultural		



Figura 33: Transeunte na Rua do Benfornoso, 2011

Fonte: Fotografia de R. Neves (2011)

Capítulo III

Discursos Directos dos Autóctones sobre os Alóctones

Neste capítulo, faz-se uma análise de conteúdo do discurso dos dezanove entrevistados (residentes e comerciantes), procurando deste modo, as respostas às últimas questões de trabalho sobre como se desenrola a convivência cultural entre os comerciantes, residentes e visitantes nacionais e os imigrantes presentes no bairro, finalizando com uma avaliação feita pelos nacionais sobre os benefícios e malefícios para o bairro resultantes da presença dos imigrantes.

Procurou-se entrevistar alguns dos actores locais nacionais autóctones, principalmente os comerciantes da zona e residentes, pois são dos utilizadores do bairro que têm um maior convívio com os grupos imigrantes. A maioria dos indivíduos foi abordada no sentido de disponibilizarem algum do seu tempo para as respostas pretendidas, alguns dos quais, indicados por outros entrevistados (método bola de neve). A predominância de entrevistados comerciantes, doze no total, entre proprietários e funcionários, deveu-se à sua maior disponibilidade de tempo e vontade em falar sobre o assunto. Tentou-se abordar mais residentes e/ou transeuntes nacionais, mas muitos não aceitaram falar, alegando falta de tempo e/ou desagrado em falar no tema. Um dos comerciantes abordados aceitou falar, desde que não se procedesse à gravação do seu discurso, pois queria manter privada a sua opinião fortemente negativa em relação aos imigrantes. Apesar de não ter sido gravada, nem terem sido tomadas notas por vontade do entrevistado, foram principalmente referidos como aspectos negativos, as actividades ilícitas, particularmente, o tráfico de estupefacientes e contrabando de artigos electrónicos, e as muitas altercações violentas que ocorrem amiúde à porta do seu estabelecimento comercial. É de referir que este proprietário tem o seu estabelecimento comercial na Rua do Benfornoso, a pouca distância do Largo do Intendente. Nomeou como principais responsáveis pelos problemas deste bairro, indivíduos provenientes do centro e leste europeu (identificados como “Kosovares” pelo entrevistado), assim como paquistaneses e cidadãos do Bangladesh, que costumam frequentar aquela zona em particular. Contudo, esta entrevista não foi incluída nesta análise.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas entre 13 e 16 de Setembro de 2011, uma terça-feira e sexta-feira, respectivamente, na semana posterior ao Festival TODOS – Caminhada de Culturas, evento referido algumas vezes pelos entrevistados.

Para além dos indivíduos abordados que não aceitaram falar, quase metade dos entrevistados (9) demonstraram a princípio uma certa relutância e reserva em expressar a sua opinião, tendo no entanto acedido a serem entrevistados, quando lhes foi explicado o conteúdo das perguntas e a curta duração estimada para a entrevista. Os restantes (10) disponibilizaram-se imediatamente. Do total dos entrevistados, só dois demonstraram receio em expressar a sua opinião em relação à presença dos imigrantes, por ser negativa. A maioria (16), no entanto, não se coibiu em manifestar as suas opiniões, quer favoráveis, quer desfavoráveis face à presença dos imigrantes.

Entrevistas: razões, objectivos e temas

Atrás referido, o tipo de entrevista escolhida foi a semi-directiva. Considerou-se que seria a mais adequada para a recolha das informações pretendidas, pois são respeitados nos testemunhos os quadros de referência (a linguagem e categorias mentais) dos entrevistados (Quivy, 1998: 195). Como tal, foram definidos três tópicos gerais, relativamente abertos, e tanto quanto o possível, foi dado “espaço” para que os entrevistados falassem abertamente, com as suas palavras e na ordem que lhes fosse mais conveniente. Assim, e sendo o tema geral da conversa no sentido do convívio com os imigrantes, grande parte dos entrevistados (12), dirigiram o discurso para o que mais os incomoda nesse convívio (6), quais as características mais distintivas dos imigrantes (3), ou os dois temas em simultâneo (3). Dois dos discursos, um de opinião muito negativa e o outro muito positiva, frisaram ainda a não generalização a todos os indivíduos imigrantes dos seus pré-juízos negativos por um lado, e a forte admiração e respeito que nutrem face a estes actores sociais, por outro.

Deste modo, no sentido de aprofundar o conhecimento sobre o entendimento e percepção da evolução da configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes na zona em estudo, procuram-se as respostas às sub-questões sobre qual a opinião dos utilizadores nacionais relativa à presença de grupos imigrantes no seu bairro, e como se desenrola esse convívio; quais dos elementos sensoriais (sonoros, visuais ou olfactivos) têm uma maior contribuição na percepção dessa evolução e alteração na paisagem urbana; bem como qual a avaliação dos utilizadores nacionais da evolução na paisagem urbana

resultante da presença de grupos imigrantes no seu bairro. Assim, as entrevistas semi-directivas recobriram os seguintes tópicos:

1. Saber a opinião geral sobre os imigrantes no bairro.
2. Saber quais dos elementos sensoriais (sonoros, visuais ou olfactivos), consideram ser mais característico dos grupos imigrantes.
3. Saber se notam alguma mudança no bairro com a sua chegada e como consideram essa alteração, se positiva ou negativa.

A maioria dos entrevistados seguiu a linearidade apresentada nas perguntas, tendo alguns (8) acrescentado no final comentários adicionais que consideraram importantes.

Breve Caracterização social dos entrevistados

Tal como referido, as actividades profissionais da maioria dos entrevistados são as comerciais, entre proprietários (10) e funcionários (2). Quatro dos indivíduos abordados são reformados, um está desempregado e dois são ainda estudantes. A maioria dos entrevistados (14) insere-se no grupo etário entre os 15-29 anos, com uma média de idades que se situa nos 47 anos; no primeiro grupo, estão os estudantes, com 13 e 14 anos, respectivamente; e no último grupo (mais idoso), estão três dos indivíduos reformados, com uma média etária que ronda os 68 anos. Em relação ao grau de escolaridade, prevalecem os detentores do ensino básico, principalmente os do 3º Ciclo e ensino secundário (com o 3º Ciclo do Ensino Básico [8], com o Ensino Secundário [6] e com o Ensino Superior [2]).

A maioria dos entrevistados não reside na Mouraria (14), embora alguns deles já ali tenham habitado noutra altura da sua vida, e quase todos, exceptuando as duas jovens de 13 e 14 anos, trabalha ou visita o bairro pelo menos desde há vinte anos.

A maioria (15) das entrevistas decorreu nos estabelecimentos comerciais onde os entrevistados são proprietários, funcionários ou clientes. As restantes (4) realizaram-se no exterior, em duas das ruas do bairro, nomeadamente na Rua do Terreirinho e Rua Agostinho de Carvalho.

Opinião sobre os Imigrantes no bairro

Através de uma escala de valores positivos e negativos, as opiniões dos entrevistados dividiram-se entre totalmente positivas (5), considerando que só existem aspectos positivos na presença e convívio com os imigrantes; parcialmente positivas (2), apreciando a presença e convívio com os imigrantes, mas mostrando algumas reservas e descontentamento por algum aspecto negativo; parcialmente positivas e negativas (5), ou

ambíguas, encarando a presença e convívio com os imigrantes como tendo, em igual medida, aspectos positivos e negativos; parcialmente negativas (5), revelando descontentamento ou outros sentimentos negativos, tais como repulsa e aversão, face à presença e convívio com aquele grupo, mas ainda assim, considerando a existência de algum aspecto positivo; e muito negativas (2), considerando que só existem aspectos negativos na presença e convívio com os imigrantes.

O saldo total pode assim considerar-se como sendo simétrico, visto que houve exactamente o mesmo número de respostas positivas e parcialmente positivas (7), assim como negativas e parcialmente negativas (7).

Tal como pretendido, e perante a questão de resposta aberta, os entrevistados interpretaram a pergunta de diversos pontos de vista, focalizando-se ora no seu convívio com os grupos imigrantes, ora sobre a presença dos imigrantes no bairro e no país, ou na Mouraria e em Portugal de forma individualizada, particularizando a necessidade da sua presença no país.

Assim dos entrevistados que se posicionaram face à sua relação de convivência no bairro com os imigrantes, um manifesta uma opinião totalmente positiva, outro parcialmente positiva, três parcialmente positivas e negativas, e um parcialmente negativa. Houve apenas uma opinião totalmente negativa.

Foram distinguidos dois tipos de convivência intercultural, o de vizinhança pessoal e o de vizinhança profissional, essencialmente com base na actividade comercial.

No convívio de vizinhança pessoal, são apontados como factores positivos, o facto das populações imigrantes serem muito reservadas e não se intrometerem na vida alheia, porventura em comparação com alguns elementos da população autóctone, o que possivelmente está interligado com um convívio de vizinhança mais próximo que ocorria antes dos grupos imigrantes se terem ali instalado.

É possível evidenciar algumas opiniões positivas:

“Não são pessoas que se metam com ninguém. Não são conflituosos (...)” (Luísa, 52 anos, proprietária comercial)

“Eu já aqui estou há vinte e poucos anos. Gosto. Em geral é uma população que convive bem com os outros (...)” (Pedro, 43 anos, proprietário comercial)

“Nunca tive nenhum conflito com eles. Eu pessoalmente não. Dou-me bem com eles todos aí.” (Rui, 49 anos, funcionário comercial)

É ainda apontado no convívio, uma aparente desconfiança e até suposto racismo por parte dos imigrantes oriundos da China, em contrapondo com os “indianos e bangladeshis” apreciados mais positivamente.

“Embora com os chineses... são assim um bocadinho desconfiados. São racistas. Ao passo que os Indianos e os do Bangladesh não.” (Mabília, 65 anos, proprietária comercial)

Entre os factores negativos, é apontada a aparente dificuldade na adaptação às normas e condutas de civilidade do país de acolhimento por parte de alguns dos grupos. São referidos o desrespeito pelo horário da recolha do lixo por parte dos residentes imigrantes, as ocasiões em que atiram lixo pela janela e a sujidade sempre presente nos edifícios onde habitam assim como no interior das suas casas; de referir que esta inadaptação se justifica por estarmos perante uma cultura diferente ou devido à proveniência rural da maior parte da população imigrante.

“A única coisa que não funciona muito bem é que talvez devido ao facto de eles virem de uma cultura diferente, não têm assim muito cuidado com o lixo. Põem o lixo na rua a qualquer hora, em casa, também têm as casas muito sujas, e pronto.” (Ana, 42 anos, proprietária comercial)

“É normal vindo de onde vêm, não adquiriram hábitos de viverem em cidade, e então, acho que tem a ver com isso.” (Pedro, 43 anos, proprietário comercial).

O entrevistado que considerou apenas haver aspectos negativos na convivência com os vários grupos de nacionalidades presentes no bairro, apontou, para além dos aspectos relacionados com a higiene já referidos, a dificuldade em entender certas particularidades das culturas estrangeiras, nomeadamente, a obrigação do uso do véu pelas senhoras de religião muçulmana, e a sua pouca ou nenhuma socialização com os nacionais; considera ainda que o desrespeito às regras de recolha do lixo instituídas no bairro é propositado, assim como a resistência à aprendizagem da língua portuguesa, especificamente por parte dos chineses. É de notar, que foi esta a entrevista que teve uma maior duração, tendo o entrevistado falado quase ininterruptamente em resposta ao primeiro tópico, durante cerca de 13 minutos.

“Então, no que diz respeito à vivência com eles, com todas estas culturas, é um bocado difícil. Porque devo-lhe dizer, que eu por exemplo, estando eu aqui como já disse há trinta anos, de há dez anos para cá, comecei a entrar num estado de saturação, e presentemente, sensivelmente de há dois para cá estou mesmo num estado de... (...)

devo salientar pelo menos em termos de higiene, eh pá, o termo é «brutal», é horrível! (...) o problema que eu tenho presentemente aqui nesta zona é uma zona com muito Bangladesh, paquistanês, alguns afegãos e muitos chineses. E com esses nós, nós realmente temos uma vivência bastante difícil com eles. (...) Isso são culturas que para a gente é difícil conseguir, pelo menos para mim, é um bocado difícil absorver isso. (...) a nível de religião deles, que para nós é muito estranha, nós europeus, é muito estranho conseguir perceber, digo eu, não é?, conseguir perceber a cultura deles, quando as mulheres não podem sair à rua, não podem... (...) Os chineses, e o termo é, são um bicho-do-mato. Não tentam falar a nossa língua, vão tentar ser simpáticos, não ligam ao problema do barulho a partir de umas certas horas, têm comida... (...) Eles falam muito alto. Umas gargalhadas horríveis, uns risos horríveis, e... E têm comida pendurada no estendal da roupa, semanas a fio, aqui na zona, é uma coisa incrível! (...) E agora, é o que eu digo, os chineses então é... é horrível! É horrível porque não fala mesmo. E não tenta falar a nossa língua! Ainda é mais... Por exemplo eu acho absurdo a gente entrar num espaço comercial dos afegãos ou dos paquistaneses, e está uma série de escritos na língua deles, com os caracteres deles, que eu acho que deve ser raro o europeu que percebe aquilo, e estão lá anúncios e não está ao lado a tradução em português! Ou... Devia ser o contrário, devia estar o anúncio em português, e devia estar a tradução, e podia estar a tradução em afegão ou paquistanês. Não está! Eu acho isso tão, tão incorrecto, tão... Nós sentimos alheios ao nosso próprio país, está a perceber, é horrível, é horrível!” (Rui, 47anos, proprietário comercial)

Este entrevistado não deixa de revelar as dificuldades de comunicação e de compreensão face aos imigrantes e face ao diferente.

No convívio de vizinhança profissional e comercial só foram apontados aspectos negativos, associados a uma concorrência “desleal” por parte dos comerciantes estrangeiros. Esta opinião negativa em relação ao convívio profissional social com os grupos imigrantes, é sentida por dois únicos entrevistados, ambos proprietários de estabelecimentos comerciais, e decorre, principalmente, de um sentimento de injustiça na fiscalização assim como da isenção da tributação de impostos permitidos aos comerciantes imigrantes. É destacado, no entanto, que a responsabilidade na injustiça das aparentes desigualdades regulamentares e fiscais, não é dos imigrantes, mas sim das autoridades nacionais. É entendido que a fiscalização aos estabelecimentos comerciais é demasiado permissiva com os empresários imigrantes, resultando, em consequência de acordos governamentais internacionais, que embora sejam vistos como positivos, desigualdades fiscais que prejudicam os comerciantes nacionais.

“Agora, o que eu acho mal é que eles, pronto, são acordos entre os governos, eles não pagam nada... Não são fiscalizados, não são nada, e nós... (...) Por exemplo, se eles não tiverem preços na montra ninguém lhes diz nada, e que são obrigados a ter. São obrigados a ter preços marcados, e muitas vezes dizem um preço e praticam outro. Percebe? São... É... Porque não há uma fiscalização, não, e nós somos fiscalizados a toda a hora! E eles não pagam I.V.A. (...) Eu costumo dizer que nós, portugueses, somos muito, muito bons padraços, mas muito maus pais.” (Luísa, 52 anos, proprietária comercial)

“ No que diz respeito ao comércio por exemplo, todos eles não se percebe porque é que fogem à lei, mas se agente entrar em qualquer das lojas deles, nenhum deles cumpre a lei; por este ou por aquele parâmetro não cumprem a lei; nós vemos eles a vender produtos que estão constantemente a ser apreendidos e depois voltam a aparecer nas lojas, nós vemos que eles não têm um extintor, nós vemos que eles não têm uma casa de banho, nós vemos, sei lá!... Tantas regras que nos são impostas a nós” (Rui, 47 anos, proprietário comercial)

Os restantes treze entrevistados revelam uma ausência de consenso quanto à presença dos imigrantes na Mouraria e/ou em Portugal. Assim, três consideraram como totalmente positiva a presença dos imigrantes em Portugal e no bairro da Mouraria.

“Eu acho que são pessoas como as outras. Com uma cultura diferente, mas isso só pode provocar é enriquecimento, mais nada. Eu acho que, são pessoas normais para mim.” (...) (Rita, 47 anos, proprietária comercial)

“São pessoas normais como as de Portugal.” (Jessica D. e Jessica S. 13, 14 anos, estudantes)

Apenas uma das entrevistadas (residente e reformada), avalia como parcialmente positiva a presença dos imigrantes, remetendo a sua opinião ao contexto do bairro.

“Eu não tenho razão de queixa, Mais nada.” (...) “a única razão de queixa é que das janelas mandam o lixo e houve uma vez que ia apanhando com um. Há mais imigrantes que Portugueses. Só que o lixo é que muitas vezes vem pela janela. E por exemplo naquele chafariz ali, põe lixo a toda a hora. Nem que o homem (da CML) estivesse todo o dia lá, só se lá estivesse um à paisana, que não deixasse. Agora está limpo, mas mais dez minutos e está cheio de lixo; eles não respeitam.” (Maria do Carmo, 73 anos, reformada)

As opiniões parcialmente positivas e negativas e marcadas por alguma ambiguidade, foram expressas por três dos entrevistados.

“De um modo geral é como tudo. Há bom e mau. Há bom e mau.” (Paulino, 37 anos, proprietário comercial)

“Há imigrantes bons e imigrantes ruins. Já sabe como é que é. Como tudo na vida!” (Amílcar, 69 anos, reformado)

“Há imigrantes e imigrantes.” (Rosário, 48 anos, funcionária comercial)

Quatro das opiniões manifestadas foram parcialmente negativas. Poucos são os aspectos positivos associados à presença e contributo dos imigrantes; de salientar, os horários alargados de certos estabelecimentos comerciais explorados por imigrantes, embora se defenda que a lei deva ser igual para todos e por isso também os comerciantes imigrantes a deveriam cumprir. É ainda notória uma atitude de compreensão face ao desejo de melhorar a vida, estabelecendo-se um paralelismo entre este imigrantes o fenómeno da emigração portuguesa.

“Também não posso falar, porque às vezes, eu nunca me aconteceu isso, mas às vezes posso precisar de alguma coisa, uma pessoa sair e estar tudo fechado e com aquela aberta, vai ali. É normal, um desenrasque. Mas horários, são horários.” (José, 45 anos, desempregado)

“Também temos de pensar que nós também vamos para fora, eu tenho uma irmã em França e o meu pai também esteve em França uns anos. Para ter uma vida melhor. Eu vejo tanta gente aqui, esses que vêm de leste e assim.” (Maria, 44 anos, proprietária comercial)

“A minha opinião é esta: aqueles que lutam para melhorar, saem da terra deles sabe Deus em que miséria, tudo bem.” (Alice, 49 anos, proprietária comercial)

Detectaram-se duas posições totalmente negativas, quando se questiona os entrevistados sobre a necessidade da presença dos imigrantes em Portugal.

“Agora neste momento, não fazem cá falta. Não fazem cá falta.” (Miguel, 62 anos, reformado)

“Eu acho que os imigrantes aqui não estão a fazer nada.” (José, 44 anos, proprietário comercial)

Assim, quer no contexto local do bairro da Mouraria, bem como no geral do país, os imigrantes são separados em dois grandes grupos: os empregados e os desempregados.

“Também depende dos imigrantes. Mas também não vou generalizar, depende.” (José, 45 anos, desempregado)

O primeiro grupo é simultaneamente bem e mal visto. Faz-se uma distinção entre um primeiro grupo, bem visto, dos indivíduos de origem indiana que chegaram, vindos de Moçambique, depois da independência das ex-colónias, e um segundo grupo, mal visto, dos indivíduos de várias nacionalidades que se instalaram a partir do ano 2000 no bairro, nomeadamente os chineses, paquistaneses, bangladechianos, e indivíduos provenientes do centro e leste europeus.

“Os imigrantes aqui estão para trabalhar, estão para ganhar dinheiro, ponto final, parágrafo. Acabou. Portanto não estão para causar distúrbios.” (Rita, 47 anos, proprietária comercial)

“Agora aqueles indianos que vieram na base de 81, esses sim, vieram para cá para fazer negócio, têm dinheiro. Tiveram ajudas, sim senhor, mas deixam cá e pagam os impostos e são todos certinhos.” (...) “Chineses não valem nada e Brasileiros não valem nada. Não fazem bem nenhum ao país. O dinheiro que arranjam cá é para mandar para a terra deles. E eu sou contra isso.” (...) “Os indianos, hindus, não os do Bangladesh, que os do Bangladesh são outra trampa igual, que as mulheres são parideiras, ficam em casa a parir e eles andam a coçar o cu nas lojas a fazer de conta que trabalham.” (Rosário, 48 anos, funcionária comercial)

O segundo grupo, apreciado negativamente, é muito mal visto, pois encara-se a sua presença como inútil e até prejudicial ao país, pois usufruem de privilégios económicos, que deviam ser canalizados exclusivamente para os desempregados nacionais. O imigrante é perspectivado como um concorrente e uma ameaça no mercado de trabalho.

“Agora esta trampa toda que veio para cá a partir do anos 2000 não tenho nem palavras para descrever. E trabalho com eles aqui diariamente.” (Rosário, 48 anos, funcionária comercial)

“a minha opinião é que eles, quando eram necessários, que havia mão de obra para eles também, foram bem vindos. (...) Agora neste momento, não fazem cá falta. Não fazem cá falta.” (Miguel, 62 anos, 15-09-2011)

“Porque é assim, quando a pessoa vai para trabalhar, mas agora, se nem há trabalho para os de cá, o que é que eles estão aqui a fazer? A roubar e ainda a pedir às pessoas que já têm pouco, acho mal.” (Maria, 44 anos, proprietária comercial)

O grupo dos desempregados está ainda associado a actividades ilícitas como o tráfico de estupefacientes, o contrabando de artigos electrónicos, a prática de roubos nos estabelecimentos comerciais, assim como, a mendicidade.

(...) “Às vejo ali na Rua da Palma aqueles ciganos sentam-se à porta das lojas, eu se tivesse ali uma loja, não gostava que eles estivessem à minha porta. Acho que aquilo dá mau aspecto.” (Maria, 44 anos, proprietária comercial)

“Então agora andam aqui a encherem as ruas, a fazerem roubos, a fazerem tudo e mais alguma coisa, que eles também têm de sobreviver, e como tal não andam cá a fazer nada.” (Miguel, 62 anos, reformado)

Elementos Sensoriais e Comportamentos

Em relação ao segundo tópico, através do qual se pretende conhecer quais dos elementos sensoriais (sonoros, visuais ou olfactivos), os entrevistados consideram ser mais característicos dos grupos imigrantes, a maioria dos entrevistados (16) interpretou a questão como se procurando indagar sobre a sensação mais distintiva ou que mais associa àquele grupo, mas também voltou a referir qual ou quais os comportamentos que mais os incomodavam no convívio intergrupar naquele bairro. Somente três dos entrevistados responderam sem emissão de juízos de valor negativos.

Assim, em relação aos elementos sensoriais e ou sensações, foi o elemento olfactivo o mais referido (14), no conjunto das dezanove respostas obtidas, assim como algumas referências a elementos visuais (6) ou elementos sonoros (6). Não houve referências a elementos tácteis ou do paladar, embora os elementos olfactivos referidos tenham sido na sua maioria relacionados com a culinária dos grupos imigrantes.

Tal como no tópico anterior, foi atribuída uma escala de valores positivos e negativos, em que se consideraram as opiniões dos entrevistados em relação às suas empatias com os elementos olfactivos, sonoros e visuais por eles referidos. Por conseguinte, das catorze opiniões relativas aos elementos sensoriais, não houve nenhuma demonstrando apreço, sendo que cinco dos entrevistados referiram que apesar de não gostarem de alguns dos elementos sensoriais identificados, estes não os importunavam, e a maioria (9) alegou um grande incómodo sensorial provocado pelo convívio com os grupos imigrantes.

No que concerne ao elemento olfativo, foram referidos como principais emissores odoríficos os temperos usados nas culinárias ou a forma de cozinhar os alimentos das diferentes culturas presentes no bairro. Também é referido o próprio cheiro individual dos indivíduos imigrantes, igualmente associado à culinária, ou por vezes a uma alegada falta de higiene.

Estranheza nos odores culinários

“E logo aí a forma... a forma e os ingredientes com que cozinham, até o cheiro altera, porque cheira mais a fritos, a caril, a outras especiarias que nós não usamos, não é?” (Pedro, 43 anos, proprietário comercial)

“Os cheiros são maus mas pronto, a gente também não vive com eles, não tenho problema nenhum, eu isso não.” (Mabília, 65 anos, proprietária comercial)

“O cheiro para mim é horrível. O cheiro a caril logo de manhã... Quando a gente sai do metro tem de vir por aqui... É horrível o cheiro!” (Luísa, 52 anos, proprietária comercial)

Estranheza nos odores corporais

“Sim, realmente às vezes eles têm um cheiro um bocadinho diferente, mas nada de extraordinário. Cheiram a picantes e a caril.” (Rita, 43 anos, farmacêutica)

“O que eu sinto mais depressa é os cheiros, «*blheck*». O cheiro... A gente tem que se desviar deles.” (Alice, 49 anos, proprietária comercial)

“Há uns que não têm água para se lavar; outras não, cheiram bem. O que é que se há-de fazer?” (Maria do Carmo, 73 anos, reformada)

No que refere ao elemento visual, são apontadas as formas diferentes no vestir, assim como a cor da pele ou determinadas características faciais, como uso de barba comprida, no caso dos indivíduos muçulmanos. Houve ainda referências a determinados elementos decorativos no edificado do bairro, identificados como alóctones e como tendo sido trazidos por grupos imigrantes.

Estranheza no vestir

“Cada um anda como quer.” (Maria, 44 anos, proprietária comercial)

“Na maneira de vestir não noto, quer dizer, as indianas. As mulheres sim, nota-se um bocadinho: as indianas, do Paquistão, do Bangladesh. Eles não. Quer dizer, fora aqueles que andam de turbante, que são mais virados assim mais extremistas, se calhar lá na religião deles, não sei. (...) Agora já estou um bocadinho mais habituada, mas ao princípio entravam-me aqui com turbantes e tal e uma pessoa fica, (...) É por eles serem diferentes. E às vezes reportagens que uma pessoa vê e depois associa.” [associando o seu aspecto com algumas notícias na comunicação social sobre extremistas muçulmanos] (Ana, 42 anos, proprietária comercial)

“O vestir, isso é um bocado estranho, a maneira... Não me incomoda, mas principalmente o que me incomoda mais é ver as pessoas de cara tapada. Acho que isso... Isso é que eu não gosto muito, não gosto mesmo. (...) E uma coisa que se vê, que eu noto agora, é muito... Antigamente era à base da raça deles, e agora já não é tanto. Agora já é... Vê-se muito também de cor, negros. [Muçulmanos africanos?] Eu penso que sim, que seja, porque... Agora vê-se com muita, mas mesmo com muita frequência! Mas bastantes. A frequência mesmo de pessoas negras. Muitos deles não vestem roupa à maneira deles, vêm com roupa normal, mas pronto, mas vê-se muita muita gente mesmo.” (Rui, 49 anos, funcionário comercial)

“As roupas também, são roupas, sobretudo quando eles nos dias de irem aqui às mesquitas, que vêm pessoas que se calhar nem estou habituado a vê-los aqui, vêm, vêm de outros pontos da cidade, mas trazem aquelas vestes que, que prontos, pelas vestes a gente identifica-os logo como muçulmanos. (...) quando me entra aqui um indivíduo de barbas com um turbante, identifico logo como da religião sikh, portanto, é...” (Paulino, 37 anos, proprietário comercial)

Aspecto das ruas

“Quanto mais não seja pelo aspecto que as ruas tomaram, não é? Desde a forma, se calhar, como eles ornamentam as janelas, com aquela maneira caricata de estender roupa e etc. que não tem nada a ver com a nossa, não é? Basta deambular por aqui para ver isso, não é? E depois há o colorido das ruas que não existia, não é? Facilmente nós (...) dá a impressão que piscámos os olhos e que acordámos noutro país, não é? Às vezes acontece isso.” (Pedro, 43 anos, proprietário comercial)

“Há-de reparar que há aí varandas com carne a secar. [Carne? Bifes?] Sim. É bifes... Não sei se são bifes... É como nós secamos o bacalhau... Com o sal... Não sei, eles fazem aí... Andam aí de vez em quando umas pessoas a vender uns fritos quaisquer, que eu também não consigo identificar bem o que seja... Andam a vender com um carrinho, contra todas as regras de higiene e segurança alimentar. Andam, sim, andam a vender entre eles, claro que eles já só oferecem a quem sabem que, aos clientes, não vão oferecer isso a nós.” (Pedro, 43 anos, proprietário comercial)

“Está a ver a roupa estendida lá em cima? A roupa estendida? São uns indianos que vivem ali. Sei, trabalho aqui há vinte anos, sei quem mora ali! A senhora estendia assim umas calças? Não estende! Toda dobrada... E aquela se calhar não é das piores, porque... Pois. É assim tudo... Uma mistura, uma confusão, nós se calhar não fazemos aquilo, como são só homens, aquilo é uma confusão. Se for uma casa onde haja também roupa de mulher, com mais coloridos e não sei quê, vê que aquilo é roupa estrangeira, olha e sabe que aquilo não é português que moram ali.” (Adelaide, 52 anos, funcionária comercial)

No que diz respeito ao elemento sonoro, este é principalmente associado às diferentes línguas faladas, situação muitas vezes percebida pelos autóctones como uma certa falta de respeito face aos vizinhos portugueses, encarando-se o facto da maioria dos imigrantes não falar a língua portuguesa como uma atitude de resistência intencional, ou pior, estes compreendem e até sabem falar um pouco, mas não o fazendo de propósito, fingindo não compreender o que se está a ser dito.

Estranheza nas línguas ouvidas

“As línguas, pronto, a gente gostava de perceber o que é que eles dizem como eles também gostavam de perceber o que é que a gente diz. (...) Havia de ser: nós sabermos a língua deles e eles saberem a nossa e então a partir daí estava tudo bem.” (Mábilis, 65 anos, proprietária comercial)

“Olhe, eu logo que não conheça a língua, para mim é estranho. Tanto faz inglês, como o americano, como o Bangladesh, como o Paquistão, como o indiano, não conheço. Eles falam, falam, falam e eu, não sei o que dizem. Não sei...” (Amílcar, 67 anos, reformado)

“As línguas. Mas eles até são uma mais valia.” (Jessica D., 14 anos, estudante)

Resistência à língua portuguesa

“E depois têm um problema, porque eles só falam mesmo a língua deles. Quando querem, porque eles sabem falar português, mas só falam com eles, ninguém entende nada. Isso é uma das coisas que eu... Acho um bocado feio da parte deles, mas pronto. É a maneira deles... (...) Para já, não falam. São pessoas que não falam. Mas é as senhoras. E eles também são muito pouco. Fala-se... Eles falam muito é entre eles.”
(Rui, 49 anos, funcionário comercial)

“As línguas não, se bem que é uma falta de respeito. Alguns deles falam português, não muito bem mas falam alguma coisa, e quando há coisas que têm de responder por eles dizem que não falam. Não sabem. Tanto os chineses como os indianos. “ (Rosário, 48 anos, funcionária comercial)

“Isto é assim, quando querem falar uns com os outros, falam na linguagem deles, não é a portuguesa. Porque sabem que os portugueses não sabem a linguagem deles, eles falam na linguagem deles que é para os portugueses não perceberem o que é que eles andam a dizer. Eles até podem estar a combinar um assalto e nós não sabemos o que é que andam a dizer, está a perceber? Isto como estamos em Portugal temos de falar português, não é a linguagem deles. Eu acho que é isso.” (José, 44 anos, proprietário comercial)

Referido anteriormente, alguns dos entrevistados (14) ao responderem ao tópico sobre quais os elementos sensoriais que consideram ser mais característicos dos grupos imigrantes, para além da identificação das sensações sentidas, enumeraram igualmente os comportamentos que consideram tanto distintos como incomodativos e perturbadores. Os restantes (5) abordaram igualmente este tópico no final da entrevista.

É curioso notar que as opiniões corroboram o que já outros autores no plano internacional atestaram, nomeadamente a progressiva transmutação do racismo biológico, desde a 2ª Guerra Mundial, em manifestações mais recorrentes de racismo culturalizado. Este assume diferentes nomes nos diversos países em que o tema tem sido abordado, sendo de destacar os pontos de vista de Meertens e Pettigrew (1999), Fanon ([1952], 2008), Wieviorka (1995) entre outros. No plano nacional os pontos de vista de Rosário, Santos *et al* (2001), Matias (2010), Vala, Brito *et al* (1999), Vala, Diniz *et al* (1999), identificando nas suas análises a existência de sinais de racismo subtil e formação de imagens ou estereótipos culturais pela sociedade portuguesa. Assim, tal como a socióloga Edite Rosário (2001) nota, as opiniões sobre o “outro” sociológico actualmente já não têm

tanto a ver com aspectos relacionados com a hereditariedade, a genética ou traços fenotípicos, mas sim “dando lugar a referências como os modos de viver e de pensar, os costumes ou os traços identitários” (Rosário, Santos et al, 2011: 32).

Também os estereótipos identificados vão de encontro ao que Matias (2010) reconheceu na sua análise sobre as imagens formadas pela população portuguesa sobre alguns grupos imigrantes na qual nota que existem muitas vezes sobre um mesmo grupo étnico, simultaneamente opiniões opostas, ou seja, negativas e positivas (Matias, 2010: 107). Assim, por exemplo, o grupo constituído pela população de nacionalidade chinesa é descrito simultaneamente como pouco limpo e barulhento, mas trabalhador e organizado, ou os bangladechianos vistos por uns como trabalhadores honestos e por outros como desonestos e preguiçosos.

Nota-se também nos discursos dos entrevistados aquilo que Norbert Elias (1989) identificou como a expressão da “autoconsciência do Ocidente” ou “consciência nacional” (Elias, 1989: 59), isto é, a noção de “civilização” como aquilo em que “a sociedade [ocidental] dos últimos dois ou três séculos crê suplantará as sociedades anteriores ou as sociedades contemporâneas «mais primitivas»” (*ibidem*). As maneiras dos outros em contraponto com a mundividência ocidental parece ser sempre o objecto dos maiores conflitos.

Igualmente como nos tópicos anteriores, atribui-se uma escala de valores positivos e negativos no sentido de uma maior facilidade na classificação dos juízos de valor emitidos no conjunto das opiniões recolhidas. A maior parte (16) referiu os comportamentos que identificam como negativos, embora alguns (7) frisassem que não obstante o seu juízo negativo, notavam que não tinham ou “problemas” ou relações conflituosas com os vizinhos imigrantes. Somente três opiniões foram totalmente positivas. Duas delas foram emitidas pelas únicas jovens da amostra que associaram as perguntas feitas sobre os imigrantes a um grupo específico presente no bairro constituído por alguns jovens estrangeiros que organizam algumas actividades no bairro no âmbito de um grupo de defesa do ambiente (Gaia). A terceira opinião positiva foi dada pelo único indivíduo com formação superior universitária.

Nas opiniões dadas pelos entrevistados, para além de características gerais em relação ao grupo dos imigrantes no seu todo, foram distinguidos vários grupos étnicos ou nacionalidades, nomeadamente os chineses, os romenos, os indianos, os paquistaneses, os indivíduos provenientes do Bangladesh, os muçulmanos e um grupo de indivíduos identificado como “Kosovares”, que se pensa ser proveniente não só da recente nação do

Kosovo, mas igualmente de outros países fronteiriços, tais como a Albânia, a Sérvia, a Moldávia e a Ucrânia.

Por conseguinte, em relação ao grupo dos imigrantes em geral, a principal fonte de conflitos, já atrás referida, parece ser o facto de estes não conseguirem, ou alegadamente não quererem, cumprir com o regulamento municipal de recolha do lixo instituído naquele bairro. Para além de estarem conotados com uma falta de higiene, não obedecem às regras de separação para a reciclagem, não cumprem os horários e muitas vezes chegam a lançar pela janela sacos ou restos de comida. É de notar que este comportamento é particularmente atribuído aos imigrantes chineses, embora muitas vezes tenha sido referida pelos entrevistados uma certa compreensão por este procedimento, visto entenderem que a maioria dos imigrantes presentes no bairro possam ter uma proveniência de predominante rural e por isso não estarão tão habituados a algumas das regras de urbanidade e de convívio em meio citadino.

Conflitos: o Lixo

“É tudo para o chão. Lixo. Para eles não há regras. Eles não têm regras nenhuma: deitam tudo para o chão. Comem uma banana, mandam para o chão; sacos até mandam da janela, (...) Eles mandam tudo para o chão.” (Alice, 49 anos, proprietária comercial)

“A única coisa que não funciona muito bem é que talvez devido ao facto de eles virem de uma cultura diferente, não têm assim muito cuidado com o lixo. (...) Por exemplo, no caso dos chineses, (...) depois é o lixo, a qualquer hora na rua, atiram as coisas pela janela, pronto, é assim um bocado...” (Ana, 42 anos, proprietária comercial)

“Olhe, devo salientar pelo menos em termos de higiene, eh pá, o termo é “brutal”, é horrível! (...) Na parte da higiene é brutal... E agora, é o que eu digo, os chineses então é... É horrível!” (Rui, 47 anos, proprietário comercial)

Conflitos: uma proveniência rural?

“Há casos em que se vê facilmente a mandarem comida pela janela, põem o lixo às horas que lhes apetece, (...) É normal vindo de onde vêm, não adquiriram hábitos de viverem em cidade, e então, acho que tem a ver com isso. (...) Eles tanto põem o lixo na rua de manhã, como à noite, tanto faz!” (Pedro, 43 anos, proprietário comercial)

“São culturas diferentes. (...) Pegam num alguidarito lá com uns tomates que sobrou do almoço ou qualquer coisa, mandam pela janela!” (Adelaide, 52 anos, funcionária comercial)

“O ponto negativo que eu acho desse tipo de imigração, é sobretudo aqui no bairro, é que não têm cuidado nenhum com o lixo. Metem lixo na rua, de qualquer maneira, dá ideia até se esquecem que estão numa cidade. Quer dizer, não que nas aldeia se fizesse isso, mas acho que deveriam de estar mais bem informados, ou mais bem educados, na maneira e horários de pôr o lixo nas ruas. Pelo menos aí na questão da limpeza acho que é um dos pontos negros dessas, dessas pessoas.” (Paulino, 37 anos, proprietário comercial)

Outra das fontes de conflito reside nos comportamentos relacionados com um sentimento de algum desrespeito pelas normas de conduta civil por parte dos vizinhos imigrantes. O facto atrás mencionado de, aparentemente, não se esforçarem para aprender a língua portuguesa, assim como a referência à disparidade de horários geradora de barulhos e ruídos em horário nocturno, são vistos como um desrespeito intencional que deveria ser punido ou corrigido. Estão também associadas a alguns indivíduos imigrantes, e particularmente ao grupo dos chineses, as imagens de desregramento e grande conflituosidade intergrupala.

Conflitos: o desrespeito pelas normas instituídas

“ (...) embora tenha dificuldade em adaptar-se às normas de civilização daqui, não é? não têm assim muito respeito pelas normas e pela conduta que normalmente devia existir aqui, não é? (...) Há vizinhos deles que se queixam que os horários não coincidem com os nossos. Os miúdos normalmente, se for preciso, andam a brincar e a correr às onze da noite, e tal, e se estiver um vizinho em baixo que até vai... existe ali um conflito.” (Pedro, 43 anos, proprietário comercial)

“Porque nos integramos, porque tentamos obedecer às culturas que existem, tentamos cumprir com as regras e com as leis do país onde estão, e aqui passa-se precisamente o contrário! (...) Acho que devia haver mais um pouco de regra, da parte deles em termos de... Não regras impostas policialmente, mas regras se calhar de as associações interferirem mais junto deles, e se calhar até falar com os, os, os religiosos, os que mandam! (...) essas culturas têm de se ambientar, e isto é a minha opinião e vale o que vale, têm de se ambientar e têm de se integrar, para a zona, ou para a terra, seja a zona do país, (...)” (Rui, 47 anos, proprietário comercial)

Conflitos: desregramento e conflituosidade intergrupar

“não têm respeito pelos vizinhos. À noite, é bebedeiras até dizer chega, e fora as discussões entre eles.” (Rosário, 48 anos, funcionária comercial)

São atribuídas aos imigrantes práticas associadas ao tráfico e consumo de droga, assim como, condutas marcadas pela falta de honestidade nas transacções comerciais ou até a prática de roubos. As apreciações conotadas com as práticas relacionadas com o comércio ilegal de estupefacientes ou desonestidade comercial estão, no entanto, mais associadas aos grupos específicos dos indivíduos identificados como provenientes do Kosovo, e a alguns bangladechianos, respectivamente, que presumivelmente tentam enganar os clientes nas transacções comerciais de telemóveis. Os roubos estão particularmente associados ao grupo identificado como os “ciganos Romenos”, mais especificamente aos indivíduos de sexo feminino, que para além de alegadamente efectuarem roubos em alguns estabelecimentos comerciais, são vistas como “mal-educadas”, “más” ou causando repugnância, sendo mal-vistas por alguns dos entrevistados. A todos estes subgrupos é feita a acusação de não quererem trabalhar e por conseguinte é questionada a sua presença em Portugal, tendo as opiniões convergido para a sua imediata expulsão do país, tal como já referido atrás.

Conflitos: desonestidade comercial

“Embora que há aí outra raça... Eu estou-me a referir aos bangladeshis, estes que estão aqui na rua. Porque andam aí outros que também são bangladeshis mas já são maus. São vigaristas, no bom sentido da palavra é assim. É vigarice e pronto. Aqueles vendedores de telemóveis, mas aquilo é dá cá o dinheiro já porque senão, é claro, vem a polícia e leva-os. É assim, esse género assim.” (Mabília, 65 anos, proprietária comercial)

Conflitos: roubos e comércio de estupefacientes

“Então agora andam aqui a encherem as ruas, a fazerem roubos, a fazerem tudo e mais alguma coisa, (...) Agora é tudo imigrantes, eles... Uns drogados, outros bêbados, outros não sei quê, e pronto, e é assim. (...) É o comportamento deles.” (Miguel, 62 anos, reformado)

“E depois havia ali uma mistura de Kosovares, que são muito complicados. Esses indivíduos sim. Ali em cima... São muito complicados. (...) Gostam muito é do conflito.

(...) Eu vou-lhe dizer já: a partir do prédio do EPUL para cima começa sempre a se pegar, esse tipo de gente, prostituição e droga. Faz uma mistura explosiva. É um bocado... É assim um bocado complicado.” (Rui, 49 anos, funcionário comercial)

“Portanto anda aí uma gente que eu chamo os ciganos, Romenos, isso é horrível. São porcos, são nojentos, são mal educados, maus. Se puderem roubar...” (Mabília, 65 anos, proprietária comercial)

“Agora muitos estão aí como as romenas, que essas... Essas mulheres entram em Portugal... (...) A gente vê-as aí às entradas dos Mini-Preços a pedir e não sei quê, a roubar tudo para as saias, e porcas que eu sei lá! E malcriadas que eu sei lá!” (Alice, 49 anos, proprietária comercial)

Os comportamentos e imagens positivas vão de encontro às características vistas como qualidades na mundividência ocidental. A grande determinação empresarial, o empenho que demonstram com as longas jornadas de trabalho são bons exemplos e estão associados a todos os grupos imigrantes acima identificados (com excepção dos grupos identificados pelos entrevistados como “Kosovares” e “ciganos romenos”). Alguns dos entrevistados referiram igualmente a simpatia, a afabilidade, a honestidade e a correcção no trato, assim como o reconhecimento de uma grande união intergrupar e a grande importância que dão às relações familiares e educação dos filhos. Muitos terminaram por reiterar, como já referido atrás, não sentirem dificuldades na convivência de vizinhança, apesar dos pontos menos positivos atrás mencionados.

Apreços: grande capacidade de trabalho

“De resto, eu conheço bangladeshis, fartam-se de trabalhar. “ (Amílcar, 67 anos, reformado)

“Eles trabalham muito, isso é verdade, porque às vezes os portugueses também não querem muito trabalhar, e eles estão sempre a trabalhar” (Maria, 44 anos, proprietária comercial)

“Os chineses são imparáveis, portanto nós não os conseguiremos apanhar nunca, eles vão tomar conta do mundo rapidamente, porque eles têm uma capacidade de trabalho, de organização, imensa. Embora devam ser muito ajudados, mas também por isso são muito organizados.” (Rita, 47 anos, proprietária comercial)

Apreços: simpatia, correcção e honestidade

“Eles não são nada antipáticos, pelo contrário, falam e tudo isso. (...) Eles têm as culturas deles, tanto os banglas, como os paquistaneses, com que eu falo e tento manter relações pelo menos de vizinhança, são pessoas muito correctas e honestos e simpáticos e tudo isso.” (Rui, 47 anos, proprietário comercial)

“Não fazem má vizinhança, não implicam com ninguém, são afáveis, se lhes perguntar-lhes alguma coisa, ou pedir qualquer coisa, num instante, quer dizer, acho que... (...) Dou-me bem com eles todos aí.” (Rui, 49 anos, funcionário comercial)

Apreços: sobriedade e discrição

“Eles são assim, não se metem na vida das pessoas, não metem. Porque aí está uma mesquita. Ali está uma mesquita, (...) e eles não se metem na vida de uma pessoa. Não se embebedam! (...) A religião deles, (...) não dá para eles beberem, não dá para comer carne de porco. E não se metem na vida de ninguém.” (Amílcar, 67 anos, reformado)

Apreços: união intergrupai

“porque o Bangladesh é assim, por acaso até são unidos” (Amílcar, 67 anos, reformado)

Apreços: relações familiares e educação dos filhos

“(...) também nos ensinaram coisas novas... Por exemplo, ensinaram-nos uma coisa que eu vejo por exemplo, alguns, os árabes, as famílias, são famílias, dão imenso valor à família, não gritam com as crianças, ao contrário daquilo que nós fazemos, as mulheres dedicam-se imenso à família e acho... Que são coisas boas. (...) Respeito-os imenso. Eles também nos respeitam a nós e portanto acho que é isso que temos de fazer. (...) Portanto, são culturas diferentes. (...) Eu acho que se aprende imenso com eles... Olhe, eu aprendo imenso com essa gente. Olhe, imenso. Imenso, a sério. (...) Mesmo os miúdos. Eles têm uma preocupação enorme. Eles têm uma preocupação em dar uma óptima instrução aos filhos. (...)” (Rita, 47 anos, proprietária comercial)

“E pronto, mas mesmo assim não tenho problemas; nem com uns nem com outros.”
(Mabília, 65 anos, proprietária comercial)

Mudança no Bairro

Em relação ao terceiro e último tópico abordado, sobre a possível alteração no bairro provocada pela chegada dos imigrantes, este desenvolve-se para um subtópico sobre como os entrevistados consideram essa alteração, se positiva ou negativa.

A maioria das opiniões (15) considera que houve uma alteração significativa no bairro devido à presença dos grupos imigrantes. Uma das opiniões é um pouco ambivalente, porque apesar de reconhecer um considerável afluxo de novos moradores de origem imigrante, entende que o bairro permaneceu bastante semelhante ao que já era antes da sua chegada.

“Há mais Imigrantes cá no bairro. Agora alteração... para mim está tudo igual. É mais imigrantes que há cá no bairro. Eu aqui já estou há 24 anos. Não havia tantos imigrantes como há agora. Está muito mudado porque há muito mais estrangeiros cá a morar.”
(Alice, 49 anos, proprietária comercial)

As restantes opiniões (4) consideram não ter havido alteração no bairro com a chegada dos imigrantes. Estas opiniões poderão ser um pouco ambíguas, visto ter sido o caso da opinião de uma residente relativamente recente no bairro e das opiniões das duas únicas jovens da amostra que depois reconhecem uma melhoria no bairro com a chegada e presença dos imigrantes, como se verá no ponto seguinte. Finalmente a última, em que apesar de ter sido identificada uma mudança no bairro, esta é entendida como resultante de outros factores alheios à presença dos imigrantes.

“Há mais imigrantes que Portugueses. (...) Eu também só vivo aqui há catorze anos. Há cá quem viva a mais.” (Maria do Carmo, 73 anos, reformada)

“Não, acho que não. Não mudou.” (Jessica D., 14 anos, estudante)

“Sim, (...) Embora que a gente não pode estar a dizer que a culpa é a cem por cento deles... Eu ponho mais a culpa, não digo os cem por cento, mas noventa por cento nos governantes que nós temos tido. Porque realmente isto foi tudo muito abaixo derivado a tanta coisa, pronto. É muitos impostos, é muito tudo e não se aguenta. Porque está tudo muito mal, as pessoas ganham muito pouco e não se consegue. É impossível. As pessoas não têm dinheiro nem para comer, quanto mais dinheiro para ... [Mas tem a ver com os imigrantes?] Nada. Não, não tem nada a ver.” (Mabília, 65 anos, proprietária comercial)

Em relação à segunda parte da questão, sobre o valor da mudança provocada pela chegada de grupos imigrantes ao bairro da Mouraria, e embora se tenham registado quatro opiniões que revelam não ter havido alteração alguma na zona, todos os entrevistados – à excepção da entrevistada que considerou as transformações ocorridas no bairro decorrentes de causas diferentes da imigração – emitiram juízos de valor à presença dos imigrantes na Mouraria.

À semelhança de alguns dos tópicos anteriores, foi atribuída uma escala de valores de modo a melhor sintetizar as respostas obtidas. Assim, a maioria de opiniões têm um sentido desfavorável (8), notando-se opiniões ambivalentes (4) e opiniões positivas (5).

As opiniões negativas expressam descontentamento pela presença dos imigrantes por todas as razões atrás expostas, entendendo que o bairro piorou substancialmente desde a sua chegada. A principal razão apontada prende-se com o agravamento do alegado mau aspecto do bairro, manifestando os entrevistados que o bairro estaria muito melhor sem residentes estrangeiros. Foram também referidos aspectos como o decréscimo no convívio de vizinhança e um aumento da sensação de insegurança, muitos concluem a sua argumentação dizendo que a presença de tantos residentes estrangeiros lhes provoca um sentimento de alteridade ao bairro, ou até de não-pertença, até lhes parece que não estamos em Portugal.

Malefícios para o bairro: aspecto

“Eu, é assim, eu acho que piorou. Pelo menos de aspecto... No aspecto piorou bastante.” (Luísa, 52 anos, proprietária comercial)

Malefícios para o bairro: convívio de vizinhança e insegurança

“Sim, sim. Ficou muito diferente. Então a área envolvente aqui ficou diferente do que isto era dantes. Ficou pior. Na Mouraria antes havia segurança, era as pessoas conhecerem-se todos uns aos outros, portanto, havia... havia... havia mais o convívio com as pessoas, e agora não. Agora é tudo imigrantes, eles... (...) O bairro piorou sim. É a minha opinião. [E não há nada de bom com a vinda dos imigrantes?] Não, não noto. Não noto nada. É a minha opinião.” (Miguel, 62 anos, reformado)

Malefícios para o bairro: alteridade

“Muito. A gente qualquer dia não sabe se isto é Mouraria se é Bangladesh, se é China. (...) Piorou mesmo.” (Rosário, 48 anos, funcionária comercial)

“Está muito mudado e não é para melhor. Não. Não é para melhor.” (Alice, 49 anos, proprietária comercial)

“É negativa. Para mim é negativa. É pena, mas é negativa. Cem por cento. Para mim é negativa cem por cento. Portanto, não concordo. Não sou racista, mas não concordo com o que eles fazem.” (José, 44 anos, proprietário comercial)

Os entrevistados com opiniões ambíguas, entendem que a alteração no bairro foi profunda, existindo simultaneamente aspectos negativos e positivos, sendo de ressaltar como aspectos desfavoráveis e à semelhança das opiniões anteriores, a degradação da imagem do bairro e o decréscimo no convívio de vizinhança. Igualmente é feita alusão, por um lado, ao aumento das rendas quer dos espaços comerciais quer dos apartamentos residenciais que consideram ser exagerado e resultado directo da presença dos imigrantes no bairro e por outro, a baixa qualidade nos artigos vendidos pelos comerciantes estrangeiros. De realçar entre os contributos positivos da presença dos imigrantes, o facto de terem vindo ocupar casas que porventura estariam vazias sem a sua presença, assim como a revitalização do comércio tradicional local e de rua.

É ainda referido ter havido um aumento da sensação de segurança, comparando o bairro com momentos anteriores em que existia notoriamente uma maior taxa de pequena criminalidade, devido ao hábito dos comerciantes de nacionalidade bangladechiana de ficar à porta dos seus estabelecimentos a maior parte das horas do horário comercial, assistindo ao movimento da rua e corroborando aquilo que Jane Jacobs já em 1961, tinha identificado como os “olhos vigilantes da calçada” (Jacobs, [1961] 2001: 36) como uma das boas características para a continuação da vida, e não da morte, das grandes cidades. Ou seja, o hábito dos comerciantes bangladechianos em particular, de ficar regularmente à porta do estabelecimento comercial onde trabalham, em vez de permanecerem no seu interior como é costume dos comerciantes e funcionários das outras nacionalidades, resulta numa permanente “vigilância” do espaço público, isto é, houve um aumento significativo de “olhos atentos” a “observar as calçadas” incentivando a “tranquilidade e a ordem” (*idem*: 37), tornando-se estes indivíduos em ótimos “vigilantes” e “guardiões” do espaço público (*idem*:

38), pois ao estarem constantemente a observar o movimento da rua aumentam a sensação de segurança, desencorajando os possíveis actos de pequena criminalidade.

Malefícios e benefícios: aspecto vs desertificação

“Sim, porque às vezes até ouvimos as pessoas dizer que não gostam de vir para aqui para o Martim Moniz porque está um bocado mal visto por causa dessa gente toda.(...) Não sei se estaria melhor. Estava melhor se não estivessem cá eles mas se estivesse habitado. Porque há muita malta jovem que também saiu daqui do bairro. Moravam aqui quando eram pequenos.” (Maria, 44 anos, proprietária comercial)

“Houve uma alteração...? Houve, houve, houve. Quanto mais não seja pelo aspecto que as ruas tomaram, não é? (...) Eu acho que tem aspectos positivos, porque se não fossem eles, se calhar havia aqui zonas deste bairro que estavam quase desertas como outras em Lisboa.” (Pedro, 42 anos, proprietário comercial)

Malefícios e benefícios: rendas vs revitalização comercial

“Quer dizer, é difícil resumir isso a essa forma a duas palavras, é melhor ou é pior. (...) E eles vieram, entre chineses e Bangladesh e tal, vieram abrir isto, vieram revitalizar aí a zona. Agora se é um comércio com muita qualidade ou pouca, se as pessoas vieram ... É muito *sui generis*. É muito à forma deles, ao jeito deles, não é? Então, nós, de vez em quando, temos tendência a achar que aquilo está mal, não é?” (Pedro, 42 anos, proprietário comercial)

“Eu sempre conheci este bairro... Claro que aumentou, aumentou. De há uns anos para cá aumentou. (...) Se isto fosse tudo portugueses e sobretudo pessoas jovens e isso, os senhorios não podiam pôr, praticar esse tipo de rendas, não tinham. Portanto estas raças, estes, estes estrangeiros, é que, é que fazem, é que provocam estes preços exorbitantes, que a eles não lhes custa pagar, porque se metem lá três quatro famílias numa casa, e a dividir por todos aquilo não é nada.” (Paulino, 37 anos, proprietário comercial)

“A nível de comércio eles trazem muita vida aqui à zona do Martim Moniz, acho que se de repente saíssem, isto ficava um deserto. Estávamos na Baixa mas isto estava, era como se estivéssemos num retiro isolado. (...) Aquela procura, aquele interesse que os imigrantes têm em arranjar lojas em determinados sítios, é que faz este interesse. (...)”

Quer dizer, isto a nível comercial podia ter menos vida. Mas forçosamente as rendas também eram mais baratas! (...) Se de repente fossem todos embora, se os chineses desaparecessem daqui, e isso... Eu não tenho dúvida nenhuma que as rendas iam abaixar e muito! (...) Mas a verdade é que é justamente os imigrantes que provocam estes aumentos exagerados de rendas. (...) Agora, dão muita vida aqui! A gente mesmo ao sábado à tarde, quem anda aqui, tem uma vida, um movimento, graças a eles. (Paulino, 37 anos, proprietário comercial)

Malefícios e benefícios: vizinhança vs segurança

“Foi, foi. Foi exagerada. A nível de comércio foi grande.(...) Agora se a zona, se o espaço, se a zona, a área da Mouraria foi prejudicada com a vinda deles? Eu não sei se foi prejudicada. Quer dizer, em termos comerciais... (...) É relativo. Porque é assim, se desde os banglas, ou os paquistaneses vieram para o bairro, piorou?, eu digo-lhe que não. (...) Em termos de piorar, com a entrada dos chineses, para mim piorou porque deixou de existir... Porque vivendo alguns eles aqui, deixou de existir vizinhança, deixou de existir aquela relação desta loja com a outra loja... (...) Piorou. Agora, no resto, eh pá!, não sei! (...) Desde que estas culturas vieram para aqui... Tem a ver também, porque há muito menos movimento aqui de toxicodependentes, muito menos.(...) Então, estão sempre à porta. Isso faz com que o... Seja o carteirista, seja aquela pessoa que anda para roubar a entrar na loja e sair, também não tenha, não venha para aqui. É bom. Nesse sentido é bom. (...) Agora aqui na zona, não há carteiristas, não há um roubo! É uma coisa boa, portanto.” (Rui, 47 anos, proprietário comercial)

Nas opiniões positivas, entendendo que houve apenas benefícios para o bairro com a chegada das populações imigrantes, é de notar a existência de duas manifestações particulares, que apesar de no discurso anterior terem apontado vários aspectos negativos no convívio com os vizinhos imigrantes, no final da entrevista, talvez por razões associadas à situação de entrevista e à necessidade de desejabilidade social por parte do entrevistado, alguns concluem que a presença dos imigrantes foi favorável para o bairro. Como factores positivos e à semelhança do ponto anterior, são apontados a contribuição destas populações para o combate à desertificação bastante provável por o parque habitacional do bairro estar bastante envelhecido e por isso pouco atractivo para a população residente nacional e a revitalização no comércio tradicional local. O rejuvenescimento da população do bairro, o aumento do salutar convívio intercultural que é entendido como fonte de novas aprendizagens ou a atracção de mais visitantes – nomeadamente dos turistas nacionais e estrangeiros que têm vindo a frequentar mais o bairro devido à sua diversidade e

multiculturalidade – , ou simplesmente a contribuição para um aumento da população em Portugal, são igualmente visto como benefícios para o bairro e para o país.

Benefícios: carácter multicultural

“em relação às suas perguntas, é assim, o bairro não perdeu, o bairro acho que ganha com novas culturas, todos nós ganhamos com novas culturas. (...) Por exemplo os estrangeiros quando vêm cá acham muita piada. Passar por aí e ver as senhoras com a burka, ou ver... Se calhar acham piada.” (Rui, 47 anos, proprietário comercial)

“Sim. Muito mesmo. Ficou totalmente diferente. (...) A mudança é positiva. É positiva porque é assim, eu posso lhe dizer. (...) isto aqui é Bangladesh, há Kosovares, há Chineses, há indianos, isto é uma multi-racial que... Há turista que vêm aqui só para se aperceberem disto. Ah, isto aqui eu já falei com outras pessoas, vêm aqui porque gostam de ver, têm... É o que eles dizem, saem do Martim Moniz, quando entram nesta rua, principalmente do meio da rua para cima, parece que entraram noutro país. “ (Rui, 49 anos, funcionário comercial)

Benefícios: povoamento e regeneração geracional

“Eu acho que foi muito positiva. Acho que sim. (...) Porque as casas para fazer obras é um balúrdio, e as pessoas não podem. Portanto saem. Se não viesse esta gente, eu não sei, nós aqui, já estávamos aqui meia dúzia de pessoas que vivem aqui.” (Ana, 42 anos, proprietária comercial)

“Acho que ficou um bocadinho diferente. Sim. Era um bairro só de pessoas com muita idade e agora comecem a aparecer crianças, outras culturas, outras coisas. Portanto acho que não... Modificou-se sim. (...) Eu acho que sim, trouxe pessoas mais novas, (...) Acho que não tenha sido nada de mau.” (Rita, 47 anos, proprietária comercial)

“Não, acho que não. Não mudou. Ficámos com mais gente em Portugal. (...) Foi uma melhoria.” (Jessica D., 14 anos, estudante)

Benefícios: revitalização comercial

“Eu lembro-me de ser miúda e sempre vivi aqui como lhe disse, havia aqui uma série de mercearias. Que são casas que agora já não vê na mão de portugueses praticamente. Fecham, porque com os hipermercados, não sei quê e não sei que mais. E o paquistaneses, do Bangladesh o que é que abrem? Mercearias, frutarias. E se não fossem eles que têm esse tipo de comércio, já nem existia. Eu acho que é positivo.”
(Ana, 42 anos, proprietária comercial)

“Trouxe algum comércio que não existia, e acho que sim, acho que no fim também nos ensinaram coisas novas...” (Rita, 47 anos, proprietária comercial)

Síntese Final

Retomando a noção de “*migrantscape*” proposta no capítulo inicial na qual são considerados dois pontos de vista, um objectivo e outro subjectivo, querendo englobar os elementos fixos e móveis da paisagem urbana configurada pelos grupos imigrantes, a recolha de algumas opiniões dos utilizadores nacionais do bairro é bastante expressiva para a definição das *smellscapes* e *soundscapes* imigrantes, assim como para aprofundar o conhecimento sobre a convivência e a interacção social entre os grupos imigrantes e as populações nacionais.

Elementos móveis

Iniciando pelos elementos móveis, e em relação ao último ponto, sobre a convivência e interacção social entre os grupos imigrantes e nacionais, o balanço total das opiniões e sentimentos dos entrevistados em relação aos imigrantes presente na zona em estudo foi igualmente avaliado segundo uma escala de valores positivos e negativos. Assim, classificaram-se as opiniões conotadas positivamente (3), as opiniões positivas mas englobando alguns factores negativos (2), as opiniões ambíguas ou ambivalentes (4) considerando haver igual número de aspectos positivos e negativos na presença dos imigrantes no bairro, as opiniões negativas considerando mesmo assim alguns aspectos positivos (5) e finalmente, as opiniões totalmente negativos (5), demonstrando apenas argumentos ou sentimentos negativos quando à presença dos grupos imigrantes na Mouraria.

Pode então afirmar-se que, apesar de terem sido reconhecidos algumas vantagens e potencialidades que beneficiaram o bairro e o nosso país, nesta pequena “amostra qualitativa”, o sentimento em relação à presença de imigrantes, particularmente de culturas mais díspares, continua a ser de alguma estranheza, ressentimento, reveladora de algum racismo dito culturalizado ou até racismo aversivo (manifesto, directo).

As dificuldades manifestadas no relacionamento e na convivência de vizinhança derivam principalmente da fraca ou falta de comunicação entre imigrantes e autóctones, o que se justifica dado o desconhecimento mútuo das línguas faladas pelas várias partes, o que origina tensões e ressentimentos mútuos, mesmo que não se manifestem conflitos efectivos.

Neste contexto, e retomando aqui a proposta de um dos entrevistados, sugere-se como medida prática um maior envolvimento das associações locais no sentido de se proporcionar um maior acesso à informação por parte das populações imigrantes, porventura com folhetos ou cartazes informativos multilingues e uma maior aproximação e conhecimento mútuos:

“Não sei se está dentro do “Renovar a Mouraria”? Não está... Porque essas pessoas também podiam... Prontos. Têm o jornal, e isso... Mas podiam sensibilizar melhor ou até assinalar com algum cartaz, para as pessoas não fazerem isso! Já que, já que as autoridades não funcionam, não funcionam como deve ser.” (Paulino, 37 anos, proprietário comercial)

Sobre as *soundscapes* foi possível identificar a partir dos discursos dos entrevistados, alguns dos elementos sonoros que a compõem. Os mais óbvios, tais como as diferentes línguas faladas por cada um dos grupos imigrantes presentes no bairro, ou elementos sonoros porventura menos habituais, tais como os chamamentos dos imans da mesquita ou as risadas agudas de alguns indivíduos chineses. Também a música diferente, “que ninguém percebe”, é notada. É de assinalar ainda, pela sua ausência, a fala das mulheres muçulmanas, descritas como muito reservadas ou a isso obrigadas, por motivos religiosos considerados como excessivos.

Sobre a *smellscape* é de notar ser esta a categoria da *migrantscape* mais citada pelos entrevistados como mais incomodativo, pois tal como Fortuna (1999a) nota em Winter (1978), o facto da sociedade ocidental ter vindo progressivamente a eliminar os odores, nomeadamente nos espaços públicos “extensivamente desodorizados e indiferenciados” (Fortuna, 1999a: 94), resulta frequentemente em situações de repulsa desagradáveis por parte do “sujeito moderno, de olfacto biológico apurado e sensibilidade fina” (*idem*: 97) em relação ao “outro” que por motivos culturais ou outros, se afasta da regra olfactiva

dominante. Para além dos odores ambientais ou corporais, é entendida como principal fonte olfactiva as especiarias e ingredientes culinários usados na confecção dos alimentos por parte dos grupos imigrantes ou a maneira como aqueles são cozinhados. Muitas vezes é mencionado o “cheiro a caril” como principal odor incomodativo, sendo apresentada a razão da depreciação de alimentos cozinhados e temperados com essa mistura de especiarias, juntando assim a *smellscape* a uma possível dimensão de “*tastescape*” (Wessel, 2010). O “cheiro-a-fritos” é principalmente associado com o grupo dos imigrantes chineses, igualmente conotado com outros maus cheiros provenientes de alegada pouca higiene nas suas habitações. Também foram referidas como fonte olfactivas desagradáveis, e exclusivamente associadas ao grupo dos chineses, o cheiro proveniente de pedaços de carne ou peixe a secar “pendurados das varandas”, sendo este elemento móvel em particular, simultaneamente olfactivo e visual.

Nos elementos móveis visuais referidos, ou a “*visualscape*” (Llobera, 2003) imigrante, predominaram as referências ao vestuário, nomeadamente a diversidade nas cores das vestes das senhoras hindus, ou pelo contrário, a monotonia cromática das *burkas* das senhoras muçulmanas, ou ainda o uso de turbante na cabeça por parte dos indivíduos de religião sikh. As diferentes tonalidades da cor da pele dos vários indivíduos imigrantes que frequentam aquele bairro ou a diversidade de traços étnicos nos seus rostos, assim como o hábito de certos grupos masculinos do uso de barba é também notada. Igualmente referida, a maneira singular de estender a roupa a secar nos estendais pelos grupos imigrantes, entendida como “incompreensível” ou “estranha” e muito identificativa. De notar ainda uma referência a vendas ambulantes de determinados produtos culinários “fritos” descritas como sendo ocasionais, e transportando um carrinho os indivíduos chineses que os comercializam.

Elementos Fixos

Finalmente, os elementos fixos mencionados pelos entrevistados vêm corroborar os referidos no primeiro capítulo desta investigação, nomeadamente elementos decorativos provenientes das regiões de origem dos imigrantes nas montras e fachadas dos edifícios por eles habitados, as referências ao modo como habitam as casas, as situações de sobrelotação das habitações, ou a existência de mesquitas e de estabelecimentos de comércio étnico.

Finalizando, fica a opinião de alguns dos entrevistados, que, pese embora não apreciando alguns dos elementos acima descritos, reconhecem a ampliação e reforço do

carácter multicultural do bairro que, ao atrair mais turistas e visitantes, beneficia em muito a zona, não só do ponto de vista económico, mas também cultural e social, pois entendem que as populações imigrantes trouxeram outros hábitos e saberes importantes para a diversificação cultural, que é tão apreciada pelos turistas estrangeiros que visitam o bairro, configurando-se ainda como um contributo para uma maior abertura e aceitação de outros modos de vida, por parte da população autóctone.



Figura 34: Space is the Place. O Espaço é o Lugar

Fonte: Foto Paula Gésero, 20

Capítulo IV

Martim Moniz: o Espaço é o Lugar

*“as place is sensed, senses are placed;
as places make sense, senses make place.”*

Steven Feld (1996a), “Waterfalls of Song”

Se o cabeleireiro africano perto do Largo do Calvário foi de alguma forma o elemento de “serendipidade” desta investigação ³⁸, o Martim Moniz, como *setting* do elemento da diversidade na cidade de Lisboa, é, sem dúvida, tomando a feliz expressão do antropólogo Lévi-Strauss (1975), um lugar “bom para pensar”. O Martim Moniz, no seu espaço público nas suas ruas e nos seus largos, nos seus becos e escadinhas, oferece múltiplos e variados pontos de vista através dos quais se iniciou a reflexão sobre esta particular configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes.

Assim, neste quarto capítulo é feita, num primeiro momento, uma clarificação dos conceitos de “espaço” e “lugar”. A noção de “lugar” tida em conta, já referida no primeiro capítulo, é a de Rodman (1992) e Hirsch (1995), partilhada também por Menezes (2004). O “lugar” é simultaneamente a construção social e a espacialização das experiências dos indivíduos que o habitam assim como o espaço de localização do conceito de “migrantscape”.

No segundo momento deste capítulo, tomando por referência esta noção de “lugar”, segundo o qual é a espacialização da experiência dos indivíduos que o habitam e que o formam como construção social, serão apresentadas as abordagens conceptuais de autores de diferentes disciplinas sobre a percepção do espaço e a atribuição de significados ao mesmo. No momento seguinte, tomando como enfoque a noção de “lugar” como o espaço

38 Conforme Firmino da Costa (1985), foi pela primeira vez usado em 1958 o termo de “padrão de serendipidade” pelo sociólogo Robert Merton, o que significa as ocorrências fortuitas na pesquisa empírica, quando surgem factos inesperados que, pela sua importância e significado, podem incentivar a formulação de hipóteses e teorias. Mais especificamente e segundo Merton, o padrão de serendipidade refere-se “à experiência bastante comum da observação dum dado imprevisto, anómalo e estratégico, que se transforma em causa para o desenvolvimento de nova teoria ou para a ampliação de uma teoria já existente, ou ainda que origina uma pressão sobre o investigador para que dê o rumo à pesquisa, a fim de ampliar a teoria” (Merton, [1957] 1968 em Firmino da Costa, 1985: 735).

de localização de conceitos, discute-se o entendimento sobre o “lugar do Martim Moniz” como setting de localização do conceito de “*migrantscape*”.

No quarto momento, ao se descrever o processo de decurso da transformação do “espaço” em “lugar”, identifica-se o “ponto nodal” através do qual se argumenta que é a partir do qual é irradiada a noção de “*migrantscape*”. Logo a seguir, faz-se a descrição da irradiação e difusão da qualidade “*migrantscape*” através de uma descrição mais detalhada dos principais eixos comerciais do Martim Moniz. Na parte final deste capítulo, procura-se caracterizar o conceito de “*migrantscape*”. Através de uma exacta descrição, tomam-se as suas duas acepções: a primeira, objectiva, na qual se incluem os elementos fixos da paisagem urbana particular desta categoria, e a segunda subjectiva através da listagem dos seus elementos móveis, nomeadamente, a “*smellscape*”, o “*soundscape*” e a caracterização do convívio e da interacção entre os grupos nacionais/autóctones e os imigrantes presentes no Martim Moniz.

O Espaço transforma-se em Lugar

Em meados do século passado, o filósofo alemão Martin Heidegger (1954) ao partir da definição da palavra “espaço” (na sua língua “*raum, rum*”) como sendo “o lugar arrumado, liberto para um povoado, para um depósito”, concluía que o “espaço é algo espaçado, arrumado, tornado livre, num limite”. Este “limite” por sua vez, “não é onde uma coisa termina mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa dá início à sua essência”. O espaço “é o que, a cada vez, se propicia e, com isso, se articula, ou seja, o que se reúne de forma integradora através de um lugar”. Assim, “os espaços recebem sua essência dos lugares e não do espaço” (Heidegger, 1954) ³⁹.

Também na mesma década, o filósofo Gaston Bachelard ([1957] 2000), através das suas investigações sobre o “espaço feliz”, ao pretender “determinar o valor humano dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados”, entendia que a ele se “ligam valores imaginados (...) que logo se tornam dominantes”. O espaço percebido pela imaginação não seria unicamente o “espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geómetra”, mas também, e principalmente, “um espaço vivido” (Bachelard, [1957] 2000: 19).

Henri Lefebvre (1974) por sua vez, rejeitando a coisificação do espaço do modelo cartesiano, separou o “espaço ideal” do “espaço real”, entendendo que o espaço é um

39 Tradução para português de Marcia Sá Cavalcante Schuback.

produto fabricado materialmente, ao mesmo tempo que “opera sobre os processos a partir dos quais não é possível separar-se porque é um produto deles” (Lefebvre, [1974] 1991: 66). Assim, “o espaço social não é uma coisa nem um produto no meio de outros, pelo contrário, subordina as coisas produzidas e abrange as suas inter-relações na sua coexistência e simultaneidade – a sua ordem e/ou desordem relativas” (*idem*: 73) ⁴⁰.

Para explicar a produção do espaço, este autor desenvolveu aquilo a que chamou uma “tríade conceptual”, ou seja, separou a produção do espaço em três elementos: a prática social, a representação do espaço, e o espaço de representação. Lefebvre refere a “prática social” à produção e reprodução das relações espaciais entre objectos e produtos; a “representação do espaço” como estando vinculada às relações de produção e à ordem que essas relações impõem, nomeadamente no conhecimento, sinais, códigos e relações frontais, assim como ao espaço conceptualizado – “o espaço de cientistas, projectistas, urbanistas, tecnocratas sub-divisores e engenheiros sociais, assim como o espaço de certos artistas com tendências científicas, todos aqueles que identificam o que é vivido e percebido com o que é concebido” (*idem*: 38); e o “espaço de representação” referindo-o a espaços vividos directamente “através das imagens e símbolos associados, e por isso é o espaço dos seus habitantes e utilizadores”, isto é, as experiências vividas surgidas como resultado da relação dialéctica entre a prática espacial e a representação do espaço (*idem*: 39).

Na mesma óptica, a antropóloga Margaret Rodman (1992), argumenta que o “lugar” não é apenas uma simples localização, mas sim “onde as pessoas fazem coisas” (Rodman, 1992: 640). Recusando a ideia única do “lugar como uma construção antropológica”, afirma que os “lugares não são contentores inertes”, sendo “politizados, relacionados com a cultura, historicamente específicos, localizados e de múltiplas construções” (*idem*: 641), introduzindo uma abordagem na qual o estudo antropológico dos lugares se relaciona com as experiências das vivências nos lugares (*idem*) ⁴¹.

Para Marc Augé (1995), por sua vez, o lugar antropológico define-se igualmente por uma forte relação entre o espaço e o social, e sublinha que é portador de três dimensões: identidade, história e relação. É por isso triplamente simbólico porque simboliza a relação de cada um dos seus ocupantes consigo próprio (identidade), com os outros ocupantes (relacional) e com a sua história comum (Sá, 2006: 182 sobre Augé, [1992] 1995).

Para o filósofo Edward S. Casey (1996), o lugar é simultaneamente constituído e constitutivo da própria experiência de ser-no-mundo (Carolino *et al.*, 2011: 91 sobre Casey,

40 Tradução da edição em inglês pela autora desta investigação.

41 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

1996). Para este autor, a noção de fronteira é simbólica, e está associada à ideia do horizonte como “intrinsecamente social e cultural [e] que confere coerência à experiência vivida do espaço, que é sempre, antes de mais, uma experiência do lugar” (*idem*). Toma, igualmente, o sentido dado por Heidegger, quando faz uma correspondência da noção de fronteira à noção de “limite como um poder positivo, a partir do qual algo inicia a sua presença” (*idem*).

Para o antropólogo Setha M. Low (2003), a transformação do “espaço” em “lugar”, dá-se através da atribuição de significados que ocorre quando as pessoas formam relacionamentos significativos com os locais que ocupam. Também reconhece que a experiência está inserida no lugar e o espaço possui memórias que implicam pessoas e eventos. Este processo envolve o reconhecimento e elaboração cultural de percepções de propriedades em ambientes que se constituem mutuamente através da narrativa e da *práxis* (Low, 2003: 14). Assim, o entendimento da noção de “lugar” é que este “é um espaço ou contexto físico ao qual as pessoas ou grupos estão emocional ou culturalmente ligados e ao qual atribuíram significados através de processos pessoais, grupais ou culturais (Duarte, 2005: 02 sobre Low e Altman, 1992).

Finalmente na perspectiva de Marluci Menezes (2004) no seu trabalho seminal sobre o bairro da Mouraria, partilhada nesta investigação e já atrás referida, a noção de “lugar” é vista simultaneamente de dois pontos de vista. O do geógrafo John Agnew (1997), para o qual a “noção de lugar [...] admite flexibilidade, elasticidade e plasticidade”, sendo composto tridimensionalmente por “três elementos essenciais, respectivamente: localização, local e sentimento do lugar (Menezes, 2004: 119 sobre Agnew, 1997), assim como a perspectiva de Rodman (1992) que tenta compatibilizar as duas principais correntes opostas de entendimento do conceito sabendo que ambas se manifestam como construções sociais: como “dispositivo de enquadramento” ou *setting* de localização de conceitos através do qual se informa qual a abordagem conceptual tida em conta na investigação em causa; ou “como uma paisagem particular é vista pelos seus habitantes” (Hirsch, 1995: 01 sobre Rodman, 1992), isto é, através do “significado que é imputado pelos habitantes locais ao seu entorno cultural e físico” (*idem*) o “lugar” é também uma espacialização das experiências dos indivíduos que o habitam (Menezes, 2004: 72 sobre Rodman, 1992).

Nesta investigação irá adoptar-se esta abordagem ambivalente do conceito de “lugar”, tomando como referente o “lugar do Martim Moniz” enquanto construção social e espacialização das experiências dos indivíduos que o habitam, é sendo flexível, elástico e plástico, e sendo ainda possível concebê-lo conceptualmente como “migrantscape”.

O Lugar é vivido, representado e representante

Como visto anteriormente, o conceito de “lugar” pode ser observado simultaneamente por dois pontos de vista (Menezes, 2004: 72 sobre Rodman, 1992). Um, no qual o “lugar” é uma construção social ou de espacialização da experiência, e acontece quando, através da percepção sensorial e da formação de relacionamentos significativos com os locais, os indivíduos atribuem significados e símbolos ao espaço transmutando-o em lugar. O outro, como cenário (*setting*) para a localização de conceitos, isto é, dando conta, interpretando e lendo o local através da sua conceptualização, sendo nesta investigação em particular, de onde se dá conta, dos pontos de vista, objectivo e subjectivo, da “*migrantscape*” como configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes.

Construção e espacialização do Martim Moniz

Para a psicologia ambiental, o “espaço” é considerado como possuindo dimensões e formas bem definidas sendo por isso geométrico, e o “lugar” como sendo a percepção pelos sentidos em que estão envolvidos os sentimentos, sendo por isso uma percepção psicológica individual (Rio, 2003: 11).

O “espaço” é assim em primeiro lugar percebido, e depois, através da atribuição de significados, transformado em “lugar”.

Deste modo, para o psicólogo suíço Jean Piaget ([1947] 2003), a percepção ou o conhecimento do ambiente (ou espaço) é dividido em dois tipos. O primeiro tipo é o relacionado com o saber figurativo no qual o homem se relaciona com os lugares por meio de esquemas simbólicos e abstractos e que representam as relações que tem com o ambiente. O segundo está relacionado com o saber operativo sobre os lugares, no qual o homem se relaciona com os lugares através de uma noção operativa, mais profunda no sentido do conhecimento das relações entre os elementos que o constituem (Piaget, [1947] 2004: 119, 120).

Para o psicólogo David Canter (1977) por sua vez, a percepção ou concepção de um lugar é combinada individualmente, estando dependente da intersecção de três esferas de percepção do ambiente construído: os atributos físicos do espaço, as actividades nele desenvolvidas pelos sujeitos e as concepções individuais (Canter, 1977).

Na disciplina do Urbanismo, a formação do espaço é caracterizada pela percepção de uma série de elementos fixos e móveis, através da visão e de sentimentos de identificação conferidos ao seu conteúdo.

Deste modo, para Lynch ([1960] 1996), na formação da imagem do espaço ou do meio-ambiente, para além dos efeitos de elementos físicos perceptíveis, são concorrentes na sua definição, o “significado social de uma área, a sua função, a sua história ou, até, o seu nome” (Lynch, [1960] 1996: 57).

Igualmente para Cullen ([1961]: 2008), como já referido anteriormente, a “paisagem urbana [do lugar]”, é percebida a partir de três aspectos fundamentais, a “óptica”, o “local” e o “conteúdo”. “A visão permitiu constatar que o movimento não é apenas [uma] progressão facilmente mensurável e útil para a planificação, mas [que] se divide em duas componentes distintas: o ponto de vista e a sua imagem emergente. O homem tem em todos os seus momentos a percepção da sua posição relativa, sente a necessidade de se identificar com o local em que se encontra, e esse sentimento de identificação, por outro lado, está ligado à percepção de todo o espaço circundante” (*idem*: 14).

O processo de atribuição de significados ao espaço público urbano a montante e à paisagem urbana a jusante, pode ser igualmente observado através de variados pontos de vista.

Assim, na disciplina da antropologia, e tomando como exemplo o entendimento da antropóloga Marluci Menezes (2009) da noção de lugar como resultado da atribuição de significados ao espaço, é através das práticas sociais que os significados do espaço público urbano são configurados e reconfigurados (Menezes, 2009a: 303). Esta atribuição de significados ao espaço é feita através de um “conjunto de operações que colocam em relação o masculino e o feminino, a casa e a rua, o privado e o público, o local e o global, o jovem e o velho, o nós e os outros, o sagrado e o profano, o tempo e o espaço, o quotidiano e o extraordinário, o lazer e o trabalho” (*ibidem*). Neste processo de construção social do espaço, tanto os significados atribuídos, como as representações produzidas, resultam de uma combinação de variados factores: o controlo estatal, a influência do poder económico, os valores culturais distintos, as formas de uso e de apropriação do espaço, as visões de ordem social e de comportamentos apropriados, assim como o próprio desenho do espaço e “os diferentes significados simbólicos e afectivos que se encontram em jogo” (*ibidem*).

Por conseguinte, os habitantes e utilizadores da zona, ao estarem emocional e culturalmente ligados ao lugar, concedem significados ao espaço geométrico, transformando-o no lugar da Mouraria ou no lugar do Martim Moniz, consoante se é nacional “de dentro” do bairro, ou estrangeiro “de fora” do bairro (imigrante ou autóctone), respectivamente. O espaço tem assim uma qualidade de “*multilocality*” (Rodman, 1992), na

qual “uma única paisagem física pode formar e expressar significados polissémicos de um lugar para diferentes utilizadores” (*idem*: 647) ⁴².

Em sociologia, por exemplo, é de referir a perspectiva da socióloga Sharon Zukin (1996), que se centra na importância da economia simbólica, enquanto “representações de grupos sociais e meios visuais de exclusão ou inclusão em espaços públicos e privados” nos quais “a negociação interminável de significados culturais no edificado – em edifícios, ruas, parques, interiores – contribui para a construção das identidades sociais” (Krase, 2004b sobre Zukin, 1996).

O sociólogo Mark Gottdiener (1994) por sua vez, tenta decifrar a complexidade dos significados da metrópole através da semiótica espacial, definida como o “estudo das culturas que liga os símbolos aos objectos” (Krase, 2004b sobre Gottdiener, 1994)⁴³. Assim, um estudioso desta disciplina reconhecerá que os significados sociais e culturais estão ligados às paisagens urbanas, bem como às pessoas e actividades observadas no local, sendo a noção mais primária no estudo urbanístico, justamente o espaço de assentamento que é mutuamente construído e organizado (*idem*).

A socióloga Isabel Guerra (2008), por sua vez, debruça-se sobre a noção de espaço público que considera como uma das variáveis estruturantes dos modos de vida e reflexo das formas de organização social da sociedade. Assim, e embora esta não seja uma variável explicativa por si própria, o espaço público é como uma “sala de visitas” da vida colectiva, reflectindo os projectos, opções, valores e conflitos da sociedade em que se insere (Guerra, 2008: 114).

Assim, poder-se-á argumentar que naquela zona, os habitantes e utilizadores imigrantes e nacionais ao atribuírem também eles significados e simbologias ao espaço transformando-o em lugar, tornando-se eles próprios nos produtores de espaço (Lefebvre, [1974] 1991). O lugar do Martim Moniz é, por conseguinte, não só vivido pelos seus habitantes e utilizadores mas também mutuamente representado e representante, pois ao estarem ligados ao espaço emocional e cultural, atribuem-lhe significados e símbolos que simultaneamente mostram e reflectem os seus projectos, opções e valores, ou seja, o sujeito tem um papel activo na transformação e construção do espaço.

42 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

43 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

O Lugar é conceptualizado

Toma-se agora o segundo ponto de vista da noção de “lugar”, no qual este é entendido como o cenário de localização dos conceitos, particularmente neste caso, do conceito de “migrantscape”. Igualmente esta abordagem pode ter dois pontos de vista concomitantes que se completam, pois pode simultaneamente ser o palco (onde a “*migrantscape*” acontece e se desenrola) e o cenário (onde a “*migrantscape*” é observada) da configuração da paisagem urbana pelos grupos imigrantes, sendo também deste modo, vivida, representada e representante.

Localização da “migrantscape” no Martim Moniz

Assim, e na perspectiva do sociólogo Jerome Krase (2004a, 2004b, 2009) que tem estudado e analisado a forma como as “pessoas comuns” modificam os significados dos espaços e lugares ao alterarem o seu aspecto, é alegado pelo autor ser possível observar nos “bairros de imigrantes e étnicos” (como a Mouraria e Martim Moniz, por exemplo), que ocupam uma posição nos sistemas nacionais e globais, que “o mais insignificante elemento da população urbana” pode tornar-se no agente social da reprodução local de relações sociais regionais, nacionais e globais (Krase, 2004b). Deste modo, “quando os imigrantes alteram o território que lhes é permitido, tornam-se, simultaneamente, parte da paisagem urbana transformada” (*idem*). Segundo o autor, a criação de imagens transforma-se na sua representação, exemplificando deste modo o processo em que as “práticas materiais espaciais” de Lefebvre ([1971] 1991) se transpõem de “representações do espaço” para “espaços de representação” (*idem*)⁴⁴.

Dá-se assim o aparecimento das “Etni-Cidades” (“*EthniCities*”) (Roseman *et al.*, 1996), entendido como uma consequência da reestruturação política e económica (em consequência, por exemplo, a “globalização”) provocando um aumento na diversificação do capital e consequentemente na mobilidade de trabalho. Estas cidades estão associadas a fenómenos como “migrações internas, migrações internacionais regionais, migrações globais, migrações ilegais e migrações de refugiados” (Roseman *et al.*, 1996: p. xviii em Krase, 2009: 21)⁴⁵. Tal é o caso do bairro da Mouraria e da zona do Martim Moniz, pois conforme foi referido nos primeiros capítulos, tomando a sua história demográfica mais recente, convivem ali simultaneamente quer indivíduos provenientes das regiões rurais do

44 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

45 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

país, quer indivíduos provenientes de países da União Europeia assim como de outros países do mundo, havendo pessoas com estatuto regularizado, outros com situações pendentes e outros ainda com estatuto não regularizado.

Os grupos imigrantes, tal como Malheiros (2008) por sinal aponta, têm tido uma longa (cerca de trinta anos) tradição na escolha da zona para se instalarem, e actualmente, são as populações estrangeiras as mais visíveis “passando a ser os principais utilizadores deste espaço público”. Deste modo, e gradualmente desde os finais dos anos setenta, o Martim Moniz “passou a ser um ponto de referência para estas populações, quer porque a sua oferta comercial se dirige aos segmentos menos solventes da população (em que estão sobre representadas as minorias étnicas), quer porque já estavam instalados alguns comerciantes não portugueses” (Malheiros, 2008: 150).

Assim, considerando a perspectiva de Krase (2004a) na qual a definição de comunidade é vista “não como uma entidade real, com substância física e atributos”, mas como “uma realidade social” que pode ser “confirmada através da observação e interpretação de referências simbólicas”, resultando deste modo numa transformação do “objecto empírico para uma possibilidade fenomenológica” (Krase, 2004a: 157) ⁴⁶, emerge o conceito de “*migrantscape*”.

Serão igualmente englobados pela noção de “*migrantscape*”, através dos seus símbolos e significados, a ilustração dos seus limites temporais, bem como das tendências das existências simultâneas entre localização e globalização, heterogeneidade e homogeneização na paisagem urbana do Martim Moniz (Firmino da Costa, 2002).

Deste modo, tal como Hirsch sustenta (1995: 01), o conceito de “*migrantscape*” resulta de um determinado ponto de vista objectivo do lugar do Martim Moniz em que se considera a “suposição de que os países personificam a sua própria e distintas cultura e sociedade” (Low, 2003: 28) ⁴⁷ no sentido em que se tomam como alóctones, todos os elementos físicos (no edificado) e simbólicos (nos significados) na paisagem urbana que não pertencem à paisagem urbana “matricialmente portuguesa”.

No entanto, no sentido de uma ilustração possível dos limites temporais do conceito proposto, e para além do ponto de vista de Tiryakian (2003), no qual as sociedades multiculturais historicamente sempre existiram, é intenção sustentar a afirmação de que, tivesse esta investigação sido realizada e observada noutro contexto urbano ou realidade cultural, como por exemplo, o continente asiático ou o africano, porventura fizesse sentido

⁴⁶ Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

⁴⁷ Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

considerar como “*migrantscape*” as marcas urbanas físicas e simbólicas no tecido e no edificado deixadas pelos portugueses e outras culturas “ocidentais”, aquando da ocupação daqueles territórios pelos ex-colonizadores.

Retomando o que foi dito no primeiro capítulo, entende-se que esta “*migrantscape*” no lugar do Martim Moniz, e em concordância com Hirsch (1995), não é uma “paisagem absoluta”, isto é, a sua hermenêutica depende do contexto cultural e histórico em que se insere, sendo um processo que se desenrola entre o “lugar e o espaço, o dentro e o fora, a imagem e a representação” (Hirsch, 1995: 23) ⁴⁸.

Igualmente se recupera o termo de “*ethnoscape*” de Appadurai (1996) e de Smith (1988). Relembra-se que é visto pelo primeiro autor, como uma descrição dos fenómenos transnacionais e interculturais, derivados de mudanças globais na sociedade realizadas pela espécie humana e tratando da difusão espacial globalizada das comunidades étnicas (Shetter, 2005: 02 sobre Appadurai, 1996), e pelo segundo autor, como uma “territorialização da memória étnica” ou “a crença compartilhada por grupos étnicos num quadro comum de origem espacial” (Shetter, 2005 sobre Smith, 1988).

Poder-se-á argumentar que a “*migrantscape*” é deste modo, simultaneamente local e heterogénea, global e homogénea.

A *migrantscape* é local e heterogénea, porque constituindo-se como uma categoria da “*townscape*” de Cullen ([1961] 2008), sobrepondo-se, imbricando e convivendo, sendo assimilada e assimilando a paisagem urbana autóctone do lugar do Martim Moniz, é consequentemente, única daquele lugar e composta por várias partes.

As características físicas deste território, nomeadamente a idade e estilo (mais ou menos) “quinhentista”, “pombalino” (Ferreira *et al.*, 1987) ou “moderno” ou “pós-moderno” na volumetria e configurações exclusivas do seu edificado, mas particularmente na sua localização em relação à exposição solar, e na sua topografia acidentada que resulta num urbanismo sinuoso muito específico, assim como o grande vazio da Praça do Martim Moniz (considerado por alguns dos entrevistados como um “jardim” ou uma “alameda”), são completamente locais, contextuais e inerentes àquela zona da cidade.

48 Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.



Figura 35: Esquina da Rua do Benfornoso com a Rua do Terreirinho, 2010

Fone: fotografia P. Gésero (2010)



Figura 36: Rua do Benfornoso à Rua Fernandes da Fonseca, 2010

Fone: fotografia P. Gésero (2010)



Figura 37: Rua do Benfornoso, 2010

Fone: fotografia P. Gésero (2010)

A estrutura da matriz predial, resultante de quase nove séculos de ocupação permanente, é também muito característica do lugar, pois resulta não só numa alta densidade de construção, mas também, e particularmente nas ruas com ocupações urbanas comerciais, em lotes relativamente pequenos, que provocam uma configuração rectangular e um ritmo perfeitos nas fachadas dos edifícios, pois ao originar uma multiplicação de diferentes espaços comerciais, resulta naquilo que Gehl (2010 e 2011) identifica como as bordas ou arestas suaves da cidade (*“soft edges”*), indispensáveis para a vida vibrante na cidade (*“lively city”*) (Gehl, 2010: 75).

Igualmente nas características subjectivas, e tomando a classificação de Cullen ([1961] 2008) na sua categoria “local”, que diz respeito às reacções dos humanos perante a sua posição no espaço (Cullen: [1961] 2008: 11), pode-se encontrar muitas e variadas percepções, mais um vez, únicas daquele território.

Melhor aprofundadas mais à frente, é possível enumerar algumas aqui dessas características. Assim, é exequível considerar a zona como uma das unidades urbanas (*idem*: 29) da cidade, desnivelada, com os seus recintos exteriores delimitados, dos quais é possível ter uma vista exterior ou as percepções do aqui e além; com os seus pontos focais ou as suas áreas de viscosidade; nas suas ruas, existem saliências e reenâncias, estreitamentos, muitas delas são onduladas, parecem ser muitas vezes misteriosas e com vãos insondáveis; a Praça do Martim Moniz, com o seu pavimento diferenciado tem, uma perspectiva grandiosa estando truncada, por sua vez, através de um edifício barreira, a vista da silhueta do bairro da Mouraria. Finalmente, em várias ocasiões festivas, quer a

população local, quer outras entidades, promovem várias iniciativas que contribuem fortemente para “animar” a face urbana da zona (*idem*).

Também os elementos sonoros, odorantes ou de textura são singulares. Tomando como exemplo as percepções de um indivíduo cego, para o qual os sentidos da audição, do tacto ou do olfacto (os receptores “à distância” e “imediatos” referidos por Hall, [1966] 1986: 56) têm uma importância fulcral para a percepção do ambiente que o rodeia, o lugar do Martim Moniz é composto por elementos exclusivos. Assim, o tal indivíduo cego, português e de Lisboa, não se deixaria enganar quanto ao local onde estava, pois será porventura o único em que a multiplicidade das sonoridades das línguas ouvidas, em conjunto com determinados odores e texturas próprias, o caracterizam de tal maneira singular, que deixa de ser confundido, por exemplo, com outros “bairros históricos”, ou outras zonas da cidade.

Certas características do lugar do Martim Moniz, como odores menos agradáveis a urina, a anormal quantidade de insectos voadores dípteros (vulgo moscas) em dias quentes ou a clareza na audição devido à quase ausência de trânsito automóvel, não lhe são únicos, mas certamente que a textura dos seus passeios em calçada portuguesa daria imediatamente a pista ao indivíduo cego do exemplo, que se encontrava, pelo menos, em Portugal. Pormenores sonoros, tais como os trinados de pequenos pássaros presos em gaiolas penduradas nas varandas, o som do bater das asas e do arrulhar dos pombos, um longínquo bater dos sinos às horas certas, as vozes e instrumentos musicais gravados que se ouvem a tocar o fado ou outras expressões musicais tradicionais de diferentes países, o som metálico das rodas dos carros eléctricos ou da suas campainhas, e o invisual poderia vir a concluir que se encontrava num ambiente urbano neste país.

Cruzados com todos os outros sons, ouvem-se as línguas latinas, arábicas, sânscritas, “mandarinas” ou eslavas. A língua portuguesa é exprimida também com múltiplos sotaques. Além de se poder considerar a existência de um sotaque próprio no português ouvido em certos “bairros históricos” de Lisboa (Lindegaard, 2008), misturam-se no Martim Moniz, os sotaques angolano, moçambicano, guineense ou cabo-verdiano, brasileiro, chinês, indiano, bangladeshiano, paquistanês, romeno ou russo, sendo definida assim, na confluência de todos estes sons, a “*soundscape*” (Schafer, [1977] 1993 e Fortuna, 1999b) particular do lugar do Martim Moniz.

Atravessam-se igualmente no espaço público odores mais ou menos fortes de várias proveniências. Do “cheiro-da-roupa-lavada” (pendurada das janelas ou varandas em pequenos estendais), ao desagradável “cheiro-a-lixo” (em alguns cantos menos ventilados e salubres), ao “cheiro-a-caril” (isto é, à mistura de especiarias usadas na cozinha de origem indiana), ao “cheiro-a-sândalo” (dos incensos a queimar em algumas lojas), ao “cheiro-a-

almíscar” (nos dias sagrados para os muçulmanos), todos contribuem para a definição da “*smellscape*” (Fortuna, 1999a) peculiar deste local.

O sujeito invisual, embora já pudesse ter ouvido a eufonia de línguas estrangeiras noutros locais deste país ou do resto do mundo, poderia deduzir que estaria na zona do Martim Moniz, porque será possivelmente o único lugar em Lisboa em que todos os elementos acima descritos, concorrem num mesmo local.

A *migrantscape* é, no entanto, também *global*, porque tal como a pessoa privada do sentido da visão possa ter ouvido a mesma mistura nas línguas faladas ou a mesma combinação de cheiros acres e adocicados em outros sítios ou cidades do mundo, constitui assim prova de que esta categoria da “*townscape*” pode ser encontrada em muitas outras paisagens urbanas, em locais maiores ou menores, metrópoles ou pequenas vilas, na globalidade do resto do mundo urbano.

É simultaneamente homogénea porque assim como as “lojas dos chineses” podem parecer às pessoas autóctones todas idênticas, considera-se a opinião que existe uma certa homogeneização nestas “*migrantscapes*” urbanas. Ou seja, esta categoria, não só é observável em muitas outras cidades e locais do mundo, conforme o corroborado no primeiro capítulo através dos exemplos das “cidades multiculturais”, mas também parece mostrar um tipo de homogeneidade na sua aparência, em que as mercearias paquistaneses, as lojas chinesas, ou lojas de vestuário de revenda, não só se aparentam, como são reconhecíveis na sua identidade figurativa e organizacional comum, quase como um “*franchising*” de uma marca comercial, quer estejam em Lisboa no Martim Moniz, quer em Londres em Shoreditch, ou em Nova Iorque em Queens.

É como se essa mistura, apesar de representar culturas e povos de várias nações, se pudesse constituir como uma paisagem de uma só substância, como se fosse o conjunto das representações, uma antologia (Ribeiro, 2002: 75) ou uma colagem (Rowe *et al.*, 1984), a “*migrantscape*” autóctone de um país imaginário.

Neste país imaginário de fantasia, nas suas metrópoles, cidades, vilas e aldeias, nas suas avenidas, estradas, ruas, nas suas praças e largos, nas suas esquinas, cantos e becos, ouvir-se-ia e sentir-se-ia uma babilónia de línguas e odores, nas fachadas dos seus edifícios estariam representados todas as épocas e estilos arquitectónicos, despontariam lado a lado, nos vãos das suas portas e janelas, os dragões, os balões de papel, os pórticos em tons dourados e vermelhos, a publicidade em todas as cores do arco-íris estaria escrita em caracteres mandarins, farsis ou urdus, cirílicos ou latinos, a bandeira nacional pendurada teria todas as cores de todas as bandeiras de todos os países do mundo, nas montras das suas lojas, estariam amontoados ou arrumados nas prateleiras de estantes metálicas,

pacotes de idêntico tamanho em plástico transparente e brilhante embrulhando túnicas, calças largas ou lenços em fibra de seda, algodão ou poliéster com “cheiro-a-naftalina”, os tachos e panelas de alumínio brilhante indianos, os “wok” e recipientes orientais em bambu-claro para cozer a vapor o arroz ou os dim-sum, vasos altos em cerâmica azul e branca, pálidas reinterpretações de um suposto estilo *ming*, cinzeiros de todos os tamanhos e feitos em metal, vidro, madeira ou plástico, estatuetas luminosas de todos os deuses e santos de todas as religiões, malas, maletas e bolsas com apliques brilhantes, em escuro áspero veludo ou em colorida suave napa, caixas, caixinhas e caixotes em madeira de pinho, ao natural ou envernizada, canetas, lápis e borrachas, brincos e colares de fantasia. Cada restaurante daquele país, seria mais ou menos exótico no seu tema étnico e culinária condizente, pakora, wonton, solyanka, vatapá, tabouleh, keng massaman, schnitzel, muzongué, tortilla, teriyaki, ayam pelalah, rognons de boeuf, golubtsy, seriam servidos aos clientes em cada um. Nos seus supermercados, igualmente “etno-temáticos”, poderiam ser encontrados na secção da mercearia, petha, baingan, adrak, chiku, uglis, aboirana, sorva, knolkol; no talho a carne halal, kosher, kutha ou chatka estaria em exposição; na prateleira frigorífica, para além do leite de vaca, ovelha, cabra ou búfalo, o ghee, magerquark ou sahnequark, tvorog, biezpiens, paneer, curd, clabber, crème fraîche, toufu ou o sour cream, estariam arrumados em pacotes cilíndricos ou rectangulares. Era um país composto por todas as nacionalidades do mundo.

O lugar do Martim Moniz e a *migrantscape* sendo deste modo, ambos locais e heterogéneos, globais e homogéneos, constituem-se também por conseguinte, numa relação dual entre a infirmação e confirmação das teses sobre “o fim do contexto local” e a “globalização”, respectivamente.

Do Lugar irradia a essência

Conforme o referido atrás, existe na zona uma dualidade na nomeação do lugar, consoante a noção de centralidade de cada um. Para além das razões apontadas anteriormente, a confusão parece nascer igualmente não só da concomitância das diferentes imagens mentais do bairro pelos seus habitantes (Menezes, 2004), mas também dos vários limites administrativos que se sobrepõem na zona.

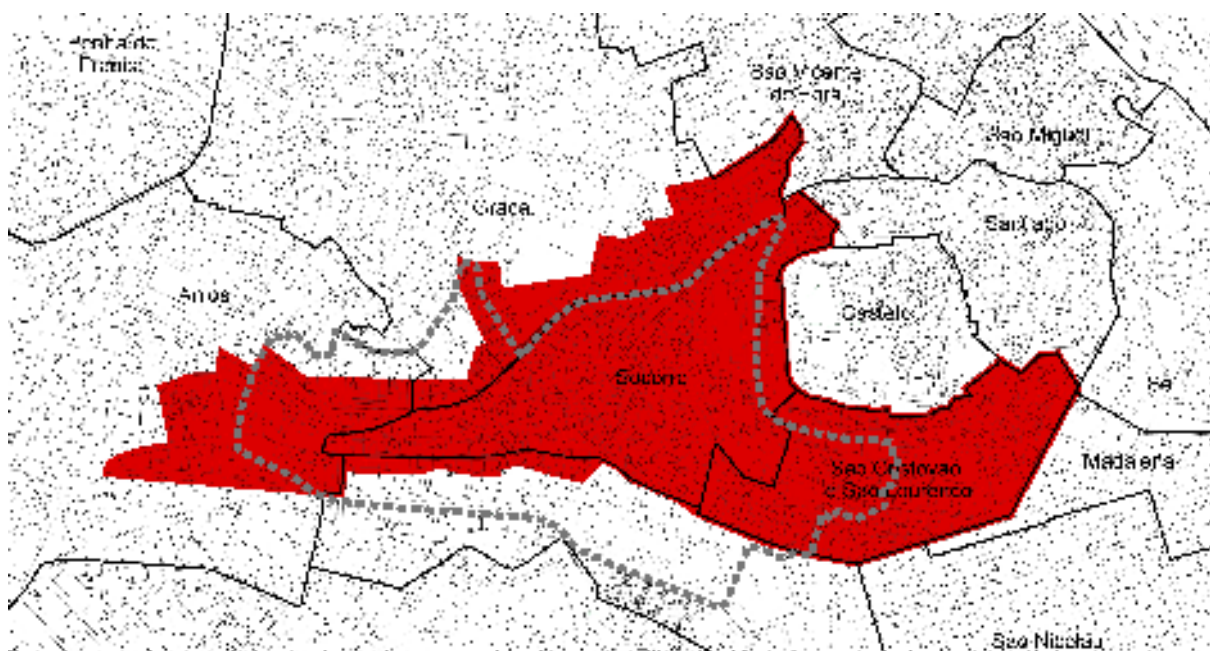


Figura 38: Sobreposição de limites – negro: limites das freguesias, 2010; tracejado: limite do bairro da Mouraria; vermelho: área abrangida na candidatura ao QREN

Fonte: Elaboração própria. Dados retirados de Menezes (2004) e UPM (2009)

Assim, conforme consta no documento entregue para candidatura ao Quadro Nacional de Referência Estratégico Nacional (UPM, 2009), a área considerada, a mesma do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria (1997), abarca cerca de 28,3 Ha e integra na totalidade os territórios da Freguesia de São Cristóvão e São Lourenço e da Freguesia do Socorro, e parte das freguesias da Graça, dos Anjos e de Santa Justa. Apesar dos limites definidos não coincidirem de todo com o que a população local identifica como sendo o território da Mouraria, os técnicos da Unidade de Projecto da Mouraria admitem que existem três zonas distintas do ponto de vista urbanístico e social, reconhecendo assim a distinção que os residentes fazem entre o Bairro da Mouraria, o de São Cristóvão e o Largo do Intendente.

Mas, qual é então a “imagem mental” (Lynch, 1996:12) dos residentes deste bairro? Será unicamente o “produto da percepção imediata e da memória da experiência passada” (*idem*:14)? Ou não existe uma “configuração rígida dos seus limites”, visto que estes se constroem “muito mais por núcleos de referência identitária para o qual contribuem as referências sociais, culturais, físicas e espaciais, e por uma demarcação face a outros bairros ou a outros elementos destacados da cidade” (Firmino da Costa, 1999: 108)? A resposta poderá ser afirmativa a ambas as questões, visto que, outros estudo antropológicos e sociológicos efectuados noutros “bairros históricos” de Lisboa, concluíram que um dos aspectos para a compreensão da realidade social e urbana destes bairros

passa por entender que essas fronteiras se constroem socialmente e por isso são sempre dinâmicas, maleáveis e contextuais (Menezes, 2004: 71).

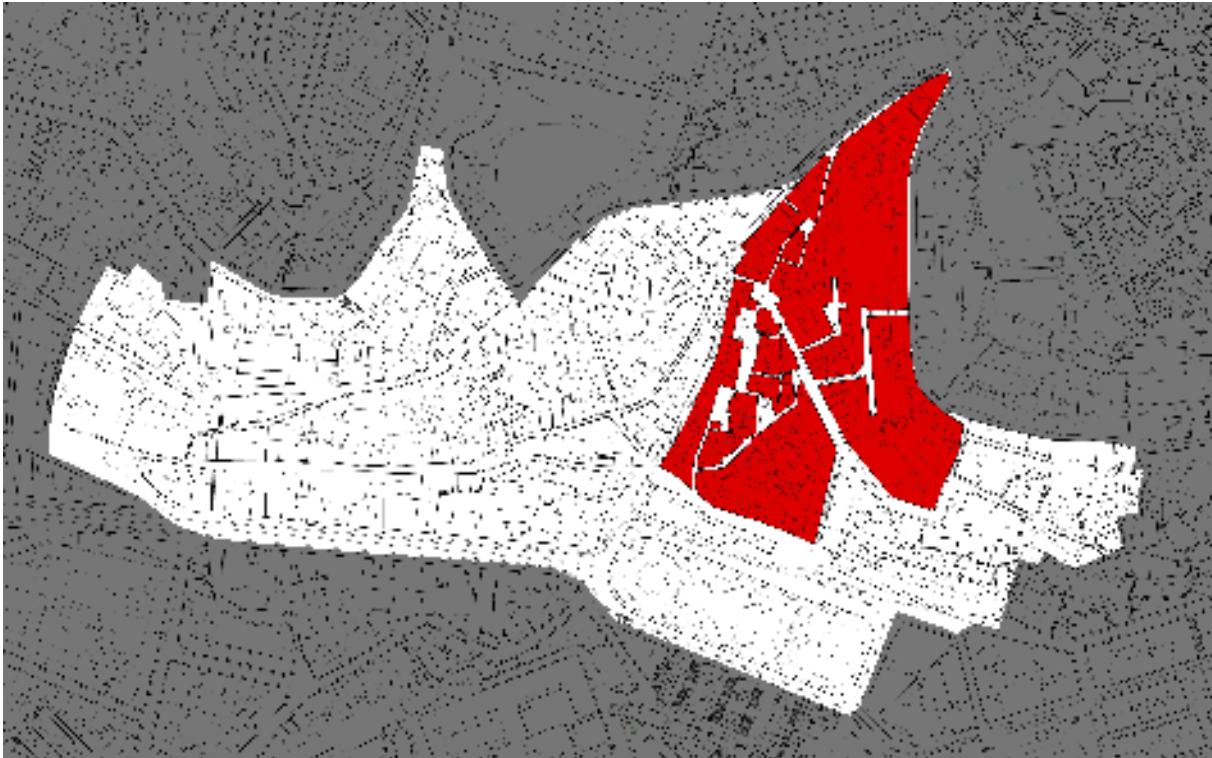


Figura 39: Área correspondente ao bairro da Mouraria (a vermelho, a área correspondente ao “coração da Mouraria”)

Fonte: Elaboração própria. Dados retirados de Menezes (2004)

A noção do lugar da Mouraria é assim considerada por Marluce Menezes (2004), como já apontado anteriormente, como sendo flexível, elástica e plástica, sendo “tridimensionalmente composta por três elementos essenciais, respectivamente: localização, local e sentimento do lugar” (Menezes, 2004: 119 sobre Agnew, 1997). A localização será então considerada como o resultado dos “efeitos dos processos sociais e económicos sobre o local”, o local como o “cenário onde as relações sociais são constituídas” e o sentimento do lugar é entendido como “a forma como os indivíduos se ligam geograficamente, socialmente” e emocionalmente ao lugar (Menezes, 2004: 73). Assim, neste caso, e através das opiniões individuais de moradores, vizinhos e utilizadores, a autora analisa o espaço social do bairro, conseguindo deste modo fazer uma demarcação da extensão do bairro, identificando quer o imaginário associado às referências de orientação do bairro, assim como os elementos escolhidos para fazer essa demarcação (Menezes, 2004).

Entendeu assim que estão separadas psicologicamente para os moradores duas zonas no bairro, relacionadas com as noções de centralidade e periferia: a “pequena Mouraria”

(denominada como o “coração da Mouraria”) é uma zona menor que está envolvida por uma área maior, justamente nomeada como a “grande Mouraria” (*idem*: 82, 89).

A Grande Mouraria, com 22,61 H_a está claramente delimitada a poente pela Praça do Martim Moniz, Rua da Palma, e Largo do Intendente, a norte pela Travessa Cruz dos Anjos e Beco do Monte, a nascente pela Rua Damasceno Monteiro, Calçada do Monte, Rua dos Lagares e Calçada de Santo André, e a sul, pela Rua da Costa do Castelo, Escadinhas da Achada, Largo da Achada, Beco das Farinhas, Beco dos Surradoures e Rua do Marquês do Arco do Alegrete (*ibidem*).

A zona menor, a Pequena Mouraria, com 4,88 H_a, é delimitada a poente pela Rua da Mouraria, a norte pela Rua dos Cavaleiros, Largo do Terreirinho e Calçada de Santo André e a sul, pela Rua Costa do Castelo, Escadinhas da Costa do Castelo, Largo da Rosa, Rua Marquês de Ponte de Lima e Escadinhas da Saúde (*ibidem*).

Tal como a própria autora reconhece, os aspectos relacionados com as “configurações sócio-espaciais” tais como “o modelo físico do tecido edificado, as relações entre as actividades desenvolvidas em espaços abertos e fechados, exteriores e interiores, núcleos e envolvimento, (...) as suas formas de reciprocidade e diferenciação”, estão intimamente ligados com os critérios de classe social, género ou grupo étnico (Menezes, 2004: 80). Estando por isso, a definição dos limites do bairro igualmente ligada com a identidade e nacionalidade dos moradores entrevistados. As noções de periferia e centralidade surgem, para além de outros motivos, por motivos históricos – sendo a “pequena Mouraria” a parte que resta da outrora “Baixa da Mouraria” que era então considerada como o centro do bairro – mas também por motivos sociais, visto existirem certos “pontos nodais”⁴⁹ frequentados pelos “outros” e que definem essas fronteiras (*idem*: 97).

É justamente um desses “pontos nodais” que a Praça do Martim Moniz representa para as pessoas “de dentro”. Tal como o referido anteriormente, apesar de ser considerada como a face mais visível e mais bonita do bairro, é percepcionada como sendo o território dos “outros” [estrangeiros], “onde não dá para se estar” (Menezes, 2009a: 310). Também o Centro Comercial da Mouraria (CCM), o qual os moradores “de dentro” só usam como espaço de passagem, se constitui como outro “ponto nodal”, pois além de “tapar o bairro” pela sua grande volumetria (Menezes, 2004: 105), é considerado como uma espécie de *gueto*, onde só estão os “outros” [imigrantes], e onde se processa um comércio de

49 A autora utiliza a noção de “pontos nodais” inspirada na ideia de “focal point” conforme sugerida pelo sociólogo Albert Hunter ([1974] 1982). Para este autor, a noção enfatiza a convergência entre a forma física e a função social do espaço (Hunter: [1974] 1982 em Menezes: 2004: 98).

legalidade duvidosa, sempre associado a desordens com a polícia, constituindo-se por isso como um universo desconhecido que invoca medo e perigo (*idem*: 99).

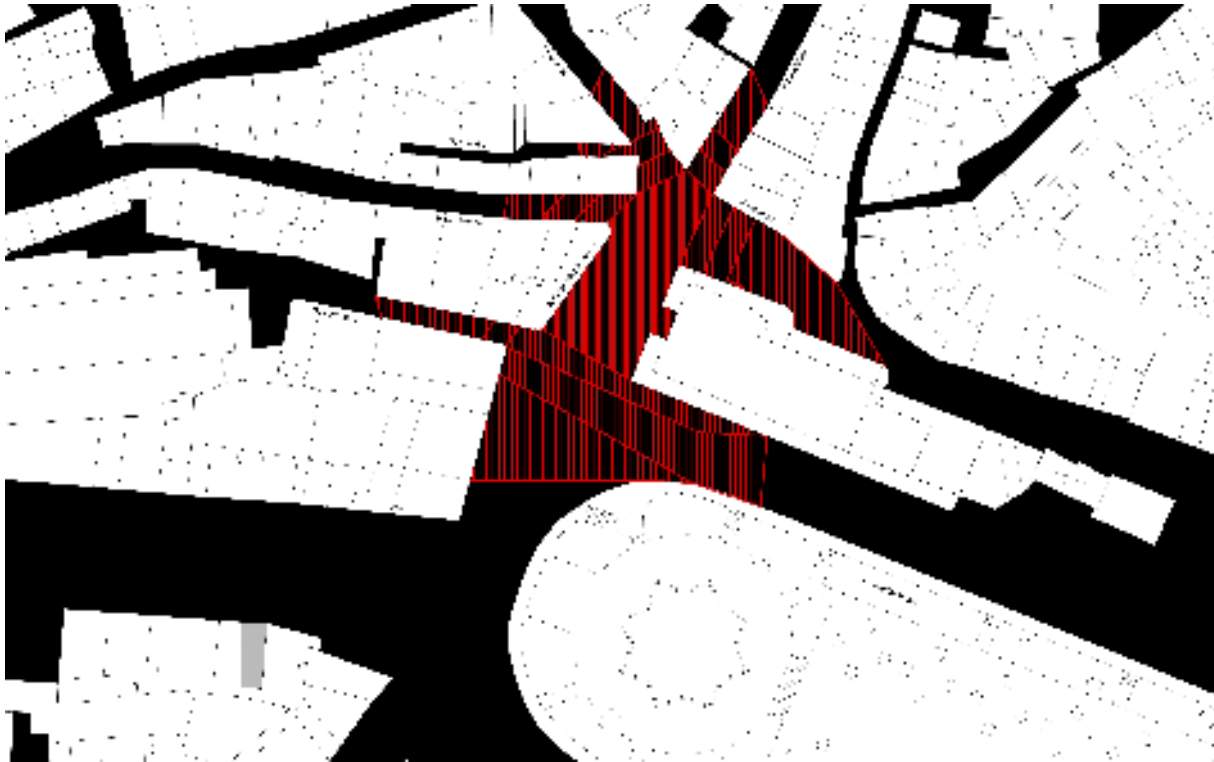


Figura 40: Localização do Ponto Nodal Recinto Exterior na junção das Rua da Mouraria, Rua dos Cavaleiros, Calçada da Mouraria, Rua do Benfornoso e Beco da Barbadela na Rua Fernandes da Fonseca

Fonte: Elaboração própria.

A confluência das vias da Rua da Mouraria, Rua dos Cavaleiros, Calçada da Mouraria, Rua do Benfornoso e Beco da Barbadela na Rua Fernandes da Fonseca é, segundo esta autora (*idem*: 98) outro dos “pontos nodais” do bairro e, no contexto desta investigação, o local preciso da “irradiação da essência” da noção de “lugar do Martim Moniz” como representante da qualidade “*migrantscape*”.

Segundo Menezes, a percepção do local pelos moradores “de dentro” como um “ponto nodal”, deriva tanto da associação do local às actividades de comércio grossista, mas também da presença dos comerciantes “indianos, chineses, portugueses e africanos”, assim como da presença de outras “pessoas de fora”, tais como os clientes do comércio estrangeiros e nacionais, pessoas sem-abrigo e meros transeuntes. As relações sociais são ali consideradas pela autora como “inclusivas, simultâneas e consideravelmente intersticiais”, pois é também um dos pontos de encontro e de “desenvolvimento de sociabilidades por parte dos moradores do bairro, transeuntes e frequentadores assíduos da zona” (*ibidem*).

Tal como já referido anteriormente, existem, para outros grupos sociais, nomeadamente para os indivíduos oriundos do Bangladesh, uma outra noção de bairro, a “Banglapara”. Este compreende um território de cerca de 20,08 H_a, intersectando parte do território da Mouraria. É interessante notar a localização geográfica central da Praça do Martim Moniz e do “ponto nodal” da junção aludida em relação à área compreendida pela Banglapara.

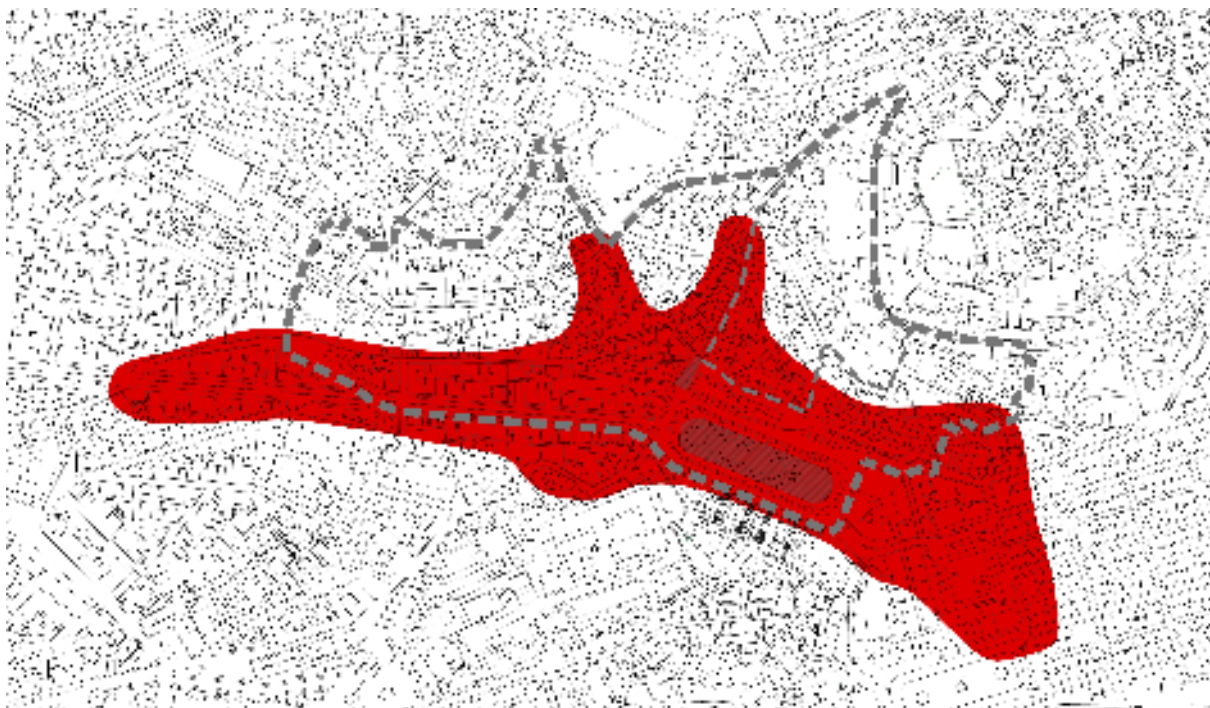


Figura 41: Sobreposição das áreas do bairro da Mouraria e “Banglapara” - localização dos dois pontos nodais

Fonte: Elaboração própria. Dados retirados de Menezes (2004) e Mapril (2010)

Para Kevin Lynch ([1960] 1996) os cruzamentos, para além de poderem ser locais estratégicos numa cidade, são justamente os pontos de entrada numa determinada área urbana e “constituem intensivos focos para os quais e dos quais ela se desloca” (Lynch, [1960] 1996: 59). Os cruzamentos, segundo este autor, podem ser “largos de grandes dimensões [ou] figuras lineares de certo modo extensas”. São também “o foco ou o resumo de um bairro”, onde através de concentrações temáticas e pela condensação de alguns hábitos, se transformam no coração de uma região. Também as estações do metropolitano, “ligadas ao longo do seu sistema de vias invisível”, podem ser “nós de junção estratégicos”. “Nós” esses, que são justamente de onde a sua influência é irradiada, tornando-se num símbolo na zona (*idem*: 59, 84, 86).

É o caso da junção aludida. Conforme se pode observar na figura 40, o local referido não só é a confluência de várias ruas, mas também através da “visão serial” (Cullen, [1961] 2008), conter uma certa qualidade de “flutuação” (*idem*: 48), ou seja, através da “sequência

de espaços criada pelos próprios edifícios” (*idem*: 48), o sentido da posição é estimulado pelo trânsito entre espaços amplos e estreitos, podendo deste modo ser percebido como um alargamento, como um “recinto exterior” (*idem*: 31), rodeado por “paredes” relativamente altas (as fachadas dos prédios) e com várias “portas” (de onde as ruas partem).

Este “recinto exterior” é um “universo de múltiplos eventos e relações” o qual, através da sua “vida social [que] acontece ao ritmo do fluxo constante que mistura tudo“, se configura como um “microcosmos social de espaços e relações (...) que tem a ver com repouso e movimento, com dentro e fora, com intimidade e exposição”, onde “alma da rua” se manifesta fortemente (Menezes, 2004: 199 sobre Santos e Vogel, 1985) transformando o espaço público numa extensão da casa ao mesmo tempo “familiar e íntima” (Hall, [1966] 1986: 194), um “espaço feliz” (Bachelard, [1957] 2000: 19).



Figura 42: Ponto Nodal Recinto Exterior na junção das Rua da Mouraria, Rua dos Cavaleiros, Calçada da Mouraria, Rua do Benfornoso e Beco da Barbadela na Rua Fernandes da Fonseca

Fonte: Fotografia e montagem Ricardo Neves (2011)

É pois justamente ali, na saída da estação do metropolitano do Martim Moniz (do lado do CCM) que se encontra uma destas “extensões da casa”. Esta estação, inicialmente denominada de “Socorro”, viu o seu nome ser trocado para “Martim Moniz” aquando da requalificação concluída em 1997 da praça sobre ela localizada. Redecorada com painéis em mármore de várias cores com figuras gráficas relativas à reconquista cristã e à lenda do soldado Martim Moniz, tem também nos painéis de azulejo na sua entrada subterrânea, símbolos gráficos alusivos aos árabes, indianos e africanos que por ali passavam outrora e que actualmente, recomeçaram a passar. Esta simbologia figurativa é, segundo Menezes (2004), um dos exemplos da invenção de memórias ocorrida no bairro, numa tentativa de re-embematização da zona, em que o multiculturalmente correcto tem sido uma das imagens mais evocadas (*idem*: 60). A mudança do nome da estação contribuiu, seguramente, para a

identificação do lugar como “Martim Moniz”, pois como usualmente acontece nas cidades com redes de comboios metropolitanos, os nomes das estações da rede subterrânea têm uma correspondência directa na nomeação ou simbolização da área urbana que se lhe sobrepõe.

Este “ponto marcante” (Lynch, [1960] 1996: 59), a saída da estação de metropolitano do Martim Moniz é, para além de um ponto de passagem óbvio – uma “actividade ao ar-livre” necessária, segundo a classificação de Jan Gehl (2011, 09) –, também um ponto de encontro e, principalmente, um sítio onde os moradores e visitantes da zona “estão” simplesmente a descansar, conversar, fumar um cigarro, ou ver os outros passar – “actividades ao ar-livre” opcionais, segundo Gehl (*idem*) –, epítome máxima da “vida entre os edifícios” (Gehl, 2010, 2011) ⁵⁰.

Outro “ponto marcante” exactamente ao lado da saída da estação do metropolitano, é a paragem do carro eléctrico Nº 12 da Carris. Como em todas as paragens, para além da actividade óbvia de esperar pelo transporte público, amiúde se tornam numa espécie de “sala de estar” pública, mais ou menos agradável consoante as condições climáticas, onde podem ocorrer diferentes “graus de intensidade social” (Gehl, 2011: 15). Assim, desde as pequenas conversas sobre o tempo, se faz frio ou calor, há quanto tempo passou o último eléctrico, ou se já ali se está há muito tempo – contactos sociais de “intensidade baixa” (*ibidem*) – ao encontro de vizinhos, colegas de trabalho e até amigos – contactos sociais de “intensidade alta” (*idem*: 19), a paragem/sala-de-estar é um local óptimo para a “necessidade de contacto” social (*idem*: 15) natural ao ser humano.



Figura 43: Ponto marcante: saída da estação do metro Martim Moniz

Fonte: Fotografia Ricardo Neves, 2011



Figura 44: Actividades ao ar-livre necessárias: entrega e distribuição de mercadorias

Fonte: Fotografia Ricardo Neves, 2011



Figura 45: Ponto marcante: paragem do eléctrico 12

Fonte: Fotografia Ricardo Neves, 2011

⁵⁰ Tradução do original em inglês pela autora desta investigação.

A própria “complexidade versátil” das actividades no recinto faz parte das características das cidades que as tornam tão especiais (Gehl, 2010: 20). Os eléctricos a passar, os carros e carrinhas ocasionais, os indivíduos orientais a empurrar os seus carrinhos com caixotes de cartão empilhados até cima, as pessoas que saem ou entram na estação de metropolitano, os indivíduos de múltiplas etnias, que falam ao telemóvel ou entre eles nas suas línguas estranhas, com as suas feições características, com as suas roupas e cortes de cabelo mais ou menos exóticos, transformam-se num palco da vida urbana, onde ficar simplesmente “a ver as pessoas passar”, é uma atracção em si própria (*idem*).

Finalmente este cruzamento ou “ponto nodal” pode ser considerado como tendo uma qualidade de “extroversão”, no qual as direcções gerais são esclarecidas e as ligações quer com o “coração da Mouraria” quer com o restante “lugar do Martim Moniz” são nítidas e claras, numa “orientação direcciona” (Lynch, [1960] 1996: 88).

A essência é difundida

A partir do ponto nodal é então difundida, ou irradiada, a noção de “lugar do Martim Moniz” como representante da qualidade “*migrantscape*”. Esta vai-se insinuando e transmutando subtilmente, adaptando-se à paisagem urbana de cada um dos eixos apontados.

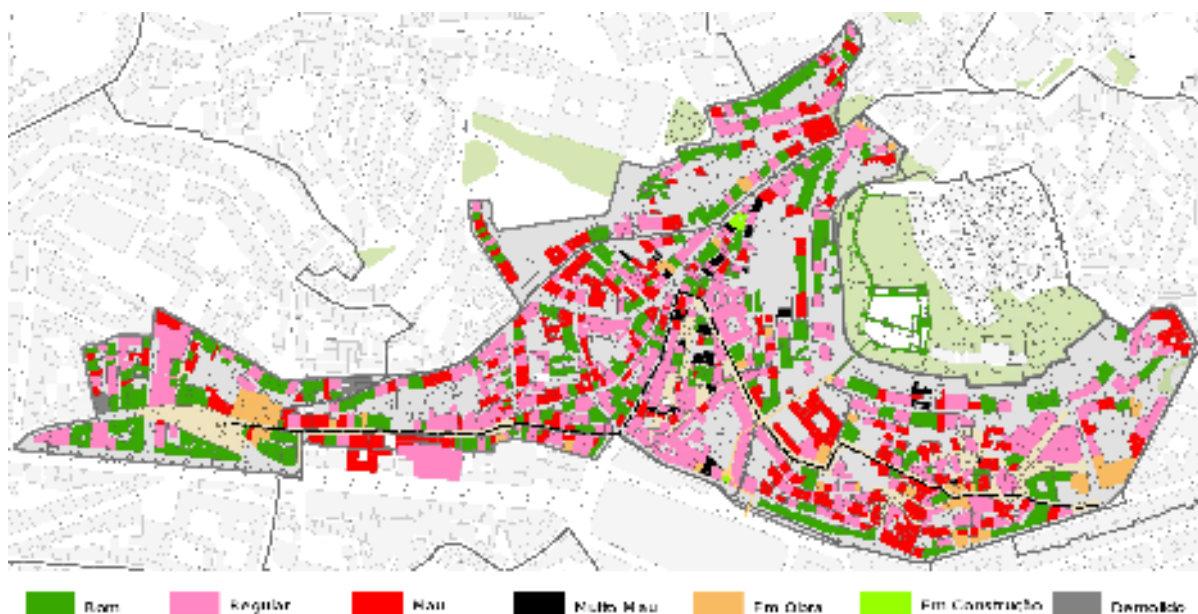


Figura 46: Estado de conservação edifícios, 2009

Fonte: Retirado de UPM (2009)

Rua da Mouraria – Rua do Arco Marquês do Alegrete

O eixo compreendido pela Rua do Poço do Borratém, a Rua do Arco do Marquês do Alegrete até à Rua da Mouraria, compreendia, outrora, e tal como o visto no segundo capítulo desta investigação, o início do principal eixo de distribuição para norte da cidade de Lisboa e até muito tarde – cerca de meados do século XX aquando das demolições efectuadas na Baixa da Mouraria – continuou a desempenhar esse papel fundamental no sistema viário da capital. Igualmente o seu carácter comercial era importante, tendo vindo, no entanto, a ser substituído gradualmente primeiro pelo mercado que passou a existir no espaço deixado vago pelas demolições e pela progressiva ocupação de espaços comerciais no então recente eixo viário da Avenida Rainha Amélia, mais tarde rebaptizada para Avenida Almirante Reis e mais tarde pelos dois centros comerciais construídos nas bordas da Praça do Martim Moniz.

Do ponto de vista espacial, este eixo parece desenvolver-se em vários segmentos. Assim, e partindo do ponto nodal identificado, parte a Rua da Mouraria, de trânsito pedonal e desembocando mais à frente num espaço aberto na confluência com a subida das Escadinhas da Saúde. A partir daí, começa a Rua do Arco do Marquês do Alegrete, que conservou o nome do arco que ali marcava uma das saídas da cidade, ficando o percurso pedonal mantido por baixo das arcadas do edifício número 6, dessa mesma rua. Passa depois a ser a Rua do Poço do Borratém, embora, e como em muitas outras ruas de Lisboa, tenha uma directa continuidade visual que torna difícil a distinção desta fronteira.

Actualmente o carácter comercial continua muito presente neste eixo, conforme se pode observar na figura em baixo, embora não tão fulgurante como nas memórias de alguns comerciantes e transeuntes daquela rua, conforme constatado em algumas conversas informais. É particularmente apontado como causador desse declínio o aparecimento do Centro Comercial da Mouraria, que tal como já referido anteriormente, é visto como estando a tapar o bairro com a sua volumetria exagerada, e por arrasto, a esconder a Rua da Mouraria, tornando-a menos visível e provocando uma menor atractividade comercial.



Figura 47: Tipo de comércio na Rua da Mouraria, 2011

Fonte: Elaboração própria. Levantamento efectuado pela autora entre Julho e Setembro de 2011



Figura 48: Rua da Mouraria, esquina com Rua do Capelão

Fonte: Fotografia de P. Gésero (2011)

No entanto, e através de observações feitas no decorrer desta investigação, notou-se uma grande número de frequentadores neste eixo em vários dias da semana, assim como em diferentes horários do dia, levando a concluir, que pelo menos o movimento de pessoas, continua tão animado como nas memórias mais antigas.

Do segmento da Rua da Mouraria, parte também uma das entradas para o “coração da Mouraria”, justamente assinalado com uma escultura representando uma guitarra, a Rua do Capelão que mais à frente vai desembocar no Largo da Severa, muitas vezes identificado como símbolo da forte tradição da canção popular do fado daquele bairro. Reforçando

essa imagem de entrada, notou-se a colocação de um arco decorativo aquando das festas populares de Lisboa em Junho deste ano igualmente neste ponto, e que, curiosamente, representava em cartão e papel brilhante um arco de um castelo de reminiscências mouriscas. Neste troço, de trânsito pedonal, foram também instalados alguns bancos públicos, de um lado e do outro da rua, proporcionando aos moradores e frequentadores da rua, um ponto de descanso e convívio. Foi observado o uso particularmente apreciado no período do verão, de descanso do lado da sombra, ou pelo contrário, no inverno, do lado do sol. Também foram colocados alguns vasos com arbustos entre os bancos, numa tentativa de colmatar a falta de espaços verdes, e resultando numa diminuição da percepção de escala, tornando-a mais “doméstica”.



Figura 49: Tipo de comércio na Rua do Arco do Marquês do Alegrete, 2011

Fonte: Elaboração própria. Levantamento efectuado pela autora entre Julho e Setembro de 2011

No segmento da Rua do Arco do Marquês do Alegrete, e particularmente no eixo pedonal sob as arcadas do edifício acima mencionado, é o carácter comercial que predomina, devido aos números estabelecimentos comerciais ali instalados.

A qualidade “*migrantscape*” está aqui representada quer nos elementos fixos que decoram as montras e fachadas dos vários estabelecimentos de comércio “étnico”, mas também, e principalmente nos seus elementos móveis, ou seja, os próprios transeuntes de várias etnias que ali passam, as várias línguas que se ouvem ou nos aromas culinários que se misturam no ar.



Figura 50: Rua da Mouraria com vista da Ermida de Nossa Senhora da Saúde
Fonte: Fotografia P. Gésero (2010)

Rua dos Cavaleiros

A Rua dos Cavaleiros, com a sua topografia íngreme e os ruídos metálicos provenientes do carro eléctrico que ali passa, é particularmente singular. Do ponto de vista comercial, é conhecida pela suas lojas de revenda, embora actualmente também ali existam estabelecimentos comerciais com venda ao público.

A estreiteza da sua largura, aliada ao trânsito automóvel nos seus dois sentidos, resulta em dois passeios para o trânsito pedonal igualmente estreitos, mas que mesmo assim, não deixam de ser fortemente frequentados por moradores, clientes, turistas, ou meros transeuntes. E embora os automóveis e carros eléctricos ali possam passar, foi notado nas observações efectuadas, frequentes momentos de “silêncio”, nos quais se ouvia o trânsito motorizado lá ao longe, e em que os sons próximos ficavam subitamente cristalinos,

podendo distinguir-se o trinado de pássaros, ou as várias conversas mantidas entre as pessoas deslocando-se na rua, ou entre os clientes e comerciantes das suas várias lojas.

Os “elementos fixos” da “*migrantscape*” estão aqui muito diluídos na paisagem urbana autóctone, pois para além de haver poucos estabelecimentos comerciais explorados por comerciantes imigrantes, a face mais visível desta característica, parece existir nesta rua uma identidade mais “lisboeta”, porventura resultante da topografia, dos edifícios de traça pombalina, alguns cobertos de azulejos ou mesmo pela passagem do carro eléctrico amarelo da carris, amiúde fotografada pelos turistas e visitantes que a atravessam.



Figura 51: Rua dos Cavaleiros

Fonte: Fotografia de P. Gésero (2012)



Figura 52: Rua dos Cavaleiros

Fonte: Fotografia de P. Gésero (2012)



Figura 53: Largo do Terreirinho

Fonte: Fotografia de P. Gésero (2012)

No entanto, também aqui os “elementos móveis”, particularmente os transeuntes de variadas nacionalidades, falando as suas línguas, ouvindo a sua música, com as suas vestes, marcam esta rua de modo indelével.



Figura 54: Tipo de comércio na Rua dos Cavaleiros, 2011

Fonte: Elaboração própria. Levantamento efectuado pela autora entre Julho e Setembro de 2011

Calçada da Mouraria



Figura 55: Calçada da Mouraria
Fonte: Fotografia P. Gésero (2010)

Este eixo, curto de distância, mas psicologicamente longo devido à sua grande inclinação, liga o ponto nodal identificado com a Rua do Terreirinho. Com pavimento em paralelepípedo escuros, o seu trânsito automóvel é ocasional, assim como o pedonal, em comparação com a Rua dos Cavaleiros.

Devido à maior área dos seus lotes, proporcionalmente não tem tantos estabelecimentos comerciais como os outros eixos da zona, parecendo por isso, mais “vazia” e sem tanta “animação”. É no entanto neste troço que se encontra localizado um dos restaurantes chineses mais frequentados por este grupo, assim como um estabelecimento explorado por comerciantes muçulmanos que conjuga serviços de

telecomunicações, fotocópias e cabeleireiro, exclusivamente frequentado por indivíduos imigrantes. Fica assim sobressaída a “*migrantscape*” quer objectivamente nos elementos fixos, mas mais pronunciada subjectivamente nos elementos móveis, tais como as sonoridades das diferentes línguas ouvidas e faladas ou mais intensamente, pelos odores provenientes do restaurante chinês.



Figura 56: Tipo de comércio na Calçada da Mouraria e parte da Rua do Benfornoso, 2011

Fonte: Elaboração própria. Levantamento efectuado pela autora entre Julho e Setembro de 2011

Eixo Rua do Benfornoso

Este eixo, outrora na continuação visual da Rua da Mouraria, ligava a cidade à sua periferia a norte, tal como descrito no segundo capítulo.

Actualmente é uma rua de carácter predominantemente comercial e residencial, de trânsito automóvel condicionado e de animado trânsito pedonal. Igualmente se desenvolve psicologicamente por vários troços, não só determinados pela espacialidade do edificado e especificidade do traçado urbano, mas também pelos tipos de estabelecimentos comerciais, ou mais especificamente, pelas nacionalidades dos comerciantes que os exploram ou ali trabalham.

Assim, parece existir um primeiro troço começando na entrada desta rua, de quem vem do ponto nodal, até à confluência com a Rua do Terreirinho, onde a largura da rua aumenta, dando origem a um alargamento espacial, podendo ser percepcionado como outro “recinto exterior”. Neste primeiro troço há uma predominância de estabelecimentos comerciais de revenda explorados por comerciantes nacionais, sendo algumas destas lojas exploradas por comerciantes chineses. A “*migrantscape*” parece pouco evidente nos elementos fixos ao nível do olhar, mas mais uma vez, são os elementos móveis os mais reveladores.



Figura 57: Momento de descarga de carga na Rua do Benfornoso

Fonte: Fotografia P. Gésero (2011)



Figura 58: Rua do Benfornoso

Fonte: Fotografia P. Gésero (2011)



Figura 59: Último troço da Rua do Benfornoso (a partir da Travessa do Benfornoso)

Fonte: Fotografia P. Gésero (2011)

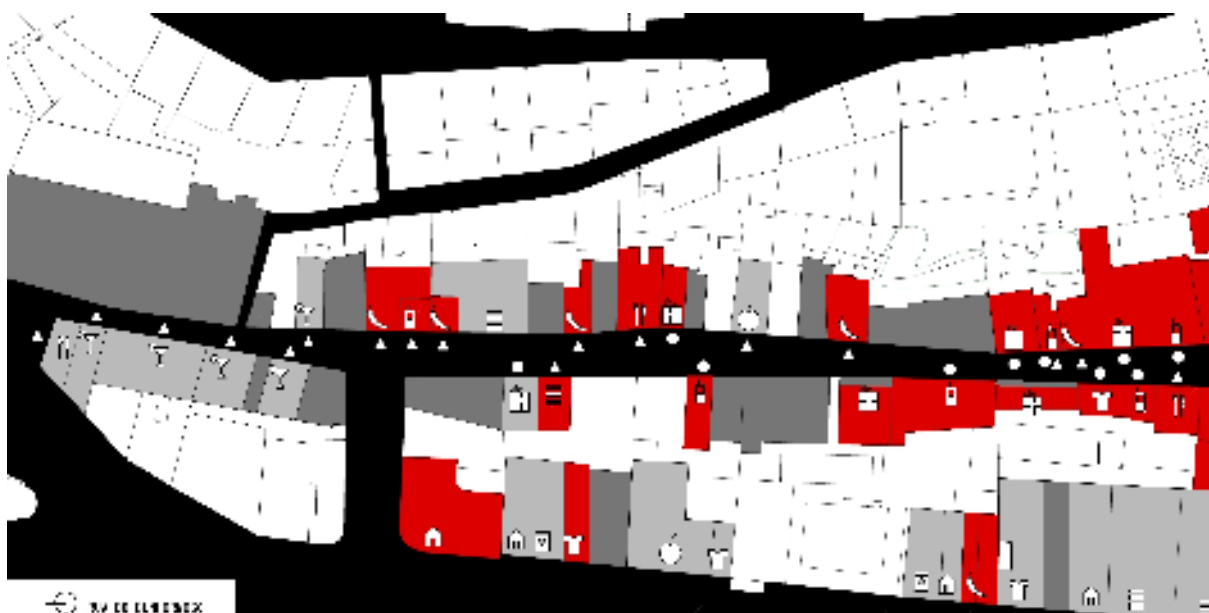


Figura 60: Tipo de comércio de parte da Rua do Benfornoso, 2011

Fonte: Elaboração própria. Levantamento efectuado pela autora entre Julho e Setembro de 2011

Num segundo momento, o “recinto exterior” é outro troço. Aqui predominam as lojas exploradas por comerciantes imigrantes, nomeadamente por indivíduos bangladeshianos ou paquistaneses. Estes vendem um conjunto de artigos diversos, ou quinquilharias, que englobam desde pequenos brinquedos de crianças, a artigos e peças de vestuário ou artigos de higiene e para a casa. Até há pouco tempo, era ali que funcionava, no número

118, uma “mesquita pequena”⁵¹ onde acorriam às sextas-feiras os habitantes, comerciantes ou outros crentes muçulmanos. É por isso, um ponto importante para a percepção da “*migrantscape*” desta rua, pois tal como é referido por um dos entrevistados, é a partir daqui e até ao final da rua no Largo do Intendente que a percepção de alteridade é maior, isto é, que é a partir deste ponto que “parece que [se entrou] noutro país. Não tem nada a ver o país, com uma coisa com a outra” (Rui, 49 anos, funcionário comercial).

O terceiro troço desta rua, e também de acordo com aquele entrevistado, é aquele que se inicia psicologicamente a partir de um edifício recente da EPUL, no número 168 desta rua, no qual identifica a existência de “um ambiente totalmente diferente”, desagradável e conflituoso, devido à presença de certos indivíduos, nomeadamente indivíduos imigrantes, traficantes de estupefacientes e prostitutas, provocando uma “mistura explosiva” “complicada”. Nas observações efectuadas, pôde constatar-se esta diferença no “ambiente”, particularmente sentida em alguns comentários e olhares de curiosidade provenientes dos indivíduos que ali se encontravam.

Rua da Palma

Em 1859 foi rasgada a Rua Nova da Palma, dando origem em 1908, ao aparecimento da Avenida Rainha D. Amélia (mais tarde, com o advento da República, rebaptizada para Avenida Almirante Reis), sendo actualmente percepcionada visualmente como um eixo contínuo. Devido à sua largura, os passeios laterais autonomizam-se, ficando demarcados claramente os lados direitos e esquerdos da avenida.

⁵¹ Muito recentemente esta mesquita mudou de localização, passando agora a estar na Rua do Terreirinho, perto do entroncamento com a Rua Agostinho de Carvalho, e tendo provavelmente uma ligação através do logradouro traseiro, com a “mesquita grande” situada na rua que lhe é perpendicular. Não foi possível determinar a data da mudança da “mesquita pequena” do Martim Moniz da sua localização inicial na Rua do Benfornoso, para a actual na Rua do Terreirinho. De notar que Mapril (2009) faz referência à existência de uma mesquita “montada e gerida por bangladeshis” no centro de Lisboa, aquando da sua visita em Janeiro de 2005, e que um dos entrevistados (Rui, 49 anos, funcionário comercial), nas entrevistas realizadas para esta investigação em Setembro de 2011, menciona ter reparado “há tempos” um senhor a descalçar-se à porta de um edifício na Rua do Terreirinho, e por isso ter percebido que ali era a nova localização desta mesquita.

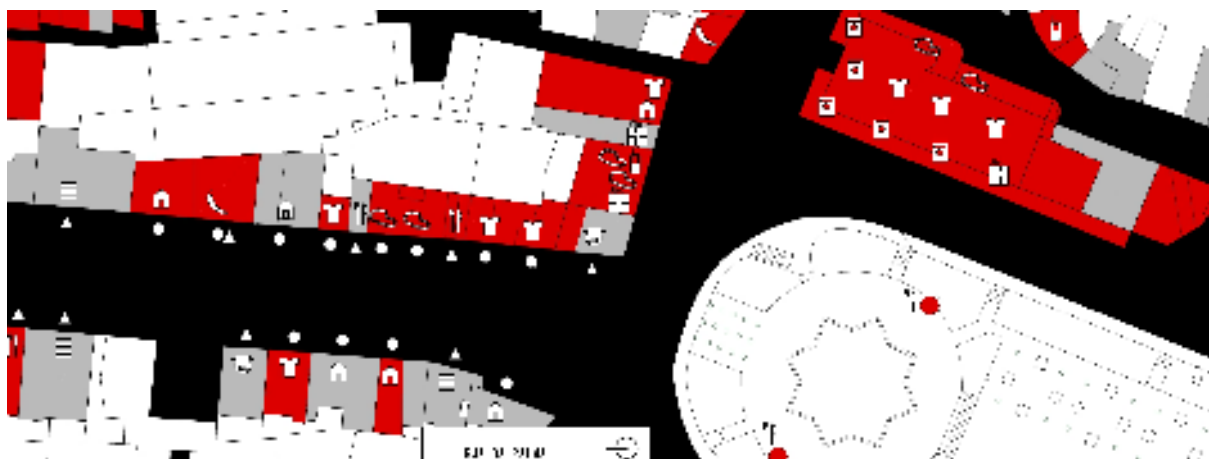


Figura 61: Tipo de comércio na Praça do Martim Moniz e parte da Rua da Palma, 2011

Fonte: Elaboração própria. Levantamento efectuado pela autora entre Julho e Setembro de 2011

O edificado é distinto do resto do bairro da Mouraria, pois engloba edifícios vários em volumetria, cêrcea, área de lote ou estilo arquitectónico. A principal diferença contudo, é o facto deste edificado ser relativamente recente – os edifícios mais antigos datam do início do século XX – pelo menos em comparação com o restante no mesmo bairro.



Figura 62: Rua da Palma (à Praça Martim Moniz)

Fonte: Fotografia P. Gésero (2012)

Iniciando o percurso pela Praça do Martim Moniz, e pelo lado direito do passeio, observa-se uma maioria de lojas exploradas por comerciantes imigrantes, que conferem à

zona uma forte característica “*migrantscape*” à sua paisagem urbana. Este lado do passeio tem um trânsito pedonal considerável, constituído por inúmeros transeuntes, entre turistas estrangeiros, sujeitos nacionais e imigrantes, mas principalmente pelo trânsito de indivíduos de feições orientais que empurram carrinhos com caixotes empilhados que permanentemente usam a calçada para as entregas de mercadorias nos variados estabelecimentos comerciais daquela zona.

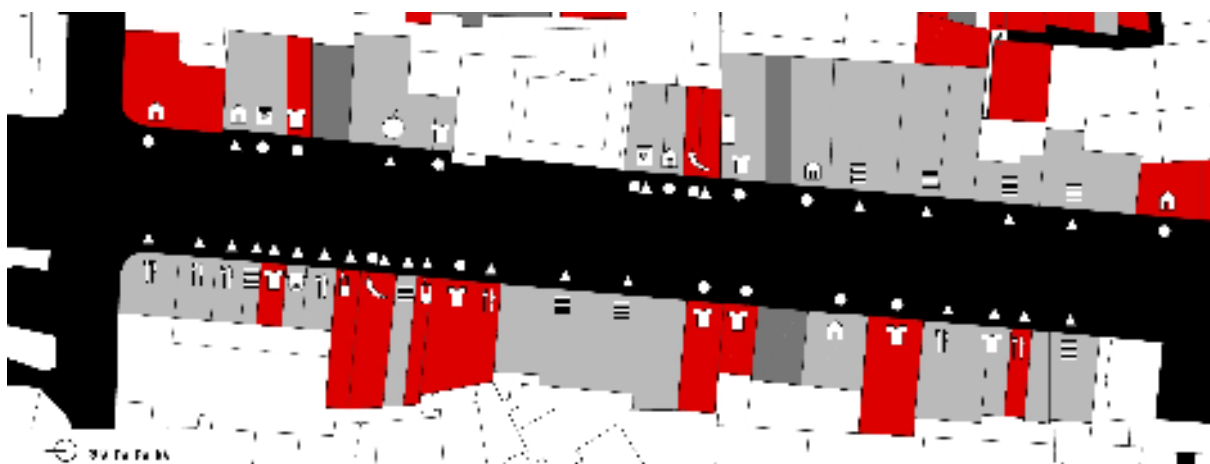


Figura 63: Tipo de comércio de parte da Rua da Palma, 2011

Fonte: Elaboração própria. Levantamento efectuado pela autora entre Julho e Setembro de 2011

TIPO DE COMÉRCIO	ELABORAÇÃO DE LOÇOS	ALUGUEIRO VAO OCCIDENTAL
△ COMÉRCIO DE RUA C	ÓTIMO / L. S. RUA / COMUM	△ ALUGUEIRO DE JINIAI
○ COMÉRCIO DE REVENDA	BAR / DISCOTECA	REST / CAFE / PASTELARIA
☞ TRADIÇÃOAL DE BAIRO	ALUGUEIRO / AC-ESQUADRA	RESTAURANTE
☞ BRANCO / QUINQUILHARIA	VESTUÁRIO / CALÇADO	LOJA DE CLOTHES
= SERVIÇOS	ALUGUEIRO PARA O LAR	MOQUILA
■ COMÉRCIO MIGRANTE	■ COMÉRCIO PORTUGUÊS	■ COMÉRCIO DESOCUPADO

Figura 64: Chave da Legenda para os mapas nas figuras 44, 45, 46, 47, 48, 49 e 50

Fonte: Elaboração própria. Levantamento efectuado pela autora entre Julho e Setembro de 2011

A “*migrantscape*” caracterizada

Foi assim possível, através daquilo que Jerome Krase identifica como um “mapeamento étnico” (Krase, 2004a: 166), identificar os elementos fixos e móveis que compõem a “*migrantscape*”. A este respeito, aquele autor observa que é importante notar as percepções e avaliações dos espaços nos bairros residenciais que podem ser, significativamente diferentes para os “de dentro” em oposição aos “de fora”. Para o transeunte casual, os sinais em línguas estrangeiras nas montras das lojas são facilmente

identificados, mas o entendimento dos significados dos espaços por eles definidos, requer uma sensibilidade e compreensão da cultura particular que os cria, mantém e usa o espaço re-significado (*ibidem*). Assim, no Martim Moniz, para além da área nomeada de “banglapara” pelos bangladechianos que ali residem, podem porventura existir outras áreas definidas por cada um dos grupos étnicos que ali habitam, trabalham ou frequentam.

O ponto nodal identificado como irradiante da noção proposta de “*migrantscape*” é, por conseguinte, uma avaliação e percepção do espaço por um olhar “de fora”, o da investigadora desta análise. Seria por isso interessante, num trabalho futuro, tentar identificar os diferentes significados atribuídos à zona pelos diferentes grupos imigrantes que a frequentam.

Como já referido anteriormente, procurou-se identificar os elementos que compõem a “*migrantscape*” através de duas abordagens simultâneas, uma objectiva em que se incluem os elementos fixos da paisagem urbana, e outra subjectiva, englobando os elementos móveis dessa mesma paisagem. Tal como Lynch ([1960] 1996) bem observou, “os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas actividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis” (*idem*: 11), e também na “*migrantscape*” se ratifica a afirmação. Aliás, justamente são as partes imóveis, nomeadamente as sonoridades e principalmente os odores, que melhor caracterizam esta categoria da “*townscape*” (Cullen, [1961] 2008).



Figura 65: Residente nacional no Beco Alegrete e residente imigrante na Rua do Benfornoso, Mouraria, 2010 e 2011

Fonte: Fotografias P. Gésero (2010, 2011)

Conclusão

Esta investigação, iniciada há sensivelmente um ano, foi experimentada simultaneamente como longa e curta. Desde o primeiro relance da montra do cabeleireiro africano no Calvário até à definição da *migrantscape*, percorri uma longa aprendizagem, que no entanto, também senti como curta, pois passou muito rápido este período de um ano!

Quando iniciei as primeiras investigações e me foi sugerida a leitura do Manual de Investigação em Ciências Sociais (Quivy *et al*: 1998), receei não conseguir alcançar todas as “etapas do conhecimento”, mas agora, passado este tempo e todo o trabalho realizado, reconheço que foi o *meu* conhecimento que aumentou.

No sentido de encontrar a resposta à questão inicial na qual a multiculturalidade, resultante da presença de grupos imigrantes na cidade, é vista como um possível factor acrescido na constituição, formação e desenvolvimento das paisagens urbanas e da imagem da cidade, observam-se alguns indicadores que atestam esta asserção. Através desta investigação de carácter teórico e empírico, em que se encontraram os elementos distintivos dessa multiculturalidade na paisagem urbana, é possível afirmar que os movimentos migratórios, para além de se configurarem como um dos maiores agentes para a mudança social, económica e espacial dos ambientes urbanos, são igualmente importantes para a configuração e transformação das paisagens urbanas e da imagem da cidade, constituindo assim uma *migrantscape* distinta. Esta, enquanto categoria da *townscape*, configura-se como o somatório/cruzamento dos elementos trazidos pelas novas populações imigrantes, sobrepondo-se, imbricando-se e interligando-se, convivendo numa relação de conexão mútua com a paisagem urbana autóctone das cidades.

Em Lisboa, a zona do Martim Moniz, onde se concentra um número muito expressivo de residentes e trabalhadores imigrantes de origem estrangeira, é actualmente uma das zonas mais representativas desta *migrantscape* na cidade, devido não só à co-presença e convivência destes grupos naquele lugar, mas também à grande diversidade social, étnica, cultural e geracional por eles gerada.

No sentido de aprofundar o conhecimento sobre as alterações morfológicas, sociais e simbólicas na configuração da paisagem urbana e imagem da cidade provocadas pela presença de grupos imigrantes no tecido urbano, foram colocadas no início deste estudo algumas questões de investigação que serviram como fio condutor da pesquisa. A primeira e segunda questões, relativas à zona em estudo, o Martim Moniz, foram no sentido de saber como era a sua organização espacial e de usos antes dos grupos imigrantes ali habitarem, e na segunda, como poderá ser esta organização no futuro. Na terceira questão, procurou-se saber quais os elementos morfológicos, sociais e simbólicos resultantes da presença de grupos imigrantes, configuram a imagem e paisagem urbana da zona em estudo. As quarta e quinta questões, foram no sentido de conhecer a percepção e opinião dos utilizadores nacionais, residentes, comerciantes e visitantes da mutação na paisagem urbana resultante da presença de grupos imigrantes naquele bairro. Finalmente na sexta questão, fez-se uma interrogação sobre qual o impacto na zona, e em consequência na cidade de Lisboa, fruto da evolução e das alterações no Martim Moniz provocadas pela presença dos grupos imigrantes.

Ao nível empírico, em relação às primeiras duas questões, principiou-se por tentar compreender a configuração da paisagem urbana e a organização espacial e de usos daquela área antes dos actuais grupos imigrantes ali se terem estabelecido. Ao longo de mais de oitocentos e cinquenta anos de ocupação urbana ininterrupta, em que passou de arrabalde semi-rural da cidade murada no século XII, a um bairro denso e histórico do centro de Lisboa no século XXI, certas marcas estigmatizantes persistem associadas ao bairro da Mouraria. Estes sinais caracterizadores distintivos do bairro são apontados não só pela população autóctone, mas também pela restante população da cidade. Com o objectivo de uma reabilitação urbana e de uma regeneração dos significados associados a aspectos negativos naquela zona, foi iniciado em 2009, um Programa de Acção de responsabilidade municipal (no âmbito do QREN), que, justamente apostando na diversidade social, étnica, cultural e geracional presente na área, devido à comunidade imigrante que ali se estabeleceu comercial e residencialmente, visa reconverter os usos urbanos, tentando atrair mais investimentos para o aumento da exploração comercial, de lazer e turística, e uma revitalização social, ou seja, mais concretamente o rejuvenescimento da população do bairro, através de medidas urbanas e económicas que incentivem a vinda de famílias jovens, bem como, a promoção das condições de vida dos residentes actuais, a fixação de outras actividades económicas e a visita de turistas nacionais e estrangeiros.

Esta transformação, com grande probabilidade de vir a ser concretizada, poderá ter efeitos perversos, como se verificou em outras experiências de renovação e revitalização de

tecidos antigos, gerando uma gradual “*gentrification*” da população nacional e imigrante mais empobrecidas, afastadas por processos de especulação imobiliária desencadeados pela intervenção, assim como um crescimento de sentimentos e opiniões de carácter xenófobo em relação às populações imigrantes,. Poder-se-á agravar, com efeito, o actual convívio marcado por algumas tensões, observado entre as populações originais autóctones e as recentes alóctones, com fenómenos de exclusão social, associados aos processos de especulação urbanos.

Em relação à terceira questão sobre que elementos morfológicos, sociais e simbólicos, resultantes da presença de grupos imigrantes, configuram a imagem e paisagem urbana da zona em estudo foram considerados dois pontos de vista na concepção da *migrantscape*. Um, mais objectivo, que tem sido explorado por autores como Cullen ([1961], 2008), Fonseca (2008a), Krase (2004a, 2004b, 2009), Malheiros (2008), Mapril (2010), Menezes (2004, 2009a, 2009b), em que se consideraram os “elementos fixos”, tais como os elementos arquitectónicos originários dos países ou lugares de proveniência dos grupos imigrantes, nomeadamente, os locais de cultos religiosos por eles frequentados, a organização interna das habitações, pátios, janelas, varandas, jardins, assim como a presença de elementos decorativos, informativos ou publicitários, tais como dragões, balões de papel, pórticos em tons dourados e vermelhos, bandeiras de diversas nações, anúncios ou divulgação de serviços em variadas línguas, publicidade nas fachadas pintada à mão ou nas línguas originais, etc. Estes últimos elementos decorativos foram principalmente observados nos múltiplos estabelecimentos comerciais explorados por empresários imigrantes na zona em estudo.

No outro ponto de vista, mais subjectivo, foram ponderados os “elementos móveis” referidos por Appadurai (1996), Costa e Santos (2007), Malheiros (2008), Menezes (2004, 2009a, 2009b), Fonseca (2010), Park ([1925] 1967), Ribeiro (1968), e Smith (2002), em que se integram as variadas formas de vestuário usadas por alguns dos indivíduos imigrantes naquela zona da cidade, os odores e paladares das diversas comidas tradicionais de diferentes regiões do mundo que se podem sentir pelas suas ruas e becos, as múltiplas sonoridades de línguas estrangeiras ou sotaques de todas as partes do mundo, a música e as diversas formas de expressão artística e cultural trazidas pelos imigrantes, as novas convivências e as interacções sociais entre os grupos imigrantes e as populações nacionais, ou seja, as “*smellscapes*”, “*soundscapes*” e “paisagens culturais” imigrantes, assinaladas por Fortuna (1999a, 1999b), Fowler (2003), Porteous (1985) e Schafer ([1977] 1993). Do ponto de vista simbólico foi identificada uma alteração na nomeação daquela área da cidade, passando a ser mais referida pelos habitantes da cidade de Lisboa, visitantes e

população alóctone do bairro, como Martim Moniz em vez de Mouraria, estando esse facto associado à alteração dos significados atribuídos à zona.

Em relação às quarta e quinta questões sobre como é percebida pela população nacional esta mutação na paisagem urbana daquele bairro e como se processa a convivência e a interacção entre as populações autóctones e alóctones, as entrevistas exploratórias e semi-directivas realizadas permitiram ressaltar alguns ressentimentos e/ou sentimentos menos positivos, tendo sido apontados como elementos mais perturbantes neste convívio, certos hábitos culturais, tais como o uso de véu pelas senhoras muçulmanas ou alguns elementos olfactivos considerados como desagradáveis, particularmente o forte cheiro a especiarias culinárias, vulgo “caril”.

No referente à última questão sobre o impacto, fruto da evolução e das alterações provocadas pela presença dos grupos imigrantes naquele bairro, e na cidade de Lisboa, alguns entrevistados sublinharam o importante papel dos imigrantes na transformação urbana, de usos, social, cultural e económica daquele bairro, bem como no resto da cidade.

Penso que esta investigação poderá ser uma contribuição para o debate da importância dos movimentos migratórios para o desenvolvimento social, económico e espacial das cidades, pois através de uma abordagem urbana e arquitectónica ao tema, o contributo será certamente útil, pois estes processos se desenrolam justamente em ambiente urbano. Nesta análise encontrou-se mais um ponto de vista, o da paisagem urbana, interessante pela sua grande diversidade e riqueza de matizes que a configuram.

Bibliografia

- ADLER, PETER. (2002). Beyond Cultural Identity: Reflections on Multiculturalism [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-05-31 no endereço <http://www.mediate.com/articles/adler3.cfm#>.
- AGNEW, JOHN. (1997). Representing space: space, scale and culture in social science. Em J. Duncan, *et al.* (Eds.), *Place / Culture / Representation* (251-271). Londres: Routledge.
- ALDRICH, HOWARD E. e WALDINGER, OGER. (1990). Ethnicity and Entrepreneurship. *Annual Review of Sociology*, 16 111-135.
- ALMEIDA, MIGUEL VALE DE. (2002). Estado-Nação e Multiculturalismo [Versão Electrónica]. *Manifesto* 1, 63-73. Acesso em 2011-06-05 no endereço <http://site.miguelvaledealmeida.net/wp-content/uploads/estado-nacao-e-multiculturalismo.pdf>.
- ALVES COSTA, CATARINA (1998). Swagatam. Portugal: SP Filmes. Duração: 54'.
- ALVES, DANIEL RIBEIRO. (2010). *Evolução das freguesias da cidade de Lisboa no século XIX*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa.
- ANDERSON, BENEDICT. [1983] (2006). *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres, Nova Iorque: Verso.
- APPADURAI, ARJUN. (1996b). *Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa: Teorema.
- APPADURAI, ARJUN. (1996a). Global Ethnoscapes: Notes and Queries for a Transnational Anthropology. Em A. Appadurai (Ed.), *Modernity at Large Cultural Dimensions of Globalization* (6ª ed., 48-65). Minneapolis USA: University of Minnesota Press.
- ARANTES, ANTÓNIO. (1997). A Guerra dos Lugares - fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano de São Paulo. Em C. Fortuna (Ed.), *Cidade, Cultura e Globalização* (259-270). Oeiras: Celta.
- ARAÚJO, NORBERTO DE. [1939] (1992). *Peregrinações em Lisboa - Costa do Castelo, Castelo, S. Cristóvão, S. Lourenço, Mouraria, Borratém* (2ª ed. Vol. III). Lisboa: Vega.
- ASCHER, FRANÇOIS. [1995] (1998). *Metapolis : acerca do futuro da cidade*. Oeiras: Celta.
- ASCHER, FRANÇOIS. [2001,2008] (2010). *Novos Princípios do Urbanismo. Novos Compromissos Urbanos, um léxico* (2ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- AUGÉ, MARC. [1992] (1995). *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. Londres, Nova York: Verso.
- AZEVEDO, PEDRO A. DE. (1899-1900). Do Areeiro à Mouraria. *O Archeologo Português*, V **9-10**: 257-279.
- BACHELARD, GASTON. [1957] (2000). *A poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- BAGANHA, MARIA IOANNIS, MARQUES, JOSÉ CARLOS, *et al.* (2009). Imigrantes em Portugal: uma síntese histórica. *Ler História* **56**.

- BAPTISTA, LUÍS e RODRIGUES, TERESA. (1995). Dinâmica Populacional e densificação urbana: o município de Lisboa nos séculos XIX e XX, *O Município de Lisboa e a Dinâmica Urbana (Séculos XVI-XIV)* (pp. 267-292). Lisboa: CML, Câmara Municipal de Lisboa.
- BARROS, MARIA FILOMENA LOPES DE. (1994). Mouraria (sécs. XII a XV). Em F. Santana, *et al.* (Eds.), *Dicionário da História de Lisboa* (590-592). Sacavém: Carlos Quintas & Associados Consultores, Lda.
- BARROS, MARIA FILOMENA LOPES DE. (1998). *A Comuna Muçulmana de Lisboa: Séculos XIV e XV*. Lisboa: Hugin Editores.
- BASTOS, CRISTIANA. (2001). Omulu em Lisboa: Etnografias para uma teoria da Globalização. *Etnográfica*, V 2: 303-324.
- BASTOS, CRISTIANA. (2004). Lisboa, século XXI: uma pós-metrópole nos trânsitos mundiais. Em J.M. Pais, *et al.* (Eds.), *Tribos urbanas: produção artística e identidades* (195-224). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais ICS UL.
- BELL, DAVID. (2006). Variations on the rural idyll. Em P. Cloke, *et al.* (Eds.), *Handbook of rural studies* (149-160). Londres: Sage.
- BENEDICTUS, LEO. (2005). Every race, color, nation and religion on earth [Versão Electrónica]. *The Guardian*. Acesso em 2011-06-14 no endereço <http://www.guardian.co.uk/uk/2005/jan/21/britishidentity1>.
- BENIS, KHADIJA. (2011). *Vielas de Alfama entre Revitalização e Gentrificação*. no prelo Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Urbanos em Regiões Mediterrâneas, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- BIERBRAUER, GÜNTER e PEDERSON, PAUL. (1996). Culture and migration. Em G.R. Semin, *et al.* (Eds.), *Applied social psychology* (399-422). Londres: Sage.
- BRANCO, FERNANDO CASTELO. (1990). *Lisboa seiscentista* (Vol. 14). Lisboa: Livros Horizonte.
- BRUGMANN, JEB. (2009). *Welcome to the Urban Revolution: how cities are changing the world*. Londres, Noida, Toronto, Sydney, Auckland, Nova Iorque: Harper Collins Publishers.
- CAMEIRA, MARIA CECÍLIA. (2005b). Nossa Senhora da Saúde [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-05-11 no endereço <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gcal/?id=856>.
- CAMEIRA, MARIA CECÍLIA. (2005a). Poço do Borratém [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-05-11 no endereço <http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gcal/?id=856>.
- CANTER, DAVID. (1977). *The psychology of Place*. Londres: Architectural Press.
- CAROLINO, JÚLIA e PINTO-CORREIA, TERESA. (2011). Paisagem material, paisagem simbólica e identidade no concelho de Castelo de Vide. *Análise Social*, XLVI 198: 89-113.
- CARVALHO, FRANCISCO AVELINO. (2006). O lugar dos negros na imagem de Lisboa. *Sociologia Problemas e Práticas* 52: 87-108.
- CARVALHO, PINTO DE. [1903] (2009). *Historia do fado*. Valladolid: Editorial Maxtor.
- CASEY, EDWARD S. (1996). How to get from Space to Place in a fairly short stretch of time: Phenomenological Prolegomena. Em J. Kepp (Ed.), *Senses of Place* (13-52). Santa Fe, Novo México: School of American Research Press.
- CASTAÑO, F. JAVIER GARCIA e RUIZ-MATAS, CRISTINA BARRAGÁN. (2000). Sociedad multicultural e interculturalismo versus inmigración extranjera: aportaciones teóricas para el debate. *Documentación Social - Revista de estudios sociales y de sociología aplicada* 121: 209-232.
- CASTLES, STEPHEN e MILLER, MARK J. (1998). *The age of migration: international population movements in the modern world*. Londres: Macmillan.
- CHAMBERS, IAIN. [1994] (1995). *Migrancy, culture, identity*. Londres, Nova York: Routledge.

- CML, CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. (2005). CML - Câmara Municipal de Lisboa. [Versão Electrónica]. Acesso em 2010-10-26 no endereço <http://www.cm-lisboa.pt>.
- CML, CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. (2011). *Estratégia de Reabilitação Urbana de Lisboa 2011-2024*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- CML, CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. (2007b). Gabinete de Estudos Olissiponenses. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-05-12 no endereço <http://geo.cm-lisboa.pt/>.
- CML, CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. (2007a). Lisboa 2012 Uma Visão Estratégica. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-05-14 no endereço http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/009/pdf/01_uma%20visao_lisboa_alterado_abril_07.pdf.
- CML, CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. (2011). Plano Director Municipal de Lisboa. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-07-21 no endereço <http://pdm.cm-lisboa.pt/default.aspx>.
- CML, CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. (1997b). Plantas do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-03-23 no endereço <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/004/plantas/mouraria.pdf>.
- "Regulamento do Plano de Urbanização do Núcleo Histórico da Mouraria", Declaração n.º 165/97 (2.ª série), de 15 de Outubro. *D.d. República n.º 239/97 - II Série*. Lisboa: Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.
- CML, CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA e DMPU, DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO URBANO. (2009). *Relatório do Estado do Ordenamento do Território Versão Preliminar*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- CML, CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, GLEM, GABINETE LISBOA ENCRUZILHADA DE MUNDOS, *et al.* (2009). *TODOS Caminhada de Culturas*. [Versão Electrónica]. Acesso em 2010-10-23 no endereço <http://todoscaminhadadeculturas.blogspot.com/>.
- COELHO, MARIA HELENA DA CRUZ. (2008). A construção histórica da multiculturalidade. *Portugal : percursos de interculturalidade, IV Desafios à Identidade*, Pp. 69-130.
- COLVIN, MICHAEL. (2008). *The reconstruction of Lisbon: Severa's legacy and the Fado's rewriting of urban history*. Nova Jérsia: Associated University Presse.
- CORDEIRO, GRAÇA ÍNDIAS. (1997). *Um Lugar na Cidade - Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- CORDEIRO, GRAÇA ÍNDIAS. (2003). Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca. *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia, I 13*: 185-199.
- CORREIA, VIRGÍLIO. (s/ data). Oleiros quinhentistas de Lisboa. *Águia, XV* 128-142.
- COSTA, ANTÓNIO. (2011). Proposta Nº 237 / 2011 Participação no projecto "Rede das Cidades Interculturais". Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- COSTA, FRANCISCO LIMA. (2004). *Turismo Étnico, Cidades e Identidades: Espaços multiculturais na Cidade de Lisboa*. Paper apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiros das Ciências Sociais. Coimbra. Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.
- COSTA, FRANCISCO LIMA. (2006). Turismo Étnico, Cidades e Identidades: O Projecto "Sabura - África, aqui tão perto!". Uma Viragem Cognitiva na Apreciação da Diferença. *Revista Turismo & Desenvolvimento 6*: 95-112.
- COSTA, FRANCISCO LIMA. (2008). *Globalização, Diversidades e Cidades Criativas. O Contributo da Imigração Para as Cidades. O caso de Lisboa*. no prelo, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- COSTA, FRANCISCO LIMA. (2011). Globalização, Diversidade e "novas" Classes Criativas em Lisboa - Economia etnocultural e a emergência de um sistema de produção etnocultural. *Sociologia Problemas e Práticas 67*.

- COSTA, FRANCISCO LIMA e SANTOS, SOFIA. (2007). *Imigração e diversidade cultural na cidade de Lisboa: a emergência de um mercado etnocultural e a produção de imagens urbanas*. Paper apresentado no II Encontro Internacional Migrantes Subsarianos na Europa. Odivelas. Socinova-UNL.
- CT, CITY OF TORONTO. (2011). Toronto's racial diversity [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-16 no endereço http://www.toronto.ca/toronto_facts/diversity.htm.
- CULLEN, GORDON. [1961] (2008). *A Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.
- DCPNY, DEPARTMENT OF CITY PLANNING NY. (2004). *Population The Newest New Yorkers 2000 Immigrant New York in the New Millennium*. Nova York, EUA.
- DIAS, MARINA TAVARES. (1987). *Lisboa Desaparecida* (Vol. 1). Lisboa: Quimera.
- DIAS, MARINA TAVARES. (1994). *Lisboa Desaparecida* (Vol. 4). Lisboa: Quimera.
- DUARTE, ANA PATRÍCIA e LIMA, MARIA LUÍSA. (2005). Análise dos conteúdos da identidade associada ao lugar. *Psicologia*, 19 1-2: 193-226.
- ECTP, EUROPEAN COUNCIL OF TOWN PLANNERS (2003). *The New Charter of Athens 2003*. Lisbon.
- ELIAS, NORBERT. (1989). *O processo civilizacional : investigações sociogenéticas e psicogenéticas* (Vol. 1º Transformações do comportamento das camadas superiores seculares do ocidente). Lisboa: Dom Quixote.
- EUROPE, COUNCIL OF. (2010). *Intercultural Cities - Towards a Model for Intercultural Integration*: Council of Europe.
- FALCÃO, LUÍSA. (2002). *A Imigração em Portugal Relatório Síntese*. Lisboa: DeltaConsultores.
- FALK, PASI. (1994). *The consuming body*. Londres: Sage.
- FANON, FRANTZ. [1952] (2008). *Black skin, white masks*. Nova Iorque: Grove Press.
- FELD, STEVEN. (1996a). Waterfalls of Song: an acoustemology of Place resounding in Bosavi, Papua New Guinea. Em J. Kepp (Ed.), *Senses of Place* (91-136). Santa Fe, Novo México: School of American Research Press.
- FELD, STEVEN e BASSO, KEITH H. (1996b). Introduction. Em J. Kepp (Ed.), *Senses of Place* (3-12). Santa Fe, Novo México: School of American Research Press.
- FERREIRA, FÁTIMA CORDEIRO, CARVALHO, JOSÉ SILVA, et al. (1987). *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses.
- FFMS, FUNDAÇÃO FRANCISCO MANUEL DOS SANTOS. (2011). PorData. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-06-17 no endereço <http://www.pordata.pt/>
- FIRMINO DA COSTA, ANTÓNIO (1985). Espaços urbanos e espaços rurais: um xadrez em dois tabuleiros. *Análise Social: Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, XXI (3º, 4º, 5º) 87-88-89: 735-756.
- FIRMINO DA COSTA, ANTÓNIO (1999). *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*. Oeiras: Celta.
- FIRMINO DA COSTA, ANTÓNIO (2002). Identidades Culturais urbanas em época de Globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17 48: 15-30.
- FIRMINO DA COSTA, ANTÓNIO e RIBEIRO, MANUEL JOÃO E. (1989). Construção social de um objecto de reabilitação - Notas sobre o caso de Alfama. *Sociedade e Território* 10-11: 85-95.
- FLORIDA, RICHARD. (Maio 2002). The Rise of the Creative Class - Why cities without gays and rock bands are losing the economic development race. *Jornal The Washington Monthly*.
- FLORIDA, RICHARD. (2005). *Cities and the creative class*. Nova York, Londres: Routledge.
- FONER, ANANCY. (2005). *In a New Land: A Comparative View of Immigration*. Nova York: New York University Press.

- FONSECA, MARIA LUCINDA. (2008a). Imigração, diversidade e novas paisagens étnicas e culturais. *Portugal : percursos de interculturalidade, II Contextos e Dinâmicas*, Pp. 49-96.
- FONSECA, MARIA LUCINDA. (2008b). Immigration, Urban Change and New Directions of Social Inclusion Policies: The Urban Community Development «K'Cidade» in Lisbon. Em M.L. Fonseca (Ed.), *Cities in Movement: Migrants and Urban Change* (5-10). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.
- FONSECA, MARIA LUCINDA. (2008c). Introduction: Presentation of the book. Em M.L. Fonseca (Ed.), *Cities in Movement: Migrants and Urban Change* (5-10). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.
- FONSECA, MARIA LUCINDA e ESTEVES, ALINA. (2002). Migration and New Religion Townscapes in Lisbon. Em M.L. Fonseca, et al. (Eds.), *Immigration and place in mediterranean metropolises* (255-289). Lisboa: Luso-American Foundation.
- FONSECA, MARIA LUCINDA, MCGARRIGLE, JENNIFER, et al. (2010). *City Survey Report: Lisbon Executive Summary*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- FORMAÇÃO, DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO E. (2010). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo - 2009*. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- FORTUNA, CARLOS. (1997). Desradicalização e imagem da cidade. Em C. Fortuna (Ed.), *Cidade, Cultura e Globalização* (231-258). Oeiras: Celta.
- FORTUNA, CARLOS. (1997). Introdução: sociologia, cultura urbana e globalização. Em C. Fortuna (Ed.), *Cidade, Cultura e Globalização* (1-30). Oeiras: Celta.
- FORTUNA, CARLOS. (1999a). Paisagens Olfactivas: a construção da cidade *trompe-nez*. Em C. Fortuna (Ed.), *Identidades, Percursos e Paisagens Culturais: Estudos sociológicos de Cultura Urbana* (93-102). Oeiras: Celta.
- FORTUNA, CARLOS. (1999b). Paisagens Sonoras: sonoridades e ambientes sociais urbanos. Em C. Fortuna (Ed.), *Identidades, Percursos e Paisagens Culturais: Estudos sociológicos de Cultura Urbana* (103-117). Oeiras: Celta.
- FOWLER, P. J. (2003). *World Heritage Cultural Landscapes 1992-2002*. Paris: UNESCO World Heritage Centre.
- FRAMPTON, KENNETH. (1992). Territorial transformations: urban developments 1800-1909. Em K. Frampton (Ed.), *Modern Architecture A critical history* (3ª ed., 20-28). Londres: Thames and Hudson Ltd.
- FREDRICKSON, GEORGE M. (2004). *Racismo, Uma breve história*. Porto: Campo das Letras.
- FREIRE, ADRIANA. (Junho 2010). A Família Singh do Punjab para a Mouraria. *Jornal Rosa Maria*.
- GARCIA-MARQUES, LEONEL. (1999). O estudo dos estereótipos e as novas análises do racismo. Em J. Vala (Ed.), *Novos Racismos, Perspectivas Comparativas* (121-131). Oeiras: Celta.
- GEHL, JAN. (2010). *Cities for People*. Washington: Island Press.
- GEHL, JAN. (2011). *Life Between Buildings: Using Public Space*. Washington: Island Press.
- GLA, GREATER LONDON AUTHORITY. (2011). Refugees and migrants [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-11 no endereço <http://www.london.gov.uk/refugees-and-migrants>.
- GÓIS, DAMIÃO DE. [1554] (1988). *Descrição da Cidade de Lisboa* (3ª ed.). Lisboa: Frenesi.
- GOITIA, FERNANDO CHUECA. [1982] (2010). *Breve História do Urbanismo* (8ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- GOTTDIENER, MARK. (1994). *The New Urban Sociology*. Nova York: McGrawHill.
- GUERRA, ISABEL. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipe.
- GUERRA, ISABEL. (2008). A cidade multicultural e multiétnica : Gestão da diversidade e procura da democracia. *Portugal : percursos de interculturalidade, II Contextos e Dinâmicas*, Pp. 97-118.

- GUERRA, ISABEL, MOURA, DULCE, *et al.* (2005). *A Revitalização Urbana. Contributos para a Definição de um Conceito Operativo*. Lisboa: Relatório das Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para formulação estratégica e operacional das actuações a concretizar no QREN.
- GUPTA, AKHIL e FERGUSON, JAMES. [1997] (2001). *Culture, Power and Place: Explorations in Critical Anthropology*. Durham: Duke University Press.
- HALL, EDWARD T. (1966). Resumo dos treze tipos de perspectiva de James Gibson (M.S. Pereira, Trans.). Em *A Dimensão Oculta* (215-219). Lisboa: Relógio d'Água.
- HALL, EDWARD T. (1968). Proxemics. Em S.M. Low, *et al.* (Eds.), *The anthropology of space and place: locating culture* (51-73). Malden USA, Oxford UK, Victoria Australia: Blackwell Publications.
- HALL, EDWARD TWITCHELL. [1966] (1986). *A Dimensão Oculta*. Lisboa: Relógio d'Água.
- HEIDEGGER, MARTIN. (1954). Construir. Habitar. Pensar. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-03 no endereço http://www.imagomundi.com.br/filo/heidegger_construir.pdf.
- HENRIQUES, ANTÓNIO, MAURÍCIO, CARLA, *et al.* (Junho Agosto 2011). Mouraria moderniza o seu labirinto. *Jornal Rosa Maria*.
- HIERNAUX, JEAN-PIERRE. (1997). Análise estrutural de conteúdos e modelos culturais: aplicação a materiais volumosos. Em L. Albarello (Ed.), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- HIRSCH, ERIC. (1995). Introduction: Landscape: between place and space. Em E. Hirsch, *et al.* (Eds.), *The anthropology of landscape: perspectives on place and space* (1-30). Oxford: Clarendon Press.
- HOBSBAWM, ERIC J. e RANGER, TERENCE O. [1983] (2003). *The Invention of Tradition*. Cambridge, Nova Iorque, Port Melbourne, Madrid, Cape Town: Cambridge University Press.
- HOMEM, LUISA (2007). Retratos: Portugal e os Portugueses vistos pelos Imigrantes. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian. Duração: 27'.
- HONDAGNEU-SOTELO, PIERRETTE e STRAUGHAM, JEROME. (2001). From Immigrants in the City to the Immigrant City. Em M.J. Dear, *et al.* (Eds.), *From Chicago to L.A.: making sense of urban theory* (183-212). Thousand Oaks, Londres, Nova Delhi: Sage.
- HUNTER, ALBERT. [1974] (1982). *Symbolic communities: the persistence and change of Chicago's local communities*. Chicago: University of Chicago Press.
- INE DESSED, DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICAS SOCIAIS SERVIÇO DE ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS. (2006). *Documento Metodológico Indicadores Demográficos*. Lisboa: INE, Instituto Nacional de Estatística.
- INE DESSED, DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICAS SOCIAIS SERVIÇO DE ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS. (a.p. 2000). *Documento Metodológico Projeções da População Residente*. Lisboa: INE, Instituto Nacional de Estatística.
- INE, INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1991). *Censos 1991*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE, INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. (2001). *Censos 2001*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE, INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. (2009). *Projeções de população residente em Portugal - 2008 - 2060*. Lisboa: INE, Instituto Nacional de Estatística.
- INE, INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. (2011). Censos 2011 Resultados Preliminares. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-09-27 no endereço http://www.ine.pt/scripts/flex_v10/Main.html.
- INFOPEDIA. (2003-2011). Ecologia Urbana [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-09-28 no endereço [http://www.infopedia.pt/\\$ecologia-urbana](http://www.infopedia.pt/$ecologia-urbana).
- IOM, INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. (2004). *Glossary on Migration*. Suíça.
- IOM, INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. (2006). MigrationLaw Database. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-11-20 no endereço <http://www.imldb.iom.int/section.do>.

- JACOBS, JANE. [1961] (2001). *Morte e Vida das Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes.
- JORGE, MARIA JÚLIA. (1994). Olarias e Lagares (Sítios das). Em F. Santana, *et al.* (Eds.), *Dicionário da História de Lisboa* (661-662). Sacavém: Carlos Quintas & Associados - Consultores, Lda.
- KLOOSTERMAN, ROBERT e RATH, JAN. (2001). Immigrant entrepreneurs in advanced economies: mixed embeddedness further explored. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 27 2: 189-201.
- KRASE, JEROME. (2004b). Navigating Ethnic Vernacular Landscapes [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-06-02 no endereço http://www.brooklynso.org/docs/Krase_NavigatingEthnicVernacularLandscapes.pdf.
- KRASE, JEROME. (2004a). Seeing Community in a Multicultural Society: Theory and Practice. Em M. Mesiaë (Ed.), *Perspectives of Multiculturalism - Western and Transitional Countries* (151-177). Zagreb: Faculdade de Filosofia da Universidade de Zagreb, Croácia para a Comissão da UNESCO.
- KRASE, JEROME. (2009). A Visual Approach to Multiculturalism. Em G.B. Prato, *et al.* (Eds.), *Beyond Multiculturalism: Views from Anthropology* (21-38). Surrey: Ashgate Publishing Limited.
- LAMAS, JOSÉ M. RESSANO GARCIA. (2000). *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LAMAS, JOSÉ e DUARTE, CARLOS. (1982). Plano de Renovação Urbana do Martim Moniz. Lisboa: Empresa Pública de Urbanização de Lisboa.
- LEFEBVRE, HENRI. [1974] (1991). *The Production of Space*. Oxford: Blackwell Publishing.
- LEITÃO, ANA ESTRELA e CARLOS, MARIA DA LIBERDADE. (2006). Centro Comercial da Mouraria, Espaço Multicultural ou Espaço Inter-Etnico. Em Ó.S. Barata (Ed.), *Estudos sobre a China* (Vol. III, p.ªPp.). Lisboa: ISCSP.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. (1975). *Totetismo Hoje* (Vol. 3). Petrópolis: Vozes.
- LINDEGAARD, V. M. LUCAS. (2008). Português de Lisboa: ao que isto chegou... [Versão Electrónica]. *Travessa do Fala-Só*. Acesso em 2011-09-27 no endereço <http://lindegaard.blogspot.com/2008/02/portugus-da-lisboa-ao-que-isto-chegou.html>.
- LLOBERA, MARCOS. (2003). Extending GIS-based visual analysis: the concept of *visualscapes*. *International Journal of Geographical Information Science*, 17 1: 25-48.
- LOPES, FERNÃO. [1440-1450] (1895-1896). *Crónica de el-rei Dom Fernando*. Lisboa: Escriptorio.
- LOW, SETHA e ALTMAN, IRWIN. (1992). Place attachment: A conceptual inquiry. Em S. Low, *et al.* (Eds.), *Place attachment* (1-12). Nova York: Plenum Press.
- LOW, SETHA M. e LAWRENCE-ZÚÑIGA, DENISE. (2003). Locating Culture. Em S.M. Low, *et al.* (Eds.), *The anthropology of space and place: locating culture* (1-47). Malden USA, Oxford UK, Victoria Australia: Blackwell Publications.
- LUSA, AGÊNCIA. (28 Fevereiro 2011). Lisboa convidada a integrar Rede das Cidades Interculturais. *Jornal i*.
- LYNCH, KEVIN. [1960] (1996). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- LYNCH, KEVIN. [1984] (1999). *A boa forma da cidade* Lisboa: Edições 70.
- MAGNANI, JOSÉ GUILHERME CANTOR. (1993). A Rua e a Evolução da Sociabilidade [Versão Electrónica]. *Os Urbanitas Revista Digital de Antropologia Urbana*, 1. Acesso em 2010-12-07 no endereço <http://www.osurbanitas.org/>.
- MALHEIROS, JORGE. (2008). Comunidades de origem indiana na Área Metropolitana de Lisboa – iniciativas empresariais e estratégias sociais criativas na cidade. *Revista Migrações, Número Temático Empreendedorismo Imigrante* 3: 139-164.

- MALHEIROS, JORGE MACAÍSTA. (1996). *Imigrantes na região de Lisboa: os anos da mudança, imigração e processo de integração das comunidades de origem indiana*. Lisboa: Edições Colibri.
- MALHEIROS, JORGE MACAÍSTA e VALA, FRANCISCO. (2004). A problemática da segregação residencial de base étnica – questões conceptuais e limites à operacionalização: o caso da Área Metropolitana de Lisboa. *Revista de Estudos Demográficos*, 36: 89-109.
- MAPRIL, JOSÉ. (2005). «Bangla masjid»: Islão e bengalidade entre os bangladeshianos em Lisboa. *Análise Social*, XXXIX: 173: 851-873.
- MAPRIL, JOSÉ. (2009). O lugar do sacrifício: qurbani e circuitos transnacionais entre bangladeshis em Lisboa. *Análise Social*, XLIV: 1º: 71-103.
- MAPRIL, JOSÉ. (2010). *Banglapara*: imigração, negócios e (in)formalidades em Lisboa. *Etnográfica*, 14: 2: 243-226.
- MARQUES, JOSÉ CARLOS. (2009). «E continuam a partir»: as migrações portuguesas contemporâneas. *Ler História*: 56.
- MASSIRONI, MANFREDO. [1982] (1996). *Ver pelo Desenho aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos*. Lisboa: Edições 70.
- MATIAS, ANA. (2010). *Imagens e Estereótipos da Sociedade Portuguesa sobre a Comunidade Chinesa: Interacção Multissecular via Macau*. Lisboa: ACIDI IP, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- MEERTENS, ROEL e PETTIGREW, THOMAS F. (1999). Será o racismo subtil mesmo racismo? Em J. Vala (Ed.), *Novos Racismos, Perspectivas Comparativas* (11-30). Oeiras: Celta.
- MEMORIAMEDIA. (2011). CORES DA SAUDADE / XIANG SI RAN. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-31 no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=MZe9lvZwR0E>.
- MEMORIAMEDIA. (2011). Dança com leque. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-31 no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=mfGwqx8GBxM>.
- MEMORIAMEDIA. (2011). DANÇA DO LEÃO. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-31 no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=xtMCLLnK1aI>.
- MEMORIAMEDIA. (2011). KOCANI ORKESTAR. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-31 no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=ibtnjjoVVZw>.
- MEMORIAMEDIA. (2011). LIÇÃO DE MANDARIM. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-31 no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=-dmaheSxcy4>.
- MEMORIAMEDIA. (2011). LIÇÃO DE PUNJABI / INDI. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-31 no endereço http://www.youtube.com/watch?v=FLfGmj_Zmak&hd=1.
- MEMORIAMEDIA. (2011). Percussão indiana - uma lição de Raimund. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-31 no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=NkuuqMID8lw>.
- MEMORIAMEDIA. (2011). TODOS Caminhada de Culturas / EVERYONE - A walk of Cultures. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-31 no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=VMiZVGXOvjo>.
- MENDES, VERA. (1996). *Socorro, Freguesia Mourisca: Berço do Fado*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- MENEZES, MARLUCI. (2004). *Mouraria, retalhos de um imaginário*. Oeiras: Celta Editora.
- MENEZES, MARLUCI. (2009a). A Praça do Martim Moniz: Etnografando Lógicas Socioculturais de Inscrição da Praça no Mapa Social de Lisboa. *Horizontes Antropológicos*, 15: 32: 301-328.
- MENEZES, MARLUCI, ALLEN, JUDITH, et al. (2009b). *Immigrations in the public space: understanding urban cultural landscapes*. Paper apresentado no City Futures in a Globalising World Conference. Madrid. Urban Affair.
- MERTON, ROBERT KING. [1957] (1968). *Social theory and social structure* (3ª ed.). Nova York: Free Press.

- MODLEY, RUDOLF e MYERS, WILLIAM R. (1977). *Handbook of pictorial symbols: 3,250 examples from international sources*. Nova York: Dover Publications.
- MOITA, IRISALVA. (1994). A cidade e o ambiente. Em I. Moita (Ed.), *O Livro de Lisboa* (139-167). Lisboa: Livros Horizonte.
- MOORE, THOMAS. [1516] (1869). *Utopia*. Londres: Universidade de Oxford.
- MPI, MIGRATION POLICY INSTITUTE. (2011). MPI Data Hub. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-07-15 no endereço <http://www.migrationinformation.org/DataHub/gcmm.cfm>.
- O'CONNOR, JUSTIN e WYNNE, DEREK. (1997). Das margens para o centro - produção e consumo de cultura em Manchester. Em C. Fortuna (Ed.), *Cidade, Cultura e Globalização* (189-206). Oeiras: Celta.
- OLIVEIRA, CATARINA REIS. (2002). Chinese in Portugal: an immigration cartography. Em M.L. Fonseca, *et al.* (Eds.), *Immigration and place in mediterranean metropolises* (229-254). Lisboa: Luso-Americann Foundation.
- OLIVEIRA, CATARINA REIS. (2008b). Diver-cidades empresariais em Portugal: padrões de incidência territorial de empresários imigrantes. *Revista Migrações* 2: 95-120.
- OLIVEIRA, CATARINA REIS. [2002] (2005). *Empresários de origem imigrante: estratégias de inserção económica em Portugal*. Lisboa: ACIME, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- OLIVEIRA, CATARINA REIS e COSTA, FRANCISCO LIMA. (2008a). «Being your own boss»: entrepreneurship as a lever for migration? Em M.L. Fonseca (Ed.), *Cities in Movement: Migrants and Urban Change* (241-266). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.
- OLIVEIRA, EVA SILVEIRINHA DE. (2009). Imigrantes e espaços públicos exteriores em Portugal. *Revista Migrações* 4: 109-133.
- PAIS DE BRITO, JOAQUIM. (2003). A cidade exposta. Em G.Í. Cordeiro, *et al.* (Eds.), *Etnografias urbanas* (43-51). Oeiras: Celta.
- PAIS, JOSÉ MACHADO. (2004). Introdução. Em J.M. Pais, *et al.* (Eds.), *Tribos urbanas: produção artística e identidades* (11-22). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais ICS UL.
- PARK, ROBERT E. e BURGESS, ERNEST W. [1925] (1967). *The City*. Chicago: University of Chicago Press.
- PEIXOTO, JOÃO. (2008). A demografia da população imigrante em Portugal. *Portugal : percursos de interculturalidade, II Contextos e Dinâmicas*, Pp. 7-48.
- PIAGET, JEAN. [1947] (2004). *The Psychology of Intelligence*. Londres, Nova York: Routledge.
- PORTEOUS, DOUGLAS. (1985). Smellscape. *Progress in Physical Geography*, 9 3: 356-378.
- PORTES, ALEJANDRO e ZHOU, MIN. (2003). Entrepreneurship and Economic Progress in the 1990s: A comparative analysis of Immigrants and African Americans. Em F.D. Bean, *et al.* (Eds.), *Immigration and opportunity: race, ethnicity, and employment in the United States* (143-171). Nova Iorque: Russell Sage Foundation.
- PÚBLICO. (2011). Guia do Lazer. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-15 no endereço <http://lazer.publico.pt/default.asp?id=39>.
- PUGA, ROGÉRIO. (2010). Soundscape (Paisagem Sonora) [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-09-02 no endereço http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1527&Itemid=2.
- QREN, QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL. (2008). *Programa Operacional Regional de Lisboa 2007-2013*. Lisboa: Observatório do QREN - Quadro de Referência Estratégico Nacional.
- QUIVY, RAYMOND e CAMPENHOUDT, LUC VAN. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- RAPOSO, OTÁVIO. (2010). "Tu és rapper, representa Arrentela, és Red Eyes Gang" Sociabilidades e estilos de vida de jovens do subúrbio de Lisboa. *Sociologia Problemas e Práticas* 64: 127-147.

- RAULIN, ANNE. (2000). *L'ethnique est quotidien: diasporas, marchés et cultures métropolitaines*. Paris: L'Harmattan.
- REIS, LUÍS DA CÂMARA. (1908). A Miséria em Lisboa. *Serões Revista Mensal Ilustrada*, Pp. 324-343.
- REX, JOHN e SINGH, GURHARPAL. (2003). Multiculturalism and Political Integration in Modern Nation-States – Thematic Introduction. *International Journal on Multicultural Societies - UNESCO*, 5 1: 3-19.
- RIBEIRO, ANTÓNIO PINTO. (2002). *Cidade e Política Cultural*. Paper apresentado no Seminário de Arquitectura Prototipo '01 Cidade em Performance. Porto. Assírio e Alvim Editores.
- RIBEIRO, ORLANDO. (1968). *Mediterrâneo: Ambiente e Tradição*. Lisboa: FCG, Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIBEIRO, VÍTOR. (1907). A Mouraria. *Serões Revista Mensal Ilustrada*, Pp. 324-343.
- RIO, VICENTE DEL. (2003). Construindo o nosso lugar - intersecções entre o mundo interior e o ambiente. *Cadernos do ProArq*, 7 7: 3-18.
- RIO, VICENTE DEL e OLIVEIRA, LÍVIA DE. (1996). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel.
- RITA, PEDRO SANTA. (Novembro 2010). Do "Boy Rormoso" à carne halal. *Jornal Rosa Maria*.
- RITA, PEDRO SANTA. (Junho Agosto 2011). Vila Almeida o "pequeno Punjab". *Jornal Rosa Maria*.
- RODMAN, MARGARET. (1992). Empowering Place: Multilocality and Multivocality. *American Anthropologist*, 94 640-656.
- RODRIGUES, ANA LÚCIA. (Junho 2010). Há um potencial fantástico na Mouraria. *Jornal Rosa Maria*.
- RODRIGUES, ANA LUÍSA e FRANCO, NUNO. (Novembro 2010). Uma coisa é religião outra coisa é cultura. *Jornal Rosa Maria*.
- RODRIGUES, JOSÉ ALBERTINO. (1970). Ecologia urbana de Lisboa na segunda metade do século XVI. *Análise Social*, VIII 29: 96-115.
- RODRIGUES, JOÃO PEDRO e MATA, JOÃO RUI GUERRA DA (2007). *China, China*. Portugal: João Figueiras. Duração: 19'.
- RODRIGUES, TERESA. (1994). População. Em F. Santana, et al. (Eds.), *Dicionário da História de Lisboa (721-723)*. Sacavém: Carlos Quintas & Associados - Consultores, Lda.
- RODRIGUES, TERESA. (1995). *Nascer e morrer na Lisboa oitocentista: migrações, mortalidade e desenvolvimento* (Vol. 10). Lisboa: Edições Cosmos.
- RODRIGUES, TERESA. (1997). *Cinco séculos de quotidiano: a vida em Lisboa do século XV aos nossos dias*. Lisboa: Edições Cosmos.
- ROSA, MARIA JOÃO VALENTE, SEABRA, HUGO DE, et al. (2003). *Contributos dos "imigrantes" na demografia portuguesa - O papel das populações de nacionalidade estrangeira*. Lisboa: ACIME, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- ROSÁRIO, EDITE, SANTOS, TIAGO, et al. (2011). *Discursos do racismo em Portugal: Essencialismo e inferiorização nas trocas coloquiais sobre categorias minoritárias*. Lisboa: ACIDI IP, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- ROSEMAN, CURTIS, LAUX, HANS DIETER, et al. (1996). Introduction. Em C. Roseman, et al. (Eds.), *Ethnicity: Geographic Perspectives on Ethnic Change in Modern Cities* (vii - xxviii). Lanham, Londres: Rowman & Littlefield Publishers, Inc.
- ROTTERDÃO, ERASMO DE. [1530] (1530). *De civilitate morum puerilium*.
- ROWE, COLIN e KOETTER, FRED. (1984). *Collage City*. Cambridge, Londres: The MIT Press.
- SÁ, TERESA. (2006). Lugares e Não-lugares em Marc Augé. *ArtiTextos*, Pp. 179-188.

- SAMPAIO, JULIO CESAR RIBEIRO. (2007). Gentrification: is it possible to avoid it? [Versão Electrónica]. *City & Time*, 3, 27-37. Acesso em 2011-01-20 no endereço <http://www.ceci-br.org/novo/revista/docs2008/CT-2008-105.pdf>.
- SANTANA, FRANCISCO. (1994). Lisboa Evolução: Período da Expansão. Em F. Santana, *et al.* (Eds.), *Dicionário da História de Lisboa* (515-518). Sacavém: Carlos Quintas & Associados - Consultores, Lda.
- SANTOS, CATARINA. (28 Novembro 2011). Lisboa Mistura fecha em grande. *Jornal HardMusica*.
- SANTOS, CARLOS NELSON F. DOS e VOGEL, ARNO. (1985). *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso colectivo em um centro de bairro*. Rio de Janeiro: FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos), IBAM (Instituto Brasileiro de Administração Municipal).
- SANTOS, SOFIA. (2008). Imagens da Cidade Planeada - A diversidade cultural e o pensamento estratégico urbano de Lisboa. *Sociologia Problemas e Práticas* 57: 131-151.
- SARAIVA, NUNO. (Junho Agosto 2011). A vida em Rosa. *Jornal Rosa Maria*.
- SASSEN, SASKIA. (1991). *The global city : New York, London, Tokyo*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- SAUER, CARL ORTWIN. [1925] (1938). *The Morphology of Landscape*. Berkeley: University of California Publications in Geography.
- SCHAFER, RAYMOND MURRAY. [1977] (1993). *The soundscape: our sonic environment and the tuning of the world*. USA: Destiny Books.
- SCHETTER, CONRAD. (2005). Ethnoscapes, National Territorialisation, and the Afghan War. *Geopolitics*, 10 1: 50-75.
- SEF, DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO E FORMAÇÃO. (2011). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo - 2010*. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- SILVA, RAQUEL HENRIQUES DA. (1994). Desenvolvimento Urbanístico. Os novos Bairros. Em I. Moita (Ed.), *O Livro de Lisboa* (405-424). Lisboa: Livros Horizonte.
- SILVA, SOFIA MAIA e MARTINHO, ANA LUISA. (2006). *Que identidades em Canelas? Percepções sensíveis do espaço social numa freguesia de Vila Nova de Gaia*. Paper apresentado no Turismo Cultural, Territórios e Identidades. Leiria. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria.
- SILVEIRA, LUÍS NUNO ESPINHA DA e ALVES, DANIEL RIBEIRO. (2011). Atlas Cartografia Histórica. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-09-05 no endereço <http://atlas.fcsh.unl.pt/cartoweb35/atlas.php>.
- SIMMEL, GEORG. (1991). Essai sur la sociologie des sens. Em G. Simmel (Ed.), *Sociologie et Épistémologie* (223-238). Paris: PUF Presses Universitaires de France.
- SIMMEL, GEORG. ([1903] 1997). A metrópole e a vida do espírito. Em C. Fortuna (Ed.), *Cidade, Cultura e Globalização* (31-44). Oeiras: Celta.
- SISMAN, ROBYN. (1998). *Perfect Strangers*. London: Penguin Books.
- SMITH, ANTHONY D. [1988] (2002). *The Ethnic origins of nations*. Oxford UK: Basil Blackwell.
- TADEU DA SILVA, TOMAZ (2007). A produção social da identidade e da diferença [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-06-19 no endereço http://ead.uces.br/orientador/turmaA/Acervo/web_F/web_H/file.2007-09-10.5492799236.pdf.
- TIRYAKIAN, EDWARD A. (2003). Assessing Multiculturalism Theoretically: E Pluribus Unum, Sic et Non. *International Journal on Multicultural Societies - UNESCO*, 5 1: 20-39.
- TRÉFAUT, SÉRGIO (2004). Lisboaetas. Portugal: Atalanta Filmes. Duração: 100'.
- TURNER, TERENCE. (1993). Anthropology and multiculturalism: What Is Anthropology that multiculturalists should be mindful of it? *Cultural Anthropology*, 8 4: 411-429.

- UN, DEPARTMENT OF ECONOMIC AND SOCIAL AFFAIRS, POPULATION. (2009). *International Migration Report 2006: A Global Assessment*. Nova York: United Nations.
- UNESCO, UNITED NATIONS EDUCATIONAL SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. (1995-2011). UnesDoc. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-08-13 no endereço <http://www.unesco.org/new/en/unesco/resources/publications/unesdoc-database/>.
- UNSD, UNITED NATIONS STATISTICS DIVISION. (2011). UNdata. [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-07-26 no endereço <http://data.un.org/>.
- UPM, UNIDADE PROJECTO MOURARIA (2009). *Programa de Acção da Mouraria: as Cidades dentro da Cidade*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- VALA, JORGE, BRITO, RODRIGO, *et al.* (1999). O Racismo flagrante e o Racismo Subtil em Portugal. Em J. Vala (Ed.), *Novos Racismos, Perspectivas Comparativas* (31-59). Oeiras: Celta.
- VALA, JORGE, LOPES, DINIZ, *et al.* (1999). A Construção social da diferença - Racialização e etnização das minorias. Em J. Vala (Ed.), *Novos Racismos, Perspectivas Comparativas* (145-167). Oeiras: Celta.
- VERTOVEC, STEVEN. (2006). The Emergence of Super-Diversity in Britain [Versão Electrónica]. Acesso em 2011-04-27 no endereço <http://www.compas.ox.ac.uk/publications/working-papers/wp-06-25/>.
- VERTOVEC, STEVEN. (2007). Introduction: New directions in the anthropology of migration and multiculturalism. *Ethnic and Racial Studies*, 30 6: 961 - 978.
- VIEIRA DA SILVA, AUGUSTO (1943). *As Freguesias de Lisboa (estudo histórico)*. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.
- VIEIRA DA SILVA, AUGUSTO. (1948). *A Cerca Fernandina de Lisboa Volume* (Vol. I). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- VIEIRA DA SILVA, AUGUSTO. (1949a). *A Cerca Fernandina de Lisboa Volume* (Vol. II). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- VIEIRA DA SILVA, AUGUSTO. (1968). *Dispersos* (2ª ed. Vol. I). Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.
- VIEIRA DA SILVA, AUGUSTO. (1949b). *Do Castelo de S. Jorge à Porta de Stº André Mapa XIV* (Vol. II). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- VIEIRA DA SILVA, AUGUSTO. (1950). *Publicações comemorativas do VIII centenário da tomada de Lisboa aos Mouros*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- VILEISIS, ANN. (2008). *Kitchen literacy: how we lost knowledge of where food comes from and why we need to get it back*. Washinton: Island Press.
- WALDINGER, ROGER DAVID, ALDRICH, HOWARD, *et al.* (1990). *Ethnic entrepreneurs: immigrant business in industrial societies*: Sage Publications.
- WESSELL, ADELE. (2010). We are what we grow: reading a tastescape as a text of cultural history. *Text, Special issue: Rewriting the menu: the cultural dynamics of contemporary food choices* 9.
- WIEVIORKA, MICHEL. (1995). *The arena of racism*. Londres, Thousand Oaks, Nova Delhi: Sage.
- WINTER, RUTH. (1978). *Le livre des odeurs*. Paris: Seuil.
- WIRTH, LOUIS. ([1938] 1997). O urbanismo como modo de vida. Em C. Fortuna (Ed.), *Cidade, Cultura e Globalização* (45-66). Oeiras: Celta.
- WOOD, PHIL e LANDRY, CHARLES. (2007). *The intercultural city: planning for diversity advantage*. Londres: Earthscan.
- ZUKIN, SHARON. (1996). Space and Symbols in an Age of Decline. Em A.D. King (Ed.), *Re-presenting the City* (43-59). Londres: MacMillan.

59653 Palavras